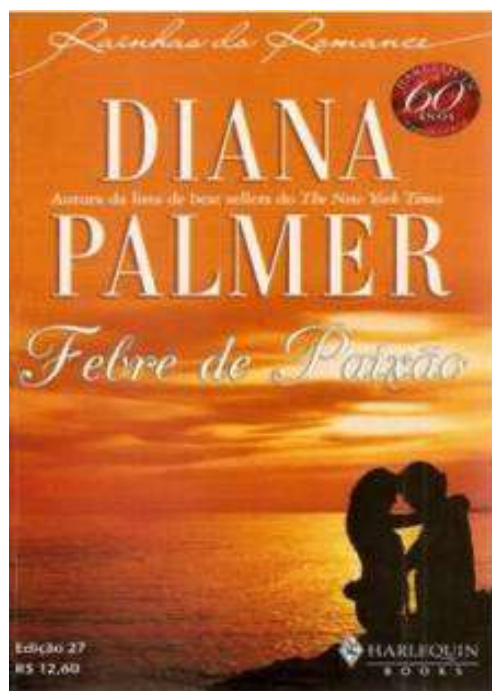


Febre de Paixão

Night Fever

Diana Palmer



Apesar de ter somente 24 anos, a vida de Rebecca estava longe de ser um conto de fadas. Mesmo trabalhando o dia inteiro, ela precisava criar dois irmãos mais novos, sustentar o avô aposentado e administrar a fazenda da família. E, para piorar a situação, Clay, seu irmão mais novo, havia sido preso sob a acusação de envolvimento com drogas.

Rourke Kilpatrick era bastante conhecido por sua luta implacável contra os traficantes. Nada o impedia de processá-los. Mas o irmão de Rebecca era inocente. E ela começava a derreter o coração desse promotor durão. Era cada vez mais inegável a intensidade da atração entre eles...

Embora se sentisse como uma verdadeira Cinderela quando estava perto de Rourke, Rebecca guardava uma imensa dúvida: a paixão de Rourke seria por ela... ou apenas pela lei?

DIGITALIZAÇÃO: BARBARA K

REVISÃO: GABY G.







Publicado Sob Acordo Com Harlequin Enterprises II B.V.

Título original: NIGHT FEVER

Tradução: Elaine Moreira

Copyright © 1990 by Susan Kyle

Originalmente publicado em 2006 por HQN Books

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Edição Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Impressão:

RR DONNELLEY

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Editora HR Ltda.



CAPÍTULO UM

1990.

O elevador estava cheio. Rebecca Cullen tentava equilibrar os três copos na caixa sem derrubar café no chão. Talvez se aprendesse bem a técnica, ela pensou, poderia se juntar a um circo e se apresentar no palco. As tampas dos copos de isopor não estavam presas direito — como sempre. O homem que trabalhava no balcão da pequena farmácia não olhava duas vezes para mulheres como Rebecca. Quem se importaria se o café caísse sobre uma mulher magra e desinteressante num terninho cinza fora de moda? Ele provavelmente a considerava uma mulher de negócios — alguma radical que odiava homens, com uma lista de títulos após o nome, e uma carreira ao invés de marido e filhos.

Não ficaria chocada se a visse à vontade na fazenda do avô, de jeans cortado e regata, descalça, sua massa dourada de cabelos castanho-claros alcançando a cintura? O terninho era mera camuflagem. Becky era uma garota do campo, o único amparo do avô aposentado e dos dois irmãos mais novos. A mãe morrera quando tinha 16 anos, e o pai só aparecia para uma visita quando precisava de dinheiro. Ele tinha se mudado para o Alabama alguns anos atrás e ninguém tivera notícias dele desde então. Becky não se importaria se nunca mais ouvisse falar do pai outra vez. Ela tinha um bom emprego. Na verdade, a recente transferência da firma de advocacia para Curry Station funcionava a seu favor. O escritório, agora no complexo industrial nos arredores de Atlanta, ficava a uma curta viagem da fazenda do avô, onde todos eles moravam. Era como estar em casa, já que sua família vivia em Curry County há mais de cem anos.

Não tinha o que reclamar do trabalho, mas gostaria que os patrões lembrassem de comprar uma máquina de café nova o quanto antes. Aquela rotina de descer várias vezes até a cafeteria da farmácia estava começando a ficar cansativa. Havia na firma outras duas secretárias, uma recepcionista e duas assistentes, mas já trabalhavam lá há mais tempo. Becky tinha de fazer o trabalho pesado. Fez uma careta enquanto rumava para o elevador, esperando não se deparar com seu merecido castigo a caminho do sexto andar.

Seus olhos esverdeados esquadriharam a área rapidamente. Becky relaxou assim que percebeu que o homem alto não aguardava perto dos elevadores. Como se já não bastasse o olhar gélido, ou o aparente ódio pelas mulheres em geral e por ela em



particular, o homem ainda fumava aqueles desagradáveis charutos pretos e finos. Num elevador, isso era um verdadeiro inferno. Desejava que alguém o lembrasse da existência de um decreto municipal proibindo o fumo em lugares públicos. Ela mesma falaria se não estivesse sempre cercada por uma multidão. Apesar da firmeza de espírito, Becky ficava tímida em público. Mas um dia seria apenas ela e aquele homem, e então Becky diria o que pensava daqueles charutos fedorentos.

A mente vagava enquanto ela esperava que o lento elevador descesse. Tinha problemas piores que o homem do charuto, lembrou-se. O avô ainda se recuperava do ataque cardíaco que há dois meses interrompera de maneira abrupta suas atividades como fazendeiro. Agora Becky sentia o quanto seu fardo estava maior. A menos que aprendesse a guiar o trator e a plantar, e ainda continuasse trabalhando como secretária seis dias na semana, a fazenda do avô estaria totalmente perdida.

O irmão mais velho, Clay, estava no último ano do colégio, vivia arranjando problemas, e não ajudava em nada em casa. Mack estava na quinta série e tinha notas baixas em matemática. Estava sempre disposto a ajudar, mas era pequeno demais para fazer qualquer coisa. A própria Becky tinha 24 e jamais tivera qualquer vida social. Mal havia terminado a escola quando a mãe morreu e o pai partiu para paragens desconhecidas.

Becky deixou que seus pensamentos vagassem por um momento, imaginando como sua vida poderia ter sido. Haveria festas, roupas bonitas e rapazes que a convidassem para sair. Sorriu ao pensar que não existiriam pessoas que dependessem dela.

— Com licença — uma mulher com uma pasta de couro murmurou, quase derrubando o café em Becky.

Ela acordou de seu devaneio a tempo de entrar no elevador, já cheio por ter vindo da garagem. Conseguiu se apertar entre uma mulher excessivamente perfumada e dois homens que discutiam, bem alto, os benefícios de dois computadores de marcas rivais. Foi um verdadeiro alívio quando eles, e quase todos os outros, inclusive a mulher perfumada saíram nos terceiro e quarto andares.

— Oh, Deus, odeio computadores — Becky disse suspirando, enquanto o elevador seguia lentamente para o sexto andar.

— Eu também — uma voz áspera e entediada soou atrás dela.

Becky quase derramou o café ao virar-se para olhar quem tinha falado. Pensava estar sozinha no elevador. A grande pergunta era como não percebera aquele homem.



Ela estava apenas ligeiramente acima da estatura média, mas ele devia ter pelo menos 1,88m. Porém não era só a altura — era a constituição daquele homem. Ele era musculoso, com um físico que orgulharia qualquer atleta profissional. Tinha bonitas mãos morenas, pés grandes e, quando não estava fedendo a charuto, usava a colônia mais sexy que Becky já cheirara. Mas sua beleza masculina terminava por aí. Não lembrava de ter visto um homem de aparência tão rude.

O rosto era todo impetuosidade, cheio de ângulos pronunciados. Tinha espessas sobrancelhas pretas e olhos fundos, estreitos e negros, peculiarmente penetrantes. O nariz era reto e elegante. Possuía o queixo fendido — não em demasia, mas notável. O rosto era um tanto comprido e magro, com os málares salientes. O bronzeado da pele não se devia ao sol, era natural. A boca era larga e bem feita, mas Becky jamais o vira sorrir. Ele estava na faixa dos trinta, possuía algumas rugas no rosto, mas tinha uma frieza de modos que a deixavam com calafrios. A melhor qualidade dele era a voz. Profunda, clara e muito sonora, ela se projetava facilmente — o tipo de voz que podia acariciar ou ferir, dependendo do humor.

Ele estava bem-vestido, num caríssimo terno risca-de-giz cinza, com camisa de algodão branco e gravata de seda por baixo. Tinha pensado tê-lo evitado, pelo menos uma vez. Talvez este fosse seu carma.

— Oh, é você de novo — ela disse com resignação. Fechou direito as tampas soltas dos copos de café. — Por acaso você é dono do elevador? Toda vez que eu entro, você está aqui, fazendo cara zangada e resmungando. Você nunca sorri?

— Quando eu encontrar algo que me faça sorrir, você será a primeira a saber — ele respondeu, inclinando a cabeça para acender um charuto. Ele tinha o cabelo mais espesso, escuro e liso que Becky já vira. Parecia ser italiano, exceto pelos málares salientes e pelo formato do rosto.

— Detesto fumaça de charuto — ela disse, para quebrar o silêncio.

— Então pare de respirar até a porta abrir — ele respondeu sem se incomodar.

— Você é o homem mais grosso que já conheci! — ela exclamou, virando-se furiosa para ver os andares aparecendo no painel do elevador.

— Você não me conhece — ele apontou.

— Que sorte a minha!

Becky ouviu um som abafado às costas.

— Você trabalha neste prédio?



— Não preciso trabalhar. — Ela olhou por cima do ombro com um sorriso malicioso.
— Sou amante de um dos advogados da Malcolm, Randers, Tyler & Hague.

Os olhos escuros do homem foram descendo pelo corpo esguio, coberto por um terninho bem convencional, até visualizarem os sapatos de salto baixo, então voltaram para o rosto dela, que não tinha qualquer sinal de maquiagem. Os bonitos olhos esverdeados combinavam com os cabelos castanho-claros. Possuía as maçãs do rosto pronunciadas, uma boca carnuda e um nariz reto, mas o rosto era um tanto modesto. Poderia parecer mais atraente caso se esforçasse.

— Ele deve ter problemas de visão — comentou enfim.

Os olhos de Becky faiscaram enquanto ela segurava com pulso firme a caixa com os copos e controlava o próprio gênio. Seria uma alegria ensopá-lo com café quente, mesmo que ela tivesse provocado o comentário. Mas tal gesto só lhe traria consequências desagradáveis. Precisava do emprego, e ele talvez conhecesse seus padrões.

— Ele não é cego — ela replicou em tom altivo, virando-se um pouco na direção dele. — Compenso minha falta de atrativos com uma técnica de sedução fantástica. Primeiro, espalho mel sobre ele — ela sussurrou em tom conspirador, aproximando-se dele — e então trago formigas especialmente treinadas...

O homem levou o charuto à boca, deu um trago e soprou uma grossa nuvem de fumaça.

— Espero que tire as roupas dele antes. Não é fácil tirar mel de tecido. Este é o meu andar.

Becky deu um passo atrás para que ele saísse, encarando-o zangada. Não era o primeiro encontro deles. Ele fazia comentários desagradáveis e caçoava dela desde o primeiro dia em que Becky pisara naquele prédio. Já estava cansada dele — fosse quem fosse.

— Tenha um bom dia — ela falou em tom meloso, arrastando as palavras.

Ele nem se virou.

— Teria, se você não tivesse aparecido.

— Por que não pega esse charuto e enfia no...?!

Depois de as portas cortarem a última palavra, o elevador a levou contra a vontade ao décimo quarto andar, onde um homem e uma mulher esperavam para descer. Becky suspirou ao ver o número no painel. Aquele homem estava arruinando sua vida. Por que ele tinha que trabalhar naquele prédio, com tantos outros em Atlanta?



O elevador desceu e, desta vez, abriu a porta no sexto andar. Ainda furiosa, Becky foi para o pródigo escritório dos patrões, vendo Maggie e Jessica, as outras duas secretárias, concentradas no trabalho, cada uma em lados opostos do escritório. Becky tinha um cubículo ao lado da sala de Bob Malcolm. Ele era sócio júnior e seu principal chefe.

Sem bater, entrou na grande sala e encontrou Bob e dois outros sócios juniores, Harley e Jarard, esperando impacientes pelo café. Bob falava irritado ao telefone.

— Obrigado, Becky. Coloque isso em qualquer lugar — ele disse bruscamente, a mão tapando o fone. Olhou os colegas de relance. — Kilpatrick acabou de chegar. Isso que é ligar na hora certa, não?

Becky entregou calmamente os copos de café a cada um e recebeu uns murmúrios de agradecimento por parte de Harley e Jarard. Bob recomeçou a falar ao telefone.

— Ouça, Kilpatrick, tudo o que quero é uma reunião. Tenho algumas evidências novas que quero que veja. — O chefe bateu o punho sobre a mesa e seu rosto moreno ficou vermelho. — Droga, homem, precisa ser tão inflexível? — Suspirou irritado. — Certo, certo. Estarei aí em cinco minutos. — Bateu com o telefone no gancho. — Meu Deus, estou rezando para que ele não concorra à reeleição. Só estou lidando com ele há duas semanas e já estou cortando um dobrado! Antes fosse o Dan Wade!

Dan Wade era o promotor de justiça da vara distrital de Atlanta. Becky sabia que ele era um homem agradável. Mas ali em Curry County o promotor era Rourke Kilpatrick. Talvez, ela pensou de maneira otimista, seu patrão só tivesse começado com pé esquerdo com Kilpatrick. Talvez ele se mostrasse tão agradável quanto Dan Wade quando o conhecessem melhor. Pensava em apontar isso ao sr. Malcolm quando Harley principiou a falar.

— Quem pode culpá-lo? O homem já recebeu mais ameaças de morte no último mês do que qualquer presidente por causa dessa guerra às drogas. Ele é durão, não vai recuar. Já tive uns casos por aqui antes, conheço a reputação de Kilpatrick. Não pode ser comprado. É a lei e a ordem dos pés à cabeça.

Bob recostou-se na cara cadeira de couro.

— Tenho calafrios só de lembrar como Kilpatrick interrogou uma das minhas testemunhas no tribunal certa vez. Precisou ser tranquilizada depois do testemunho.

— Esse sr. Kilpatrick é assim tão ruim? — Becky perguntou por curiosidade.

— Sim — Malcolm respondeu. — Nunca o viu, não é? Ele está trabalhando aqui neste prédio, temporariamente, enquanto seu gabinete é remodelado. Faz parte da



reforma do tribunal, a que foi aprovada pela comissão do condado. É muito mais conveniente para nós subir um andar do que ir ao tribunal. Kilpatrick está odiando, claro.

— Kilpatrick odeia quase tudo, inclusive as pessoas — Hague exibiu um largo sorriso. — Dizem que esse gênio ruim é hereditário. Ele é parte índio — cherokee, para ser exato. A mãe veio viver com a família Kilpatrick quando o pai dele morreu. Ela morreu logo depois, então Kilpatrick ficou sob a tutela do tio, que era chefe de uma das famílias fundadoras de Curry Station. Fez Kilpatrick ser aceito pela sociedade local, literalmente. Era juiz federal — acrescentou sorrindo. — Aposto que foi como Kilpatrick descobriu seu amor pela lei. Afinal, ninguém comprava o tio.

— De qualquer forma, pretendo subir e oferecer minha alma em favor de nosso duvidoso cliente — Bob Malcolm disse. — Harley, importa-se de pegar a petição do caso Bronson? E Jarard, Tyler está no gabinete do secretário trabalhando naquele processo que você está preparando.

— Certo. Estou indo trabalhar — Harley disse com um sorriso. — Poderia mandar Becky subir para lidar com Kilpatrick. Talvez ela consiga abrandá-lo.

Malcolm riu gentilmente.

— Ele a comeria viva no café-da-manhã — respondeu. Então se virou para Becky. — Se importaria de ajudar Maggie enquanto estou fora? Precisamos organizar alguns arquivos.

— Certo — ela disse, sorrindo. — Boa sorte.

Ele assobiou, sorrindo em resposta.

— Vou precisar.

Becky o observou ir embora com um suspiro melancólico. Ele era uma boa pessoa, mesmo que tivesse o humor de uma barracuda.

Maggie mostrou-lhe o que precisava ser arquivado com um sorriso indulgente. A mulher negra, miúda e magra estava na firma há vinte anos, sabia de todos os segredos. Becky às vezes imaginava que era por isso que Maggie tinha estabilidade no emprego, já que tinha língua afiada — sabia ser severa tanto com os clientes quanto com as secretárias mais novas. Felizmente, ela e Becky se entendiam muito bem — até almoçavam juntas de tempos em tempos. Maggie era a única pessoa com quem ela podia conversar, exceto o avô.

Jessica, a loira elegante do outro lado do escritório, era a secretária do sr. Hague e do sr. Randers. Ela apreciava ser a única a fazer hora-extra para o sr. Hague — ele não



era casado, nem tinha perspectiva de casar tão cedo — e estava sempre muito arrumada. Tess Coleman era uma das assistentes — uma jovem loira recém-casada com sorriso amigável. Nettie Hayes, uma negra, estudante de direito, era a outra assistente. A recepcionista era Connie Blair, uma morena animada que era solteira e não tinha pressa de mudar de estado civil. Becky se dava bem com todos no escritório, mas Maggie ainda era sua favorita.

— Aliás, vão comprar uma nova máquina de café — Maggie comentou enquanto Becky cuidava dos arquivos. — Acho que sairei para comprá-la amanhã.

— Posso ir, se quiser — Becky se ofereceu.

— Não, querida, eu compro — Maggie disse com um sorriso. — Quero aproveitar para escolher um presente para minha cunhada. Ela está grávida.

Becky sorriu, mas com desânimo. A vida estava passando e ela nunca tivera nem um encontro, exceto ir ao baile do Clube dos Veteranos de Guerra com o neto de um amigo do avô, o que fora um verdadeiro fiasco. O garoto fumava maconha e gostava de *farrear*, e ainda por cima não entendia por que Becky não gostava dessas coisas.

Comentavam no escritório que Becky era uma menina antiquada. Numa sociedade tão restrita, era raro encontrar um solteiro adequado, e os poucos que restavam não estavam interessados em se casar tão cedo. Com a mudança do escritório para Curry Station, Becky teve esperanças de ter um pouco mais de vida social. Para uma área suburbana, o lugar tinha a atmosfera de uma cidade pequena. Mas mesmo que encontrasse com quem sair, como poderia pensar numa relação séria? Não podia deixar o avô sozinho. E quem cuidaria de Clay e Mack? Devaneios, pensou com tristeza. Estava se sacrificando para cuidar da família, não havia outra saída. O mais difícil de aceitar era a atitude do pai — ele sabia o quanto ela estava sobrecarregada, mas não parecia se importar nem um pouco. Desaparecera há dois anos e nem ligara ou escrevera para saber como estavam as crianças.

— Esqueceu dois arquivos, Becky — Maggie disse, interrompendo seus pensamentos. — Não seja descuidada, querida — acrescentou com um sorriso carinhoso.

— Certo, Maggie — Becky murmurou, concentrando a mente no trabalho.

Já estava tarde quando chegou em casa naquele dia, dirigindo seu Thunderbird branco. Era um dos modelos mais antigos, com bancos individuais e chassi pequeno com capota. Tinha assentos de veludo vinho e janelas elétricas. Apesar das prestações, era a coisa mais elegante que ela já dirigira. Ela o amava.



Becky teve de ir ao centro da cidade para pegar alguns arquivos com um dos advogados que deixara a firma antes da mudança. Ela odiava o centro de Atlanta, estava feliz de não trabalhar mais ali, mas hoje a cidade parecia mais agitada que o normal. Encontrou uma vaga num estacionamento, pegou os arquivos, e apressou-se em tomar o caminho de volta — bem a tempo da hora do rush. O trânsito depois da saída da Tenth Street estava horrível, e ficou ainda pior depois do Omni. Começou a melhorar nos arredores do Grady Hospital e, depois de passar pelo estádio e pela saída para o Hartsfield International Airport, Becky conseguiu relaxar novamente.

Após vinte minutos seguindo a estrada, estava em Curry County e, cinco minutos mais tarde, contornava a praça em Curry Station, a um curto trajeto do impressionante complexo comercial onde se localizava o novo escritório de seus patrões.

Curry Station parecia ter mudado muito pouco desde a Guerra Civil. A tradicional estátua do soldado confederado guardava a praça da cidade com seu mosquete, cercada por bancos onde idosos podiam se sentar nas tardes ensolaradas de sábado para passar o tempo. Havia uma farmácia, um armazém, uma mercearia e um cinema recém-reformado.

A cidade ainda possuía seu antigo e magnífico tribunal de tijolos vermelhos com um imenso relógio. Era ali que o Tribunal Superior e o Tribunal Estadual se reuniam para suas sessões. Era ali também que ficava o gabinete do promotor de justiça, que diziam estar sendo reformado. Becky estava curiosa quanto ao sr. Kilpatrick. Conhecia a família Kilpatrick, lógico — todos conheciam. O primeiro Kilpatrick fizera fortuna com transporte de mercadorias em Savannah antes de vir para Atlanta. Ao longo dos anos, a riqueza diminuía, mas Kilpatrick dirigia um Mercedes-Benz e vivia numa mansão. Seria *impossível* manter isso com o salário de promotor de justiça. Curiosamente, diziam que ele tinha optado por esse cargo quando, tendo em mãos um diploma em Direito pela Universidade da Geórgia, poderia ter seguido carreira e feito milhões.

Rourke Kilpatrick fora indicado pelo governador para completar o tempo de mandato do promotor de justiça anterior, que morreu em exercício. Um ano depois, ao fim de seu mandato, Kilpatrick surpreendeu a todos ao vencer a eleição. Não era comum em Curry County que pessoas nomeadas conquistassem apoio eleitoral. Mesmo assim, Becky nunca se mostrou muito interessada no promotor. Suas obrigações não exigiam que soubesse do que acontecia no tribunal, tampouco assistia ao noticiário em casa porque sempre estava muito ocupada. Por isso, Kilpatrick era apenas um nome para ela.



Sua mente vagava enquanto ela olhava a área residencial através do para-brisa. Havia várias casas imponentes na rua principal da cidade, rodeadas por carvalhos, pinheiros e cornisos, que na primavera exibem suas flores brancas e rosadas com rico esplendor. Nas estradas secundárias ainda existiam várias fazendas, cujos celeiros e casas decadentes eram testemunhas silenciosas da teimosia orgulhosa dos georgianos que as mantinham há gerações, ao custo de muitos sacrifícios.

Uma dessas antigas fazendas pertencia a Granger Cullen, o terceiro a herdá-la numa genealogia que datava da Guerra Civil. Os Cullen sempre conseguiram encontrar meios de manter sua propriedade de cem acres, mas a fazenda estava em ruínas atualmente, com uma casa revestida de tábuas brancas que carecia de tudo. Possuíam tevê, mas nada de canais a cabo porque era muito caro. Tinham um telefone, mas era uma linha compartilhada com mais três vizinhos que nunca desocupavam o aparelho. Contavam com serviço de água e esgoto, uma sorte pela qual Becky sempre agradecia, mas o encanamento costumava congelar no inverno e parecia nunca haver óleo suficiente para aquecer a casa até terem dinheiro para comprar mais.

Becky parou o carro no barracão que servia de garagem e se deixou ficar olhando ao redor. As cercas quase desabadas, enferrujadas, sustentavam-se por mourões praticamente apodrecidos. As árvores estavam desfolhadas, já que era inverno, e o campo fora tomado por capim e carrapicho. A terra precisaria ser revolvida antes do plantio na primavera, mas Becky não sabia operar o trator e não podia contar com Clay, que andava muito rebelde. Havia bastante feno no palheiro do velho celeiro para alimentar as duas vacas leiteiras, bastante farelo para alimentar as galinhas, e milho para aumentar o volume da ração dos animais.

Graças aos incansáveis esforços de Becky no último verão, o grande frigorífico estava cheio de legumes e a despensa, de conservas. Mas tudo teria acabado no verão, e precisaria ser repostado. Além disso, Becky precisava trabalhar. Sua vida era uma interminável rotina de trabalho. Nunca fora a uma festa, a um baile. Nunca tivera um vestido de seda ou um perfume caro. Nunca tivera seus cabelos e unhas tratados por profissionais, e provavelmente não os teria. Envelheceria cuidando da família, desejando encontrar uma saída para seus problemas.

Sentia-se culpada por sua autopiedade. Amava o avô e os irmãos, não devia culpá-los por sua falta de liberdade. Afinal, recebera uma criação que a impediria de desfrutar qualquer tipo de estilo de vida moderno. Não sairia dormindo com qualquer um porque era



contra sua natureza tratar como casual algo tão intenso. Não podia usar drogas ou se embriagar porque era fraca com álcool, mesmo pequenas quantidades a faziam dormir.

Becky abriu a porta do carro e saiu. Não podia nem fumar porque se engasgava. Ela era um caso perdido, refletiu.

— Você não nasceu para jatinhos e computadores — falou com as galinhas que a olhavam do terreiro. — Nasceu para algodão e camurça.

— Vovô! Becky está conversando com as galinhas novamente! — Mack gritou do celeiro.

O avô estava sentado no lado ensolarado do alpendre, sorrindo para a neta. Vestia camisa branca e suéter com seu macacão, e parecia mais saudável do que nas últimas semanas. Estava quente para uma tarde de fevereiro, quase primaveril.

— Desde que elas não respondam, está tudo bem, Mack — ele respondeu ao sorridente rapazinho loiro.

— Fez o dever de casa? — Becky perguntou ao irmão caçula.

— Ah, Becky, acabei de chegar em casa! Preciso alimentar meu sapo!

— Desculpas, desculpas — ela murmurou. — Onde está Clay?

Mack não respondeu. Desapareceu bem depressa no celeiro. Becky viu o avô desviar os olhos e brincar com o canivete enquanto ela subia os degraus, bolsa em mãos.

— O que foi? — perguntou ao avô, colocando a mão de maneira carinhosa sobre seu ombro.

Ele deu de ombros, a cabeça com cabelos brancos abaixada. Era um homem alto, muito magro e curvado desde o ataque cardíaco, moreno dos anos de trabalho ao ar livre. As marcas da velhice eram aparentes nas costas das mãos de dedos longos, as rugas no rosto semelhantes a estradas sulcadas pela chuva. Tinha 66 anos agora, embora parecesse muito mais velho. Levara uma vida muito dura. Ele e a avó de Becky tinham perdido dois filhos numa inundação e outro de pneumonia. Só o pai de Becky, Scott, dos quatro filhos, alcançara a idade adulta, tornando-se uma constante fonte de aborrecimentos para todos. Inclusive para a esposa. A certidão de óbito da mãe dizia que a causa da morte era pneumonia. Mas Becky tinha certeza de que ela simplesmente desistira de viver. A responsabilidade por três crianças mais um velho doente, adicionada à própria saúde fraca e à incessante jogatina e traições de Scott, derrotara seu espírito.

— Clay saiu com aqueles irmãos Harris — o avô enfim respondeu.



— Son e Bubba? — Becky suspirou. Como muitos meninos sulistas, o apelido deles tinha pouca relação com o nome de batismo. Bubba era um nome bem comum, tal qual Son, Buster, Billy-Bob e Tub. Becky nem sabia o nome deles, já que ninguém os usava.

Os irmãos Harris estavam no fim da adolescência e tinham licença para dirigir. No caso deles, era uma licença para matar. Ambos usavam drogas, e Becky ouvira rumores de que Son as vendia. Dirigia um grande Corvette azul e sempre tinha dinheiro. Largara a escola aos 16. Becky não gostava desses garotos e já falara disso com Clay. Mas, aparentemente, ele não estava ouvindo os conselhos da irmã, já que tinha saído com aqueles tipinhos.

— Não sei o que fazer — Granger Cullen murmurou. — Tentei conversar, mas ele não escuta. Disse que tinha idade para tomar as próprias decisões, que eu e você não temos direitos sobre ele. E praguejou contra mim. Imagine só, um garoto de 17 anos praguejando contra o próprio avô!

— Isso não é nada típico de Clay. Foi depois do Natal que começou a ficar tão desobediente. Desde que começou a andar com esses irmãos Harris, na verdade.

— Não foi à escola hoje — o avô acrescentou. — Não vai há dois dias. Ligaram da escola querendo saber onde ele estava. A professora ligou também. Disse que as notas estão tão baixas que pode ser reprovado. Não vai se formar se não melhorar. Então o que será dele? Um outro Scott — disse abatido. — Outro Cullen que vai para o mau caminho.

— Oh, meu Deus. — Rebecca sentou-se com vontade nos degraus do alpendre, deixando que o vento soprasse em suas bochechas. Fechou os olhos. De mal a pior, não era o que dizia o ditado?

Clay sempre fora um bom garoto, tentando ajudar com as tarefas e cuidando de Mack, o irmão menor. Mas começara a mudar nos últimos meses. As notas tinham caído. Andava mal-humorado e retraído. Ficava fora até tarde e às vezes não conseguia nem acordar para ir à escola. Os olhos viviam avermelhados e, certa vez, ele chegou em casa rindo feito uma garotinha, sem qualquer motivo — sintomas, Becky viria a descobrir, do uso de cocaína. Ela nunca vira Clay usando drogas, mas tinha certeza de que ele fumava maconha, pois sentira o cheiro nas roupas largadas no quarto dele. Clay negara, e Becky nunca encontrou qualquer evidência. Ele era muito cuidadoso.

Ultimamente ele reclamava cada vez mais da interferência da irmã em sua vida. Era apenas a irmã dele, Clay dissera justamente duas noites atrás. Não tinha qualquer autoridade sobre ele, não poderia mais dizer o que ele devia fazer. Já estava cansado de



viver como pobre e nunca ter dinheiro para gastar, o que não acontecia com os irmãos Harris. Ele encontraria seu próprio lugar no mundo, e ela que fosse para o inferno. Becky não contara nada disso ao avô. Já era bem difícil inventar desculpas para o mau comportamento e os frequentes sumiços de Clay. Sua única esperança era que ele não se tornasse viciado. Existiam locais de tratamento, mas eram para pessoas ricas. O melhor que poderia arranjar para o irmão seria algum centro de reabilitação mantido pelo governo, mas o avô não admitiria tal coisa, mesmo que Clay quisesse ser tratado. O avô não gostava de nada que lhe parecesse caridade. Era orgulhoso demais.

Então ali estavam eles, Becky pensou, fitando a terra que pertencia a sua família há mais de cem anos, completamente endividada, e com Clay metido em problemas. Diziam que nem mesmo um alcoólatra poderia ser ajudado se não percebesse que tinha um problema. Era o caso de Clay. De qualquer forma, essa não era a melhor maneira de encerrar um dia que já começara ruim.

CAPÍTULO DOIS

Becky vestiu jeans e um suéter vermelho e prendeu seu longo cabelo num rabo-de-cavalo para preparar o jantar. Enquanto fritava frango para acompanhar o purê de batatas e as vagens em conserva, assou biscoitos no velho forno. Talvez conseguisse endireitar Clay, mas não tinha idéia de como fazer isso. Conversar não adiantaria. Ela já tentara. Ou Clay se afastava e se recusava a escutar, ou saía de si e começava a praguejar. E para piorar; ultimamente ela percebia notas faltando no pote de dinheiro dos ovos. Estava quase certa de que Clay as pegara, mas como poderia perguntar ao próprio irmão se ele estava roubando dinheiro dela?

No fim, ela pegara o dinheiro restante no pote e o depositara no banco. Não deixou nada pela casa que pudesse ser vendido ou penhorado em busca de dinheiro fácil. Becky sentia-se uma criminosa, o que a deixava ainda mais culpada quanto ao ressentimento de ser responsável pela família.



Não havia ninguém com quem pudesse conversar sobre seus problemas, exceto Maggie, mas odiava incomodá-la com seus lamentos. As amigas de longa data estavam casadas ou seguiam as próprias vidas em outras cidades. Uma amiga seria de grande ajuda. Não podia conversar com o avô. A saúde dele já era bem precária, não podia confrontar Clay. Então dissera ao avô que cuidaria do assunto. Talvez pudesse falar com o sr. Malcolm no trabalho e pedir algum conselho. Era a única pessoa fora de sua família com a qual poderia contar.

Ela serviu a comida na mesa e chamou Mack e o avô. Ele deu graças, e todos comeram escutando Mack reclamando da matemática, das professoras e da escola em geral.

— Nunca aprenderei matemática — Mack afirmou, fitando a irmã com seus olhos esverdeados, apenas um pouco mais claros que os dela. O cabelo era muito mais claro, quase loiro. Era alto para um garoto de dez anos, e crescia mais a cada dia.

— Sim, claro que aprenderá — Becky disse. — Você precisará ajudar com os registros qualquer dia desses. Não durarei para sempre.

— Ora, pare de falar assim — repreendeu o avô. — Você é jovem demais para falar dessa maneira. Contudo — ele suspirou, fitando seu purê de batatas —, reconheço que você às vezes tenha vontade de fugir. Tendo que cuidar de todos nós...

— Pare com isso — Becky murmurou, fazendo cara zangada. — Amo vocês, do contrário não estaria aqui. Coma seu purê. Fiz torta de cereja para a sobremesa.

— Oba! Minha favorita! — Mack sorriu.

— E você poderá comer o quanto quiser. *Depois* que fizer seu dever de matemática e eu conferir tudinho — ela acrescentou com um sorriso tão grande quanto o dele.

Mack fez cara amuada e apoiou o queixo nas mãos.

— Eu devia ter ido com o Clay. Ele disse que eu podia.

— Se algum dia você for atrás do Clay, tomo sua bola de basquete e sua cesta — ela ameaçou, dispondo da única arma que tinha.

O menino empalideceu. Basquetebol era a vida dele.

— Calma, Becky, era brincadeirinha!

— Espero que sim. Clay está metido com más companhias. Já tenho problemas que bastam, não quero que você se torne mais um deles.

— Isso mesmo — o avô apoiou.

Mack pegou o garfo.



— Certo. Ficarei longe de Son e Bubba. Só não mexam com minha bola.

— Então temos um trato — Becky prometeu, tentando não parecer muito aliviada.

Ela lavou os pratos, limpou a sala e lavou duas trouxas de roupa enquanto o avô e Mack assistiam televisão. Então supervisionou o dever de casa de Mack, colocou-o para dormir, acomodou o avô, tomou um banho e decidiu ir para a cama. Antes que pudesse, contudo, Clay cambaleou pela sala, rindo e cheirando à cerveja.

O esmagador cheiro de malte a deixou enjoada. Nada em sua vida a deixara preparada para lidar com aquilo. Fitou o irmão com fúria impotente, odiando a vida doméstica que o guiara para tal armadilha. Ele estava numa idade na qual precisava de um homem que o guiasse, de um exemplo masculino a seguir. Estava procurando por um modelo, e ao invés de usar o avô, encontrara os irmãos Harris.

— Oh, Clay — ela murmurou infeliz. Ele se parecia muito com ela, com seus cabelos castanhos e constituição esbelta, mas os olhos eram puro verde, diferente do tom esverdeado dos dela e dos de Mack, e o rosto tinha o ar mais sadio.

Clay forçou um sorriso.

— Não vou vomitar, viu? Fumei um baseado antes de encher a cara de cerveja. — Ele piscou. — Vou largar a escola, Becky por que isso é para fracotes e retardados.

— Não, você não vai — ela retrucou. — Não estou me matando de trabalhar para você se transformar num vadio profissional.

Ele a fitou, meio tonto.

— Você só é minha irmã, Becky. Não pode me dizer o que fazer.

— Pois olhe para mim. Não quero mais você andando por aí com aqueles irmãos Harris. Eles só vão lhe causar problemas.

— Eles são meus amigos e vou andar com eles se eu quiser — ele afirmou. Sentia-se exaltado. Também fumara um pouco de crack, sua cabeça estava prestes a explodir. Tinha sido maravilhoso enquanto estava alto, mas agora o efeito estava passando, sentia-se mais deprimido do que nunca. — Odeio ser pobre!

Becky encarou-o.

— Então arranje um emprego — disse friamente. — Foi o que eu fiz. Arranjei um antes mesmo de terminar a escola. Tive três empregos diferentes antes de conseguir esse. E tive que fazer cursinhos à noite para consegui-lo.



— Lá vamos nós de novo, santa Becky — ele disse, enrolando as palavras. — Então você trabalha. Grande coisa. E o que ganhamos com isso?! Somos muito pobres. E agora que vovô está doente, vamos ficar ainda mais!

Becky sentia-se doente por dentro. Sabia daquilo, mas não era de grande ajuda que Clay falasse isso na sua cara. Ele estava bêbado, ela tentou dizer a si mesma, não sabia o que estava falando. Mas magoava do mesmo jeito.

— Seu garoto egoísta — disse zangada. — Seu pestinha ingrato! Estou me matando de trabalhar, e você fica aqui reclamando que não temos nada!

Clay vergou o corpo, sentou pesado, e respirou fundo. Ela devia estar com a razão, mas estava doidão demais para se importar.

— Deixe-me em paz — murmurou, esticando-se no sofá. — Só deixe-me em paz.

— O que usou além de cerveja e maconha?

— Um pouco de crack — ele disse quase dormindo. — Todo mundo usa. Deixe-me em paz... Estou com sono.

Esparramou-se e fechou os olhos. Estava dormindo enfim. Becky ficou a fitá-lo com muda agonia. Crack. Nunca vira, mas o conhecia muito bem dos noticiários — uma droga ilegal. Precisava deter Clay de alguma maneira, antes que ele se afundasse. O primeiro passo seria mantê-lo afastado daqueles irmãos Harris. Não sabia como conseguiria isso, mas encontraria urna maneira.

Cobriu o irmão com um cobertor porque era mais simples deixar que dormisse onde estava do que tentar arrastá-lo. Clay tinha quase 1,80m, e pesava mais que ela. Não poderia erguê-lo. Crack, ainda por cima. Nem precisava se perguntar onde ele teria conseguido crack. Provavelmente recebera dos amigos. Bem, com sorte, esta seria a única vez. Iria detê-lo antes que usasse crack novamente.

Foi para o quarto e deitou-se sobre a coberta puída com sua camisola de algodão, sentindo-se velha. Talvez as coisas parecessem melhores pela manhã. Poderia pedir ao reverendo Foz que conversasse com Clay — talvez isso resultasse em algo bom. As crianças precisavam de algo no qual se apoiar para enfrentar os momentos difíceis. Drogas e religião estavam em direções opostas na busca por algum conforto, mas a religião era certamente preferível. Sua própria fé a ajudara a enfrentar muitas tempestades.

Fechou os olhos e dormiu. Na manhã seguinte, despachou Mack para a escola, mas Clay não se levantava.



— Conversaremos quando eu chegar em casa — disse a ele com firmeza. — Não sairá com aqueles garotos novamente.

— Quer apostar? — ele perguntou, os olhos desafiantes. — O que poderia fazer para me impedir?

— Espere e verá — ela replicou, rezando para pensar em algo.

Foi preocupada para o trabalho. Pedira ao avô que conversasse com Clay, mas ele parecia não querer pensar no comportamento conturbado do garoto. Talvez fosse o fato de ter falhado tão gravemente com Scott, seu filho, que agora não o deixava admitir que também estivesse falhando com o neto. Seu velho avô possuía uma dose dupla de orgulho.

Maggie lhe deu uma olhada quando a notou tão meditativa à escrivaninha.

— Posso ajudar em algo? — Maggie perguntou baixinho, para que mais ninguém ouvisse.

— Não, mas obrigada — Becky respondeu com um sorriso. — Você é uma boa pessoa, Maggie.

— Sou apenas um ser humano como você — ela corrigiu. — Enfrentamos muitas tempestades na vida, mas elas passam. Agarre-se a uma árvore até o vento passar, é só o que você precisa fazer. Afinal, não há vento que dure para sempre, Becky, seja ele favorável ou não.

Becky riu.

— Tentarei me lembrar disso.

E foi o que fez até aquela tarde, quando recebeu uma ligação do gabinete do magistrado, informando-a de que Clay fora detido por porte de drogas. O sr. Gillen, o magistrado, disse ter chamado o promotor de justiça. Ambos conversaram com Clay antes de o enviarem para o centro de detenção juvenil, onde ficaria enquanto decidiam se o fichariam ou não. Ele tinha o bolso cheio de crack ao ser pego, bêbado, na companhia dos irmãos Harris fora da cidade.

A decisão de apresentar acusação formal pelo crime cabia ao promotor, disse o sr. Gillen. E Becky podia apostar que se Kilpatrick tivesse evidências suficientes, pediria a condenação. Ele era muito severo com pessoas que traficavam drogas. Becky agradeceu Gillen por lhe telefonar pessoalmente e rumou de imediato para o escritório de Bob Malcolm para pedir alguma orientação.



O sr. Malcolm deu-lhe um tapinha no ombro depois de fechar a porta, querendo poupá-la do escrutínio das pessoas na sala de espera.

— O que faço? O que faço? — Becky perguntava desesperada. — Disseram que ele estava com mais de quarenta gramas. Pode ser acusado de crime.

— Becky, é seu pai quem deve cuidar disso — ele disse com severidade.

— Ele não está na cidade no momento. — Bem, era verdade. Ele não estava na cidade há dois anos e jamais fora responsável pelos filhos. — E meu avô não está bem de saúde — da acrescentou. — Ele sofre do coração.

Bob Malcolm meneou a cabeça e suspirou. Depois de um minuto, disse:

— Certo. Verei se consigo conversar com o promotor. Ligo e agendo uma reunião. Talvez seja possível fazer um acordo.

— Com o sr. Kilpatrick? Você não disse que de não faz acordos? — ela perguntou nervosa.

— Isso depende da gravidade da acusação e da quantidade de evidência que ele possua. Kilpatrick não gosta de gastar o dinheiro dos contribuintes em casos que não pode vencer. Veremos.

Malcolm falou com a secretária do promotor e foi informado de que Rourke Kilpatrick dispunha de alguns minutos no momento.

— Estamos subindo — ele disse e desligou. — Vamos, Becky.

— Espero que de esteja de bom humor — ela disse, dando uma olhada no espelho.

O cabelo estava arrumado com um coque, o rosto pálido mesmo com a maquiagem discreta. Mas a saia xadrez de lã vermelha mostrava seus três anos, e os sapatos pretos estavam gastos e arranhados. Os punhos da blusa branca de manga comprida estavam puídos, e suas mãos finas exibiam as desolações do trabalho que fazia na fazenda. Becky não era nenhuma dama ociosa e em seu rosto já existiam marcas que não seriam notáveis numa mulher de sua idade. Temia não causar muita impressão no sr. Kilpatrick. Aparentava o que realmente era — uma mulher do campo sobrecarregada de trabalho e responsabilidades, sem qualquer sofisticação. Talvez isso funcionasse a seu favor. Não podia deixar Clay ir para a prisão. Ao menos devia isso à mãe. Já falhara em ajudá-lo muitas outras vezes.

A secretária do sr. Kilpatrick era alta, de cabelos escuros e muito profissional. Ela cumprimentou o sr. Malcolm e Becky com cordialidade.



— Ele está esperando por você — ela disse, apontando para a porta fechada do escritório. — Pode entrar.

— Obrigado, Daphne — o sr. Malcolm respondeu. — Venha, Becky, coragem.

Ele deu uma leve batida na porta e a abriu, permitindo que Becky o precedesse. Não deveria tê-lo feito. Becky ficou atônita ao ver quem estava por trás da imensa escrivaninha de madeira com várias pilhas de documentos.

— Você! — ela exclamou involuntariamente.

Ele largou o charuto que fumava e levantou-se. Não demonstrou tomar conhecimento da exclamação, não sorriu, nem fez qualquer tentativa de cumprimento formal. Parecia tão intimidador quanto no elevador, tão frio como sempre.

— Não precisava trazer a secretária para tomar notas — ele disse a Bob Malcolm. — Se veio fazer um acordo, aviso que não pretendo mudar de idéia depois que ouvir os fatos. Sente-se.

— É sobre o caso Cullen.

— O menor de idade — disse Kilpatrick. — Os garotos com quem ele tem andado são escória. O mais novo dos Harris tem vendido drogas no colégio local nos intervalos das aulas. O irmão dele negocia de tudo, de crack a cavalos, e já foi preso por tentativa de roubo. Naquela época saiu logo do centro de detenção juvenil, mas agora já é maior de idade. Se eu o pegar de novo, vai direto para a cadeia.

Becky estava sentada, dura feito pedra.

— E o Cullen? — perguntou num sussurro.

Kilpatrick deu-lhe uma olhada indiferente.

— Estou falando com Malcolm, não com você.

— Você não entendeu — ela contestou. — Clay Cullen é meu irmão.

Os olhos castanhos, quase negros, do promotor se estreitaram ao fitá-la de uma maneira que a fez sentir-se uma formiga.

— Cullen já é nome antigo para mim. Outro Cullen esteve aqui alguns anos atrás com uma acusação de roubo. A vítima não quis testemunhar, então ele saiu livre. Eu teria conseguido uma condenação sem liberdade condicional se ele tivesse ido a juízo. Algum parentesco com você?

Becky encolheu-se.

— Meu pai.



Kilpatrick não disse uma palavra. Nem precisava. A intensidade do olhar dizia a Becky exatamente o que ele pensava de sua família. *Você está enganado*, ela queria dizer. *Não somos todos assim*. Mas antes mesmo que pudesse falar, ele se voltou para Malcolm.

— Estou certo ao concluir que você está representando sua secretária e o irmão?

— Não — Becky principiou a dizer, pensando nos honorários que não poderia pagar.

— Sim — Bob Malcolm a interrompeu. — Ele é réu primário, e o rapaz está passando por necessidades.

— O garoto é um fedelho mal-humorado, nada prestativo — ele corrigiu. — Já estive falando com ele. Não o considero um necessitado — Kilpatrick expôs sucintamente. Becky imaginou como Clay reagiria a um homem como Kilpatrick. O garoto não tinha respeito por homem algum — não tendo o exemplo do pai.

— Ele não é mau garoto — ela alegou. — São as más companhias que arranjou. Por favor, tentarei lidar com ele...

— Seu pai já fez um ótimo trabalho — Kilpatrick disse, totalmente alheio à real situação em sua casa ao afrontá-la, os olhos castanho-escuros apunhalando os dela enquanto se reclinava na cadeira com seu charuto entre os dedos compridos. — Não há por que deixar o garoto voltar às ruas se a situação dentro de casa não mudar. Ele voltará a fazer a mesma coisa.

Os olhos dela buscaram os olhos dele.

— Você tem irmão, sr. Kilpatrick?

— Não que eu saiba, srta. Cullen.

— Se tivesse um, entenderia o que eu sinto. É a primeira vez que ele faz uma coisa dessas. Seria como atirar um bebê aos crocodilos.

— Pois o bebê estava em posse de drogas ilegais. Cocaína, para ser exato. E não era só cocaína... crack. — Ele se inclinou para a frente, parecendo mais índio que nunca, seu olhar franco, firme e ligeiramente perigoso. — Ele precisa de orientação. Está óbvio que você e seu pai não são capazes de oferecer isso a ele.

— Isso foi golpe baixo, Kilpatrick — Bob Malcolm disse.

— Foi um golpe certo — retrucou sem desculpar-se. — Garotos dessa idade não mudam sem ajuda. Ele deveria ter recebido orientação desde o começo, agora pode ser tarde demais.

— Mas...! — Becky disse.



— Seu irmão já teve muita sorte por não ser pego vendendo aquelas porcarias na rua! — ele afirmou. — Odeio vendedores de drogas. Faço qualquer coisa para levá-los a juízo.

— Mas ele não vende drogas — Becky murmurou, seus grandes olhos esverdeados rasos d'água.

Kilpatrick não sentia compaixão há muito tempo, e não estava gostando nada disso. Desviou os olhos.

— Ainda não — concordou. Suspirou zangado, olhando de Becky para Malcolm. — Tudo bem. Gillen, o magistrado, disse que acatará o que eu decidir. O garoto nega o delito. Diz não saber como a droga foi parar em sua jaqueta, e as únicas testemunhas que temos são os irmãos Harris. Eles, claro, confirmaram a história inteira — ele acrescentou com um sorriso indiferente.

— Em outras palavras — Bob disse com um fraco sorriso —, você não tem exatamente um caso formado.

— Exato — Kilpatrick concordou. — Desta vez — Kilpatrick disse, olhando com ar significativo para Becky —, desistirei das acusações.

Becky ficou tonta de alívio.

— Posso vê-lo? — murmurou. Estava muito abalada para dizer qualquer coisa mais, e aquele homem a odiava. Não conseguiria simpatia ou ajuda da parte dele.

— Sim. Quero que Brady, da corte juvenil, vá falar com o garoto, pois haverá uma condição para a soltura. Agora, vão. Tenho trabalho a fazer.

— Certo, estamos saindo do caminho — Malcolm disse, levantando-se. — Obrigado, Kilpatrick — agradeceu formalmente.

Kilpatrick levantou-se também. Enfiou uma das mãos no bolso, fitando o rosto trágico de Rebecca com um misto de emoções. Sentia pena dela, mas não queria. Perguntava-se por que o pai não a acompanhara. Ela era muito magra, e a tristeza no rosto oval era perturbadora. Estava surpreso por preocupar-se com isso. Poucas coisas o preocupavam atualmente. Ela não parecia a moça convencida e divertida que encontrara várias vezes no elevador. Não agora. Parecia totalmente desesperançada. Viu-os passar pela porta e voltou à sala sem dizer nada à secretária.

— Vamos ao centro de detenção — Bob Malcolm disse a Becky ao guiá-la para dentro do elevador e apertar o botão do sexto andar. — Tudo vai ficar bem. Se Kilpatrick não tem provas para este caso, não seguirá adiante. Clay poderá sair conosco.



— Ele nem quis me escutar — ela murmurou.

— Ele é um homem severo. Provavelmente o melhor promotor de justiça que este condado já teve em muito tempo, mas às vezes pode ser inflexível. Também não é um homem fácil de se enfrentar nos tribunais.

— Posso bem imaginar.

Becky foi ver o irmão na detenção depois do trabalho. Foi levada para uma salinha de reuniões para esperar por ele. Clay surgiu 15 minutos depois, parecendo assustado e agressivo ao mesmo tempo.

— Oi, Becky — disse com um sorriso metido. — Não bateram em mim, então não precisa se preocupar. Não vão me mandar para a cadeia. Conversei com dois outros garotos que conhecem os procedimentos. Disseram que o centro de detenção juvenil é coisa leve porque somos menores de idade. Serei solto rapidinho.

— Obrigada — ela disse, os lábios apertados e os olhos frios. — Obrigada por sua generosa consideração pelos meus sentimentos e os do vovô. É bom saber que você nos ama o bastante para tornar nosso nome notório.

Clay era arredio, mas tinha coração. Baixou o tom e os olhos no mesmo instante.

— Agora me diga o que aconteceu — ela disse, sentando-se defronte a ele quando o sr. Brady, o comissário de menores responsável pelo caso de Clay, juntou-se a eles.

— Não lhe contaram? — Clay perguntou.

— Quero que você me conte — ela contrapôs.

Ele lhe deu uma longa olhada e deu de ombros.

— Eu estava bêbado — murmurou, retorcendo as mãos sobre as pernas cobertas pelo jeans. — Eles me chamaram para usar um pouco de crack, eu apenas assenti. Eu apaguei no banco de trás e só acordei quando os policiais nos pararam. Meus bolsos estavam cheios da coisa. Não sei como foi parar lá. É sério, Becky — ele acrescentou. Ela, o irmão e o avô eram as únicas pessoas que ele amava neste mundo. Clay odiava o que tinha feito, mas era orgulhoso demais para admitir — Fiquei bem mais sóbrio depois que Kilpatrick conversou comigo.

— O porte de drogas ilegais já bastava para uns dez anos de prisão se o promotor quisesse julgá-lo como adulto — o sr. Brady interveio com um olhar franco. — E você ainda não está completamente livre de problemas. O sr. Kilpatrick, o promotor de justiça, ficaria contente em colocá-lo atrás das grades.



— Ele não pode. Sou menor de idade.

— Só por mais um ano. E o reformatório não seria um lugar dos mais agradáveis, rapazinho. Isso posso garantir.

Clay parecia subjugado e um pouco menos agressivo. Retorcia as mãos sobre o colo.

— Não vou para a cadeia, vou?

— Não desta vez — o comissário afirmou. — Mas não subestime Kilpatrick. Seu pai foi muito arrogante quando se livrou da acusação de roubo, e por isso sua família não é benquista pelo promotor. Ele é um homem de moral. Não gosta de criminosos. Seria bom que lembrasse disso. Ele ainda acha que seu pai ameaçou aquela vítima a não falar.

— Meu pai foi preso?

— Esqueça isso — Becky disse, endurecendo as feições.

Clay deu-lhe uma olhada, notando com relutância a tensão, a tristeza no rosto dela. Sentiu uma ponta de remorso.

— Só aviso desta vez — o sr. Brady disse a Clay. — Você ganhou a chance de se manter longe de confusão. Se desperdiçá-la, ninguém poderá ajudá-lo — nem sua irmã, nem eu. Pode ter se livrado de punição agora, mas porque é menor de idade. Mas você tem 17. E se o crime for grave o bastante, o promotor pode usar de sua autoridade para processá-lo como adulto. Se continuar envolvido com drogas, é inevitável que passe algum tempo na cadeia. Gostaria de poder mostrar o que isso significa. Nossas prisões estão superlotadas, e mesmo as melhores são um inferno para jovens criminosos. Se não gosta de receber ordens de sua irmã, também não vai gostar de ser a namoradinha de algum cara mais velho. — Ele encarou Clay. — Entendeu o que eu quis dizer, filho? Você iria circular entre eles que nem brinquedo novo.

Clay corou.

— Não iria não! Eu lutaria...!

— E perderia. Pense no assunto. Por enquanto, receberá aconselhamento psicológico — disse o comissário. — Já o agendamos na clínica de saúde mental. Você é obrigado a ir. Espero que saiba que isso é idéia de Kilpatrick, e que ele o supervisionará periodicamente. Não o aconselho a perder nenhuma sessão.

— Maldito Kilpatrick — Clay praguejou.



— Esta não é uma boa atitude a ser tomada — Brady alertou calmamente. — Você se meteu num grande problema. Kilpatrick pode ser seu pior inimigo ou seu melhor amigo. Você não gostaria de tê-lo como inimigo.

Clay murmurou algo e desviou os olhos para a janela. Era como se odiasse o mundo inteiro.

— Certo, Clay, por enquanto pode ir com sua irmã. Conversaremos novamente.

— Tudo bem — Clay disse apenas. Levantou-se e apertou a mão do homem com relutância. — Vamos, mana. Vamos para casa.

Becky ficou calada. Caminhou até o carro feito um zumbi e acomodou-se ao volante, mal esperando que Clay fechasse sua porta antes de partir. Sentia-se aflita até a alma.

— Desculpe ter sido apanhado — Clay disse quando estava a meio caminho de casa. — Imagino que esteja passando por uns maus bocados, estando presa ao vovô, a mim e a Mack.

— Não estou presa — ela mentiu. — Amo todos vocês.

— O amor não deveria fazer da vida das pessoas uma prisão — Clay disse. Olhou de esguelha para ela, com um ar astucioso nos olhos que ela não notou. — É sério, Becky, eu não sabia no que estava me metendo.

— Tenho certeza disso — ela disse, perdoando-lhe de tudo, como sempre fazia. Conseguiu sorrir. — Só não sei o que fazer, como enfrentar. O promotor de justiça foi muito severo.

— Esse tal Kilpatrick — Clay murmurou. — Nossa, eu o odeio! Ele veio me ver na detenção. Olhou-me nos olhos e fez com que me sentisse um verme. Disse que eu terminaria como o papai.

— Não mesmo — ela disse resoluta. — Ele não tinha o direito de dizer uma coisa dessas!

— Ele não queria que eu saísse — Clay disse com hesitação. — Tentou convencer o sr. Brady a me colocar no reformatório. Ficou aborrecido quando ele não concordou. Disse que qualquer um que brinca com drogas merece a cadeia.

— Pois que o sr. Kilpatrick vá para o inferno — ela falou com ímpeto. — Vamos nos virar.

— Olha — ele começou a dizer — Eu poderia arranjar um emprego, depois da escola, sabe? Poderia ganhar algum dinheiro...



— Estou me virando bem — ela disse, quase se engasgando com as palavras. — Não precisa arranjar emprego — acrescentou, não vendo o lampejo de raiva no rosto dele. — Cuidarei de você, como sempre fiz. Você termina a escola e então trabalha. Você só tem mais este ano. Não é tanto tempo.

— Olha, tenho 17 anos! — ele explodiu. — Não preciso mais que cuidem de mim! Estou cansado de ficar trabalhando na fazenda e nunca ter dinheiro no bolso. Eu gosto de uma garota, mas ela nem fala comigo. Você nem me deixa arranjar uma droga de carro!

— Não comece a praguejar contra mim! — ela disparou. — Não ouse!

— Deixe-me sair. — Ele segurou a maçaneta da porta, os olhos a desafiá-la. — Eu juro que pulo. Para esse carro e me deixe sair!

— Clay, aonde você está indo?! — ela perguntou quando ele já estava na rua.

— Para onde eu possa ser o que quero — ele respondeu com rispidez. — Não sou seu garotinho, Becky, sou seu irmão! Não entende, não é? Não sou uma criancinha para receber ordens! Sou um homem!

Ela curvou um pouco o corpo, esticando-se em direção à porta aberta, os olhos fatigados, o rosto marcado de preocupação.

— Oh, Clay — ela lamuriou. — Clay, o que faço agora? — Ela desatou a chorar, as lágrimas descendo pelas bochechas.

Ele hesitou, dividido entre lutar pela independência e apagar aquele olhar do rosto da irmã. Não pretendia magoá-la, mas não andava muito no controle de si mesmo ultimamente. Tinha essas violentas alterações de humor...

Voltou para dentro do carro e fechou a porta, encarando-a com ponderação. Sentiu-se subitamente mais velho ao perceber que Becky apenas se fingia de forte. A culpa caiu sobre ele feito uma pedra. Não deveria aumentar mais o fardo da irmã agindo feito uma criança estúpida.

— Olha, vai ficar tudo bem — ele principiou a dizer com hesitação. — Becky, por favor, pare de chorar.

— O vovô vai morrer — ela murmurou. Tirou um lenço de dentro da bolsa e secou os olhos. — Ele vai descobrir, não importa o quanto escondermos dele.

— Ei! E se nos mudarmos para Savannah? — ele sugeriu e sorriu. — Poderíamos enriquecer construindo iates.

Aquela vivacidade animou o espírito dela. Becky sorriu também.



— Papai descobriria que temos dinheiro e viria nos procurar — disse sem muito humor.

— Disseram que ele foi preso. Você sabia?

Ela assentiu com a cabeça.

Clay reclinou-se contra o banco, olhando pela janela.

— Becky, por que ele nos deixou quando a mamãe morreu?

— Ele nos deixou muito antes disso. Você não lembra, mas ele sempre estava fora com os amigos, mesmo depois que você e Mack nasceram. Acho que nunca esteve por perto quando era realmente necessário. Mamãe acabou desistindo.

— Não desista, Becky — ele falou de repente, virando o olhar para ela. — Cuidarei das coisas, não se preocupe. — Ele já pensava em maneiras de conseguir o dinheiro que aliviasse dos ombros dela um pouco das obrigações financeiras. Os irmãos Harris tinham lhe dado algumas sugestões. Ele não possuía tanto escrúpulo quanto Becky, e havia várias maneiras de se fazer dinheiro. Ela não ficaria magoada se não soubesse, e ele seria mais cuidadoso para não ser pego pela segunda vez.

— Certo. — Ela retornou a estrada, se perguntando como dar a notícia ao avô, como enfrentar o futuro.

Esperava que Clay fizesse o que o comissário de menores lhe dissera. Esperava que tivesse ficado assustado com a experiência de ter sido preso. Talvez isso o mantivesse na linha.

Não sabia o que fazer. A vida tinha se tornado muito complicada. Queria fugir.

— No que está pensando? — Clay perguntou com grave suspeita.

— Estava pensando no bolo de chocolate que farei para o jantar — ela despistou com um sorriso. Foi necessário mais esforço para sorrir do que Clay jamais imaginaria.

CAPÍTULO TRÊS

O avô aceitou a notícia da prisão de Clay bem melhor do que Becky esperava. Era uma benção que tivesse sido preso na cidade, não em casa. Seu mérito atual era não ter



faltado à escola nenhuma vez. Entrava no ônibus sem discutir, com Mack a segui-lo. Becky acomodou o avô na poltrona da sala, preocupada com seu silêncio.

— Vai ficar bem? — perguntou depois de lhe dar seu comprimido.

— Quer que a sra. White venha lhe fazer companhia?

— Não preciso de ninguém me vigiando — ele murmurou. Os ombros magros se ergueram e caíram. — Onde falhei com seu pai, Becky? — perguntou infeliz. — E onde falhei com Clay? Meu filho e meu neto encarcerados com a polícia, e aquele Kilpatrick não vai descansar enquanto não colocar os dois na cadeia. Já ouvi falar dele. É uma barracuda.

— Ele é um promotor — ela corrigiu. — E só está fazendo o trabalho dele. E o faz de maneira apaixonada, só isso. O sr. Malcolm gosta dele.

O avô estreitou um olho e a encarou.

— Você gosta?

Becky levantou-se.

— Não seja bobo. Ele é o inimigo.

— Lembre-se disso — ele disse com firmeza, o queixo teimoso erguido. — Não vá se afeiçoando a ele. Não é amigo de nossa família. Fez tudo ao seu alcance para prender Scott.

— Você sabia disso?

Ele apurou o corpo.

— Sabia. Não vi razão para contar aos meninos. Não teria ajudado em nada. De qualquer forma, Scott se livrou. A testemunha mudou de idéia.

— Ele mudou... ou papai o convenceu a mudar?

O avô a encarou.

— Scott não era mau garoto. Só era diferente; tinha uma maneira própria de enxergar as coisas. Não era culpa dele que a polícia estivesse no encalço, assim como não é culpa de Clay. Aquele Kilpatrick nos persegue.

Becky principiou a falar e parou. O avô não admitiria ter errado com Scott, portanto não admitiria ter errado com Clay.

— Becky apesar do que seu pai fez ou deixou de fazer, ele ainda é meu filho — ele disse subitamente, as mãos magras e velhas apertando com força a poltrona. — Eu o amo. Amo Clay também.



— Sei disso — ela respondeu com carinho. Inclinou-se e beijou a face magra. — Cuidaremos de Clay. Eles lhe oferecerão aconselhamento e apoio — ela disse, esperando convencer Clay a ir às sessões sem se valer da intimidação. — Ele vai superar. Ele é um Cullen.

— Isso mesmo. Ele é um Cullen. — Ele sorriu para a neta. — E você também. Já disse o quanto tenho orgulho de você?

— Frequentemente — ela respondeu e sorriu. — Quando eu ficar rica e famosa, lembrarei de você.

— Nunca ficaremos ricos, e Clay provavelmente será o único com fama dentre nós — infâmia, na verdade. — Ele suspirou. — Mas você é o coração desta família. Não deixe que isso a abale. A vida pode ser difícil às vezes. Mas se você enxergar além dos problemas, pensar que dias melhores virão, isso ajuda. Sempre me ajudou.

— Lembrarei-me disso. É melhor eu ir para o trabalho — ela acrescentou. — Cuide-se. Até mais tarde.

Ela dirigiu até o escritório, tremendo por dentro ao pensar na provação que teria pela frente. Precisava falar com Kilpatrick. O que Clay lhe contara sobre a tentativa de mandá-lo para o reformatório a assustara. Kilpatrick poderia insistir nisso, portanto ela precisava impedi-lo. Teria de engolir o orgulho e revelar a real situação em sua casa, e isso a apavorava.

O patrão lhe deu uma hora de folga. Ela ligou para o gabinete do promotor de justiça no sétimo andar e pediu para vê-lo em pessoa. Recebeu a resposta de que ele estava descendo, que o encontrasse no elevador para que conversassem enquanto ele tomava um café na farmácia.

Alegre por ele ter se dignado a falar com ela, Becky pegou a bolsa, endireitou a saia florida e a blusa branca, e saiu apressada do escritório. Felizmente, o elevador estava vazio, exceto pelo sr. Kilpatrick em seu longo sobretudo, com seu olhar frio, seu espesso cabelo negro bagunçado, e seu eterno e asfixiante charuto em uma das mãos. Ele lhe fez um rápido exame que não foi nada lisonjeiro.

— Queria conversar. Então vamos. — Ele apertou o botão do térreo e não disse nada até entrarem na pequena cafeteria da farmácia. Ele comprou um café preto para ela, um para si, e uma rosquinha. Ofereceu-lhe uma, mas Becky estava aflita demais para aceitar. Sentaram-se à uma mesa de canto e ele a estudou calmamente enquanto tomava



o café. O cabelo estava preso no coque de costume, o rosto destituído de maquiagem. Ela transmitia a imagem de como se sentia no momento — esgotada e deprimida.

— Nenhuma observação sarcástica quanto ao meu charuto? — ele indagou com uma sobrancelha erguida. — Nenhuma observação quanto aos meus modos?

Becky ergueu o rosto pálido e o fitou como se nunca o tivesse visto antes.

— Sr. Kilpatrick, minha vida está se despedaçando, então não me importa a fumaça do charuto, nem suas maneiras, ou o que quer que seja.

— O que seu pai disse quando contou sobre seu irmão?

Becky estava cansada de fingir. Era hora de colocar as cartas na mesa.

— Não tenho notícias do meu pai há dois anos.

Ele franziu a testa.

— E sua mãe?

— Morreu quando os meninos eram pequenos, quando eu tinha 16.

— Quem cuida deles? — ele insistiu. — Seu avô?

— Meu avô sofre do coração — ela disse. — Não é capaz de cuidar de si mesmo, muito menos dos netos. Moramos todos com ele e fazemos o possível para cuidar dele.

A mão de Kilpatrick acertou a mesa, sacudindo-a.

— Está dizendo que cuida sozinha dos três?!

Becky não gostou da expressão no rosto moreno. Afastou-se um pouco para trás.

— Sim.

— Meu Deus! Só com seu salário?

— Meu avô tem uma fazenda — ela contou. — Plantamos nossas próprias hortaliças. Eu congelo algumas, faço conservas com outras. Costumamos criar novinhos também, e o vovô recebe pensão da ferrovia e do seguro social. Nós nos viramos.

— Quantos anos você tem?

Ela o fitou zangada.

— Não é da sua conta.

— Pois você acabou de reverter isso. Quantos anos?

— Vinte e quatro.

— E quantos anos tinha quando sua mãe morreu?

— Dezesseis.

Ele tragou o charuto e virou a cabeça para dar uma baforada. Os olhos escuros penetravam nos dela, e Becky sentiu exatamente como era se sentar no banco das



testemunhas e ser severamente interrogada por de. Aquele olhar penetrante e a voz fria cheia de autoridade seriam capazes de extrair informações de um legume.

— Por que seu pai não está cuidando da própria família?

— Bem que eu gostaria de saber — ela replicou. — Mas ele nunca fez isso. Só aparece quando está sem dinheiro. Acho que deve ter arranjado o suficiente; não o vemos desde que se mudou para o Alabama.

Kilpatrick estudou-lhe o rosto em silêncio por um longo tempo, até os joelhos dela ficarem fracos pela intensidade daquele exame. Ele era tão moreno, ela pensou, e o terno risca-de-giz azul-marinho o tornava ainda mais alto e elegante. Sua herança indígena predominava no rosto magro, embora ele parecesse ter o temperamento dos irlandeses.

— Não é de admirar que se pareça assim — de disse distraidamente. — Exausta. Primeiro pensei que pudesse ser um amante exigente, mas é excesso de trabalho.

Ela ficou muito vermelha e o encarou zangada.

— Isso a insulta, não é? — ele perguntou, a voz ficando ainda mais profunda. — Mas você mesma me disse que tinha um amante — ele lembrou em tom seco.

— Menti — ela disse, remexendo-se de inquietação. — De qualquer forma, já tenho problemas demais para viver na libertinagem — ela respondeu tensa.

— Entendo. Você é uma *daquelas* garotas. O tipo de garota que as mães empurram para os próprios filhos.

— Espero que nunca me empurrem para você. Não o desejaria nem servido numa bandeja de prata.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Por que não? — perguntou, erguendo o queixo num sorriso de puro sarcasmo. — Alguém lhe contou que sou mestiço?

Becky corou.

— Não foi o que eu quis dizer. Você é um homem muito frio, sr. Kilpatrick — ela respondeu, estremecendo com a proximidade dele. Kilpatrick cheirava a alguma colônia exótica e a fumaça de charuto, e Becky podia sentir o calor de seu corpo. Ele a deixava nervosa, fraca e incerta, e era perigoso se sentir assim a respeito do inimigo.

— Não sou frio. Sou cuidadoso. — Ele levou o charuto à boca. — É bom ser cuidadoso nos dias de hoje. Sob todos os sentidos.

— É o que dizem.



— Neste caso, seria prudente parar de espalhar mel nesse seu amante misterioso. Você não disse — Kilpatrick lembrou a ela — que era amante de um de seus patrões?

— Era mentira — ela protestou. — Você estava me olhando como se eu não pudesse ter mais esperanças. Falei o que me veio à cabeça, só isso.

— Eu deveria ter mencionado isso a Bob Malcolm ontem — ele murmurou.

— Não ousaria! — ela gemeu.

— Claro que sim — ele respondeu tranquilamente. — Não lhe contaram que não tenho coração? Eu processaria minha própria mãe, é o que dizem.

— Eu não acreditaria nisso, depois de ontem.

— Seu irmão será um caso perdido se não souber lidar com ele. Fui duro com ele por esta razão. Ele precisa de pulso firme. Acima de tudo, ele precisa de um homem como exemplo. Que Deus nos ajude se o pai for o herói dele.

— Não sei o que Clay sente a respeito de papai — ela disse honestamente, — Ele não conversa mais comigo. Fica ressentido. Eu quis conversar com você porque queria que compreendesse a situação em minha casa. Pensei que poderia ajudar em alguma coisa se soubesse da vida dele.

Kilpatrick mordeu a rosquinha com os fortes dentes brancos e a engoliu com café.

— Em outras palavras, pensou que isso pudesse me abrandar. — Os olhos escuros fixaram-se nos dela. — Sou parte índio. Não há qualquer brandura em mim. O preconceito destruiu isso há muito tempo.

— Você é um pouco irlandês também — ela disse com hesitação. — E sua família é abastada. Isso deve ter tornado as coisas mais fáceis.

— Mesmo? — O sorriso não se parecia em nada com um sorriso. — Eu era singular, com certeza. Uma aberração. O dinheiro tornou meu caminho um pouco mais fácil. Não removeu os obstáculos. Meu tio me aceitou porque era estéril e eu era o último dos Kilpatrick. Deus, ele odiava pensar nisso. Para completar, meu pai jamais se casou com minha mãe.

— Oh, você é... — ela se calou, mortificada e envergonhada.

— Ilegítimo — Kilpatrick assentiu e lhe exibiu um sorriso indiferente e zombeteiro. — Isso mesmo. — Ele a fitou, aguardando, desafiando-a a dizer alguma coisa. Como ela não disse, riu de maneira melancólica. — Nenhum comentário?

— Eu não ousaria — ela replicou.

Kilpatrick terminou o café.



— Não se pode escolher uma vida só com coisas boas, isso é fato. — Ele estendeu a mão magra e morena, destituída de jóias, e tocou o rosto magro de Becky com gentileza. — Não deixe de dar esse conselho ao seu irmão. Desculpe se tirei conclusões precipitadas quanto a ele.

O inesperado pedido de desculpas de um homem como Kilpatrick trouxe lágrimas aos olhos de Becky. Ela virou o rosto, envergonhada por demonstrar fraqueza, ainda por cima para ele. Mas a reação de Kilpatrick foi imediata e um pouco chocante.

— Vamos sair daqui — ele disse. Fez Becky levantar-se, com bolsa e tudo, jogou o lixo no local apropriado, e a arrastou para fora da cafeteria direto para dentro de um dos elevadores vazios.

Fechou as portas e acionou o elevador, então o parou de supetão entre dois andares. Puxou Becky para seus braços, mantendo-a ali de maneira firme e gentil.

— Pode chorar — ele resmungou junto à testa dela. — Está se segurando desde quando o garoto foi preso. Pode chorar. Eu a abraço enquanto chora.

Compreensão era algo que pouco existira na vida de Becky. Nunca houvera braços para acalentá-la, confortá-la. Era sempre ela a abraçar, a oferecer. Nem mesmo o avô percebera o quanto era vulnerável. Mas Kilpatrick vira por trás de sua máscara, como se ela nem estivesse usando uma.

Lágrimas caíram dos olhos, desceram pelas faces. Becky ouvia a voz profunda murmurando suaves palavras de conforto enquanto as mãos lhe acariciavam os cabelos, o braço prendendo-a contra o peito largo. Agarrou-se às lapelas do sobretudo dele, pensando na estranheza de encontrar compaixão num lugar tão improvável.

Ele era quente e forte, e era tão bom ao menos uma vez deixar que um outro lhe carregasse o fardo, sentir-se desamparada e feminina. Deixou que o corpo relaxasse de encontro ao dele, deixou que ele amparasse seu peso, e uma estranha sensação a invadiu. Era como se seu sangue estivesse em brasa. Algo se desencadeou e se espalhou por seu corpo, e Becky sentiu em si uma contração que nada tinha a ver com os músculos.

Chocada por sentir aquela súbita e indesejada atração por Kilpatrick, ergueu a cabeça e começou a se afastar. Mas os olhos escuros estavam fixos nela e não se desviaram.

Uma descarga elétrica se acendeu entre eles por um longo e delicado segundo. Para Becky era como se tivessem lhe roubado o ar, mas se ele sentia algo similar, não



revelou nada no rosto enigmático. Contudo, ele também estava abalado. O olhar dela era-lhe familiar, mas Kilpatrick sabia que era algo novo para ela. Se alguém desejasse ver a inocência de uma mulher, bastaria olhar para ela. Ela o intrigava, o excitava. Estranho, pois Rebecca era totalmente diferente das mulheres inabaláveis e elegantes que preferia. Era vulnerável e feminina, apesar de forte. Queria soltar aqueles cabelos longos, abrir-lhe a blusa e mostrar a ela a sensação de ser mulher em seus braços. E foi tal pensamento que fez com que ele a afastasse com gentileza e decisão.

— Sente-se bem agora? — perguntou calmamente.

— Sim. Eu... eu sinto muito — ela disse insegura. Sentia as mãos dele afastando-a, e era como ser dilacerada de repente. Queria se agarrar a ele. Talvez fosse a novidade, tentou convencer a si mesma. Afastou os fios de cabelo que escaparam do coque, notando as leves marcas escuras no sobretudo marrom. Deixei marcas no seu casaco.

— Vão secar. Tome. — Kilpatrick entregou-lhe um lenço e a observou secar os olhos. Percebeu-se admirando sua força de vontade, sua coragem. Becky assumira mais responsabilidade que a maioria dos homens aguentaria, e estava suportando tudo com grande sucesso.

Becky finalmente ergueu o rosto, e os olhos vermelhos buscaram seu rosto tolerante.

— Obrigada.

Ele deu de ombros.

— De nada.

Ela conseguiu exibir um sorriso aguçado.

— Não deveríamos colocar o elevador para funcionar novamente?

— Creio que sim. Vão achar que está quebrado e enviar a equipe de manutenção. — Ele ergueu o punho e olhou para o fino relógio dourado enterrado nos pelos espessos da pele intensamente bronzeada. — E tenho que estar no tribunal em uma hora. — Acionou o elevador a subir, agora preocupado.

— Aposto que você é terrível no tribunal — ela murmurou.

— Eu me viro. — Kilpatrick deteve o elevador no sexto andar, os olhos um tanto gentis ao observá-la. — Não fique fazendo cara de preocupação. Isso faz rugas.

— No meu rosto, quem notaria? — Becky suspirou. — Mais uma vez, obrigada. Tenha um bom dia.



— Tentarei. — Kilpatrick apertou o botão para subir. Levava o charuto à boca outra vez quando as portas o engoliram. Becky virou-se e caminhou enlevada pelo corredor. Parecia irreal que Kilpatrick tivesse lhe dito algo gentil. Talvez ainda estivesse dormindo e sonhando com tudo.

E ela não era a única a se sentir assim. Becky ficou na mente de Kilpatrick pelo dia inteiro. Ele foi para o tribunal e teve dificuldades em se concentrar. Só Deus para saber como ela tinha conseguido perturbá-lo assim tão fácil. Tinha 35 anos, mas uma má experiência com uma mulher o encerrara numa cápsula de pulo gelo. As mulheres vinham e iam, mas seu coração permaneceu inexpugnável até aquela pequena solteirona, com seu pálido rosto sardento e tristes olhos esverdeados, começar a travar com ele uma luta verbal no elevador. Kilpatrick, na verdade, ficava ansioso por esses encontros, divertindo-se com as leves provocações, a maneira atrevida de andar, e os olhos que se iluminavam quando ela ria.

Incrível que Becky ainda pudesse rir, dado o fardo que carregava. Ela o fascinava. Lembrava da sensação do corpo dela em seus braços ao chorar, e uma tensão agitou ramificações que tinham banido sentimentos. Ao menos era o que Kilpatrick pensava. A única coisa certa era que ela não seria um tormento. Possuía uma honestidade natural e um profundo senso de compaixão que a impediria de tentar ferir deliberadamente o orgulho de um homem. Ficou carrancudo, lembrando de como Francine atijava desejos febris em seu corpo e depois se retraía e ria, zombando de sua fraqueza.

Os rumores eram de que ela tinha fugido para a América do Sul com um serventuário judicial, renegando o noivado. A verdade era que Kilpatrick a encontrara na cama com uma das amigas. Só então ele compreendeu o prazer que ela sentia em atormentá-lo. Francine chegou a admitir que odiava todos os homens. Por nada no mundo dormiriam juntos, ela dissera. Só estava brincando com ele, divertindo-se com seu sofrimento.

Kilpatrick nunca imaginara que mulheres assim existissem. Felizmente não a amava, ou a experiência teria destruído seu coração. De qualquer forma, isso o deixou indiferente às mulheres. Seu orgulho fora dilacerado com o que Francine lhe fizera. Não suportaria perder o controle daquela maneira novamente, desejar uma mulher a ponto de enlouquecer.

Por outro lado, a jovem srta. Cullen estava lhe causando aborrecimentos! Só percebeu o quanto estava carrancudo quando a testemunha que interrogava começou a



cuspir detalhes que ele nem pedira. O pobre homem pensou que o olhar zangado era dirigido a ele, por isso preferiu não perder a chance. Kilpatrick interrompeu o monólogo e fez as perguntas para as quais queria respostas antes de voltar para seu lugar.

O advogado de defesa, um tal J. Lincoln Davis, ria com vontade por trás de alguns papéis. Era mais velho que Kilpatrick — um homem grande de pele mulata, olhos escuros, e muito perspicaz. Era um dos advogados mais ricos de Curry Station, e indiscutivelmente o melhor das redondezas: o único adversário que vencera Kilpatrick nos últimos anos.

— De que lado da corte você estava?— Davis perguntou baixinho depois que o júri se retirou. — Deus, você colocou o pobre homem contra a parede, e ele era sua própria testemunha!

Kilpatrick sorriu de leve enquanto recolocava seu material dentro da pasta de couro.

— Distraí-me — murmurou.

— É a primeira vez. Devemos fazer uma placa de comemoração ou algo do tipo. Até amanhã.

Kilpatrick assentiu distraído. Era a primeira vez que perdia a concentração num julgamento. E tudo por causa de uma secretária magrela de cabelos castanho-claros. Devia estar é pensando no irmão dela. Ele teve uma longa conversa com seu investigador durante o almoço, e havia fortes rumores de que um assassinato relacionado ao tráfico de drogas estava para acontecer.

Kilpatrick trabalhava num caso envolvendo venda de crack. Ele tinha duas testemunhas, e seu palpite era de que eles pudessem ser os alvos. O investigador dissera ter quase certeza de que Clay Cullen estava envolvido de alguma forma com os traficantes por causa da amizade com os Harris. Se o garoto foi apanhado com crack, seria possível que estivesse começando a vender?

Não ficaria realmente aborrecido em processar o garoto, mas mudou de idéia ao pensar em Rebecca. Como ela reagiria ao saber que o irmão estava na cadeia por causa dele? Precisava parar de pensar assim. Processar criminosos era seu trabalho. Não podia deixar que sentimentos pessoais entrassem no caminho. Só tinha mais alguns meses como promotor. Faria com que valessem à pena.

Voltou para o escritório perdido em pensamentos. Será que os traficantes arriscariam cometer um assassinato para manter seu território intacto? Se comesçassem a matar pessoas em sua comarca, seria seu dever descobrir os culpados e mandá-los para



a cadeia. Ficou carrancudo, esperando que o irmão de Rebecca Cullen não fosse parar novamente em seu gabinete por causa daquela briga por territórios de venda de drogas.

Rebecca se ocupava com seus afazeres no trabalho. Escrevia mecanicamente, redigindo petições na máquina de escrever eletrônica, enquanto Nettie usava o computador para incluir precedentes em outro caso. Nettie era uma assistente, qualificada tanto para coletar dados para os advogados quanto para fazer serviços de escritório. Becky a invejava, mas não poderia arcar com o treinamento necessário para ser assistente de advogado, mesmo que isso lhe significasse um aumento de salário. Estava preocupada com o avô. O silêncio dele durante o café-da-manhã era perturbador. Ligou para a sra. White na hora do almoço, pedindo que a viúva fosse em sua casa para dar uma olhadinha nele. A sra. White sempre aceitava olhar seu avó quando ela precisava. Além disso, era enfermeira aposentada e Becky agradecia aos céus por ter vizinha tão boa.

Se ao menos Clay se endireitasse, ela pensou. Já era bem trabalhoso tentar criar dois garotos sem temer que fossem parar na cadeia. Mack adorava o irmão mais velho. Se Clay continuasse daquele jeito, seria questão de tempo até Mack imitá-lo. Antes que percebesse, já era hora de ir. Fora um dia agitado e estava grata por isso. Dias lentos a deixavam com tempo de sobra para pensar.

Pegou a bolsa e a velha jaqueta cinza e se despediu. O elevador estaria cheio a aquela hora do dia, pensou, as batidas do coração acelerando ao descer o corredor. De qualquer forma, o sr. Kilpatrick estaria ocupado trabalhando no andar de cima. Mas não estava. Ele estava no elevador quando ela entrou, e sorriu. Becky não sabia que ele calculara a hora certa, pois sabia quando ela saía do trabalho e tinha esperanças de encontrá-la.

Era surpreendente, Kilpatrick pensou com cinismo, como estava se comportando de maneira ridícula por causa daquela mulher. Becky sorriu também, sentindo o coração afundar de repente, mas não por causa do movimento de descida do elevador. Kilpatrick também saiu no térreo e foi caminhando ao lado dela como se não tivesse nada melhor para fazer.

— Sente-se melhor? — ele perguntou enquanto abria a porta para que ela saísse para a rua.

— Sim, obrigada — Becky respondeu. Nunca se sentira tão tímida e desarticulada na vida. Fitou Kilpatrick e corou feito uma menininha.



Ele gostou do sinal revelador. Isso lhe animou o espírito.

— Perdi um caso hoje — comentou distraidamente. — Os jurados acharam que eu estava amedrontando a testemunha de propósito e se decidiram a favor da defesa.

— E você estava?

— Amedrontando-o? — A boca larga exibiu um sorriso relutante. — Não. Minha mente estava distante e, por caso, ele estava diante de mim.

Becky conhecia bem aquele olhar dele. Podia imaginar como a testemunha se sentira sobre pressão. Suas mãos apertaram a bolsa.

— Lamento que tenha perdido o caso.

Kilpatrick parou na calçada, sobrepujando Becky com sua altura, e olhou para ela de maneira pensativa. Hesitou, imaginando que tipo de reação em cadeia iniciaria se a convidasse para sair. Estava louco, disse a mesmo, só de considerar uma ideia dessas. Não podia se envolver na vida dela.

— Como seu avô recebeu a notícia? — ele preferiu perguntar. Becky ficou desapontada. Esperara uma pergunta diferente, mas provavelmente não passava de fantasia. Por que Kilpatrick desejaria sair com alguém como ela? Sabia não ser o tipo dele. Além disso, sua família protestaria violentamente — principalmente o avô.

Ela forçou um sorriso.

— Ele procurou aceitar — respondeu. — Nós Cullen somos durões.

— Procure ter certeza do paradeiro do garoto nos próximos dias — Kilpatrick disse de repente. Segurou o braço dela e a puxou para perto da parede, preocupado com os transeuntes. — Recebemos uma informação de que algo vai acontecer na cidade — um assassinato, talvez. Não sabemos quem, quando ou como, mas temos certeza de que relacionado ao tráfico. Duas facções estão brigando pelo domínio da distribuição. Os irmãos Harris estão envolvidos. Se tentarem usar seu irmão de bode expiatório, considerando o problema no qual já está...

Becky estremeceu.

— É como andar na corda bamba. Não me importo de cuidar da minha família, mas nunca esperei nada como drogas e assassinatos. — Ela apoiou o peso do corpo no outro pé, fechando mais o casaco. Ergueu os olhos para Kilpatrick, sentindo-se ligeiramente vulnerável. — Às vezes, é muito difícil — sussurrou.

Kilpatrick conteve o fôlego. Sentia-se ainda mais alto quando ela o olhava assim.

— Alguma vez teve uma vida normal?



Becky sorriu.

— Quando menininha, acho. Não desde que mamãe morreu. Sempre fui eu, vovô e os meninos.

— Nada devida social, suponho.

— Sempre acontece alguma coisa: um resfriado, caxumba, catapora. O coração do vovô. — Becky sorriu docemente. — De qualquer forma, nunca houve exatamente um rebanho à minha porta. — Voltou os olhos para a bolsa. — Não é uma vida ruim. Precisam de mim. Tenho um propósito. Muitas pessoas nem isso têm.

Kilpatrick sentia-se assim quanto ao trabalho — sentia-se necessário e isso o satisfazia. Mas, com exceção do afeto por seu pastor alemão, não sentia qualquer emoção que não fosse raiva e indignação. Não sentia amor. Toda sua experiência profissional era baseada na justiça moral, na proteção das massas, na prisão dos culpados. Um propósito nobre, talvez, mas uma profissão solitária. E até pouco tempo, nunca percebera o quanto.

— Acredito — murmurou distraído. Os olhos estavam nos lábios de Becky Formavam um arco perfeito, rosado, com uma aparência delicada que o fazia arder de vontade de prová-los com sua boca.

Becky ergueu os olhos, confusa com aquele olhar direto.

— São minhas sardas? — falou sem pensar.

Kilpatrick ergueu as grossas sobrancelhas e buscou o olhar dela com um sorriso.

— O quê?

— Você parecia estar pensando em algo — ela murmurou. — Pensei que minhas sardas o incomodassem. — Eu não deveria tê-las, mas meu cabelo é um pouco avermelhado. Minha avó tinha os cabelos incrivelmente ruivos.

— Você puxou seus pais?

— Meu pai é loiro, de olhos esverdeados. Nos parecemos muito. Minha mãe era miúda e morena, nenhum de nós saiu à ela.

— Gosto de sardas — ele disse, pegando-a desprevenida. Kilpatrick olhou o relógio. — Preciso ir para casa. A orquestra sinfônica de Atlanta apresentará Stravinsky esta noite. Não quero perder.

— *O pássaro de fogo?* — Becky perguntou.

Ele sorriu.

— Sim, de fato. A maioria das pessoas odeia.



— Eu amo esse balé. Tenho duas gravações dele — uma de vanguarda e uma tradicional. Eu sempre as escuto com fone de ouvido. Meu avô gosta das antigas gravações de Hank Williams, e meus irmãos preferem hard rock. Não me encaixo em nenhum dos estilos.

— Gosta de ópera?

— *Madame Butterfly*, *Turandot* e *Carmen*. — Becky suspirou. — E adoro ouvir Plácido Domingo e Luciano Pavarotti.

— Vi *Turandot* no Met no ano passado — ele comentou. Os olhos escuros buscaram o rosto dela com satisfação. — Você assiste aos especiais na televisão?

— Quando consigo a televisão só para mim. Só temos uma, e é pequena.

— Fizeram um filme de *Carmen* com Domingo. Eu o tenho.

— E é bom?

— Se você gosta de ópera, é excelente. — Ele vasculhava os olhos dela com lentidão, perguntando-se por que era tão difícil parar de conversar e dizer boa-noite.

Rebecca era bonita em sua maneira tímida, e fazia seu sangue zumbir nas veias. Ela também o fitava, sentindo os joelhos fracos. Isso aconteceu tão rápido, Becky pensou. Mas ao mesmo tempo em que pensava nisso, sua mente estava rejeitando a chance de qualquer tipo de relacionamento com ele. Kilpatrick era o inimigo. Agora, mais do que nunca, não poderia demonstrar fraqueza. Precisava lembrar que Kilpatrick queria pegar seu irmão. Seria desleal com a família se deixasse algo acontecer. Mas o coração lutava contra a lógica. Sentia-se sozinha e solitária, sacrificara a melhor parte de sua juventude pela família. Será que não merecia nada para si mesma?

— Pensamentos profundos? — Kilpatrick perguntou gentilmente, observando as expressões mudando em seu rosto.

— Profundos e sombrios — ela replicou. Os lábios se entreabriram numa respiração inconstante. Ele a olhava da exata maneira como ela imaginava que um homem olharia para a mulher que desejava. Isso a impressionava, excitava, e amedrontava demais.

Kilpatrick logo notou o medo. Sentia o mesmo. Não queria aquele envolvimento mais do que ela, e agora era o momento de terminar com aquilo. Aprumou o corpo.

— Preciso ir. Fique de olho em seu irmão.

— Ficarei. Obrigada por me alertar.

Ele deu de ombros. Puxou um charuto e o acendeu enquanto se afastava, as costas largas tão intransponíveis quanto paredes.



Becky perguntava-se por que ele se dera ao trabalho de parar para conversar. Poderia estar mesmo interessado numa mulher como ela? Deu uma olhadela em si mesma em uma vitrine enquanto seguia para o estacionamento subterrâneo onde seu carro estava. Ah, claro, pensou, vendo o rosto magro e pálido que a mirava no vidro. Ela era exatamente o tipo de mulher que atrairia um homem tão devastadoramente lindo. Revirou os olhos e rumou para o carro, deixando seus devaneios incorrigíveis para trás.

CAPÍTULO QUATRO

Era uma bela manhã de primavera. Kilpatrick olhava pela janela de sua elegante casa de tijolos, numa das ruas mais calmas de Curry Station, sentindo-se um pouco culpado por passar a manhã de sábado em casa e não no escritório. Mas Gus precisava de exercício, e Kilpatrick acabara de se livrar de uma terrível dor de cabeça. Não era de surpreender, já que ficara até tarde da noite lendo petições para os próximos julgamentos. Gus latiu. Kilpatrick abaixou-se para afagar o grande pastor alemão de pelo preto e cinza.

— Está impaciente, não é? Vamos caminhar. Vou me vestir.

Estava de jeans e descalço, o peito recoberto de pelos escuros e tórax à mostra. Tinha tomado uma Coca Diet e comido uma rosquinha velha no café-da-manhã. Às vezes desejava não ter demitido Matilda, sua antiga governanta, por começar a passar informações de seu trabalho à imprensa. Ela era a melhor das cozinheiras e a maior das fofoqueiras que já conhecera. A casa ficava muito silenciosa sem ela, e sua própria comida acabaria por matá-lo um dia.

Vestiu um casaco branco, meias e tênis, e passou um pente pelos espessos cabelos pretos. Olhou para seu reflexo no espelho com uma sobrancelha erguida. Não era nenhum Mister América, pensou, mas o corpo estava em boa forma. Não que isso lhe resultasse em algo bom. Mulheres eram um verdadeiro luxo ultimamente, com seu trabalho consumindo cada hora de seu dia.



Subitamente pensou em Rebecca Cullen, e tentou imaginá-la em sua cama. Ridículo. Em primeiro lugar, ela provavelmente era virgem, e em segundo lugar, a família dela se colocaria entre ela e qualquer pretendente em potencial. E eles tinham todos os motivos para não o desejarem por perto também. Não, ela estava além do seu alcance. Precisava continuar dizendo isso a si mesmo.

Olhou ao redor de sua elegante moradia com um leve sorriso, imaginando como era estranho que o filho ilegítimo de um comerciante socialmente proeminente e uma índia cherokee terminasse com uma casa daquelas. Só alguém audacioso como seu tio, Sanderson Kilpatrick, teria a coragem de fazer Rourke ser aceito pela sociedade e desafiá-la a rejeitá-lo.

Tio Sanderson. Riu apesar de tudo. Ninguém que olhasse para o retrato daquele velho sério e honrado suspeitaria de seu senso de humor insultante ou de seu coração de manteiga. Mas ele ensinara a Rourke tudo o que ele sabia sobre ser querido e amado. A morte dos pais fora muito traumática. Sua infância fora uma espécie de pesadelo — principalmente a escola. Mas seu tio sempre esteve ao seu lado, forçando-o a aceitar e orgulhar-se de sua herança. Ele lhe ensinou muito sobre coragem, determinação e honra. Tio Sanderson era juiz, um exemplo do que havia de melhor na profissão. E fora seu exemplo que levava Rourke à faculdade de Direito, e que depois o lançou à exposição pública como promotor. Vá lá e faça algo de bom, tio Sanderson dissera. Dinheiro não é tudo. Os criminosos estão assumindo o controle. Faça o trabalho que precisa ser feito.

Bem, era o que ele estava fazendo. Não gostava de ser uma figura pública, e a campanha realizada depois de servir um ano no cargo para completar o mandato de seu predecessor fora um inferno. Mas saíra vencedor, para sua surpresa, e gostava de pensar que tinha tirado alguns dos piores criminosos das ruas. Seu motivo constante de irritação era o tráfico de drogas, por isso era muito meticuloso ao preparar uma ação. Não havia brechas nas petições de Kilpatrick.

O tio havia lhe ensinado a importância de uma preparação adequada. Nunca se esquecera disso, para o desespero de vários defensores públicos e advogados de defesa bem-sucedidos. Tio Sanderson deixara Rourke espantado por querer lhe infundir um senso de orgulho de sua origem cherokee. Queria ter certeza de que Rourke nunca tentaria escondê-la ou disfarçá-la. Inserira Rourke na sociedade de Atlanta, fazendo-o perceber que a maioria das pessoas o considerava interessante, não um estorvo. Não que isso lhe importasse alguma coisa. Possuía muito da ousadia do tio para não aceitar



insultos de ninguém. Era bom com os punhos, e chegara a usá-los umas poucas vezes ao longo dos anos.

Ao crescer, começou a compreender muito mais aquele velho orgulho. O avô de Sanderson Kilpatrick viera da Irlanda para a América sem um centavo no bolso, e sua vida fora uma série de desastres e tragédias.

O primeiro americano da família, Tad, abriu a lojinha especializada que viria a se tornar o início da cadeia de lojas de conveniência dos Kilpatrick. Sanderson era um dos dois únicos filhos que haviam sobrevivido. E então Sanderson descobriu que era estéril. Fora um duro golpe em seu orgulho. Mas ao menos o único filho de seu irmão produzira um herdeiro — Rourke.

A cadeia de lojas de conveniência aos poucos chegou à falência. Tio Sanderson conseguira manter dinheiro suficiente para deixar Rourke financeiramente seguro, mas o nome Kilpatrick e o respeito conquistado por gerações constituíam praticamente todo o montante de sua herança. E como Rourke era muito reservado, o segredo da família não se espalhou muito. Levava uma vida confortável e sabia como investir seu dinheiro, mas não era milionário. O Mercedes-Benz de tio Sanderson e a antiga e elegante mansão de tijolos, ambos livres de débitos, eram os únicos remanescentes de um passado mais próspero.

Gus latiu no exato momento em que a campainha soou.

— Certo, tenha calma — disse enquanto voltava para a sala de estar, os pés descalços pisando silenciosamente sobre o luxuoso carpete bege.

Kilpatrick abriu a porta da frente para Dan Berry, que lhe sorria através da tela.

— Oi, chefe — o investigador disse animado, exibindo um sorriso. — Tem um minuto?

— Claro. Vou pegar a correia do Gus, então poderemos caminhar e conversar. — Deu uma olhada no corpanzil do homem. — Um pouco de exercício não vai doer.

Dan fez uma careta.

— Tinha medo de que dissesse isso. Como está a dor de cabeça?

— Melhor. Aspirina e compressas frias acabaram com ela. — Kilpatrick prendeu Gus à correia e abriu a porta. As manhãs de primavera eram frias, e Dan estremeceu. As árvores ainda exibiam galhos secos que estariam cobertos com delicados buquês de flores em um mês.

Kilpatrick caminhava pela calçada, deixando que Gus liderasse o trajeto.



— O que tem para mim? — ele perguntou quando estavam na metade do quarteirão.

— Muita coisa. O gabinete do xerife recebeu esta manhã uma queixa a respeito da escola primária de Curry Station. A mãe de uma das crianças ligou para denunciar. O filho viu um dos traficantes de maconha discutindo com Bubba Harris no intervalo. Tem sido só maconha... até agora.

Kilpatrick parou de pronto, os olhos escuros atentos.

— Os Harris estão tentando entrar com crack na área?

— É o que achamos — Berry replicou. — Não temos nada ainda. Mas verificarei com alguns alunos para ver o que descubro. Também estamos organizando uma revista nos armários com a ajuda da polícia local. Se encontrarmos crack, saberemos quem está envolvido.

— Isso vai causar uma confusão enorme com os pais — ele murmurou.

— Sim, eu sei. Mas vamos dar um jeito. — Deu uma olhada em Kilpatrick quando retomaram a caminhada. — Aquele Clay Cullen foi visto com Son Harris num daqueles clubes suspeitos do centro de Atlanta. Estão sempre juntos.

O rosto de Kilpatrick ficou rígido.

— É o que ouvi dizer.

— Soube que não tinha evidências que bastassem para mandá-lo à corte — disse Berry. — Mas se eu fosse você, ficava de olho naquele garoto. Ele pode nos levar direto aos Harris, se usarmos as cartas certas.

Kilpatrick estava pensando nisso. Seus olhos escuros se estreitaram. Caso se aproximasse de Becky, poderia manter Clay Cullen à vista com facilidade. Era este o motivo, perguntou-se, ou estava racionalizando desculpas para ver Becky? Precisava pensar muito bem no assunto antes de tomar uma decisão.

— Tem uma outra complicação também — Berry continuou, as mãos enfiadas nos bolsos ao olhar para Kilpatrick. — Seu companheiro de briga está se preparando para anunciar.

— Davis? — Kilpatrick perguntou, já que também ouvira os rumores. Davis não lhe revelara nada no tribunal. Era típico daquele grandalhão tirar um coelho da cartola no momento mais inesperado. Kilpatrick sorriu. — Ele vencerá, a menos que eu esteja enganado. Há muitos disputando meu cargo, mas Davis é um verdadeiro tubarão.

— Ele vai querer o seu pescoço.



— Só para fazer notícia — Kilpatrick assegurou. — Ainda não decidi se me candidato a um terceiro mandato. — Alongou os braços e bocejou. — Que ele faça o que quiser. Não dou a mínima.

— Quer terminar bem o dia? — Berry murmurou com um olhar seco. — O último falatório. Estão soltando Harvey Blair na segunda.

— Blair. — Ele franziu a testa. — Sim, lembro. Eu o mandei para a cadeia por roubo armado há seis anos. Que diabos ele está fazendo livre?

— O advogado conseguiu com o governador indulto completo da pena. — Ele ergueu a mão. — Não me culpe. Não escondo sua correspondência. Sua secretária é a culpada. Ela me disse que esqueceu de mencionar o assunto e que você andou ocupado demais para ler a mensagem.

Ele conteve um xingamento.

— Blair. Droga! Se existe um homem que merece menos perdão... Ele é realmente culpado!

— Claro que é. — Berry parou de andar, parecendo desconfortável. — Ele prometeu te matar caso ficasse livre. É melhor ficar com as portas trancadas, só para garantir.

— Não tenho medo de Blair — Kilpatrick respondeu, estreitando os olhos. — Deixe-o tentar, se tiver sorte. Não será o primeiro.

Isso era fato. O promotor fora alvo de assassinos por duas vezes: uma por meio de uma arma de um réu furioso por ter sido considerado culpado graças à habilidade de Kilpatrick; a outra pela faca de um réu enlouquecido, bem no tribunal. Ninguém presente na corte naquele dia se esqueceria do ataque da faca. Kilpatrick esquivara-se do golpe sem qualquer esforço e atirara o atacante contra uma mesa. Ele tinha servido nas Forças Especiais, não era surpresa que fosse forte. Mas Berry pensava, em segredo, que a herança indígena também ajudava. Os índios eram guerreiros formidáveis. Estava no sangue.

Kilpatrick despediu-se de Dan e continuou sua caminhada diária de 1,5 km com Gus. Estava em boa forma física. Exercitava-se na academia semanalmente e jogava basquete. A caminhada era mais para o bem de Gus que o dele próprio. Gus tinha dez anos e um estilo de vida sedentário. Com Kilpatrick ocupado no gabinete seis dias por semana — e, às vezes, quando a agenda estava atribulada no tribunal, os sete dias da semana —, Gus não fazia exercício suficiente no cercado nos fundos do quintal.



Pensou no que Dan lhe contara e fez uma careta. Blair estaria de volta às ruas com a mira apontada atrás dele. Isso não era surpresa. Nem a informação sobre os irmãos Harris. Uma guerra de traficantes era justo o que precisava no momento, com o Cullen no meio de tudo.

Lembrava-se do pai do garoto — um homem mal-humorado e nada prestativo, de olhos frios. Impressionante que fosse pai de uma mulher como Rebecca, de coração bom e olhos doces. Mais impressionante ainda que pudesse abandoná-la assim. Kilpatrick meneou a cabeça. De uma maneira ou de outra, a vida dela só piorava — especialmente com um irmão daqueles. Puxou a correia de Gus e retomou o caminho de casa.

Era meia-noite de segunda-feira, e Clay Cullen ainda não estava em casa. Ele e os irmãos Harris estavam falando de dinheiro, muito dinheiro, e ele se sentia nas nuvens por pensar no quanto iria conseguir.

— É fácil — Son lhe disse despreocupado. — Tudo o que você precisa fazer é dar umas amostras para algumas das crianças mais endinheiradas. Elas vão provar e então pagarão qualquer coisa. Simples.

— Sim, mas como encontro as crianças certas? Como vou saber quais crianças não vão me dedurar para a polícia? — Clay perguntou.

— Você tem um irmãozinho na escola de Curry Station. Pergunte a ele. Podemos dar uma parte para ele — Son disse, sorrindo.

Clay sentiu-se desconfortável com isso, mas não disse nada. Ficava tonto só de pensar em todo aquele dinheiro fácil. Francine começara a prestar atenção nele desde que ficara amigo de seus primos, os Harris. Francine, com seus belos cabelos pretos e provocantes olhos azuis, que poderia escolher qualquer um entre os garotos do último ano. Clay gostava muito dela — o bastante para fazer qualquer coisa para ser notado. Drogas não eram uma coisa assim tão ruim, disse a si mesmo. Afinal, se as pessoas não conseguissem com ele, poderiam consegui-las de qualquer outra pessoa. Se ao menos não se sentisse tão culpado.

— Falo com Mack amanhã — Clay prometeu.

Os olhos miúdos de Son se estreitaram.

— Só uma coisa. Não deixe sua irmã descobrir. Ela trabalha com um bando de advogados, e o promotor está no mesmo prédio.

— Becky não vai descobrir — Clay assegurou.



— Certo. Até amanhã.

Clay saiu do carro. Ficava longe de problemas naquela noite para que Becky não suspeitasse de nada. Precisava deixá-la no escuro. Não seria difícil, refletiu. Ela o amava. Isso a tornava vulnerável.

Na manhã seguinte, enquanto Becky estava no andar de cima se vestindo para o trabalho, Clay encostou Mack na parede.

— Quer conseguir algum dinheiro para gastar? — perguntou ao menino com olhar calculado.

— Como? — Mack perguntou.

— Algum dos seus amigos usa drogas? — Clay perguntou.

Mack hesitou.

— Não.

Clay se perguntava se deveria insistir, mas ouviu os passos de Becky e ficou nervoso.

— Falamos disso depois. Não conte nada para Becky.

Becky entrou e viu Mack carrancudo e quieto. Clay parecia nervoso. Havia colocado seu vestido de jérsei azul e um par de botas de couro preto lustroso. Não possuía muitas roupas, mas ninguém no trabalho mencionava o assunto. Eram pessoas muito gentis, e ela sempre estava limpa e arrumada, mesmo que não tivesse a mesma quantidade de dinheiro para roupas que Maggie e Tess.

Ajeitou o coque e terminou de preparar o almoço de Mack bem a tempo de ele pegar o ônibus, mas franziu ligeiramente a testa quando viu que Clay não o acompanhava.

— Como vai para a escola? — perguntou a Clay.

— Francine vem me buscar — respondeu despreocupadamente. — Ela dirige um Corvette. Belo carro — novinho.

Ela o fitou com um pouco de suspeita.

— Tem ficado longe daqueles irmãos Harris como eu pedi?

— Claro — ele respondeu inocentemente. Muito mais fácil mentir que brigar. Além disso, ela nunca saberia que estava mentindo.

Becky relaxou um pouco, mesmo que ainda não confiasse nele por completo.

— E as sessões de aconselhamento?

Clay a encarou.

— Não preciso de aconselhamento.



— Não me importa se você *acha* que precisa ou não — ela disse com firmeza. — Kilpatrick disse que você precisa ir.

Ele apoiou o peso do corpo no outro pé, parecendo inquieto.

— Certo — respondeu com irritação. — Tenho hora marcada com o psicólogo amanhã. Vou aparecer.

Ela suspirou.

— Bom. Isso é muito bom, Clay.

Ele estreitou os olhos e a encarou.

— Só não fique me dando ordens, Becky. Sou um homem, não um garoto para você dizer o que fazer.

Antes que ela esbravejasse, ele saiu a tempo de ver o Corvette se aproximando. Entrou rápido e o carro acelerou pela estrada.

Poucos dias depois, Becky ligou para o diretor do colégio de Clay para ter certeza de que ele estava indo às aulas. Soube que ele estava com frequência impecável. Continuava indo às sessões de aconselhamento também, embora Becky não soubesse que ele ignorava os conselhos do psicólogo. Já fazia três semanas desde a prisão, e ele aparentemente estava na linha. Graças a Deus. Becky acomodou o avô e foi trabalhar, os pensamentos tomados por Kilpatrick.

Não o encontrara no elevador ultimamente. Imaginava que tinha voltado para o tribunal até vê-lo passar em disparada quando ela saía para o almoço. Era curiosa a maneira dele se mover, Becky pensou melancólica, com graça e leveza nos pés. Amava ver como ele se movia.

Kilpatrick estava alheio ao atento exame ao pegar a Mercedes azul no estacionamento e dirigir-se à oficina do velho Harris, de nome C.T.; que servia de fachada para sua operação de venda de drogas. Todos sabiam disso, mas nunca se encontrara provas.

Aos sessenta anos, Harris era calvo e tinha uma barriga de cerveja. Nunca se barbeava. Possuía marcas escuras sob os olhos e um grande nariz, perpetuamente vermelho. Fitou Kilpatrick quando este, mais jovem e mais alto, saiu do carro parado junto ao meio-fio.

— O grande homem em pessoa — Harris disse com um sorriso aborrecido. — Procurando por alguma coisa, promotor?



— Eu não encontraria — Kilpatrick respondeu. Parou diante de Harris e acendeu um charuto com movimentos lentos e deliberados de seus dedos longos. — Meu investigador andou checando uns rumores que não me agradaram muito. E o que ele descobriu me desagradou ainda mais. Então pensei em vir ver pessoalmente.

— Que tipo de rumores?

— Que você e Morrely estão se preparando para uma briga por território. E que você está agindo entre as crianças da escola primária.

— Quem, eu? Bobagem! Tudo bobagem — Harris disse com zombeteira indignação. — Não vendo drogas para crianças.

— Não, você não precisa. Seus filhos fazem isso por você. — Kilpatrick soprou uma nuvem de fumaça, mirando o rosto do homem de propósito. — Então vim lhe dizer uma coisa. Estou vigiando a escola, e estou vigiando você. Se uma daquelas crianças arranjar uma colherinha de coca, um grama de crack, coloco você e seus filhos atrás das grades. Custe o que custar, não importa o que eu tenha de fazer; pegarei você. Só queria dar o recado pessoalmente.

— Obrigado por me alertar, mas está falando com o cara errado. Não vendo drogas. Aqui só tenho uma oficina. Trabalho com carros. — Harris deu uma espiada atrás de Kilpatrick, na Mercedes. — Belo trabalho. Gosto de carros importados. Posso consertá-lo para você.

— Meu carro não precisa de reparos. Mas me lembrarei de você — Kilpatrick disse em tom zombeteiro.

— Faça isso. Apareça quando quiser.

— Pode contar com isso. — Kilpatrick assentiu de leve com a cabeça e entrou novamente no carro. Harris o fitava com expressão de fúria quando o carro retomou o trânsito.

Mais tarde, Harris puxou seus filhos de lado.

— Kilpatrick está me aborrecendo. Não podemos cometer erros. Esse Cullen é mesmo de confiança?

— Claro que é! — Son respondeu com um sorriso preguiçoso. Era mais alto que o pai, de cabelos escuros e olhos azuis. Não sendo um garoto feio, superava em beleza o irmão caçula, gorducho e de rosto avermelhado.

— Ele pode ser sacrificado caso o promotor chegue perto demais — Harris disse em tom perverso. — Vocês têm algum problema com isso?



— Problema nenhum — Son logo respondeu. — Por isso que o deixamos ser pego com o bolso cheio de crack. Mesmo que não tenha ficado preso, se lembrarão disso. Poderemos usá-lo da próxima vez, se precisarmos.

— Não poderão usar o antecedente contra ele na corte juvenil — o mais novo dos Harris os lembrou.

— Escutem — o homem disse aos filhos. — Se Kilpatrick colocar as mãos naquele garoto novamente, vai indiciá-lo como adulto. Podem apostar. Só precisam ter certeza de que o Cullen está sob controle. Por enquanto — acrescentou pensativamente —, preciso tirar Kilpatrick de cima de mim. Acho que seria vantajoso contratarmos alguém, antes que ele coloque as mãos em nós.

— O Mike lá do Hayloft deve conhecer alguém — Son disse ao pai, estreitando os olhos.

— Ótimo. Pergunte a ele. Pergunte esta noite — acrescentou. — O mandato de Kilpatrick acaba este ano; deve se candidatar. Ele pode nos usar de exemplo para ganhar a eleição.

— Cullen disse que ele não vai concorrer outra vez — Son disse.

O pai o encarou.

— Todos dizem isso. Não caio nessa. E a transação da escola primária?

O filho mais velho sorriu.

— Está na bolsa — Son assegurou. — Estamos colocando Cullen nessa. O irmãozinho estuda lá.

— Mas o menino vai aceitar?

Son ergueu a cabeça.

— Já resolvi o assunto. Vamos deixar que Cullen nos acompanhe numa compra, para que o fornecedor lhe dê uma boa olhada. Depois disso, ele é nosso.

— Bom trabalho — o pai disse, sorrindo. — Vocês dois poderiam jurar que ele é o cabeça do bando, e Kilpatrick acreditaria. Faça isso, então.

— Pode deixar, pai.

Numa tarde, Becky notou Clay falando de maneira enérgica com Mack quando chegava do trabalho. Mack explodiu e saiu pisando duro. Clay fitou a irmã, parecendo inquieto.



Imaginava o que teria acontecido. Provavelmente outra discussão. Os meninos pareciam não estar se dando bem ultimamente. Colocou uma trouxa de roupas na máquina de lavar e preparou o jantar. Enquanto isso, sonhava com o promotor e desejava ser uma mulher bonita, jovial e rica.

— Preciso ir à biblioteca, Becky! — Clay gritou da porta da frente.

— Está aberta tão tarde...? — ela começou a perguntar, mas ouviu uma porta batendo, depois outra, e um carro se afastando.

Ela correu até a janela. *Os irmãos Harris*, pensou, furiosa. Clay tinha dito que não andava mais com eles. O sr. Brady o alertara; ela também.

Mas como poderia manter Clay longe deles sem ter que amarrá-lo? Não podia contar ao avô. Ele tivera um dia ruim e fora se deitar mais cedo. Se ao menos tivesse com quem conversar!

Mack estava fazendo seu dever de matemática na mesa da cozinha sem reclamar, estranhamente silencioso e inquieto.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Becky perguntou, parando ao lado dele.

Ele ergueu os olhos e então os desviou, rápido demais.

— Não. É que o Clay me pediu para fazer uma coisa e eu disse que não. — Mack torcia o lápis. — Becky, se você soubesse que uma coisa está para acontecer, e não contasse a ninguém, isso a tornaria culpada também?

— Que tipo de coisa ruim?

— Oh, não estava pensando em nada realmente — Mack respondeu de maneira evasiva.

Becky hesitou.

— Bem, se você soubesse de alguma coisa errada acontecendo, deveria contar. Não estou dizendo para ser linguarudo, mas coisas perigosas devem ser denunciadas.

— Acho que você tem razão. — Ele voltou ao trabalho, deixando Becky sabendo tanto quanto antes.

Clay foi com os irmãos Harris pegar um carregamento de crack. Nas três últimas semanas, aprendera um bocado sobre como encontrar clientes para os Harris. Conhecia as crianças que levavam bronca em casa, as que estavam com problemas na escola, as que estavam loucas por qualquer coisa ilícita. Já tinha conseguido ajudar em algumas vendas e a quantidade de grana era incrível, mesmo com uma pequena comissão.



Pela primeira vez, tinha dinheiro para gastar e Francine estava encantada por ele. Comprara algumas coisas novas para si, como camisas e jeans de marca. Tinha o cuidado de deixar tudo no armário da escola para que Becky não desconfiasse. Agora queria um carro. Só não sabia como fazer para que Becky não descobrisse. Provavelmente o deixaria com os irmãos Harris. Claro, era uma boa idéia. Ou com Francine.

Mas ainda estava fervendo de raiva de Mack. Pediu que o ajudasse a encontrar clientes na escola, mas Mack ficou furioso e disse que não faria uma coisa daquelas! Ameaçou contar tudo a Becky, mas Clay o desafiou. Sabia de coisas sobre Mack que poderia usar a seu favor — como as revistas masculinas escondidas no guarda-roupa, e o canivete butterfly que arranjava na escola e Becky desconhecia a existência. Mack ficara quieto, mas fora embora zangado, e Clay estava um pouco nervoso. Achava que o irmão não o denunciaria, mas nunca se entende as crianças.

Estava no local de entrega, um restaurantezinho abandonado num lugar isolado, com dois fornecedores num jipe. Os irmãos Harris agiam de maneira estranha, pensou, notando como se olhavam. Deixaram o motor do carro ligado também. Clay começou a se sentir assustado.

— Você leva o dinheiro — Son disse a Clay, dando-lhe um tapinha nas costas. — Não precisa se preocupar. Sempre somos cuidadosos, caso a polícia venha atrás de nós, mas estamos seguros esta noite. Apenas vá até lá e passe o dinheiro.

Clay hesitou. Até agora, não passava de pequenas quantidades de cocaína. Isso o rotularia como comprador e traficante, o que aumentaria a pena em muitos anos se fosse preso. Ficou apavorado por um instante, tentando imaginar como isso afetaria Becky e o avô. Então se controlou e ergueu a sacola contendo o dinheiro. Não seria pego. Os irmãos Harris conheciam o negócio. Tudo ficaria bem. E o fornecedor não iria querer dedurá-lo, já que Clay poderia retribuir o favor.

Quando se aproximou da figura vestida de preto num blazer esporte da moda, parado ao lado de uma Mercedes-Benz classuda, estava praticamente andando com ares de superior de tanta confiança. Não falou nem duas palavras com o fornecedor. Entregou o dinheiro, que foi conferido, e a coca, numa mochila, lhe foi passada. Tinha visto os traficantes testarem a droga nos programas de tevê, mas aparentemente a qualidade era garantida na vida real. Os irmãos Harris não pareciam nem um pouco preocupados.



Clay pegou a droga, acenou com a cabeça para o traficante, então voltou para onde Son e o irmão esperavam, o coração batendo feito um tambor, a respiração saindo com dificuldade. Era uma emoção incrível, superar seu próprio medo e fazer algo perigoso só para variar. Seus olhos, brilhavam ao alcançar o carro.

— Certo. — Son sorriu. Segurou Clay pelos ombros e o sacudiu. — Bom homem! Agora é um de nós.

— Sou? — Clay perguntou, hesitante.

— Claro. É um traficante, como nós. E se você não cooperar, Bubba e eu vamos jurar que você é o cabeça do bando e que você fez toda a transação.

— O fornecedor sabe que não — Clay argumentou.

Son riu.

— Ele não é fornecedor — disse, observando as unhas. — É um dos pulhas do meu pai. Por que acha que não testamos a droga antes de você entregar o dinheiro?

— Mas se ele é um dos homens do seu pai... — Clay tentava compreender o que acontecia.

— Havia uma patrulha do outro lado da rua — Son disse calmamente. — Pegaram você. Só não puderam te prender porque não tinham tempo de chamar reforços e sabiam que você fugiria. Mas têm uma fita, provavelmente um áudio, e tudo o que precisam é de um testemunho para fechar o cerco em você. Você comprou cocaína... muita cocaína. O pulha não vai se importar de cumprir pena, pois é bem pago. Sempre se pode pagar para que ele seja solto mais tarde. Você não teria a mesma sorte, claro.

Clay ficou tenso.

— Pensei que confiassem em mim!

— É só garantia, amigo — Son assegurou. — Queremos que seu irmãozinho espie as coisas na escola primária. Se ele colaborar, você não cumpre pena.

— Mack disse que não. Ele já disse que não! — Clay começava a ficar histérico.

— Então é melhor fazê-lo mudar de idéia, não é? — Son disse, os olhos miúdos se estreitando perigosamente. — Ou vai ficar com problemas por um longo, longo tempo.

E fácil assim, pegaram Clay. Ele não sabia que a dita patrulha eram apenas amigos dos Harris, nada perigoso. Ou que Francine estava sendo persuadida a ser legal com ele para mantê-lo no negócio. Sim, tinham fiscado um pobre peixinho que não sabia o quanto estava perdido. Ainda.



CAPÍTULO CINCO

Becky tentava fazer fotocópias para Maggie, redigir uma petição com urgência para Nettie, a assistente, e esvaziar sua mente ao mesmo tempo. Os últimos dias escavam sendo bem atribulados. Clay estava mais agressivo que nunca — retraído, mal-humorado, e abertamente hostil. Mack andava retraído também, evitando o irmão e se recusando a contar à irmã o motivo. Em pior que um campo armado. O avô a deixava aflita. Becky estava à beira de um ataque de nervos. Veio para o trabalho agitada, querendo entrar no carro e fugir, sem jamais olhar para trás.

— Não pode se apressar, Becky? — Nettie implorou. — Preciso estar no tribunal à uma, e é um trajeto de 45 minutos por causa do trânsito na hora do almoço! Assim nem poderei almoçar!

— Estou correndo, juro que estou — Becky assegurou, franzindo a testa enquanto tentava fazer os dedos trabalharem ainda mais rápido.

— Eu faço minhas próprias cópias — Maggie disse, dando um tapinha no ombro de Becky ao passar. — Apenas acalme-se, querida. Está indo bem.

A simpatia quase trouxe lágrimas aos olhos de Becky. Maggie era um amor. Becky rangeu os dentes e deu tudo de si, terminando a tempo de Nettie correr para o tribunal.

— Obrigada! — Nettie gritou da porta, e sorriu. — Fico devendo um almoço!

Becky apenas assentiu, e parou para tomar fôlego.

— Você está péssima — Maggie observou ao passar por ela, voltando da sala de cópias. — O que houve? Quer conversar?

— Não adiantaria de nada — Becky disse com um sorriso gentil. — Mas agradeço mesmo assim. E obrigada por cuidar disso.

Maggie ergueu as cópias.

— Sem problemas. Não tente fazer muita coisa ao mesmo tempo, viu? — acrescentou em tom sério. — Você é novata aqui, o que a deixa em má situação às vezes. Não tenha medo de dizer não quando não puder cumprir um prazo. Conseguirá viver mais assim.



— Veja quem fala — Becky a repreendeu carinhosamente. — Não é você que sempre se oferece para os projetos de caridade que a firma aceita?

Maggie deu de ombros.

— Então não escuto meu próprio conselho. — Ela conferiu o relógio. — É quase meio-dia. Vá almoçar. Fico com o segundo horário hoje. Você precisa de um descanso — acrescentou, olhando preocupada para a figura magra de Becky no simples vestido acinturado rosa, o cabelo caindo no rosto e nos ombros, a maquiagem já desfeita. — Mas arrume-se antes, querida. Você parece alguma porcaria que um gato arrastou para casa.

— Então pareço uma cobrinha verde? — Becky perguntou, consternada.

Maggie encarou-a.

— Não entendi.

— Bem, *meu* gato só sabe levar cobras para casa. — Olhou para si mesma. — Eu me definiria como um gigantesco cogumelo rosa, talvez. Uma cobrinha verde? Jamais!

— Saia logo daqui — Maggie murmurou.

Becky riu. Maggie era como um tônico. Pena que não pudesse colocá-la num frasco e levá-la para casa à noite. Sua casa era uma provação pior que o trabalho, e reconhecia que estava perdendo as forças.

Desceu até o restaurante da esquina, surpresa por se achar na fila junto com o promotor de justiça do condado, o próprio Kilpatrick.

— Olá, promotor — ela disse, tentando não soar tão abalada como se sentia. Era como explodir dinamite num ambiente fechado, vê-lo naquele terno cinza, que enfatizava os ombros largos e a pele morena.

— Olá para você também — ele respondeu, fitando-a com leve interesse. — Por onde tem se escondido? O elevador está começando a ficar chato.

Becky ergueu as sobrancelhas.

— Não diga! Por que não tenta usar as escadas e usa sua fumaça para tirar os zeladores do esconderijo?

Kilpatrick deu uma risada. Não estava fumando um daqueles charutos detestáveis, mas ela tinha certeza de que ele tinha um escondivo.

— Minha fumaça já os espantou do esconderijo — ele confessou. — Coloquei fogo na cesta de lixo esta manhã. Não ouviu o alarme de incêndio disparar?

Sim, mas Maggie fora verificar e era alarme falso.

— Está brincando — ela disse, sem saber se acreditava nele.



— Não é piada. Eu estava ao telefone e não prestei muita atenção no cinzeiro. Um erro que não acontecerá novamente — ele acrescentou. — Minha secretária conseguiu que o chefe da brigada de incêndio em pessoa me ligasse para um sermão sobre segurança. — Ele franziu a boca e seus olhos brilharam. — Ela não é parente sua, por acaso?

Becky riu.

— Creio que não, mas ela parece muito o meu tipo de secretária.

Kilpatrick meneou a cabeça.

— Mulheres! Um homem nunca está a salvo. — Ele deu uma olhada resignada na longa fila e virou o pulso para conferir o relógio. — Eu tinha duas horas livres, mas minhas anotações precisavam ser digitadas e ainda tive que buscar uma petição antes que tivesse tempo de almoçar. — Meneou a cabeça. — Ter o escritório a quase meia cidade de distância do tribunal não está funcionando muito bem.

— Pense no exercício que está fazendo. Será um benefício extra.

— Seria, caso eu precisasse perder peso. — Kilpatrick observou-lhe o corpo delgado. — Você perdeu um pouco. Como está seu irmão? — perguntou diretamente.

Ela ficava nervosa quando Kilpatrick a olhava daquela maneira. Perguntava-se se ele tinha visão microscópica, porque parecia capaz de ver através de sua pele.

— Ele está bem.

— Espero que esteja longe de drogas — disse em tom inalterado. — Os irmãos Harris estão atolados até o pescoço. Andar com eles só o colocaria em problemas dos quais você não conseguiria livrá-lo.

Ela ergueu os olhos.

— Você o colocaria na cadeia?

— Se ele infringir a lei. Sou um servidor público. Os contribuintes esperam que eu honre o salário que recebo. Já devem ter lhe contado o que penso de vendedores de drogas.

— Meu irmão não é um, sr. Kilpatrick — Becky respondeu com honestidade. — É um bom garoto. Só se meteu com má companhia.

— É o que basta, sabia? As cadeias estão cheias de bons garotos que brincaram de siga o mestre por tempo demais. — Seus olhos se estreitaram. — Lembra que eu falei que algo grande estava para acontecer? Talvez um assassinato? Não se esqueça disso. Mantenha seu irmão em casa à noite.



— Como? — ela perguntou, erguendo as mãos. — Ele é maior do que eu, nem consigo mais conversar com ele. — Levou uma das mãos à testa. — Sr. Kilpatrick, já estou cansada de levar o mundo nas costas — disse à meia-voz.

Kilpatrick segurou-lhe o braço.

— Venha.

Ele a tirou da fila, surpreendendo-a, e foi direto para a porta.

— Meu almoço — ela protestou.

— Esqueça isso. Vamos comer em algum Crystal.

Ela nunca colocara os pés em uma Mercedes-Benz na vida, até aquele momento. Os bancos eram cinza, de couro autêntico, confortáveis e com apoio de cabeça. Até cheiravam como autêntico couro. O painel era revestido de madeira, que provavelmente era autêntica também. O carro possuía brilhante acabamento azul metálico, e Becky conteve o fôlego com a beleza do interior acarpetado.

— Você parece impressionada — ele murmurou ao dar a partida.

— O motor ronrona mesmo, não é? — perguntou, automaticamente ajustando o cinto de segurança. — E os bancos são de couro verdadeiro? É automático?

Ele sorriu de maneira indulgente.

— Sim, sim e sim. O que você dirige?

— Um tanque Sherman reformado — ao menos é o que parece logo cedo num dia frio. — Ela sorriu para Kilpatrick. — Não precisa me levar para almoçar. Vai se atrasar.

— Não, não vou. Tenho tempo. Seu irmão vende drogas, Rebecca?

Ela ficou atônita.

— Não!

Ele lhe deu uma olhada ao reduzir na faixa de conversão.

— Muito bom. Tente mantê-lo longe das drogas. Estou de olho na família Harris. Vou colocá-los atrás das grades antes de deixar o gabinete, custe o que custar. Drogas nas ruas é uma coisa. Drogas na escola primária — não no meu condado.

— Não pode estar falando sério! — ela exclamou — No centro da cidade, talvez, mas não na escola de Curry Station!

— Descobrimos crack — ele disse — no armário de um aluno. Ele tem dez anos e vende drogas. — Ele a fitou, franzindo a testa. — Meu Deus, não pode ser tão ingênua. Não sabe que centenas de crianças são mandadas para a cadeia todos os anos por venderem drogas, ou que uma a cada quatro crianças na Geórgia tem pais viciados?



— Não sabia — ela confessou, encostando a cabeça na janela. — O que aconteceu com as crianças que iam para a escola brincar com sapos, participavam de competições de soletrar e festinhas?

— Geração errada. Esta prefere dissecar sapos e encher a cara de cerveja nas festas. Vão para a escola, claro, mas já no primário aprendem coisas que eu só vim a descobrir quando estava no ginásio. Aprendizagem acelerada, srta. Cullen. Queremos que as crianças se tornem logo adultos para que não tenhamos que nos preocupar com traumas infantis. Estamos produzindo adultos em miniatura, e as crianças que ficam sozinhas em casa estão no topo da lista.

— As mães precisam trabalhar.

— É o que fazem. Mais de cinquenta por cento delas compõe a força de trabalho, enquanto seus filhos são separados entre as novas famílias. — Ele acendeu o charuto sem perguntar se ela se importava. Sabia que a incomodava. — As mulheres nunca terão direitos iguais enquanto os homens não engravidarem.

Ela sorriu.

— Imagino o quanto você sofreria com as dores do parto.

Kilpatrick riu de leve.

— Sem dúvida e, com a minha sorte, seria parto invertido. — Ele meneou a cabeça. — Foi um dia daqueles. Estou indiciando dois menores como adultos esta semana e fiquei mal-humorado. Quero mais pais que cuidem de seus filhos. É o meu tema favorito.

— Você não tem filhos, imagino? — Becky perguntou timidamente.

Kilpatrick entrou em uma das lanchonetes Crystal e estacionou.

— Não. Sou antiquado. Acho que filhos vêm depois do casamento. — Abriu a porta e saiu, ajudando-a a descer do carro antes de trancá-lo. — Quer hambúrguer ou chili?

— Chili — ela respondeu de imediato. — Com molho tabasco para acompanhar.

— Então você é uma daquelas, não é? — ele comentou, os olhos escuros provocando-a.

— Uma daquelas o quê? — ela perguntou.

Ele deixou as mãos deslizarem até segurarem as de Becky, que conteve a respiração de modo audível. Kilpatrick parou diante da porta e olhou para baixo novamente, notando o deleite e o espanto registrados no rosto oval, nos olhos esverdeados com pontinhos dourados. Ela estava tão surpresa quanto ele por sentir que



o contato parecia disparar uma descarga elétrica através de sua mão, em seu corpo, retesando-lhe com inesperado prazer.

— Mãos macias — Kilpatrick comentou, franzindo ligeiramente a testa. — Dedos calejados. O que faz em casa?

— Lavo, cozinho, limpo, cuido do quintal. São mãos muito trabalhadoras.

Kilpatrick as ergueu e as virou em suas mãos quentes, estudando os dedos longos e elegantes de unhas curtas e sem esmalte. Pareciam mãos de quem trabalha muito, mas eram elegantes, apesar de tudo. Num gesto impulsivo, inclinou a cabeça e roçou a boca nos nós dos dedos.

— Sr. Kilpatrick — ela exclamou, corando.

Ele ergueu a cabeça e seus olhos brilharam.

— É apenas meu lado irlandês se exibindo. Meu lado cherokee, claro, teria atirado você sobre um cavalo e partido em disparada pelos campos ao pôr-do-sol.

— Eles tinham cavalos?

— Sim. Conto tudo sobre eles um dia desses. — Quando ele entrelaçou os dedos aos dela e a levou para dentro da lanchonete, Becky sentiu-se caminhar feito uma sonâmbula.

Fizeram o pedido, encontraram uma mesa vazia e sentaram-se. Becky levou uma colher de chili à boca enquanto Kilpatrick comia dois cheesebúrgueres e duas porções de batata frita.

— Deus, estou faminto — ele murmurou. — Não tenho encontrado tempo para comer nos últimos dias. Minha agenda está lotada; tenho trabalhado na maioria das noites e fins de semana. Sustento casos até dormindo.

— Pensei que você tivesse assistentes para fazer isso.

— A quantidade de casos é inacreditável — ele disse — apesar dos acordos e admissões de culpa. Há pessoas na cadeia que não deveriam estar presas, esperando que seus casos sejam agendados para julgamento. Parece não haver o bastante de tribunais, ou juizes, ou cadeias.

— Ou promotores?

Ele sorriu enquanto tomava seu milk-shake de chocolate.

— Ou promotores. — Os olhos escuros deslizaram pelo rosto de Rebecca, erguendo-se novamente para encontrar os dela. O sorriso arrefeceu e o olhar ficou mais íntimo. — Não quero me envolver com você, Rebecca Cullen.



A franqueza dele exigiria dela um pouco de costume. Becky engoliu em seco.

— Não?

— Ainda é virgem, não é?

Ela ficou muito vermelha. Kilpatrick franziu as sobrancelhas.

— E nem precisei adivinhar — disse em tom pesaroso. — Bem, não seduzo virgens. Tio Sanderson queria que eu fosse um cavalheiro, não um pele vermelha, então me ensinou boas maneiras. Tenho escrúpulos, graças à maldita interferência dele.

Becky remexeu-se na cadeira, incerta de Kilpatrick estar falando sério ou apenas provocando-a.

— Não me atiro na cama com homens estranhos — ela declarou.

— Não seria atirada, seria carregada — ele apontou. — E não sou estranho. Posso incendiar meu escritório ocasionalmente, e pisar na cauda do meu cachorro, mas isso não é tão esquisito.

Becky sorriu gentilmente, sentindo ondas de calor no corpo enquanto o fitava, apreciando a força do rosto de malares salientes, o poder e a graça de seu corpo. Era um homem muito sensual. Estava roubando seu coração, e ela nem podia salvar a si mesma.

— Não sou do tipo liberal — da confessou. — Sou muito convencional. Fui criada de forma rigorosa, apesar do meu pai, e na igreja. Suponho que isso lhe soe arcaico...

— Tio Sanderson era diácono na igreja batista — ele interrompeu. — Fui batizado aos dez anos e frequentei a escola dominical até terminar o colegial. Você não é o único espécime arcaico por aí.

— Sim, mas você é homem.

— Espero que sim — ele suspirou. — Do contrário, terei gastado uma fortuna num guarda-roupa que não posso vestir.

Becky riu com genuíno prazer.

— Este é mesmo você? Onde está o homem carrancudo que conheci no elevador?

— Tinha muito motivos para estar carrancudo. Fui transferido de meu confortável gabinete para um verdadeiro cubículo, afastado de minha cafeteria favorita, sobrecarregado de apelações — claro que estava mal-humorado. Então, aparece essa moça irritante que não parava de me insultar.

— Você começou — ela apontou.

— Só me defendi — ele argumentou.

Becky brincava com seu copo de café de isopor.



— Eu também. Aposto que você deve ser muito assustador no tribunal.

— Algumas pessoas acham que sim. — Ele juntou as sobras de seu almoço. — Precisamos ir. Não gosto de sair assim correndo, mas só tenho meia hora para estar de volta no tribunal.

— Desculpe! — Ela se levantou de pronto. — Não percebi que estávamos aqui há tanto tempo.

— Nem eu — ele confessou. Deixou que Becky o precedesse até a lata de lixo, então saíram da lanchonete. Estava esquentando, mas ainda era um dia frio, por isso ela fechou mais a jaqueta.

Os olhos dele se detiveram na roupa. Estava gasta e provavelmente já tinha uns três ou quatro anos. O vestido também não era novo, e os sapatos pretos de salto estavam arranhados. Ficava perturbado por ver que ela tinha tão pouco. Mesmo assim costumava ser alegre — exceto quando o irmão era mencionado. Conhecera mulheres ricas que criticavam tudo e todos, mas Becky não possuía praticamente nada e parecia amar a vida e as pessoas.

— Agora você me parece contente — ele comentou enquanto voltavam para o prédio em que trabalhavam.

— Todos têm problemas — ela replicou calmamente. — Sei lidar bem com os meus na maioria das vezes. Não são piores do que os de ninguém — ela acrescentou com um sorriso. — Aprecio a vida na maior parte do tempo, sr. Kilpatrick.

— Rourke — ele corrigiu. Fitou Becky e sorriu. — É irlandês.

— Não diga! — ela zombou, fingindo-se surpresa.

— Que nome esperava que eu tivesse? George Rocha-em-Pé, ou Henry Rosto-de-Mármore, ou algum nome estrangeiro?

Ela cobriu o rosto com as mãos.

— Oh, minha nossa! — ela gemeu.

— Na verdade, o nome da minha mãe era Irene Tally. O pai dela era irlandês, e a mãe cherokee. Então tenho apenas um quarto de sangue cherokee, não metade. De qualquer forma, tenho um profundo orgulho de minhas origens.

— Mack vive tentando convencer o vovô a dizer que ele tem sangue indígena — ela comentou. — A turma dele está estudando a tribo cherokee este semestre, e ele está doido para aprender a usar aquela zarabatana que utilizavam para caçar. Sabia que era a única tribo do sudeste a caçar com zarabatana?



— Sim, sabia. Sou cherokee — ele apontou.

— Só um quarto, você mesmo disse. E este um quarto poderia não saber disso.

— Pare de discutir.

— *Au contraire*, nunca deixo uma discussão pela metade — ela garantiu em tom presunçoso.

Ele precisou fitá-la por duas vezes.

— Meu Deus. — Assobiou por entre os dentes. — Você é rápida, moça.

— Rápida, mas nunca apressada, senhor — ela respondeu com voz arrastada.

Kilpatrick riu.

— Já tinha imaginado isso. Diga a Mack que os cherokees não usavam curare. Só os índios sul-americanos conheciam esse veneno.

— Direi a ele. — Ela fitou a bolsa sobre o colo. — Ele gostaria de você.

— Você acha? — Kilpatrick queria muito convidá-la para sair, conhecer sua família. Isso lhe seria vantajoso, pois Clay andava com os Harris, e uma aproximação lhe garantiria informações. Mas não queria magoar Becky, o que aconteceria caso se aproveitasse dos sentimentos dela. Melhor deixar as coisas como estavam, por enquanto.

— Aqui estamos.

Becky teve que lutar contra o desapontamento. Afinal, ele a levava para almoçar. Devia estar grata pelas migalhas, não ressentida por Kilpatrick não ter lhe oferecido todo um banquete. Então lhe presenteou com um grande sorriso quando, na verdade, queria chorar.

— Obrigada pelo chili — ela agradeceu quando estavam parados ao lado do carro.

— Foi um prazer. — A mão delgada encontrou o rosto dela, o polegar contornando o lábio inferior com versada deliberação. — Se não estivéssemos em local público, srta. Cullen — ele disse, deixando os olhos escuros se concentrarem nos lábios dela —, tomaria sua boca e a beijaria até seus joelhos fraquejarem.

Becky conteve o fôlego. Aqueles olhos escuros estavam a hipnotizá-la, precisava fazer algo antes que se atirasse aos pés dele e implorasse para que a beijasse.

— Cheesebúrgueres costumam afetá-lo desta maneira? — ela sussurrou, tentando salvar o orgulho.

Kilpatrick saiu perdedor. Explodiu numa gargalhada e baixou a mão.

— Maldita mulher! — resmungou com certo esforço.



Becky estava orgulhosa de si mesma. Conseguira recuperar o equilíbrio sem afetar muito o orgulho dele. Ela o fizera rir. Imaginava se era assim tão fácil quanto parecia.

— Que vergonha! Praguejando contra uma dama em público, sr. Promotor de Justiça — disse de maneira empertigada. Então sorriu. — Muito obrigada pelo almoço, e pelo ombro. Não costumo ficar deprimida com frequência, mas, ultimamente, as coisas têm sido agitadas lá em casa.

— Não precisa me dar explicações — ele respondeu gentilmente. Becky o fazia se sentir protetor. Não era um sentimento ao qual estivesse acostumado.

— É melhor eu entrar — ela disse após um minuto.

— É. — Os olhos dele se fixaram nos dela, e o tempo pareceu parar. Ele vibrava de vontade de puxá-la contra si e beijá-la. Imaginava se ela sentia o mesmo, o que explicaria o porquê de ela ter rebatido, à sua maneira, as palavras dele.

— Bem... nos veremos.

Kilpatrick assentiu. Becky conseguiu colocar os pés para caminhar, mas tinha certeza de não estar tocando o chão enquanto entrava no prédio. Não sabia que um par de olhos curiosos a vira sair e voltar com Kilpatrick.

— Sua irmã está andando com o promotor, Cullen — Son Harris contou a Clay naquela noite. — Almoçou com ele. Não podemos deixar a situação continuar. Ele pode chegar até nós através dela.

— Não seja estúpido — Clay respondeu com nervosismo. — Becky não está interessada em Kilpatrick — sei que não está!

— Ele e o investigador estão chegando muito perto. Talvez seja preciso acabar com ele — Son disse, os olhos miúdos fixos nos olhos espantados de Clay. — Temos um carregamento grande chegando nas próximas semanas. Não podemos ter complicações.

— Não acha que matar o promotor causaria complicações? — Clay riu, porque Son gostava de exagerar.

— Não se outro levar a culpa.

Clay deu de ombros.

— Bem, não contem comigo. Não sei atirar direito.

Son o fitou com firmeza.

— Estávamos pensando em algo menos perigoso. Você sabe, uma armadilha no carro. — Ele sorriu da expressão duvidosa de Clay. — Você é muito bom em ciências, não é, Clay? E fez aquele trabalho sobre explosivos para a feira de ciências no ano



passado. Não seria difícil para um bom investigador conseguir essa informação, sabe? Nada difícil. — Son deu-lhe um tapinha no braço. — Então seja bom garoto, Clay, e se vire com seu irmãozinho. Ou talvez seja preciso explodir o promotor e colocar a culpa em você.

— Mack não vai mudar de ideia — Clay respondeu com hesitação. Son já estava alto. Talvez aquela história não passasse de piada de bêbado. Claro que não fariam algo tão estúpido. Não, assegurou a si mesmo. Era só conversa. Só temiam que Becky pudesse contar alguma coisa a Kilpatrick, só isso. Estavam querendo assustá-lo. Deus, não podiam estar falando sério!

— É melhor Mack mudar de ideia — Son disse numa voz macia que significava problemas. Seus olhos dilatados encontraram os de Clay. — Está escutando, Clay? É melhor ele mudar de ideia, e logo. Queremos montar o negócio na escola primária e vamos conseguir. Então se apresse!

Becky foi para casa flutuando em nuvens, a mente completamente ocupada com Kilpatrick, seus problemas muito longe. Preparava o jantar enquanto o avô assistia ao noticiário, e nem notou a ausência de Mack e Clay.

Mack surgiu pálido na cozinha, mas não disse nada. Murmurou qualquer coisa sobre não estar com fome, sem olhar Becky nos olhos. Ela o seguiu até o quarto, secando as mãos no pano de prato.

— Mack, algum problema?

Ele a fitou e fez menção de falar, mas então olhou para algo atrás dela e imediatamente fechou a boca.

— Problema nenhum. Não é, Mack? — Clay disse, sorrindo. — O que temos para o jantar?

— Vai mesmo ficar para o jantar? — Becky perguntou.

Ele deu de ombros.

— Não tenho nada melhor para fazer — não hoje, de qualquer forma. Pensei em jogar damas com o vovô.

Becky sorriu aliviada.

— Ele ficaria contente.

— Como foi seu dia? — Clay perguntou enquanto voltavam para a cozinha e Becky verificava os pãozinhos assando no forno.

— Oh, muito bom. O sr. Kilpatrick me levou para almoçar.



— Ficando amiguinha do promotor? — Clay perguntou, estreitando os olhos.

— Isso não tem nada a ver com você — ela respondeu decidida. — Ele é um bom homem. Foi só um almoço.

— Kilpatrick, bom? — Clay riu de modo amargo. — Claro que é. Quis colocar o papai na cadeia, agora está atrás de mim. Mas ele é bom.

Becky ficou vermelha.

— Isso não tem nada a ver com você — ela repetiu. — Pelo amor de Deus, eu tenho direito a um pouco de diversão na vida! Eu cozinho, limpo e trabalho para sustentar vocês. Não tenho nem o direito de sair para almoçar com um homem? Tenho 24 anos, Clay. Mal posso dizer que já tive um encontro! Eu...

— Sinto muito — ele disse, e era verdade. — É sério, sinto muito mesmo. Sei o quanto trabalha por nós — acrescentou baixinho. Então virou-se de costas, sentindo-se pequeno e envergonhado. Havia tanta coisa que não podia revelar. Só queria arranjar algum dinheiro extra, disse a si mesmo, para ajudar em casa. Mas não podia mostrar nada do dinheiro para Becky porque sabia que ela iria perguntar onde o tinha conseguido.

Criara uma grande confusão. Son Harris estava com ele nas mãos. Mas Clay não queria ir para a cadeia. Suspirou e olhou para o céu noturno através da janela. Talvez houvesse outra criança que o ajudasse — alguém com menos escrúpulos que seu irmãozinho.

Clay fitou Becky. Ela gostava do promotor. Ele não. Mas pensar que os Harris tinham falado em matá-lo... Deus, que confusão! Clay voltou para a sala de estar enquanto Becky cuidava do jantar. Sempre havia a opção de procurar Kilpatrick e alertá-lo. Mas e se fosse piada? Son fazia piadas doentias. Talvez a conversa de assassinato fosse uma. Afinal, Clay raciocinou, onde Son Harris encontraria um assassino de aluguel? Isso mesmo. Estava se preocupando por nada. Então relaxou, porque sem um assassino, Son não poderia fazer nada. Tudo não passava de uma piada de mau gosto, e ele caíra feito patinho! Que idiota!

— Que tal um jogo de damas depois do jantar, vovô? — de perguntou ao idoso no sofá forçando um sorriso.

Becky serviu logo o jantar e foi para a cama, determinada a não notar o desânimo de Mack, a fingida animação de Clay, e a falta de entusiasmo pela vida do avô. Era hora de ter vida própria, mesmo que isso significasse endurecer seu coração. Não poderia



continuar se sacrificando para sempre. Fechou os olhos e viu o rosto de Rourke Kilpatrick. Nunca antes desejara alguém o suficiente para lutar contra a família. Até agora.

CAPÍTULO SEIS

Kilpatrick as vezes se perguntava por que ainda era dono de Gus. O grande pastor alemão entrou na Mercedes e pulou para fora novamente. Kilpatrick passou cinco minutos tentando colocar o cachorro dentro do carro, e já estava ficando atrasado. Planejava deixar Gus no canil para receber treinamento de obediência. Neste ritmo, teria sorte se conseguisse chegar ao escritório antes do almoço.

— Seu maldito encenqueiro — ele resmungou com o cachorro.

Gus latiu. Estava estranhamente inquieto, como se pressentisse algo. Kilpatrick não via ninguém por perto do carro.

Procurou a charuteira, não a encontrou e, com um suspiro frustrado, saiu do carro para buscá-la. Fechou a porta do carro, deixando Gus lá dentro. Ao alcançar a porta da frente da casa, a bomba explodiu, transformando a lustrosa Mercedes em metal retorcido e couro carbonizado.

Becky notou que algo estava errado pela grande movimentação de pessoas no prédio. Viu policiais indo de um lado para o outro, e o som de sirenes era quase constante.

— Sabe o que está acontecendo? — ela perguntou a Maggie enquanto tentava espiar a rua lá embaixo, afastando as cortinas da janela. Era hora do almoço e todos os advogados estavam fora, assim como as assistentes. Maggie e Becky estavam sozinhas no escritório, já que a outra secretária e a recepcionista tinham saído para almoçar mais cedo. Maggie, curiosa, juntou-se a ela.

— Não. Mas alguma coisa aconteceu, isso eu sei — ela garantiu.



— É o esquadrão anti-bombas. Reconheço o veículo. — Maggie franziu a testa. O que o esquadrão anti-bombas estaria fazendo aqui? — ela se perguntou. O sr. Malcolm entrou apressado no escritório. Estava preocupado e inquieto.

— Já estiveram aqui? — ele perguntou.

— Quem? — Maggie perguntou com sobrancelhas erguidas.

— O esquadrão anti-bombas. Estão revistando todo o prédio. Meu Deus, vocês duas não souberam? Tentaram matar o promotor esta manhã! Colocaram uma bomba no carro dele!

Becky encostou-se na parede, o rosto pálido. Rourke!

— Ele está morto? — perguntou, e segurou a respiração enquanto esperava pela resposta.

— Não — Malcolm replicou, observando-a com curiosidade. — Mas mataram o cachorro. — Ele foi para a própria sala. — Preciso fazer umas ligações. Fique calma, acho que não precisamos nos preocupar quanto ao prédio. Mas é melhor garantir que lamentar depois.

— Sim, claro — Maggie respondeu. Passou o braço fino ao redor de Becky quando o patrão fechou a porta da sala. — Ora, ora — disse com um sorriso gentil e sabido. — Então é assim que as coisas andam.

— Eu não o conheço muito bem — Becky desconversou. — Mas ele foi gentil com o caso do meu irmão, e nós... nos encontramos algumas vezes pelo prédio.

— Sei. — Maggie abraçou-a com carinho e então se afastou. — Ele é indestrutível sabia? — disse sorrindo. — Vá lavar o rosto.

— Sim, claro. — Becky foi para o banheiro atordoada, e ficou lá enquanto o esquadrão anti-bombas vasculhava o escritório. Não encontraram nada. Quando terminaram, já era hora de Becky e Maggie saírem para o almoço. Becky se demorou no escritório, inventando desculpas. No instante em que Maggie sumiu de vista, Becky subiu ao andar seguinte e foi direto ao escritório de Kilpatrick.

Ele estava conversando com alguns homens, mas quando viu seu rosto pálido e os olhos esverdeados esbugalhados, dispensou a todos e, segurando o braço dela sem dizer nada, puxou-a para a privacidade de sua sala e fechou a porta.

Becky não pensou ou parou para considerar as consequências. Foi para os braços de Kilpatrick e agarrou-se nele. Não emitiu um ruído, um soluço ou suspiro. Apenas o abraçava, tremendo, os braços sob o paletó dele, os olhos bem fechados, e inalava o



maravilhoso perfume de sua colônia no silêncio que se irradiava ao redor deles. Kilpatrick, que nunca ficava sem palavras, não sabia o que dizer pela primeira vez há muito tempo. O gesto intempestivo de Becky, o horror nos olhos doces, o comovia. Seus braços se contraíram,

— Estou bem — murmurou.

— Foi o que disseram, mas precisava ver por mim mesma. Só queria saber. — Ela o abraçou ainda mais. — Sinto muito por seu cachorro.

Ele respirou fundo.

— Eu também. Era uma verdadeira peste, mas sentirei muita falta dele. — Kilpatrick cerrou o queixo enquanto baixava a cabeça sobre a dela. Abraçou-a apertado e os lábios pressionaram o pescoço macio. — Por que veio?

— Pensei... que pudesse precisar de alguém — ela sussurrou. — Sei que foi presunção minha, e peço desculpas por aparecer desta maneira...

— Não precisa se desculpar por se preocupar — ele replicou, a voz profunda e lenta. Ergueu a cabeça e examinou os olhos doces e aflitos. — Meu Deus, faz anos que ninguém se preocupa comigo. — Franziu a testa e afastou o longo cabelo do rosto dela — Não sei se gosto disso.

— Porquê?

— Sou solitário por natureza — respondeu simplesmente. — Não quero vínculos.

Ela sorriu com tristeza.

— E eu não posso ter nenhum. Minha família é toda a responsabilidade que posso suportar. Mas lamento por seu cachorro, e estou feliz que não esteja ferido.

— Aqueles malditos charutos que você tanto odeia me salvaram — ele murmurou, encontrando certa graça amargurada naquele pensamento, — Entrei novamente em casa para pegá-los. Aparentemente o mecanismo ligado ao meu carro não era muito bom. Havia uma conexão frouxa no *timer*.

— Oh! Não estava ligado à porta ou ao acelerador?

Ele a fitou carrancudo.

— Não sabe nada sobre explosivos plásticos C-4 e timers eletrônicos, sabe?

— Na verdade, nunca quis explodir ninguém, então me recusei a aprender — ela respondeu.

— Moça inteligente — ele murmurou. Os olhos escuros de repente lhe procuraram a boca. Kilpatrick inclinou-se sem pensar e a beijou, com firmeza. A boca afastou-se da dela



segundos depois, muito antes que ela tivesse tempo de saborear o calor do beijo, e Kilpatrick já estava de volta ao normal. Afastou-a com suas mãos firmes e fortes. — Vá embora. Estou até os joelhos com investigadores e agentes federais.

— Agentes federais!

— Atos terroristas — ele respondeu. — Crime organizado. É jurisdição federal. Um dia eu explico.

— Estou indo. Espero não ter causado constrangimentos — ela disse, um pouco tímida agora que estava recuperada do medo intenso.

— Não mesmo. Minha secretária está acostumada a loiras histéricas aparecendo por aqui para se atirar em meus braços. — Ele riu, a primeira dose de humor que sentia desde a aflição e a angústia daquela manhã. Os olhos ainda estavam tristes, mesmo que sorrisse para Becky. — Foi uma interrupção adorável. Agora vá trabalhar, srta. Cullen. Não sou à prova de bomba, mas alguém lá em cima gosta de mim.

— Estou inclinada a acreditar. — Becky afastou-se com relutância, e parou na entrada. — Tchau.

— Obrigado — ele acrescentou bruscamente, e lhe deu as costas. Fora muito tocante saber que ela se preocupava com ele. Fazia muito tempo que ninguém se importava assim com ele. Na verdade, nenhuma mulher se importara. Era um pensamento deprimente. Ainda refletia isso quando Dan Berry entrou e foi fechando a porta.

— Não foi a irmã daquele Cullen que acabou de sair? — perguntou a Kilpatrick. — Veio ver se ele tinha conseguido?

Kilpatrick ficou tenso.

— Explique — pediu apenas.

— O garoto é um diabo com eletrônicos — Berry contou. — Ganhou a feira de ciências no ano passado com um explosivo de detonação cronometrada. Acho que os irmãos Harris o ajudaram a montá-lo. Temos certeza de que estão envolvidos, mas não temos como provar.

Kilpatrick acendeu um charuto e recostou-se em sua escrivaninha, sentindo-se deprimido e frustrado. Seria por isso que Becky viera correndo? Será que Clay contara a ela? Será que ela sabia de algo? Um pouco do prazer pela aparição dela desapareceu, e agora teria que se perguntar se ela estava envolvida. Ergueu os olhos para Berry.

— O que descobriu?



— Era um *timer* rudimentar. Nada profissional, isso é fato. Se alguém profissional estivesse atrás de você, estaria mono. A coisa toda foi mal preparada. Não devia nem ter detonado.

Kilpatrick soprou uma nuvem de fumaça, os olhos escuros se estreitando pensativamente, seu corpo elegante apoiado na beirada da escrivaninha enquanto pensava.

— Trabalhe com a polícia e veja se os detetives conseguem rastrear algum material do explosivo. Quero ficar de olho no Cullen.

— Uma escuta?

Kilpatrick xingou.

— Não podemos pedir isso. Droga, não temos nada além de suspeitas. Sem nenhuma evidência que as sustente, não podemos conseguir nem escuta, nem vigilância, nem nada. Nem para o Cullen, nem para os Hartis.

— Então, o que faremos?

— Deixe os federais cuidando disso — Kilpatrick respondeu com relutância.

— Com a quantidade de casos que têm? Claro. Têm todo o tempo do mundo para seguir dois traficantes amadores ao redor de Atlanta.

Kilpatrick encarou-o.

— Pensarei em algo.

Berry deu de ombros.

— É uma pena que não goste da srta. Cullen nem um pouquinho. Seria uma informante de primeira — especialmente se gostasse de você. — Lançou um olhar sabido ao chefe. — É só uma ideia.

— Vá trabalhar — Kilpatrick retrucou, sem encarar o investigador. Andava pensando a mesma coisa a respeito de Becky, mas seria ardiloso e desonesto. Levava sua vida segundo um rígido código de honra. Agir assim seria ir contra tal código. Será que os fins justificavam os meios? Teria o direito de conseguir de Becky informações que colocariam seu próprio irmão na cadeia? Virou-se para a escrivaninha com uma exclamação de puro desgosto.

Becky, felizmente ignorante quanto à conversa entre Kilpatrick e seu investigador, foi para casa naquela noite em estado de pânico. Sentia-se aflita agora. Se alguém tentara matar Kilpatrick, não tentaria novamente?

O avô e os garotos notaram seu melancólico retraimento durante o jantar.



— O que foi? — Clay perguntou.

— Alguém tentou explodir o sr. Kilpatrick esta manhã — ela respondeu sem pensar.

Clay ficou muito pálido. Levantou-se com a desculpa de que estava com dor de estômago, e deixou a mesa. Mack apenas ficou sentado, olhos arregalados.

— Compreendo que seus inimigos queiram vê-lo fora do caminho — disse o avô —, mas é uma maneira muito covarde de se matar um homem. E ainda explodir seu bichinho — é muita covardia.

— É — Becky murmurou. Olhou para a sala de estar, onde Clay estava. — Clay parece mal. Será que está tudo bem? — perguntou lentamente.

— Claro que está — Mack respondeu apressado. — Vou dar uma olhada nele para você, certo?

— Mack, você não comeu seu espinafre...

— Mais tarde — ele gritou.

— Covarde! — ela gritou em resposta.

O avô trocou um olhar significativo com Becky.

— Queria manter Clay longe dos irmãos Harris — disse em tom lamurioso.

— Eu também, mas como? Amarrando-o no alpendre? — Ela baixou o guardanapo e apoiou o rosto nas mãos.

— Não está ficando muito branda com Kilpatrick? — O avô perguntou de repente, os olhos mordazes. — Você parece muito triste com o que aconteceu hoje.

Becky ergueu a cabeça. Era a gota d'água.

— Tenho o direito de gostar de quem eu quiser. Se eu gosto do sr. Kilpatrick, isso diz respeito a mim e a mais ninguém.

O avô clareou a garganta e desviou o olhar.

— Pode me servir mais milho? Está delicioso.

Becky começou a se sentir culpada com o que dissera. Mas estava ficando muito difícil fazer todos os sacrifícios que fazia sem que ninguém os reconhecesse. Estava fervendo por dentro feito um tonel de uvas fermentando. Sentia-se leviana e enfurecida e, pela primeira vez, não importava se sua atitude aborrecia a alguém.



CAPÍTULO SETE

Clay ainda estava na cama na manhã seguinte quando Becky enfiou a cabeça no quarto dos meninos para lembrá-lo de levantar. Mack já estava à mesa, comendo panquecas na mesma velocidade com que Becky as fazia, mas Clay resmungou qualquer coisa sobre sua dor de estômago e disse que não se levantaria.

— Quer que eu o leve ao médico? — ela perguntou, franzindo a testa.

— Não. Vou ficar bem. O vovô está aqui — lembrou a ela.

Becky suspirou. Grande coisa, já que o avô mal conseguia ir da cama à sala sozinho. Mas ela não discutiu. Clay estava quieto desde que contara do incidente com Kilpatrick. Não entendia o motivo, a não ser que ele tivesse desejado coisas ruins ao promotor.

— Bem, cuide-se — ela respondeu, e fechou a porta. Voltou para a cozinha, desejando entender melhor os adolescentes.

— Você está bonita — Mack disse inesperadamente.

Becky ergueu as sobrancelhas. Estava vestindo uma velha saia xadrez vermelha, com blusa branca e um suéter preto, os cabelos longos presos num firme coque.

— Eu? — ela perguntou.

Mack sorriu.

— Você.

Ela se inclinou e o beijou na bochecha.

— Você será um conquistador de garotas em mais quatro anos — ela lhe assegurou.

— Conquistador de monstros — ele corrigiu. — Odeio garotas.

Ela franziu os lábios.

— Eu o lembrarei disso daqui a quatro anos. Lá está o ônibus — ela disse, apontando para a janela com a cabeça. — Vá logo.

— E Clay? — Ele hesitou à porta dos fundos, os olhos preocupados. — Ele está bem?

— Está com dor de estômago. Vai ficar bem.



Mack hesitou novamente, então deu de ombros e se foi.

Becky não pensou muito no assunto naquela manhã, mas ficou atormentada durante o dia inteiro no trabalho.

— Problemas? — Maggie perguntou com gentileza enquanto ambas se preparavam para sair para o almoço.

— Sempre. Ultimamente, é o que parece — Becky disse com um suspiro. — Meu irmão está em casa com dor de estômago. Dezesete anos, e já arranhou problemas com a polícia. Não sei o que estou fazendo de errado. Ele é tão difícil!

— Todos os garotos são difíceis, em níveis diferentes — a amiga assegurou. — Eu mesma criei dois, mas acho que eram crianças para os padrões da Ivy League — ela acrescentou com um sorriso caloroso. — Você sabe: clube de xadrez, banda, clube de teatro — esse tipo de criança. Graças a Deus nunca tiveram surtos desenfreados.

— Tem mesmo que agradecer. Meu irmão Mack é assim. Mas Clay apronta por ele, lamento dizer.

— Foi um dia calmo hoje — Maggie observou. — É bom não ter esquadrões anti-bombas andando pelo prédio inteiro.

Becky concordou, olhando para a sacola marrom que trouxera de casa. Continha um bolo de limão que ela fizera para Kilpatrick. Ficara agitada a manhã inteira, imaginando como conseguiria coragem suficiente de subir e entregá-lo. Pensou que ele precisava de um pouco de mimo depois do perturbado dia de ontem, e por ter perdido o cachorro.

— Melhor você ir primeiro — Maggie disse distraída. — É dez para meio-dia, mas vou sair um pouquinho mais tarde hoje porque vou me encontrar com uma das irmãs do meu ex-marido para almoçar. É inacreditável o quanto me dou bem com a família dele depois de todo esse tempo. — Ela meneou a cabeça. — Pena que não consegui me dar bem com ele.

— Estarei de volta à uma — Becky prometeu, grata por poder sair mais cedo. Talvez pudesse entregar o bolo à secretária de Kilpatrick sem dizer quem mandara.

— Está bem — Maggie respondeu. Tinha notado a sacola marrom, mas não disse nada. Apenas sorriu quando Becky deixou o escritório.

Becky tinha certeza de que estava no pior de sua aparência. Prendeu duas mechas de cabelo novamente do coque, que estava caindo porque seus dedos não conseguiram arrumá-lo direito pela manhã. A saia estava torta e a meia calça estava desfiada em uma das pernas. Parou diante da porta do escritório de Kilpatrick, mas quase deu as costas e



saiu correndo. Então percebeu que sua aparência seria a última das preocupações dele, por isso abriu a porta e entrou.

A secretária, sentada à escrivaninha, ergueu os olhos e sorriu.

— Oi. Posso ajudar?

— Sim — Becky disse, aproveitando a oportunidade de evitar uma confrontação. O coração estava batendo disparado, e sua coragem tinha sumido. Colocou a sacola sobre a escrivaninha. — É bolo de limão — ela revelou. — Para ele.

Havia um investigador, um auxiliar e três assistentes de promotoria no escritório, todos homens, mas a secretária sabia a quem Becky se referia.

— Ele vai gostar — a secretária disse. — Ele gosta de bolo. Foi gentileza sua.

— Fiquei sentida pelo cachorro — Becky murmurou. — Eu já tive um cachorro. O carteiro o atropelou no ano passado. É melhor eu ir.

— Ele vai querer agradecer...

— Não precisa. Não precisa mesmo — Becky disse, sorrindo enquanto dava alguns passos de costas em direção à porta. — Tenha um bom... oops!

Suas costas colidiram com um corpo alto e forte. Mãos grandes e delgadas, bem morenas, seguraram-lhe os braços, e uma voz profunda riu às suas costas.

— O que fez agora? — Kilpatrick perguntou. — Roubou um banco? Assaltou uma mercearia? Veio fazer algum acordo?

— Sim, senhor. — A secretária sorriu para ele. — Ela lhe trouxe um suborno. Bolo de limão. — Ela se inclinou para a frente. — O cheiro é delicioso. Resolveria o assunto sem levá-la a julgamento, se fosse você.

— Boa ideia, sra. Delancy — ele respondeu. — Virá comigo por medida de proteção, srta. Cullen. Discutiremos os termos no restaurante mais próximo.

— Mas...

Não adiantava protestar. Kilpatrick já a conduzia em direção à porta.

— Estarei de volta à uma — Kilpatrick disse à sra. Delancy.

— Sim, senhor.

Kilpatrick estava usando blazer esporte creme e marrom com calça marrom, e parecia duas vezes mais alto do que de costume enquanto a conduzia ao elevador, o eterno charuto na mão.



— Gentileza sua me fazer um bolo. É um presente, ou só está me achando desnutrido? — ele perguntou com um leve sorriso enquanto pressionava o botão de descer com seu punho.

— Achei que gostasse de doces — Becky respondeu. Ainda estava tensa, mas estar com ele era como andar nos brinquedos mais frenéticos de um parque de diversões. Era como se transbordasse de felicidade. Ergueu o rosto para ele, os grandes olhos esverdeados radiantes. — Mas deve ser melhor cozinheiro do que eu.

— Por que moro sozinho? — Ele meneou a cabeça. — Não sei nem ferver água. Compro coisas na delicatessen e esquento. Um dia terei que ceder e contratar outra governanta, antes que eu acabe me envenenando.

Becky estudava-o de maneira velada enquanto esperavam pela lenta subida do elevador. Ele parecia bem. Era impressionante que saísse de uma tentativa de assassinato tão calmo e controlado.

— Você foi das Forças Armadas? — ela perguntou distraidamente.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Corpo de Fuzileiros Navais. Parece?

Ela sorriu.

— Você não se abate tão fácil.

Kilpatrick levou o charuto à boca e a fitou.

— Nem você, geralmente. Vivendo com dois irmãos, você provavelmente teve treinamento avançado de combate.

— Vivendo com meus irmãos, pode-se dizer que sim — da concordou. — Especialmente com Clay.

Kilpatrick precisou morder a língua para não fazer perguntas. Voltou os olhos para o elevador que chegava. Guiou Becky para dentro, abrindo espaço para os dois, pois estava lotado de pessoas saindo para o almoço.

Becky ficou espremida lá trás. Sentiu o braço delgado serpentear ao redor dela com deliciosa sutileza, puxando-a de maneira que apoiasse as costas contra o peito largo e forte. Podia senti-lo respirando, o cheiro da fumaça do charuto e a colônia que usava. Seus joelhos fraquejaram, por isso foi bom o elevador ter descido direto sem parar. Foi quase um alívio sair no térreo.

— O restaurante lhe parece bom hoje? — ele perguntou. — Ou podemos ir à cidade.



— Mas, seu carro! — ela exclamou e parou, o rosto pálido ao lembrar o quanto ele chegou perto da morte.

Kilpatrick parou também e ergueu uma sobrancelha, examinando-lhe os olhos arregalados.

— Meu carro foi completamente perdido, mas o pagamento do seguro estava em dia, graças a Deus! Será repostado. Por enquanto, estou usando um compacto. Não é um carro impressionante como o meu era, mas é confortável e funcional.

Becky baixou o olhar à altura do peito dele e engoliu em seco.

— Fico contente que fume charutos, Rourke.

A mão dele acariciou a manga da velha blusa branca.

— Eu também — disse um tanto hesitante. Os dedos se fecharam de repente, segurando o braço dela num toque cálido e bruto. Aproximou-se tanto dela no corredor que levava ao restaurante que Becky pôde sentir o calor e o poder do corpo dele da cabeça aos pés. — Diga meu nome! — ele pediu com voz rouca.

— Rourke. — Foi um murmúrio entrecortado. Becky ergueu o rosto, e então o mundo pareceu se resumir à escuridão dos olhos naquele rosto que parecia de aço afiado. — Rourke. — Ela repetiu, ansiosa.

O olhar dele buscou seus lábios, o queixo se contraiu. A mão apertou seu braço até que Kilpatrick se virasse de repente e a arrastasse com ele para a fila que se formava à porta do restaurante.

— Nem imagina que escapou de ser atacada no saguão de entrada.

Ela arregalou os olhos. Não sabia se tinha escutado direito.

— Não entendeu, não é? — ele refletiu, levando o charuto aos lábios. — Você tem os olhos mais sexies que já vi. Olhos convidativos. Cílios longos com pontas douradas, e uma maneira de olhar que me faz querer... — Kilpatrick meneou a cabeça. — Esqueça. — Olhou por cima da cabeça dela. — Parece que temos peixe, fígado e frango frito — ele murmurou para mudar de assunto. Seu corpo estava enrijecendo de uma maneira que o deixava desconfortável.

— Odeio fígado — Becky murmurou.

— Eu também.

Becky fez cara feia quando o charuto lançou espirais de fumaça no ar.

— Sabia que há um decreto municipal contra o fumo aqui dentro? — perguntou a ele.



— Claro. Sou advogado — Kilpatrick lembrou a ela. — Ensinam coisas assim na faculdade.

— Você não é apenas advogado, é o promotor de justiça do condado — ela replicou.

— Estou servindo de exemplo — ele explicou. — Se houver pessoas que não sabem o que é fumar, quando me virem, descobrirão. — Ele prendeu o charuto entre os dentes e sorriu.

Becky riu e meneou a cabeça.

— Você é simplesmente impossível!

Mas quando alcançaram a entrada do restaurante, Kilpatrick apagou o charuto. E apesar dos protestos dela, pagou o almoço. Becky sentiu-se culpada, porque não teria pegado a sobremesa e a salada se soubesse que ele pagaria.

— Por favor, não deveria... — ela protestou quando se sentaram numa mesa para dois perto da janela.

— Quieta. Vamos, dê-me sua bandeja. — Ele juntou a bandeja à dele e as entregou a uma garçonete que passava, exibindo um sorriso. — Agora coma — disse enquanto pegava o próprio garfo. — Não tenho tempo para discutir com você.

— Na verdade, detesto discutir — Becky murmurou entre uma garfada e outra de peixe.

Kilpatrick deteve-se a meio caminho de provar a salada.

— Você?

— Já faço bastante disso em casa — ela explicou com um sorriso melancólico.

— Há meios legais de forçar seu pai a assumir suas responsabilidades — ele afirmou.

— Papai é a última coisa que preciso no momento — ela respondeu com um suspiro. — Não imagina como era, vê-lo aparecer e exigir que o ajudássemos a sair de uma dificuldade. Passei toda a vida fazendo isso, até dois anos atrás. É como viver em outro mundo desde que ele foi para o Alabama. Só espero que fique por lá — disse, estremecendo. — Já tenho mais do que posso suportar.

— Não deveria suportar isso — Kilpatrick disse sucintamente. Baixou o garfo. — Veja, existem agências sociais...

Becky tocou a mão que ele estendera por cima da mesa.

— Obrigada — disse, e foi sincera. — Mas meu avô é muito orgulhoso para aceitar qualquer tipo de ajuda. Meus irmãos fugiriam e viveriam nas ruas se tivessem que morar



com outra pessoa. A fazenda é tudo que temos, então preciso mantê-la da melhor maneira que puder. Sei que só quer ajudar, mas só há uma maneira de conduzir as coisas, e é o que estou fazendo.

— Em outras palavras — ele disse abertamente —, você está aprisionada.

Becky ficou branca. Desviou os olhos, mas a mão dele agarrou a dela num aperto forte e cálido.

— Não gosta da palavra, não é? — ele perguntou, os olhos se estreitando ao compelir que Becky o encarasse. — Mas é a verdade. Você é tão prisioneira quanto qualquer criminoso que eu mando para a cadeia.

— Prisioneira do meu próprio orgulho e do meu senso de dever, honra e lealdade — Becky concordou. — Meu avô me ensinou que estas palavras são o fundamento de qualquer educação decente.

— Ele tem razão. Não posso pôr defeitos nos ensinamentos dele. Mas a culpa não é um bom substituto.

Becky remexeu-se na cadeira, sentindo-se desconfortável.

— Também não fujo da culpa.

— Não? — Ele brincava com a mão dela, deslizando os dedos compridos e fortes entre os dela com uma intimidade que a fazia estremecer. Os olhos estavam fixos nos dela. — Alguma vez já teve um caso?

— Mesmo que eu acreditasse nesse tipo de coisa, não tenho tempo — ela comentou, perturbada.

— Você é atraente. Poderia ter marido e família se quisesse.

— Não.

O polegar lhe acariciava a palma da mão úmida de maneira sensual.

— Não, o quê? — ele perguntou, a voz profunda, vagarosa e excitante. Os olhos foram atraídos para os lábios dela e ali permaneceram até Becky sentir que estava se afogando. — Nunca teve um namorado, Becky? — ele murmurou.

— Não.

Kilpatrick ergueu os olhos, vendo a febril reação que despertara, a mistura de medo e excitação no rosto de Becky. Sentiu a mão dela tremer ao seu toque. Seu próprio corpo se contraía com uma urgência súbita e feroz. Ela era esbelta, mas os seios eram firmes e empinados. A cintura era pequena, estreitando-se acima dos quadris largos e das pernas longas. Podia imaginar o quanto era extraordinária por baixo das roupas, e sua



imaginação ficou desenfreada enquanto observava o leve movimento de subida e descida no peito dela.

— Rourke — ela murmurou, corando.

Ele se obrigou a erguer o olhar.

— O quê?

Ela puxou a mão, e Kilpatrick a soltou com óbvia relutância. Becky pegou outra porção de peixe com o garfo, e quase a deixou cair enquanto o levava à boca. Kilpatrick a observava com satisfação. Sim, ela era vulnerável a ele. Becky era atraente e inocente, ganhar a confiança dela seria tão fácil quanto atirar numa fileira de patinhos no tiro ao alvo.

Parte dele não gostava da ideia de usá-la para chegar ao irmão e, através dele, aos irmãos Harris. Mas outra parte estava excitada e faminta por ela, e esta parte o convenceu de que estava ajudando a libertá-la de um sufocante estilo de vida. Afinal, era muito fácil racionalizar suas intenções, convencer-se da nobreza de sua intervenção. Simplesmente se recusava a considerar outras suposições.

— Poderíamos repetir amanhã — ele disse, reclinando-se na cadeira para observá-la. — Não gosto de comer sozinho.

Becky quase vibrava de animação. Imagine só, um homem bonito como Kilpatrick prestando atenção nela, querendo sua companhia! Não questionou seus motivos ou intenções. Estava vidrada demais em Kilpatrick para pensar nisso. Já bastava que estivesse interessado nela.

— Gostaria de almoçar com você — ela gaguejou. — Você tem certeza? — ela acrescentou, hesitante.

Kilpatrick deixou o olhar vagar pelo rosto oval, descer até a boca macia.

— Por que não teria? — Ele franziu a testa. — Você parece ter na cabeça que nenhum homem normal a consideraria atraente.

— Bem, não sou muito atraente — ela respondeu com um leve sorriso.

— Você tem cabelos e olhos bonitos. Sua aparência é encantadora, e gosto do seu senso de humor. Gosto de estar com você. — Ele sorriu maliciosamente. — Além disso, sou louco por bolo de limão.

— Oh, entendi — ela disse, ansiosa para tornar a atmosfera mais leve. — Você quer continuar recebendo presentes.

Ele assentiu.



— Acertou em cheio. Não posso ser comprado com dinheiro, mas comida é outro assunto. Um homem faminto e uma boa cozinheira são uma combinação que qualquer júri notaria.

— Mesmo que eu o envenenasse acidentalmente? — ela perguntou, olhos arregalados.

—Claro.

— Vou me livrar da cicuta ainda esta noite — ela disse, levando a mão ao coração.
— Eu só a guardei para oferecer aos vendedores de aspirador de pó.

— Boa menina. Coma sua sobremesa.

Ela comeu, mas nem percebeu o que colocava na boca. Estava muito ocupada admirando Kilpatrick para notar.

Pelo resto do dia, circulou pelo escritório com a mente praticamente ausente. Maggie notou e a provocou, mas Becky nem se importou. Um homem que a notasse era algo tão inusitado que mal podia acreditar que estivesse mesmo acontecendo.

Assim que chegou em casa, teve o cuidado de não mencionar Kilpatrick. Não adiantaria criar confusão, já que sabia o que a família sentia a respeito dele. Clay odiaria a história, assim como o avô. Seu único aliado poderia ser Mack, mas ele não bastaria.

Alimentou as galinhas e recolheu os ovos sem prestar muita atenção no que fazia. Com as pernas longas e bronzeadas num jeans cortado e os seios enfatizados pela regata verde, o longo cabelo cobrindo o rosto, Becky era a figura da garota do campo. As pernas eram seu ponto forte, longas, elegantes e bronzeadas pelas horas de trabalho ao sol. Mas seus pensamentos não estavam nem um pouco concentrados em sua aparência. Pensava em Kilpatrick e se permitia sonhar pela primeira vez na vida.

O ruído alto de um motor a assustou, e Becky viu Clay descer de um caro carro esportivo, rindo ao acenar para quem estava ao volante. *Não são os irmãos Harris*, ela pensou, observando. *É uma garota*. Parecia que o estômago dele tinha melhorado bem rápido! Ela o fitou com verdadeira fúria.

Clay caminhava em direção à casa quando viu Becky. Hesitou, então se aproximou dela. Estava vestindo jeans e camisa de marca. Becky prendeu o fôlego.

— Dor de estômago, hein? — ela perguntou mordaz. — E onde foi que arranjou estas roupas?

— Minhas roupas? — ele murmurou. Estava com a cabeça em Francine e no sentimento que ardia entre eles. Estavam ficando bem próximos agora que tinha roupas



bonitas e um pouco de dinheiro no bolso, mas estragara tudo deixando que Becky visse as roupas. Agora ela faria um estardalhaço por causa delas. Sem mencionar o problema maior que era ter faltado a escola novamente.

— Roupas de marca — ela esbravejou. — Oh, Clay!

— Consegui com meu dinheiro — ele disse, raciocinando rápido. — Arranjei um emprego de meio-expediente, à noite, numa loja de conveniência em Atlanta — ele acrescentou. — É onde tenho ido. Queria fazer uma surpresa para você.

Becky o observava com óbvia descrença. Clay não gostava de trabalhar. Nem conseguia fazer com que ele limpasse o próprio quarto, por isso a revelação era muito mais do que surpreendente.

— Verdade? Exatamente onde você está trabalhando?

Clay não conseguiu pensar numa resposta rápida. Pensou que Mack tinha contado tudo, mas percebeu que não, caso contrário Becky estaria fazendo mais do que apenas perguntar. Estava nervoso por causa disso porque tinha pressionado um bocado o irmão. Mas Mack não mudou de idéia, então Clay sozinho encontrou outro contato na escola primária. Agora os Harris tinham um negócio grande por lá. Clay não se permitira sentir um pinga de culpa. Afinal, as crianças conseguiriam crack de qualquer jeito, então era melhor conseguir com ele do que com outro. E ele não estava realmente traficando. Só entregava a droga para os vendedores. Esta era sua única função. Não iria realmente se meter em problemas.

— Que importância tem isso? — ele perguntou com hostilidade. — Agora que posso ter roupas boas, arranjei uma garota.

Becky ficou tensa.

— Escute, idiota — ela disse, erguendo a cabeça —, uma garota que olha para o valor de suas roupas antes de olhar para o que está dentro delas não é nada boa.

— Besteira! — Clay retrucou, estreitando os olhos, o rosto vermelho. — Garotas reparam nesse tipo de coisa! Francine antes nem falava comigo, agora me pede para levá-la para sair!

— A mocinha do carro esporte?

— Sim, se isso for da sua conta — ele respondeu em tom mordaz.

— Se?! Quem te tirou da cadeia? — Becky perguntou, encarando-o furiosa. — Enquanto viver aqui, tudo o que faz é da minha conta. E quero saber mais a respeito desse seu emprego.



— Droga, já chega! Vou juntar minhas coisas e sair daqui!

— Ótimo! — Ela virou o conteúdo da bacia no chão. — Vá em frente. Direi a Kilpatrick que você desistiu de continuar sob minha custódia e que ele pode muito bem te mandar de volta para a cadeia!

Clay respirou fundo. Aquela não parecia a Becky doce e complacente. Os olhos dela quase saltavam das órbitas.

— Estou cansada de você — da continuou, quase tremendo de tanta raiva reprimida. — Ofereci a você, Mack e vovô toda minha atenção, todo o meu tempo livre, desde sempre. E o que consegui com isso? Um irmão que mata aulas, praticamente um presidiário, outro que pensa que o dever de casa é feito por duendes, e um avô que quer ditar com quem posso passar meu tempo livre! Isso sem falar de um pai que não tem qualquer senso de honra!

— Becky! — Clay exclamou.

— Pois você pode ir para o inferno — ela esbravejou. — Você e seus amiguinhos traficantes que entrem e saiam da prisão quantas vezes quiserem!

Lágrimas corriam pelo rosto dela. Clay sentia-se impotente, culpado e zangado ao mesmo tempo. Não sabia o que dizer. Praguejou furioso e disparou para casa.

— Aonde você pensa que está indo agora? — ela perguntou, cansada de tentar ser razoável com ele.

— Adivinhe! — ele gritou por cima do ombro.

Becky atirou a bacia no chão, tremendo de raiva. Lidar com Clay era demais para ela. Tudo parecia ser demais para ela ultimamente. Agora ele deixaria o avô aborrecido, e ela teria que escutá-lo esbravejando pelo resto da noite. Só esperava que não tivesse outro ataque cardíaco. Se ao menos pudesse jogar tudo para o alto e fugir, largar tudo nas costas de outra pessoa e colocar um fim naquela situação. Mas a vida não era tão simples.

Não deveria ter começado a fazer acusações contra Clay, mas ele não tinha o direito de faltar aulas, passear com garotas em carros caros e comprar roupas de marca se ela mal conseguia comprar roupas de segunda-mão para a família com seu salário. Clay tinha gostos caros, e agora ela ficaria aflita imaginando o que ele estava fazendo para satisfazê-los.

Pegou a bacia atirada no chão, impressionada porque a pesada peça de pedra não tinha quebrado. Não teria se importado muito, no seu presente estado de espírito. Se ao



menos houvesse alguém a quem pudesse pedir ajuda — alguém que pudesse aconselhá-la sobre como lidar com Clay antes que ele se metesse em problemas dos quais não poderia salvá-lo...

Mas havia alguém, Becky pensou, detendo os próprios passos. Havia Kilpatrick, que a convidara para almoçar novamente e parecia se importar um pouco com ela. Gostava da companhia dela, ao menos, e isso significava que não se importaria de ouvir seus problemas.

Mas não o pressionaria, ela se prometeu, entusiasmada com a chance de pedir-lhe conselho. Kilpatrick estava acostumado a lidar com crianças problemáticas, e certamente poderia dar sua opinião quanto ao assunto. Se Clay não gostasse, pior para ele. Talvez já estivesse na hora de Clay receber menos indulgência e aprender a ter muito mais responsabilidade.

Quando o jantar foi servido, Clay já tinha desaparecido pela porta da frente sem dizer nada. Becky não fez comentários. Mack e o avô pareciam tão dispostos a falar sobre Clay quanto ela, então a conversa ficou longe deste tópico. Chegou a hora de dormir, mas Clay não tinha voltado. Becky ficou acordada, imaginando se teria agido errado com ele. O único ponto positivo era Clay estar sóbrio ultimamente. Talvez fosse bom sinal.

CAPÍTULO OITO

Kilpatrick foi apanhar Becky no escritório para o almoço, fazendo com que muitas sobranceiras se erguessem por todo o andar. Ele sorriu gentilmente diante do leve embaraço de Becky, enquanto seus olhos passeavam pelo corpo esguio, admirando o vestido florido e os cabelos soltos. Ela parecia mais jovem e linda do que nunca; o leve rubor nas faces lhe concedia um novo brilho.

— Não foi tão fácil quanto imaginou? — ele perguntou, olhando na direção de uma das secretárias mais atrás, que o fitava abertamente. — Não tenho uma companhia



regular — ele acrescentou. — Consequentemente, quando começo a levar uma dama para almoçar, todos reparam.

— Oh! — Becky não tinha palavras. Imaginava se ele tinha uma amante ou alguém considerado significativo na vida moderna, mas tinha medo de perguntar, no caso de ele ter. Agora estava surpresa por descobrir o quanto lhe importava que ele não tivesse.

Ainda estava analisando sua atitude quando se sentaram no restaurante com suas bandejas. Apenas observou Kilpatrick esvaziar a própria bandeja e deixá-la de lado com a de Becky. Ele era tão bonito. Kilpatrick viu-se sendo observado e sorriu de leve.

— Como estão indo as coisas com você? — ele perguntou casualmente enquanto se servia de salada.

— Tudo bem — ela mentiu. Sorriu, forçando-se a não chorar no ombro dele por causa de Clay. Conseguiria lidar com a situação. Mencionar o problema poderia fazer Kilpatrick pensar que havia outros motivos por trás de seu interesse por ele. Talvez começasse a acreditar que o estava perseguindo por causa de Clay. Não podia permitir que isso acontecesse — não neste estágio tão frágil do relacionamento. — E você? Você... bem, você descobriu quem tentou te matar?

Os olhos escuros se estreitaram ligeiramente enquanto examinavam os dela.

— Ainda não — Kilpatrick disse após um minuto. — Mas descobrirei. — Ele levou uma garfada de salada à boca.

Becky lembrou o quanto ele esteve perto da morte e estremeceu. Kilpatrick viu o leve movimento e o interpretou como medo por causa do que dissera. Perguntava-se o quanto o irmão dela estaria envolvido e o quanto ela sabia. Talvez se lhe ganhasse a confiança, ela um dia lhe contasse.

— O bolo estava gostoso — ele disse de repente, e sorriu. — Pensei que fosse durar ao menos uma semana, mas acabei com ele ontem à noite.

— O bolo inteiro? — ela exclamou, então se calou ao perceber como seu comentário tinha soado.

Ele riu, contudo, sem se sentir ofendido.

— O que sobrou dele — ele corrigiu. — Minha secretária e meu investigador comeram enquanto eu estava no tribunal. — Ele se inclinou para a frente. — Na verdade, parece que a sra. Delancy usou uma fatia dele para colocar o marido numa situação comprometedora.

— Estou chocada! — ela disse, contendo uma risada.



— Bem, foi um presente delicioso — ele disse. Então terminou a salada.

— Fico contente em saber que você e o pessoal do seu escritório gostaram — ela respondeu com um sorriso. Brincava com a própria salada. — Você está seguro agora? — ela perguntou, a voz insegura ao forçar a pergunta. Becky ergueu os olhos, que revelavam mais de seus medos do que ela imaginava. — Não tentarão novamente?

— Acho que não — ele respondeu, olhando nos olhos dela. — Foi notícia em todos os jornais e canais de tevê locais, e até foi divulgado em agências de notícias nacionais. Assassinos de aluguel, mesmo que não sejam profissionais, não gostam desse tipo de repercussão. Ficarão quietos até a poeira baixar, pelo menos.

— Talvez já os tenha prendido até lá — ela disse fervorosa.

— Preocupada comigo, Becky? — ele perguntou com um sorriso preguiçoso.

— Sim — ela respondeu com sinceridade. Seus grandes olhos esverdeados buscaram os dele, e havia certa palidez em seu rosto. — Você olha dentro do capô, pelo menos, não é?

— Quando eu lembro — ele murmurou em tom seco. — Pare de me olhar assim. Não sou suicida.

— Perseguir traficantes certamente é suicídio — Becky disse em tom resolutivo. — Eu estava lendo um artigo na *National Geographic* falando de um chefão do tráfico no estrangeiro que matou todos que tentaram impedir seu negócio. Ele possuía bilhões de dólares. Como se luta contra alguém com tanto dinheiro e poder?

— A melhor maneira é atacar o motivo pelo qual as pessoas usam drogas — ele afirmou com seriedade. — O mercado existe por causa das pressões da vida. As pessoas precisam de uma válvula de escape. Crack é barato — cerca de três dólares cada grama, comparado aos cinquenta dólares da cocaína, à preço de rua. É mais caro que bebida, mas é o que está na moda agora. A maconha é baratíssima nas ruas, e previne as náuseas de quem bebe muita cerveja ou vinho. — Kilpatrick suspirou — A proibição não impediu a venda de álcool. É preciso conter a demanda para que o mercado seja afetado. — Estreitou os olhos. — Como se ajuda uma criança a enfrentar um pai alcoólatra que bate na mãe? Ou uma criança que sofre abusos sexuais do pai ou da mãe? Como se alimenta as cinco bocas de uma família cuja mãe trabalha numa fábrica de roupas? Como se pode dar um pouco de alívio a uma família que não tem condições de arcar com o transporte até o trabalho? Como se afasta um sem-teto da rua e das caixas de papelão onde vive? Estamos falando de desesperança, Becky. As pessoas que não suportam a



realidade precisam de uma maneira de fugir. Algumas lêem livros, outras assistem tevê. Um grande número prefere uma garrafa de bebida ou uma colher de cocaína. A pressão da vida moderna é demais para um determinado segmento da sociedade. Quando a pressão aumenta muito, eles fogem. É quando vêm parar nas minhas mãos.

— Quando usam drogas, é o que quer dizer.

— Quando fazem qualquer coisa para comprar drogas — ele corrigiu. — Mesmo a melhor das pessoas é capaz de roubar para sustentar um hábito de cem dólares por dia.

— Cem dólares por dia! — ela exclamou, horrorizada!

— Isso quando é um hábito pequeno — ele afirmou. — Pode chegar até mil dólares por dia para alguém realmente viciado.

Becky sentiu-se nauseada. Sabia que Clay tinha usado cocaína, por que ele mesmo lhe contara. Achava que ele não estava mais usando, porém imaginava se ele não estaria vendendo para comprar aquelas roupas de marca.

— Traficantes fazem muito dinheiro — traficantes de menor importância? — ela perguntou hesitante.

— Se está falando dos irmãos Harris, aquele Corvette que Son dirige diz o quanto de dinheiro está envolvido.

— Já vi o carro — ela disse, parecendo cansada. — A cocaína é um vício terrível, não? — perguntou, pensando nas pessoas para as quais a droga era vendida. Tinha quase certeza de que Clay andava limpo ultimamente.

Kilpatrick franziu os lábios.

— Sabe como um alcoólatra se comporta?

— Mais ou menos — ela admitiu, pois já tinha visto Clay bêbado uma vez ou duas. — Eles riem e agem esquisito, os olhos ficam vermelhos, e se atrapalham com as palavras.

— É bem parecido.

— E tem cura? — ela perguntou.

— Nos primeiros estágios, mas o índice de cura não é animador. O vício não é fácil de enfrentar ou derrotar. — Kilpatrick brincava com a caneca de café, observando o rosto dela. — É melhor nem começar.

Becky hesitou.

— Tenho certeza disso. Criancinhas também ficam viciadas, como os adultos?



— Algumas já nascem viciadas, na verdade — ele murmurou. — Não é um mundo horrível de se viver, quando os pais ligam tão pouco para os próprios filhos?

— É ainda pior quando vendem drogas para crianças na escola. Mack disse que revistaram os armários e descobriram crack.

Kilpatrick a encarou firmemente.

— Há uma guerra por território acontecendo — ele replicou. — Os traficantes de maconha enfrentando os de crack, que são mais violentos.

— Oh, céus! — As unhas dela estavam cravadas no guardanapo, quase o rasgando.

A mão de Kilpatrick segurou a dela, a pele morena contrastando com o rosa suave de suas unhas.

— Vamos pensar em algo mais agradável para conversar.

Becky forçou um sorriso.

— É melhor.

Ele assentiu, afastando a mão.

— Acho que este bovino morreu de velho antes de ser trazido para cá — ele murmurou, olhando feio para o próprio bife. Ele o cutucou com o garfo. — Viu? Não há qualquer sinal de vida nele. Não se mexe.

Becky riu.

— Está brincando, não está? Não quer mesmo que seu bife se mexa sozinho, quer?

Ele a encarou.

— Por que não? Um bom pedaço de carne tem que estar robusto, pronto para uma briga. Odeio comer uma coisa assim tão desanimada. — Kilpatrick cutucou o bife novamente e suspirou, largando o garfo. — Eu desisto. Vou comer gelatina.

Becky apenas meneou a cabeça. Era divertido estar com ele. Sempre o imaginara tão severo e zangado, mas ele não era nada disso. Possuía sagacidade e bom-senso perante a vida. Nunca se divertira na companhia de alguém.

Na semana que se seguiu, Becky almoçou com Kilpatrick todos os dias. Nunca se sentira tão feliz na vida. O único empecilho era ter que esconder o fato da família. Já tivera muita dor de cabeça da outra vez que almoçara com Kilpatrick, então não diria nada sobre estarem se vendo.

Nesse meio tempo, Clay ia todas as noites para o suposto emprego e passava a maior parte do fim de semana na companhia de Francine, a beldade de cabelos escuros no carro esporte. Clay nunca a convidava para entrar. Provavelmente tinha vergonha de



que visse o linóleo rachado e as paredes mal-pintadas, Rebecca pensou zangada. Mas Francine o levava e trazia do trabalho, o que era uma pequena benção a ser agradecida. Ao menos não estava procurando por um carro que fizesse jus às roupas de marca. E continuava sóbrio.

Becky perguntara onde ele trabalhava, mas Clay só contou que era em uma lojinha de conveniência na Tendi Street, no centro. Ela não quis verificar porque não queria saber se ele estava mentindo. Se estivesse, e ela descobrisse, isso significaria mais preocupações. Estava tão esgotada que tinha medo de procurar por mais problemas. Era mais fácil acreditar que ele estava recuperado, que o interesse por Francine o colocara na linha. Mas uma adolescente dirigindo um Corvette novinho preocupava Becky ainda mais, especialmente depois de descobrir por acaso que a família de Francine era de simples funcionários de uma tecelagem.

Mack continuava quieto ultimamente. Estudava matemática sem que recebesse ordens e evitava Clay. Rebecca havia notado esta e outras mudanças sutis. Todas as afligiam, mas não sabia o que fazer. Agora nem mesmo podia conversar com Kilpatrick, porque se mencionasse qualquer coisa sobre as companhias de Clay, ou sobre as roupas que andava exibindo, ele provavelmente mandaria seu irmão para a cadeia.

Não conseguia mais conversar com Clay, então fingia que tudo estava bem. Estava começando a se sentir viva pela primeira vez na vida. Não queria que sua felicidade fosse manchada por qualquer coisa desagradável. Então simplesmente ignorava o que estava acontecendo ao seu redor, como se nada existisse.

Kilpatrick começara a fitá-la de uma maneira que Becky considerava deliciosamente excitante. Os olhos escuros gastavam cada vez mais tempo apreciando seus seios e sua boca, e até o timbre de voz parecia estar mudando. O modo de falar com ela era diferente do modo de falar com as outras pessoas. Até Maggie notara.

— Ele parece ronronar quando fala com você — Maggie comentara justamente naquela manhã, sorrindo maliciosamente. — Quando ele ligou para pedir que o encontrasse no estacionamento, pude ouvir a mudança na voz quando você atendeu. Ah, ele está interessado — muito interessado em você. Imagine só — nossa tímida florzinha conquistando o sexy promotor.

— Pare com isso. — Becky riu. — Não conquistei ninguém. E almoçarmos juntos é mera conveniência. Sabia que fiz um bolo para ele?



— Todos sabem do bolo — Maggie a informou. — As pessoas que não souberam por ele, souberam pela secretária. Ainda me surpreende que os jornalistas não tenham aparecido por aqui para entrevistá-la sobre seus dotes culinários.

— Quer parar? — Becky resmungou.

— Não perca aquele disco de programa — Maggie avisou. — E se eu fosse você, iria mais tarde para casa hoje para fazer algumas compras na cidade. Tenho o pressentimento de que vai precisar de algumas roupas de festa em breve.

Becky franziu a testa, afastando o cabelo para trás. Estava usando-o solto agora, porque Kilpatrick gostava dele daquele jeito. Estava tomando mais cuidado com a maquiagem também, e vestindo as roupas mais bonitas e femininas de seu guarda-roupa para trabalhar. Ele devia estar impressionado, porque ficava a admirá-la nos últimos dias.

— Roupas de festa?

— Kilpatrick tem sido convidado para muitos jantares de gente influente na política — Maggie explicou. — Estão tentando convencê-lo a concorrer a um terceiro mandato. Aposto que você vai gostar das festas.

— Não sou sofisticada para esse tipo de coisa.

— Não precisa ser sofisticada, menina. Só precisa ser você mesma — Maggie afirmou. — Você não anda de nariz empinado. Não se preocupe, vai se sair muito bem.

— Você acha mesmo? — ela perguntou, olhos bem atentos.

— Claro que sim. Agora, passe pó nesse nariz e vá almoçar. Não queremos aborrecer o promotor, ainda mais agora com tantos casos em julgamento no próximo mês — ela acrescentou com um sorriso travesso.

— Nem pensar — Becky concordou. Num gesto impulsivo, abraçou Maggie, então correu antes que ficasse embaraçada.

Kilpatrick estava apoiado no capô de um sedan preto, as longas pernas cruzadas, assobiando baixinho. Usava calça cinza e um leve blazer esporte com uma alegre gravata vermelha. Becky suspirou ao vê-lo.

Ele ergueu a cabeça quando ela se aproximava, sorrindo. Os olhos escuros percorreram a figura trajando terninho branco e blusa rosa, as pernas longas numa meia-calça escura que complementavam os sapatos brancos de salto fino. Com os longos cabelos dourados soltos sobre os ombros e o rosto radiante de felicidade, Becky estava realmente linda.

Kilpatrick assobiou para ela, e riu quando a viu corar.



— Onde vamos? — ela perguntou.

— É surpresa. Entre.

Ele a acomodou dentro do carro e deu a volta para se sentar ao volante. Ia girar a chave, mas parou ao ver a expressão no rosto dela.

— Conferi tudo — ele murmurou, inclinando-se na direção dela. — A fiação, o capô, tudo. Está bem?

Ela enterrou o rosto nas mãos.

— Sou uma boba.

— Não, é apenas humana. E se minha secretária não estivesse pendurada na janela olhando, eu a beijaria até fazê-la gritar por misericórdia — ele acrescentou com um sorriso dissoluto.

Becky sentiu as faces ficarem quentes, e os olhos voltaram-se involuntariamente para a boca firme e esculpida. Lembrou-se da sensação daquele único beijo — de como sua boca formigara o dia inteiro só com a lembrança. Queria o beijo outra vez, mas não seria prudente deixá-lo saber o quanto.

— Gosto da sua secretária — ela disse para quebrar a tensão.

Kilpatrick riu, vendo que ela desviava do assunto.

— Eu também. Melhor irmos.

Ele deu a partida e guiou o carro.

O restaurante para onde a levou era uma creperia. Becky suspirou deliciada com o cardápio. Era o lugar mais distinto no qual já estivera, por isso ficou vários minutos absorvendo cada detalhe para contar a Maggie quando voltasse ao escritório. Maggie provavelmente ia a lugares assim com tanta frequência que não lhes dava atenção, mas o restaurante no trabalho e às redes locais de fast food constituíam todo o conhecimento de Becky quanto a comer fora.

— Nunca estive em uma creperia antes? — Kilpatrick perguntou em tom gentil, franzindo a testa diante de evidente admiração.

— Bem, não. — Becky remexeu-se na cadeira e sorriu de maneira consciente. — Meu orçamento não me permite frequentar lugares assim e, mesmo que permitisse, eu teria que trazer toda a minha família. Seria caro. Mack poderia comer seu pedido, mais o meu, e ainda pedir sobremesa.

— Mack?

— Meu irmão caçula — ela explicou. — Ele só tem 10 anos.



— Ele se parece com você?— Kilpatrick perguntou gentilmente. — Ah, sim — ela disse, sorrindo. — Ele adora me ajudar com o quintal. Ele é o único que me ajuda atualmente. Vovô não pode, e Clay... arranhou um emprego — ela contou.

Kilpatrick ergueu uma sobrancelha.

— Que bom.

— Ele tem uma namorada também, mas nunca tive a oportunidade de conhecê-la — ela acrescentou, nervosa. — Ele nunca a convida para entrar.

— Talvez ela não seja o tipo de garota que ele queira apresentar à família — Kilpatrick comentou, observando-lhe a expressão estarrecida. — Becky nessa idade, o sexo é algo novo e excitante. Os garotos não gostam que os adultos saibam o que eles andam fazendo. Não é de se espantar que ele não a apresente à família.

Becky sentiu imenso alívio. Seria isso? Será que Clay ficava embaraçado com a ideia de a irmã saber que ele estava dormindo com alguém?

Isso era fácil de responder. Clay sabia que Becky era antiquada em seus pontos de vista e que frequentava a igreja. Não era surpresa não querer que ela conhecesse Francine!

— Poderia ser assim tão simples? — ela perguntou distraída. — Oh, pensei que ele estivesse com vergonha de nós!

Kilpatrick franziu a testa.

— Vergonha? Por que ele teria vergonha?

Becky hesitou. Os olhos se concentraram na xícara de *café*.

— Rourke, somos uma família de fazendeiros. A casa é velha e está caindo aos pedaços. Não temos nada de luxuoso. Um garoto tentando impressionar uma garota pode não querer que ela saiba de seu modo... econômico ...de viver.

— Imagino que qualquer casa mantida por você deva ser extremamente bem cuidada — ele disse depois de um instante, os olhos escuros calmos e carinhosos. — E não consigo imaginar ninguém com vergonha de exibir alguém como você.

Becky corou e então sorriu.

— Obrigada.

— É o que penso — ele respondeu simplesmente. Estudou-a por um longo tempo, finalmente cedendo a uma tentação que não poderia mais adiar. — Gostaria de levá-la para jantar no sábado à noite. Seria inconveniente?

Becky estava estática. Fitava Kilpatrick com o coração vibrando.



— O quê?

— Quero levá-la para sair. Jantar e depois ir ao cinema, ou à danceteria, se você preferir. Se não tiver medo de me acompanhar. Eu poderia ser um alvo novamente. Compreenderei se quiser esperar que a situação se acalme.

— Não! — ela o interrompeu, ofegante. — Oh, não, eu não... Digo, não estou com medo. Não mesmo. Eu adoraria acompanhá-lo!

Kilpatrick pegou sua xícara e bebericou o forte café preto.

— Sua família não vai gostar.

— Então que não gostem — ela disse em tom inflexível. — Tenho o direito de sair de vez em quando.

— Fico lisonjeado por querer lutar contra sua família por isso — ele disse, um brilho peculiar nos olhos.

Becky corou.

— Que horas?

— Por volta das seis — ele murmurou, rindo da expressão dela. — Vista algo sexy.

— Não tenho nada sexy — ela confessou. Então riu de maneira travessa. — Mas terei até sábado à noite.

— Essa é a minha garota. — Ele terminou o café. — Agora, que tal a sobremesa?

O resto da semana passou feito um raio. Becky ficou até tarde e foi com Maggie procurar pelo vestido certo para usar no jantar. Encontraram-no numa pequena butikue, à venda com desconto de cinquenta por cento, e Becky mal acreditava ser mesmo dona de um formidável vestido de festa. Era preto, com alcinhas e um corpete justo e de decote baixo, que se alargava numa ampla saia de crepe. Era o vestido mais encantador que já vira na vida.

— Tenho os sapatos perfeitos para ele — Maggie acrescentou. — Felizmente você e eu calçamos o mesmo número, então não precisa comprar um par porque tenho um praticamente novo para lhe emprestar.

Becky hesitou.

— Tem certeza de que não se importa?

— E tenho uma bolsa de noite que combina também — ela continuou. — Você tem alguma jóia?

— Uma cruz de ouro que minha mãe me deixou — Becky respondeu.

— O toque perfeito. — Maggie sorriu. — Fará com que Kilpatrick continue virtuoso.



— Que diabinha, você!

— Kilpatrick é o diabo aqui, não se esqueça disso. Qualquer homem aceita o tanto que você quiser oferecer, por melhor que ele seja. Não se deixe levar pela atmosfera da noite.

— Não esquecerei — Becky prometeu, mas sem muita convicção. Tinha a sensação de que se Kilpatrick avançasse o sinal, ela não teria chance de sucesso.

Maggie parou no próprio apartamento e trouxe para Becky um par de saltos-agulha de tirinhas de veludo preto e uma bolsinha de miçangas. Ela morava num apartamento espaçoso com vista para o hotel Hyatt Regency, no centro de Atlanta.

— Adorei sua vista. — Becky suspirou, olhando pela janela panorâmica para as ruas movimentadas lá embaixo. — Mas não gostei de seu bichinho — comentou com uma careta, falando do filhotinho de píton que Maggie criava num aquário.

— Ele não morde. Ignore-o. Precisa ver minha vista à noite — ela replicou, sorrindo. — É mágico. Você precisa do seu próprio apartamento, Becky. Uma vida só sua.

— O que posso fazer? — Becky perguntou. — Meu avô não pode cuidar dos meninos sozinho. Se eu partir, não haverá dinheiro para uma governanta, ou para uma enfermeira. — Ela meneou a cabeça. — São minha família, e os amo.

— O amor pode construir prisões, não se esqueça — Maggie afirmou. — Eu sei. Eu lhe falarei disso um dia.

Maggie pareceu desolada por um minuto, e Becky sentiu afeição pela amiga.

— Por que é tão gentil comigo? — perguntou a Maggie.

Maggie sorriu.

— Porque é fácil ser gentil com uma moça tão boa quanto você, querida. Não faço amigos com facilidade. Sou muito independente e gosto das coisas à minha maneira. Mas você é especial. Gosto de você.

— Gosto de você também — Becky disse. — E não é só porque está me emprestando os sapatos e uma bolsa.

— Bom saber — Maggie disse, rindo. — Certo, é melhor levar você de volta ao estacionamento para pegar seu carro. Mas precisa aparecer sábado à tarde para fazer compras comigo. Vou te mostrar onde encontrar os melhores preços.

— Eu adoraria — Becky respondeu.

— Eu também.



Maggie a deixou no estacionamento, e Becky voltou para casa com muita relutância. Bem, tinha até a próxima noite para anunciar à família sobre seu encontro com Kilpatrick. Talvez conseguisse reunir bastante coragem até lá. Ela serviu o jantar, mas só o avô e Mack sentaram à mesa.

— Clay está no trabalho? — ela perguntou.

O avô ergueu uma sobrancelha. Mack encolheu os ombros.

— Bem, ele ao menos apareceu em casa?

— Ele passou por aqui — Mack disse. — Ele e a namorada entraram para pegar alguma coisa no quarto dele. Disse que chegaria tarde, isso se viesse para casa. — Vovô fez cara feia. — Não gostei dela. Ela usava um desses jeans apertados e uma regata transparente, e olhou para a casa com desdém.

Para Becky, era como se estivesse pisando em ovos.

— Pelo que ouvi, a família não tem posses.

— Ela não precisa — o avô disse. — É sobrinha do velho Harris.

Becky sentiu os joelhos fracos.

— Verdade?

Ele assentiu. Cortou seu bife e o mastigou lentamente.

— Clay vai se meter num grande problema se não tomar cuidado.

— Talvez seja uma paixão passageira — Becky comentou, esperançosa.

— Talvez não — o avô replicou. Ele baixou os talheres. — Por que não conversa com ele, Becky? Talvez ele te escute.

— Já tentei conversar com Clay. Ele simplesmente explode e vai embora. Não posso fazer mais do que já fiz. Não posso protegê-lo para sempre.

— É seu irmão — o avô disse, mastigando ruidosamente. — Você deve isso a ele.

— Tenho responsabilidade por todos, é o que parece — Becky respondeu irritada, encarando o avô. — Não posso ficar correndo atrás dele para sempre. Clay precisa crescer.

— Da maneira que vai, ele nunca vai conseguir. Você poderia oferecer uma festa para ele. Convide algumas das crianças vizinhas.

— Tentamos isso uma vez, não lembra? Ele foi embora bem no meio da festa.

— Podemos tentar outra vez. Ou você pode ter uma conversa com ele amanhã à noite.

— Não estarei aqui amanhã à noite — Becky disse lentamente.



O avô ficou boquiaberto.

— O quê?

— Tenho um encontro.

— Um encontro? Você? Uau! — Mack exclamou entusiasmado. — Com quem?

O avô fez uma cara muito zangada.

— Eu sei com quem. Com aquele maldito Kilpatrick! É isso, não é?

— Becky, você não faria isso, faria? — Mack perguntou, os olhos arregalados de maneira acusadora. — Com esse homem, depois de tudo que ele fez com Clay?

— Ele não fez nada com Clay. Foi ele quem o liberou, caso não lembre. Clay poderia ter sido indiciado.

— Ele não tinha nem uma maldita prova. Não ousaria levar Clay para o tribunal — o avô zombou. --- Pois escute aqui, menina. Não vai sair com nenhum...

— Sairei amanhã à noite com o sr. Kilpatrick — Becky falou em tom decidido, mesmo com o coração batendo disparado e as mãos tremendo de nervosismo. Era a primeira vez na vida que Becky o desafiava.

— Traidora — Mack murmurou.

— E você fique quieto. Não devo obediência a você, ou a quem quer que seja — ela acrescentou, dirigindo um olhar significativo ao avô. — Eu gosto dele. Não tenho direito a um encontro de vez em quando? Você precisa admitir que sim.

O avô hesitou quando percebeu que a zanga não funcionaria.

— Escute, querida, você precisa parar para pensar no que está fazendo. Sei que precisa sair às vezes, esquecer do serviço de casa e do trabalho. Mas esse homem... Ele pode estar te usando para espionar Clay.

O avô já dissera algo do tipo antes, mas Becky estava preparada desta vez.

— Almocei com ele a semana inteira. Ele nunca mencionou Clay, nenhuma vez.

O avô parecia ultrajado, mas disfarçou. Começava a falar novamente, mas Becky levantou-se e começou a recolher os pratos.

— Ah, vá em frente — ele disse zangado. — Não posso impedi-la. Mas guarde minhas palavras, você vai se arrepender disso.

— Não, não vou. — Becky levou os pratos para a cozinha, o rosto vermelho de raiva. Oh, céus, espero que não, ela pensou antes de começar a encher a pia com água de sabão.



Clay chegou no instante em que ela terminara as coisas na cozinha e já ia trancar a casa para a noite.

— Já passa de meia-noite. Estava trabalhando? — ela perguntou.

— Sim — ele resmungou. Claro que estava, mas não no tipo de emprego que Becky pensava que ele tinha. Não era totalmente mentira, Clay garantiu a si mesmo.

— Onde, exatamente?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Para quê quer saber — quer ir lá conferir? Desde que eu trabalhe e vá à escola, que importância isso tem pra você?

Becky contraiu o queixo.

— Sou legalmente responsável por você, é por isso — ela retrucou. — Não gosto dessa sua atitude arrogante. E pelo que me falaram sobre a sua namorada, também não penso grande coisa dela.

Clay cerrou os punhos.

— Não me importa o que pensa dela, ou de mim. Estou cansado de você tentando governar minha vida. Por que não arranja um homem para você?

— Na verdade, tenho um homem — Becky disse, esquentada. — Sairei com Rourke Kilpatrick amanhã à noite.

Clay empalideceu.

— Não pode — ele disse, pensando no inferno que seria quando seus amigos descobrissem que sua irmã estava saindo com o pior inimigo deles. — Becky você não pode!

— Oh, sim, eu posso — ela retrucou. — Já cansei de ser mãe e babá de todo mundo. Vou me divertir um pouco para variar.

— Kilpatrick é meu pior inimigo! — ele berrou.

— Não é inimigo meu — Becky retrucou calmamente. — E se não gosta da idéia, pior para você. Fiz de tudo para que você percebesse com que tipo de gente está se associando. Não quis me escutar, então por que eu deveria escutar você? Seus amigos não vão gostar de me ver saindo com o promotor, não é? — ela perguntou calmamente. — Bem, pior para eles. Você não pode me impedir, pode, Clay?

Ele a olhava, espantado. Ela não se parecia com sua despreocupada irmã. Becky parecia... diferente.



— Bem, você vai se arrepender — ele disse, afastando-se — Está ouvindo, Becky? Vai se arrepender!

— É o que todos dizem — ela murmurou para si mesma depois que ele se trancou no quarto. Ela fechou os olhos. — Oh, céus, se eu soubesse que mais cinquenta anos disto ainda me esperam, eu me atiraria debaixo de um caminhão.

Becky contemplou a idéia por um minuto e concluiu que, dada a sua sorte, Clay estaria dirigindo o caminhão, que estaria lotado de drogas. Começou a rir quase que histericamente. A vida, ela pensou, estava se tornando complicada demais. Apesar de sua atração por Kilpatrick, sua ânsia de tê-lo por perto, só o fato de sair com ele tornaria as coisas ainda piores em casa. Mas como dissera à própria família, tinha direito a um pouco de diversão, mesmo que tivesse que lutar com unhas e dentes por isso. E lutaria, ela se prometeu. Lutaria!

CAPÍTULO NOVE

Becky não viu Clay no dia seguinte. Bem, ele que ficasse amuado, ela pensou zangada. Já era hora de Clay perceber que ela também tinha direitos. Mas ficou aflita durante a tarde inteira, preocupada que algo desse errado e estragasse sua grande noite. Mas o avô não teve nenhuma indisposição, e Mack não lhe causou nenhum transtorno. Ambos estavam carrancudos, naturalmente, mas parecia que não tentariam impedi-la de sair com Kilpatrick.

Ela colocou o vestido preto e arrumou o cabelo num penteado elegante. Vestiu meia-calça escura combinando com os sapatos, e transferiu o conteúdo de sua bolsa para a bolsinha de noite de Maggie. Era bom saber, ela pensou, que Kilpatrick não pudesse ver o que estava debaixo do vestido. Sua combinação não era preta, era branca e muito velha. E tinha manchinhas que não clareavam mais. E sua roupa íntima, apesar de limpa, não era nada excitante — algodão, com renda desfiada. Graças a Deus não teria que exibir nenhuma peça. Seria muito embaraçoso que ele visse o quanto ela era pobre.



O vestido era uma extravagância, e Becky sentia-se um pouco culpada. Mas isso só durou até Kilpatrick chegar para apanhá-la e ver como o vestido ficava nela. Os olhos disseram tudo, apesar do leve assobio e da pequena exclamação.

— Estou bem? — ela perguntou, ofegante.

— Está maravilhosa — ele murmurou, e sorriu calorosamente.

Trajava smoking, e a camisa branca parecia ainda mais clara contra a pele morena.

— Entre — ela gaguejou, envergonhada dos móveis modestos e do tapete esfarrapado tanto quanto do olhar furioso de Clay. Ele chegara em casa minutos antes, e tinha ares de quem gostaria de atirar em Kilpatrick à queima-roupa. Nem se deu ao trabalho de cumprimentá-lo. Deu as costas e saiu da sala.

Isso não pareceu aborrecer Kilpatrick. Ele não ficou olhando, nem pareceu dar muita atenção à casa. Foi com muita tranquilidade e um aperto de mão que enfrentou a relutância de seu avô e o nervosismo de Mack.

— Ela estará em casa à meia-noite — de garantiu ao velho Cullen.

O avô deixou que Becky lhe desse um beijo no rosto.

— Divirta-se — ele resmungou.

— Obrigada. — Becky piscou para Mack, que exibiu um relutante sorriso e continuou vendo televisão.

Kilpatrick fechou a porta ao sair. Becky quase explodiu em lágrimas. Sabia que a atitude de Clay influenciara Mack e o avô; estavam tentando mostrar que o apoiavam. Mas Mack passara o dia retraído e mal-humorado, e não quis falar com Clay quando o irmão chegou. De fato, ela concluiu, o comportamento dele com Clay fora mais hostil que a atitude com Kilpatrick.

— Deixe de se preocupar. Eu não esperava fogos e bandeirinhas — Kilpatrick disse em tom seco enquanto a ajudava a se acomodar no carro — seu carro novo. Não era uma Mercedes, mas um Thunderbird Turbo Coupe. Era branco com interior vermelho — uma máquina de aerodinâmica formidável. — E então, gostou? — ele perguntou com ansiedade.

— Adorei — ela respondeu gentilmente. Kilpatrick deu a volta para entrar no carro. — De qualquer forma, peço desculpas por minha família — Becky acrescentou quando já se afastavam.

— Não precisa se desculpar. — Ele a fitou sob as luzes dos postes na rua e sorriu. — É um vestido novo, só por minha causa?



Ela começou a rir.

— Sim, é sim, mas espero que isso não o deixe convencido.

— Moça, um homem com minha aparência, de charme e modéstia tão óbvios, tem muitos motivos para ser convencido — ele afirmou com um sorriso travesso.

Era como se Becky estivesse flutuando, sonhando.

— Oh, você é tão diferente do que pensei que fosse! — ela disse, pensando alto. — Não é nada sisudo e inacessível.

— Esse é o meu lado público — ele informou. — Preciso manter os eleitores convencidos de que só estou um passo atrás do inimigo número um. Um bom promotor de justiça deve ser pior que Al Capone. — Ele franziu a testa, pensativo. — Talvez eu pudesse arranjar um kit de maquiagem para imitar a cicatriz dele no meu rosto. Mas não estou muito animado com a ideia de um terceiro mandato.

— E como foi que decidiu se tornar um promotor de justiça? — Becky perguntou, realmente interessada.

— Cansei de ver vítimas que sofriam mais que os criminosos — ele respondeu simplesmente. — Achei que pudesse fazer algo a respeito. E fiz, de certa forma. — Kilpatrick deu-lhe uma olhada. — Há muita coisa errada no mundo, pequena.

— Percebi. — Ela apoiou a cabeça no banco, os olhos examinando o rosto sério e delgado sob a luz oferecida pelos postes. — Você parece cansado — ela disse, percebendo novas marcas de expressão no rosto dele.

— Estou cansado — ele disse. — Passei a maior parte da noite passada na emergência de um hospital.

— Por quê?

Toda a leveza do rosto dele desapareceu.

— Estava testemunhando um garotinho de dez anos morrer de overdose — ele respondeu com bruta franqueza.

— Dez?!

— Dez. — Ele cuspiu a palavra, o rosto endurecendo enquanto Becky o observava. — Estava na quinta série da escola primária de Curry Station. Overdose de crack. Parece que os pais do menino eram abastados, ele recebia uma mesada considerável. Não estava com boas notas, e as outras crianças implicavam com ele. É impressionante como as crianças conseguem encontrar fraquezas em outra criança para atacá-la.

— Meu irmãozinho estuda lá — ela disse, espantada. — E está na quinta série.



— Ele saberá de tudo na segunda, garanto — Kilpatrick disse, zangado. — Vai ser uma festa para a imprensa, e adivinhe quem vai ser o alvo?

— Você e a polícia? — ela arriscou um palpite certo.

Kilpatrick assentiu.

— Era apenas uma criança. Os pais estavam completamente transtornados. Eu prometi encontrar os culpados nem que fosse a última coisa que eu fizesse. E disse a verdade — ele acrescentou friamente. — Vou pegá-los. E quando isso acontecer, vou mandá-los para a cadeia.

Becky apertou as mãos sobre o colo, recusando-se a pensar que Clay pudesse estar envolvido de alguma forma. Seus olhos se fecharam.

— Dez anos.

Kilpatrick acendeu o charuto e abriu um pouco a janela para Becky.

— Mack não usa drogas, usa? — ele perguntou, encarando-a.

Becky meneou a cabeça.

— Não. Mack é muito sensato. Mais do que Clay jamais foi. Eu nunca usei drogas na vida. De fato, só experimentei bebida uma vez e odiei. — Ela sorriu. — Sou muito antiquada. Acho que é por viver no campo e ter pouco contato com o mundo moderno.

— Não está perdendo muita coisa — ele murmurou enquanto fazia uma curva acentuada à direita, para sair do crescente trânsito das noites de fim de semana. — Pelo que vejo todos os dias, o mundo moderno está indo direto para o buraco.

— Você deve acreditar que ainda há esperanças, ou teria desistido de seu trabalho há muito tempo.

— É possível — ele disse. — Os poderosos políticos esperam que eu concorra a outro mandato, mas estou cansado disso. Mando criminosos para a corte, mas o juiz e o júri os soltam depois. O primeiro fornecedor de drogas que indiquei pegou prisão perpétua, mas saiu em três anos. De que adianta o meu trabalho?

— Mas sempre funciona dessa maneira?

— Depende dos contatos do condenado — ele respondeu. — Se trabalhar para algum chefe das drogas que o considere valioso, sempre haverá ligações políticas a serem usadas e mãos a serem subornadas. Nada é preto no branco nos dias de hoje. A corrupção se espalhou mais do que você imaginaria. Estou cansado de políticos, acordos, prisões superlotadas e tribunais.



— Dizem que os tribunais são muito desprovidos de pessoal — ela comentou. — Soube que às vezes se leva meses para marcar uma audiência.

— É verdade. Eu geralmente recebo centenas de casos por mês, dos quais só vinte ou trinta vão a juízo. Não é piada — Kilpatrick disse ao ver a expressão dela. — O restante é barganhado ou abandonado por falta de provas. Você não sabe o quanto é frustrante tentar lidar com tantos casos sem pessoal suficiente. E então, quando eu finalmente monto uma ação e a levo a juízo, o advogado de defesa, ou o defensor público, não pode comparecer, ou não consigo que uma testemunha crucial vá ao tribunal, e o julgamento é adiado novamente. Tenho um caso que já foi à corte três vezes, mas o homem que estou processando ainda está na cadeia esperando julgamento.— Ele gesticulou de maneira irritada com a mão que segurava o charuto. — O que mais dói é prender alguém por seu primeiro delito e colocá-lo com criminosos mais antigos. Ele recebe uma educação que dinheiro nenhum pode comprar, e isso nem é o pior. — Ele parou diante do semáforo. — Sabe que alguns homens são usados como mulheres na prisão? — ele perguntou, olhando para Becky.

Ela assentiu.

— Sim. O comissário de menores mencionou isso quando fui buscar Clay.

Kilpatrick estreitou os olhos.

— Tentando assustá-lo, suponho. Espero que tenha funcionado. Ele não estava mentindo.

— Clay é um caso difícil — ela murmurou, as mãos apertando a bolsa de noite que Maggie lhe emprestara. — Ele não se assusta fácil.

— Eu também não, quando estava nessa idade — Kilpatrick replicou. — É uma pena que seu pai nunca tenha sido um pai realmente, Becky. O que aquele garoto mais precisa no momento é de um homem no qual se espelhar.

— Se vovô fosse o homem que costumava ser, poderia fazer algo por Clay. Mas ele está mal de saúde desde o ano passado, e eu não tenho condições de enfrentar um garoto maior que eu. Não posso colocá-lo sobre meus joelhos e lhe dar umas palmadas.

Ele ria quando a luz do semáforo mudou e o poderoso carro acelerou.

— Posso imaginar. Mas nessa idade, palmadas não seriam a solução. Não é melhor conversar com ele?

— É impossível desde que começou a andar com os novos amigos. Não tenho mais qualquer influência sobre ele. Clay até deixou de ir ao aconselhamento. — Ela estudava



as próprias mãos, apoiadas sobre o colo. — Agora arranhou um emprego. Ao menos é o que ele disse.

— Que bom. — Kilpatrick trouxe o charuto. — Espero que ele se dê bem. — Não abusou da sorte. Imaginava se Clay tinha mesmo um emprego ou se só inventara uma história que explicasse suas atividades noturnas à irmã. Seria bom investigar.

Becky recostou a cabeça no assento e o fitou abertamente, sorrindo.

— Estou feliz por ter me convidado para sair.

— Eu também. Mas ainda não me disse o que quer fazer depois do jantar.— ele lembrou. — O que vai ser: um filme ou dançar?

Ela meneou a cabeça.

— Não importa — disse, e estava sendo sincera. Estar com ele era mais do que suficiente.

— Neste caso, vamos dançar. Posso ir ao cinema sem companhia, mas dançar sozinho é difícil. As pessoas ficam olhando, e isso prejudica minha credibilidade.

Becky riu animada.

— Você é louco.

— Certamente — ele disse, enquanto entravam no estacionamento de um dos melhores restaurantes de Atlanta. — Nenhum homem em sã consciência faria meu trabalho. — Estacionou e desligou o motor, virando-se para examiná-la com óbvio interesse sob a luz dos postes. — Gostei muito do seu vestido — comentou. — Mas seu cabelo ficaria melhor solto.

— Não mesmo — ela protestou com uma risada, — Para começar, gastei quase meia-hora só para conseguir que ficasse assim.

— Mas agora não demoraria nem metade do tempo para soltá-los, não é? — ele murmurou, os olhos travessos fixos nos dela.

— Mas...

Ele lhe delineou a boca com a ponta do dedo, provocando alterações em sua pulsação e em sua maquiagem.

— Gosto de cabelos compridos — ele murmurou.

Isso não era justo. Claro, não esperava que ele fosse desistir antes de conseguir o que queria. Kilpatrick tinha a reputação de ser pior que um buldogue no tribunal. Becky suspirou em audível derrota e tirou os grampos de seu penteado. Tanto trabalho para parecer elegante...



— Assim está melhor — ele disse quando ela terminou de escovar o longo cabelo, para que cascadeasse sobre os ombros nus. Os dedos de Kilpatrick os alisaram e se envolveram nos fios sedosos. — Tem cheiro de flores selvagens.

— Verdade? — ela murmurou. Era difícil respirar com o rosto dele tão próximo ao dela. Becky olhava fundo naqueles olhos escuros, que pareciam ver sua alma, e seu coração deu um salto.

Kilpatrick também a admirava. Becky era dona de uma qualidade que ele jamais conhecera em qualquer mulher — uma exagerada empatia, uma maneira única de se compadecer do sofrimento das pessoas ao redor. Ela possuía espírito e força, mas não eram essas qualidades que o atraíam. Eram o entusiasmo, a generosidade, a capacidade de abarcar o mundo inteiro com os braços. Amor era algo sempre escasso na vida de Kilpatrick. Exceto pelo tio, nunca fora muito próximo de ninguém. Sua breve experiência de compromisso o deixara amargurado com as mulheres por muito tempo, mas Becky estava abrindo as portas em seu coração. Ele franziu a testa, um pouco desconfortável com a ideia de ficar vulnerável novamente.

— Algo errado? — ela perguntou, não compreendendo a expressão dele.

Kilpatrick vasculhou os olhos esverdeados com silenciosa inquietação, então sorriu e afastou a mão dos sedosos fios de cabelo.

— Só estava pensando — ele disse em tom despreocupado. — Melhor entrarmos.

Ele a ajudou a sair do carro e a acompanhou até o restaurante — um lugar tão elegante que havia vários talheres dispostos sobre a mesa. Becky cerrou os dentes, esperando não embarçá-lo.

O cardápio, para piorar, estava em francês. Becky corou. Kilpatrick, notando-lhe a expressão, seria capaz de se dar um chute. Só queria oferecer uma noite especial, não fazer com que ela se sentisse deslocada. Tirou-lhe o cardápio das mãos geladas de nervosismo.

— O que prefere: peixe, frango ou carne?

— Frango — ela respondeu imediatamente, porque sabia que frango costumava ser menos caro nos restaurantes em que já comera e não queria abusar do bolso dele.

Kilpatrick inclinou-se para a frente, fitando-a.

— Eu perguntei o que prefere comer — ele enfatizou.

Becky ficou um pouco ruborizada e baixou os olhos.

— Carne.



— Tudo bem. — Ele acenou para o garçom, que veio imediatamente, e fez o pedido no que para Becky soava como um impecável domínio de francês.

— Você fala francês?

Ele assentiu.

— Francês, latim e um pouco de cherokee. É uma aptidão, imagino — semelhante à habilidade para fazer deliciosos bolos de limão.

Becky sorriu.

— Obrigada.

— Acredite ou não, não a trouxe aqui para que se sentisse desconfortável. — Kilpatrick estreitou os olhos. — Está incomodada com mais alguma coisa, além do cardápio — ele disse abruptamente. — O quê?

Becky não parecia ser capaz de enganá-lo. De qualquer forma, por que se preocupar, ela pensou despreocupada. Ele tinha visto onde ela vivia; devia ter uma ideia de suas origens.

— Todos estes talheres — ela confessou, apontado para eles. — Em casa usamos faca, garfo e colher, mas só sei o lugar de cada um por causa das aulas de economia doméstica na escola.

Kilpatrick riu.

— Bem, tentarei lhe dar uma aula. — E ele o fez, fazendo-a rir com os garfos de salada e sobremesa e a coleção de colheres até o garçom chegar com os pedidos. Becky observava para ver que talheres usar. Quando chegou a sobremesa — uma deliciosa torta de noz pecá com sorvete de baunilha por cima —, sentia ter recebido uma verdadeira aula de arte culinária.

— O que nós comemos? — ela perguntou num sussurro quando terminaram a sobremesa e tomavam a segunda xícara de café forte com creme.

— *Boeuf bouronnaise* — ele informou. Inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz. — É um cozido francês da moda.

Ela riu baixinho.

— É mesmo?

— Verdade. É feito com as especiarias que se costumam usar em tortas e com bom vinho tinto.

— Tenho que vasculhar meus livros de receitas e tentar esta lá em casa — ela refletiu. — Aposto que o vovô jogaria a porção dele para o cachorro.



— Você tem cachorro? — ele perguntou.

Becky lembrou-se do pastor alemão dele e sentiu pena.

— Tínhamos; um velho cão de caça chamado Blue. Mas o carteiro o atropelou no ano passado. Sinto muito por Gus. Acho que sente muita falta dele.

Ele brincou distraidamente com a xícara sobre o caro pires de porcelana. Então assentiu.

— A casa está muito quieta. Não tenho mais quem levar para fazer caminhada.

— Rourke, por que não arranja outro cachorro? — ela perguntou gentilmente. — É sério, acho que é a melhor coisa a fazer. Há várias pet shops em Atlanta. Poderá encontrar qualquer raça que goste.

Kilpatrick fitava seus olhos gentis.

— De que raça você gosta?

Becky sorriu.

— Gosto de collies — ela respondeu. — Mas ouvi dizer que eles não se adaptam bem ao sul porque aqui é muito quente. E têm pelo longo, então haveria pêlo por todo lado.

Kilpatrick reclinou-se na cadeira.

— Eu gosto dos bassês.

Becky riu.

— Também gosto deles.

— Então precisa vir comigo quando eu decidir comprar um — ele comentou preguiçosamente. — Afinal, foi ideia sua.

Becky sentiu-se cheia de alegria.

— Oh, eu adoraria.

— Eu também. Talvez no próximo fim de semana. Estou com a agenda bem cheia esta semana, mas encontrarei tempo.

Becky imaginava o que Kilpatrick diria se revelasse que estava se apaixonando por ele. Ele provavelmente riria e acharia que era piada, mas era a verdade. Kilpatrick a atraía de diversas maneiras.

— Vamos naquele novo clube noturno em Underground Atlanta para dançar um pouco — ele murmurou, olhando o relógio. Ele ergueu uma sobrancelha. — Você disse uma vez que gosta de ópera.

— Bem, sim — ela respondeu.



— Estarão apresentando *Turandot* no Fox no próximo mês. Poderíamos ir.

— Ir a uma ópera de verdade? — Ela prendeu o fôlego.

— Sim. Você pode usar esse seu vestido, na verdade — ele acrescentou com um olhar demorado e significativo. — Você está atraente, Becky.

Ela sorriu para ele.

— Não é verdade, mas obrigada pelo elogio.

— Vamos.

Kilpatrick levantou-se e a ajudou a levantar-se também, olhando-a com curiosidade enquanto esperava para pagar a conta. Becky parecia achar o restaurante fascinante. Ele pensava o mesmo a respeito dela. Pretendia apresentá-la a um mundo de luxo e cultura, mesmo que isso só durasse poucas semanas. Gostava da companhia dela. A solidão começava a perturbá-lo. Gostava de ter alguém com quem sair. Sair à noite era algo raro, e Becky tornava a ocasião ainda mais interessante.

Só um pensamento desagradável estragava o prazer daquela noite. Ele se tornara um alvo, e ainda não tinham descoberto quem colocara a bomba em seu carro. Poderia estar colocando Becky em risco, e isso o aborrecia. Não queria que ela se machucasse. Mas se o culpado estivesse apenas interessado nele, Becky não corria perigo. Não se permitiria pensar no irmão dela, nem nos Harris.

Kilpatrick a levou para Underground Atlanta, para um dos mais novos clubes noturnos, e Becky se viu em outro mundo. Era a Atlanta que ela desconhecia — a brilhante e agitada vida noturna que transformava verdadeiros estranhos em amigos.

— É lindo! — ela exclamou quando se sentaram perto da pista de dança. — Mas acho que não sei fazer aquilo. — Ela apontava para vários casais que pareciam contorcionistas enquanto dançavam sob o ritmo pulsante da música.

— Nem eu — ele murmurou. Tinha pedido *ginger ale* para ele e Becky, abrindo mão de seu costumeiro scotch com água. Não queria dar a impressão de que era um homem que bebia muito. De fato, não era. Apreciava um scotch com água de vez em quando, mas seu interesse por álcool parava aí.

— Não tocam música lenta? — Becky perguntou.

Assim que ela fez o comentário, a música parou e a lenta melodia de um blues começou a tocar. Kilpatrick levantou-se e estendeu a mão. Becky colocou a mão sobre a dele e o seguiu para a pista de dança.



Kilpatrick era muito mais alto que ela, mas eles se fundiram como se tivessem sido projetados para um encaixe perfeito. Becky levou a mão ao peito dele e a manteve sobre o tecido macio do smoking com a mão grande e delgada de Kilpatrick a segurá-la. A outra mão dele deslizou ao redor da cintura dela e a puxou, fazendo com que seu corpo se colasse ao dele enquanto dançavam, o rosto dela apoiado em seu peito.

Estar com Becky em seus braços era como o paraíso. Ela era suave e cálida, e o perfume de flores silvestres invadia suas narinas. Olhava para ela, tão vulnerável e confiante nele, e percebeu que nunca se sentira tão satisfeito. Mas com a satisfação vinha uma violenta percepção dela como mulher, uma necessidade ardente de tê-la ainda mais perto, poder beijar aquela boca macia, ensinar-lhe a paixão.

Becky não sabia de seu profundo desejo, mas sentia o mesmo. O corpo dele estava em boa forma, e senti-lo fazia seu coração disparar. Sentia o perfume do sabonete, da colônia um pouco condimentada — cheiros masculinos que agiam feito droga em suas emoções. Fazia anos desde que dançara com alguém, mas nunca com alguém como Kilpatrick. Ele a guiava pela pista com facilidade, como se dançar fosse sua segunda natureza. Provavelmente era. Ele sabia muito sobre as mulheres, e aquele clube noturno parecia ser seu tipo de lugar. Isso significava que provavelmente fora com outras mulheres para lugares semelhantes, e que ficaram dançando assim, com a diferença de que, ao fim da noite, Kilpatrick não as levaria direto para casa. Seu rosto ardeu ao ver imagens indesejadas de Kilpatrick com outras companhias femininas, por isso ficou ligeiramente tensa.

— O que foi? — ele perguntou com o rosto apoiado à testa dela, a voz profunda, lenta e preguiçosa.

— Nada — ela sussurrou.

A mão posta às costas dela a puxou para mais perto, subindo até a pele exposta pelo corte do vestido, quente e sensual sobre a pele nua.

— Conte-me, Becky.

Ela suspirou de mansinho e ergueu os olhos. Não tinha percebido o quanto o rosto dele estava próximo. Sob a luz fraca, parecia mais moreno, mais sério, e a diferença de idade parecia separá-los com um mundo de distância.

— Por que me convidou para sair? — ela murmurou.



Kilpatrick não sorriu. Os olhos escuros estavam fixos nos dela, e ele quase parou de dançar. Seu corpo movia-se lentamente contra o dela, enquanto a música se tornava mais alta e os outros casais passavam por eles.

— Você não faz ideia? — ele perguntou calmamente.

Os lábios dela deixaram escapar a respiração contida.

— Por causa do bolo de limão? — ela arriscou.

A mão dele deslizou entre seus cabelos, mantendo o rosto dela no ângulo certo enquanto Kilpatrick inclinava a cabeça.

— Por causa disso — ele sussurrou.

Becky não acreditou no que ele fez. Arregalou os olhos de surpresa quando os lábios firmes roçaram os dela uma, duas vezes, numa lenta exploração que era pura sedução.

Os dedos esbeltos agarraram-lhe os cabelos, fazendo com que ela ofegasse e abrisse os lábios. Kilpatrick deixou um som gutural escapar da garganta e começou a se mover novamente ao ritmo da música. A boca não tocava a dela, apenas pairava sobre os lábios, fazendo a cabeça de Becky rodar enquanto dançavam.

— Excitante, não é? — ele sussurrou com voz rouca, e os dedos começaram a lhe acariciar os cabelos, movimentos que faziam o corpo dela reagir impetuosamente — Metade de Atlanta ao nosso redor, e estou fazendo amor com você na pista de dança.

— Não... é verdade — ela conseguiu retrucar.

— Não? — Ele sorriu. Era um sorriso diferente de qualquer um que tivesse visto no rosto de um homem. Era ameaçador e sedutor ao mesmo tempo. Kilpatrick apoiou a cabeça dela novamente em seu ombro e executou um rodopio que fez com que a perna longa e poderosa ficasse entre as dela, um contato que a fez arfar alto, ao mesmo tempo em que as bocas se aproximavam.

Becky mal percebia a música. Eles rodopiaram de novo, e de novo, os olhos dele incendiando os dela, o corpo um magnífico instrumento de tortura. Becky agarrou-se ao braço dele, pois o contato entre as pernas era tamanho que seus joelhos fraquejavam.

— Vai desmaiar, Becky? — ele sussurrou, encostando o rosto ao dela, seu hálito quente lhe chegando ao ouvido. Ele lhe mordiscou o lóbulo delicadamente. — Se está se sentindo assim na pista de dança, tente imaginar como será na porta de sua casa, quando for lhe dar um beijo de despedida. Posso prometer, não serei tão gentil.



Becky estremeceu. Ele riu baixinho e parou quando a música terminou. Becky não conseguia olhar para ele enquanto era guiada de volta à mesa; estava impressionada com as sensações que sentia. Sensualidade era algo novo para ela. Assim como desejo, mas certamente era isso que sentira espalhar-se por seu corpo ao ouvir a ameaça velada nas palavras dele.

— Olhe para mim, sua covarde — Kilpatrick a provocou quando tomavam pina colada um pouco depois.

Becky ergueu os olhos, e uma onda de prazer percorreu seu corpo ao encontrar seu olhar astuto.

— Diga que não quer minha boca, Becky — ele murmurou, deixando que os olhos se concentrassem nos lábios dela.

— Se não parar com isso, vou morrer de vergonha — ela murmurou baixinho. — Você é quem deveria se envergonhar.

Kilpatrick riu.

— Inocente como uma criança — ele murmurou. — Você é uma mudança revigorante, Rebecca Cullen. Ao menos sei com que tipo de mulher estou lidando desta vez — ele acrescentou, meio que para si mesmo.

Ela o fitou com curiosidade.

— O que quer dizer?

Ele terminou o drinque e a fitou com o copo vazio, estreitando os olhos.

— Sabia que já fui noivo uma vez, quando estava na casa dos vinte?

— Sim.

Ele ergueu os olhos.

— Ela era lésbica.

Becky não sabia o que dizer. Sabia o que lésbica significava, mas estava espantada por ele ter ficado noivo de uma.

— E você sabia? — ela perguntou, enfim.

— Bom Deus, não! — ele retrucou. — Ela era bonita e sofisticada, e considerada um bom partido nos círculos que frequento. Era de família rica e tradicional. Eu era louco por ela. — Kilpatrick girava o copo entre as mãos, puxando pela memória. — Ela me provocou até me deixar aflito para levá-la para a cama. Ficamos noivos, e uma noite ela me convidou para ir a casa dela depois de um jantar no qual eu precisava comparecer.

Ele estreitou os olhos.



— Atrasei-me duas horas. Achava que ela tinha desistido de mim, mas a porta estava destrancada, então pensei que ainda estivesse me esperando. Fiquei agitado. Ela seria minha, naquela noite todos os meus sonhos se tornariam realidade. Abri a porta do quarto e levei o maior susto da minha vida. — Recolocou o copo sobre a mesa. — Ela estava na cama com sua serventúria judicial, e a situação falou por si. Peguei o anel de volta, e ela me implorou para que não revelasse seu segredo. Depois disso, passei a não confiar muito nas mulheres. Tive meus casos, mas nunca ninguém chegou perto o suficiente de tocar meu coração outra vez. Foi uma dura lição — ele concluiu, com um sorriso irônico.

— Sim, posso imaginar. Você... ainda a ama? — ela hesitou ao perguntar.

— Seria perda de tempo, não acha? As preferências sexuais de uma pessoa não mudam. Não teria dado certo.

— Creio que não. — Becky percebia a dor dele. Seus gentis olhos esverdeados lhe examinavam o rosto, indagando-se da vulnerabilidade visível ali. — Foi o que quis dizer quando disse que sabia que tipo de mulher eu era?

Ele assentiu.

— A sua maneira de reagir a mim é reconfortante, Rebecca — ele comentou, sorrindo gentilmente. — Ao menos são reações normais para uma mulher. Só percebi isso quando o noivado já tinha ficado para trás. Sempre parecia um sofrimento para ela estar comigo na pista de dança ou em qualquer outro lugar que exigisse mais intimidade. Duvido que ela um dia fosse se entregar a mim.

Becky corou. Este era um tipo de conversa ao qual não estava acostumada.

— Entendo.

Ele riu.

— Constrangida? Imagino que nunca tenha discutido estas coisas em casa.

— Não — ela respondeu com um pequeno sorriso. — Bem, meu avô é um tanto antiquado. Posso conversar com Maggie, do escritório, mas não sobre esse tipo de coisa.

Ele a observava com franca curiosidade.

— Você nunca teve encontros?

Ela encolheu os ombros.

— Quando? Sempre havia obrigações — fazer a comida, cuidar da limpeza, ajudar o vovô com a fazenda. E, desde o ano passado, tenho cuidado dele também. E Clay... — Becky calou-se, olhando para a toalha da mesa. — Bem, você pode imaginar como as



coisas são complicadas. Vovô se preocupa muito com ele também. Mack anda carrancudo. — Ela meneou a cabeça. — Sabe, eu costumava me perguntar se a vida era assim tão difícil para todos. As minhas amigas da escola sempre falavam sobre as famílias, sobre as coisas que faziam juntos, mas ninguém parecia ter tantas obrigações quanto eu. Acho que amadureci cedo.

— Não deveria ter sido assim — Kilpatrick murmurou, sentindo raiva do pai dela por colocá-la naquela situação. — Meu Deus, é coisa demais para uma moça.

Kilpatrick meneou a cabeça.

— Nem tanto. Estou acostumada. Eu os amo — ela disse, impotente. — Como se pode abandonar a quem se ama?

— Eu não saberia dizer — ele respondeu. O rosto endureceu. — Não sei muito sobre amor. Vivo sozinho. E há muito tempo.

— Mas quem cuida de você quando está doente ou machucado? — ela perguntou abruptamente, preocupada.

A preocupação fez com que de cerrasse os dentes.

— Ninguém.

Ela sorriu com carinho.

— Eu cuidaria, se você precisasse.

— Becky — ele gemeu. Ele afastou o punho da camisa para olhar o relógio. Aquilo estava ficando totalmente fora de controle. — Melhor irmos embora. Prometi que estaria em casa à meia-noite.

Becky levantou-se, envergonhada. Falara demais. Deveria saber como ele reagiria a demonstrações exageradas de afeto. Queria se desculpar, mas não sabia o que dizer, então ficou calada.

Kilpatrick pagou a conta e a conduziu até o carro. Ajudou Becky a entrar no carro, distraído, tentando não se deixar afetar pelo comentário. Não podia se apegar a ela. Seria o que de pior poderia acontecer entre os dois. Não queria esse peso em sua consciência. Não a convidaria para sair novamente. Não ousaria.

A casa estava às escuras quando Rourke parou diante dos degraus. Ajudou Becky a sair do carro e a acompanhou até a porta.

— Sinto muito — ela murmurou, quebrando o silêncio pela primeira vez desde que saíram do clube noturno. — Não deveria ter dito nada.



Ele suspirou, olhando para ela sob a escassa luz do luar. As mãos moldaram o rosto de Becky, que parecia tão vulnerável, tão sentida, que ele foi tomado pela necessidade de confortá-la.

— Está tudo bem — ele murmurou.

O olhar buscou-lhe a boca. Inclinou a cabeça, tocando-lhe os lábios com os seus, e o contato foi como um raio atravessando seu corpo. Kilpatrick afastou a boca apenas por um instante, então comprimiu os lábios dela com leve crueldade, mordiscando-os, provando-os. Chamas ardiam forte dentro dele. Fazia muito tempo que não tinha uma mulher nos braços. E agora Becky estava sofrendo as consequências disso. Ele a ouviu arfar ao lhe provocar com os lábios. Os dedos mergulharam nos cabelos dela na altura das têmporas, mantendo-a parada. Ela cheirava a flores, a inocência. Tinha sabor de inocência também. Isso o estava enlouquecendo.

Becky ofegou, e um leve gemido lhe escapou da boca quando ele lhe prendeu o lábio com os dentes, mordendo-o, aumentando a pressão rude do beijo até a boca de Becky seguir cegamente seus movimentos, desesperadamente ansiosa. Ela lhe sussurrou o nome em tom de súplica e agarrou-se a ele, incendiada por uma sensação que a assustava, que tomava controle de seu corpo.

Ao perceber que Becky se entregava, as mãos deixaram o rosto para cingir o copo dela, trazendo-a mais perto para que sentisse a extensão de seu desejo. Então cessou a provocação, e seus lábios abriram os dela com brutalidade, colando-se a eles com tanta pressão que forçava a cabeça dela para trás.

Becky experimentara alguns beijos, mas nenhum como aquele. Tremia dos pés à cabeça por receber dele o que sua boca tanto ansiava. Sentia a posse feroz de seus lábios com imensa alegria. Sorveu o sabor de fumaça em sua boca, afogando-se no licencioso fervor do beijo. Ela gemeu e agarrou-se a ele, a boca correspondendo à dele num frenesi de chocantes emoções.

Kilpatrick percebeu que ela tremia e afastou-se de repente. Respirava com dificuldade enquanto fitava o rosto surpreso e enlevado de Becky. Os olhos esverdeados, arregalados, refletiam a confusão que ela estava sentindo. Sentiu-se culpado.

— Desculpe — ele murmurou. — Eu não deveria ter feito isso.

— Não entendo — ela sussurrou, grata pelas mãos que seguravam seus braços, pois sentia-se fraca a ponto de cair no chão caso não tivesse apoio. Todo seu corpo pulsava.



— Becky, um homem beija uma mulher assim quando está tentando levá-la para a cama — ele explicou. As mãos morenas deslizaram pela pele macia de seus braços. — É a última coisa que eu deveria ter feito. Imagino que tenha sido mais longo do que devia.

— Não tem importância — ela murmurou.

Ela a soltou lentamente, observando-a com uma mistura de emoções. Sentia o corpo rijo e desconfortável, mas teria que se controlar. Becky não era o tipo de mulher que poderia satisfazer suas vontades. Precisava de um homem com quem pudesse se casar, não de um solteirão confesso.

— Obrigada pela noite — ela disse depois de um instante. — Eu me diverti bastante.

— Eu também. Boa noite. — O cumprimento soou ríspido, e ele não parecia no melhor dos humores.

Becky observou-o descer os degraus com uma sensação de perda. Kilpatrick não voltaria. Ela tinha ultrapassado os limites daquele frágil relacionamento ao suscitar sentimentos. Sabia por instinto que ele não desejava uma mulher que atravessasse sua armadura emocional. Não, ele não voltaria.

Observou Kilpatrick entrar no carro e afastar-se sem nem olhar para ela. *Cinderela*, ela pensou com certo humor. O encanto acabava ao soar das 12 badaladas. *Bem, acho que tenho sorte de não ter virado abóbora*, ela pensou consigo mesma. Com um suspiro longo e sentido, ela entrou e trancou a porta.

A casa estava às escutas e ninguém estava de pé. Esperava que Clay estivesse na cama, e não farreando com a provocante namorada e seus horrorosos amigos. Mas Becky vivera uma noite maravilhosa que poderia guardar em sua memória. Talvez a ajudasse a suportar o resto de sua vida. Foi para a cama determinada a não chorar, mas o fez.

CAPÍTULO DEZ

Kilpatrick ficou pensando a noite toda, e mal dormiu. Às vezes se esforçava para ir à igreja aos domingos, mas hoje não era um desses dias. Tomara duas doses de scotch



puro ao chegar em casa, e agora a cabeça estava doendo. Os doces olhos de Becky o perseguiram. Ela tinha dito que cuidaria dele caso ficasse doente. Ele fechou os próprios olhos e gemeu alto. Mesmo o tio, que gostava dele, nunca fora um homem abertamente afetuoso. Kilpatrick não sabia lidar com afeição. Nunca soubera. Becky estava mudando isso, mas não podia permitir. Ele era o tipo totalmente errado para alguém tão inocente. Não podia deixar isso acontecer. Becky já tinha muitos fardos na vida.

Fez café e o bebeu enquanto lia o jornal de domingo. Tudo estava muito silencioso agora que Gus morrera. Sentia uma falta tremenda do cachorro. Talvez fosse boa ideia comprar um filhotinho. Lembrou que Becky era favorável a um hassê e sorriu. Gostaria de ter um. Bem, não faria mal algum dar uma olhada nas pet shops. Não levaria Becky consigo, claro. Estranho que isso minasse seu entusiasmo. Mas não podia deixar que ela ficasse apegada a ele. Ela era tão vulnerável, droga! Não era o tipo de mulher que podia se envolver num caso sem arrependimentos.

Largou o jornal e puxou sua pasta de couro, entupida até o topo com petições que precisavam ser examinadas antes que fosse para o tribunal no dia seguinte. Se for para ficar pensando, pode muito bem trabalhar, disse a si mesmo com firmeza.

Becky se vestiu para ir à igreja depois de uma noite longa e insone. Talvez tivesse sido bom que Kilpatrick tivesse partido sem nem olhar para trás, ela disse a si mesma. Isso tornaria sua vida menos complicada. Mas isso não tornava a situação fácil de engolir. Sabia que o avô não estava com disposição para ir à igreja, e Clay nunca ia, apesar de seus esforços para encorajá-lo. Mas Mack gostava da escola dominical e sempre estava de pé e vestido quando Becky surgia à porta.

Com relutância, bateu à porta de Clay e colocou o rosto pela brecha.

— Fique de olho no vovô enquanto eu estiver fora, se puder — ela disse com indiferença, notando que ele parecia de ressaca. Não perguntaria a que horas ele tinha chegado em casa.

Sonolento, ele se apoiou em um dos cotovelos, encarando-a.

— Você é uma traidora, Becky — Clay a acusou friamente. — Como pôde sair com aquele homem depois do que ele fez comigo?

Becky não perdeu tempo.

— Depois do que *e/*le fez com *você*? — ela perguntou. — E o que *você* fez para se meter em confusão? Ou isso não conta?

— Se o trouxer aqui novamente, eu...!



— Vai fazer o quê? — ela perguntou num tom irritado. — Se não gosta da situação, sabe onde fica a porta. Mas não espere que eu vá tirá-lo da prisão uma segunda vez. Se partir, vou notificar às autoridades.

Clay ficou pálido. Ela já ameaçara fazer isso e parecia determinada. Sentia-se enjoado. Os Harris o tinham bem nas mãos com suas ameaças, e sua própria paixão por Francine o mantinha preso a eles. Não queria perder Francine ou o dinheiro, mas também não queria Kilpatrick no seu pé. Deixar o homem andar por ali seria um convite ao desastre.

— Becky...

— Um menino de dez anos da escola de Curry Station morreu de overdose de crack — ela disse, observando o rosto dele com atenção.

Clay parecia ter parado de respirar. O rosto não denunciava nada, mas um brilho de medo surgiu nos olhos dele e Becky sentiu vontade de gritar. Tentava não acreditar que ele tivesse qualquer ligação com a venda das drogas, mas aquele olhar a deixou nervosa.

— Sabe de alguma coisa a respeito? — ela perguntou.

Ele desviou o olhar.

— Por que saberia? Eu te disse que não quero ir para a cadeia, Becky.

Ela não ficou realmente tranquila. Não conseguiria. Apenas deu uma boa olhada no irmão e saiu, fechando a porta.

Mack apareceu de repente às suas costas. Becky notou que seu rosto demonstrava ansiedade, os olhos estavam arregalados e perturbados.

— Era Billy Dennis. O menino que morreu. Era um amigo meu. John Gaines ligou enquanto você estava fora na noite passada e me contou. — Ele baixou o olhar. — Billy nunca machucou ninguém. Prefiria ficar sozinho. Ninguém gostava muito dele, mas eu sim.

— Oh, Mack — ela murmurou.

Mack olhou na direção do quarto de Clay e pensou em falar, mas não conseguiu coragem de contar nada a Becky. Ele suspirou e lhe deu as costas.

Becky despediu-se do avô após acomodá-lo, então ela e Mack foram até a pequena igreja batista que ela frequentava desde a infância. A igreja batista predominava na área rural da Geórgia, e era assim há mais de um século. Prenúncios de perdição eterna vertiam dos púlpitos das igrejas das regiões mais urbanizadas e, nas manhãs de domingo, os assentos estavam sempre lotados.



Becky adorava a bucólica igrejinha branca com sua torre alta e ambiente pitoresco. Porém o que mais amava era a paz e a segurança que sentia dentro de suas paredes espartanas. A mãe, a avó e seus bisavós estavam enterrados no cemitério atrás da igreja. Um de seus primos havia doado uma grande parte do dinheiro utilizado para construir a estrutura, que tinha mais de setenta anos. Becky sabia que o senso de tradição e continuidade que tornava o sul tão coeso era parte da razão de os residentes locais comparecerem à igreja a cada domingo e abraçarem os programas de assistência aos necessitados. Podiam brigar com tudo e todos durante a semana, mas aos domingos, ao menos, esforçavam-se para serem mais nobres do que realmente eram.

— Você está muito bonito — Becky disse a Mack depois de terem descido do carro, enquanto seguiam para a porta da igreja.

— Você também. — Mack sorriu. Vestia calça social, a única que tinha, com uma de suas duas camisas brancas e sua única gravata. Usava tênis, porque não tinham dinheiro para comprar sapatos de couro.

Becky vestia um terninho branco, que usava com uma blusa de tricô azul e salto-alto branco levemente arranhado. Felizmente ninguém ali reparava em como a pessoa estava vestida, ou olhava com desprezo para os integrantes menos afortunados da congregação. Aquelas eram as pessoas que vieram correndo até sua casa quando a mãe morreu, com pratos de comida e ofertas de ajuda. Eram pessoas que viviam segundo suas crenças. Sentia-se muito mais em casa ali do que em sua própria sala de estar.

Talvez fosse isso que tornava a igreja divertida, não uma obrigação semanal cumprida apenas para causar boa impressão. Enquanto ouvia o sermão, pensava em Clay e esperava que ele não estivesse fora de alcance. Não sabia o que fazer. Ceder às ameaças dele não ajudaria em nada, mas e se sua oposição o afastasse ainda mais e o levasse direto para a cadeia? Ela cerrou os dentes. Se ao menos pudesse pedir ajuda a Kilpatrick. Tentara, mas suas emoções se colocaram no caminho. Agora teria de resolver a situação sozinha, de alguma forma.

A manhã de segunda-feira chegou cedo demais. Passara o resto do domingo cozinhando, deixando as roupas de todos prontas para aquela semana, e assistindo televisão com Mack e o avô. Clay já tinha saído quando ela e Mack voltaram da igreja. Só apareceu tarde da noite, depois que todos já tinham ido para a cama.

— Vai para a escola hoje? — ela perguntou com indiferença enquanto apressava Mack pelo corredor.



Clay deu de ombros.

— Acho que sim — respondeu. Parecia e soava abatido. Na verdade, ele estava. A morte da criança o perturbava. Nunca imaginou que algo assim aconteceria. Era a pior coisa que já tinha feito, mesmo que não tivesse entregado a droga ao menino. Só tinha pedido algumas dicas aos garotos mais velhos, e Dennis era conhecido do irmão caçula de alguém. Bubba fizera a venda. Mas Clay não podia revelar nada sem prejudicar a si mesmo, e os irmãos Harris já tinham feito ameaças horríveis sobre o que poderia acontecer com ele caso testemunhassem.

Estava de mãos atadas, e as coisas pioraram desde que Mack se recusara terminantemente a tomar parte no que eles estavam fazendo. Ficava suando de medo, esperando que Mack o dedurasse, mas ele não o fizera. Mas Mack nem falava com ele agora. E, desde a morte de Dennis, Mack o encarava como se ele fosse algo realmente repugnante. Doía saber que o irmãozinho que o idolatrava feito herói agora o odiava. Becky também parecia ter deixado de se importar com ele. Sentia-se como uma carroça sem uma das rodas, afundando cada vez mais num banco de areia, sem ter em quem confiar.

Francine confortara-o na noite anterior. Não se preocupe, ela dissera, ninguém vai descobrir que você teve algo a ver com isso. Mas nem isso lhe dera paz. Imaginava se algum dia teria paz novamente. Precisava ir à escola, pois ficaria louco se continuasse em casa.

Becky seguiu para o trabalho igualmente aflita. O avô parecia um pouco abatido pela manhã, o que a deixara preocupada com ele também. Ele não tinha feito qualquer comentário sobre Kilpatrick desde sábado, mas isso também não era de seu feitio. Vovô dizia exatamente o que pensava, exceto quando estava doente demais para se importar; Esperava que ele não estivesse para ter uma recaída.

— Então, como foi? — Maggie perguntou baixinho quando Becky entrou no escritório.

— Jantamos e saímos para dançar, foi muito divertido — ela mentiu, sorrindo. Entregou a Maggie uma sacola de papel com a bolsa de miçanguinhas e os sapatos dentro. — Muito obrigado por emprestá-los. Eu fiquei atraente. Foi o que ele disse.

— Fico contente que tenha gostado. Você tem direito a se divertir.

Becky prendeu uma mecha de cabelo solta novamente no coque e endireitou o vestido acinturado xadrez. Estava limpa e arrumada, mas nada de espetacular.



— Acho que isto faz mais meu estilo — campestre e básico. — Ela suspirou. — Ah, Maggie, por que a vida é tão complicada?

— Eu te conto depois — Maggie sussurrou, apontando a sala do patrão com a cabeça. — Ele está de mal-humor; vai ao tribunal esta manhã, lembra? E está com dois casos — um contra seu amigo Kilpatrick. Ele está se aprofundando em novas conclusões com todo afinco, mas aposto que Kilpatrick já está dois passos adiante dele. É o que ele pensa também.

O coração de Becky pulou ao ouvir o nome de Kilpatrick, mas não adiantaria se entusiasmar muito. Aquele interlúdio acabara. Mesmo tendo sido formidável, precisava viver no mundo real, não num passado de sonhos. Ela removeu a capa de sua máquina de escrever e começou a trabalhar.

Já era fim de tarde quando Kilpatrick voltou do tribunal. Ele próprio cuidara de um caso envolvendo tráfico de drogas, enquanto seus colegas de trabalho se espalharam pelas outras salas de audiência, cuidando de casos que variavam de molestamento infantil a tentativa de homicídio. Estava cansado e mal-humorado, e seu humor não melhorou em nada ao encontrar Dan Berry esperando por ele.

Deixou a pasta no chão ao lado da escrivaninha e ficou de pé, alongando-se, o corpo dolorido depois de horas sentando na mesma posição.

— Então, o que foi? — perguntou logo.

Berry levantou-se e fechou a porta lentamente.

— Assunto pessoal — ele respondeu. — É sobre a bomba.

Kilpatrick sentou-se na beira da escrivaninha e acendeu um charuto.

— Fale.

— Lembra que eu te contei que Harold Blair, que estava saindo da prisão, ameaçara matá-lo assim que estivesse livre?

Kilpatrick assentiu.

— O gabinete do comandante dos bombeiros rastreou o *timer* da bomba até uma loja local de equipamento de rádio. O proprietário era grande amigo de Blair, segundo descobriram.

— O que não significa que ele tenha feito a bomba ou ordenado que a fizessem. E a maioria das lojas de eletrônica oferece peças que podem ser usadas para bombas. — Kilpatrick meneou a cabeça, as sobrancelhas bem juntas de tão franzida a testa. Fumava



o charuto distraidamente. — Não, acho que foi o velho Harris e seus garotos. Tenho quase certeza.

— Esqueceu o que eu disse sobre o garoto Cullen e sua habilidade com eletrônica?

— Não esqueci. Só acho que ele não seria tão estúpido.

Berry estreitou os olhos.

— Olhe, todos sabem que você tem saído com a irmã do Cullen...

— O que não tem nada a ver com a minha maneira de dirigir este gabinete — Kilpatrick disse com tom irritado. — Não pretendo ignorar nada do que aquele garoto faz só porque às vezes saio com a irmã dele. Se ele estiver envolvido, será indiciado. Entendeu?

— Entendi! — Dan disse, batendo continência. — Você me convenceu — é verdade! Kilpatrick encarou-o, furioso.

— Também não acho que tenha sido Blair. Mas se isso faz com que você se sinta melhor, vou procurá-lo para uma conversinha.

— Desarmado? — Berry exclamou.

Os olhos de Kilpatrick faiscaram.

— Ele não me atacaria em plena luz do dia na própria casa. Até Blair tem mais cérebro do que isso. — Levantou-se e olhou o relógio. — Farei isso agora. Meu próximo caso é só amanhã de manhã. Descobriu alguma coisa do caso Dennis?!

Berry assentiu.

— Entrevistei vários meninos da escola que o conheciam, incluindo um rapazinho chamado Mack Cullen, que era um de seus amigos.

Kilpatrick contraiu o queixo. Berry notou o movimento denunciador.

— Você não sabia, acertei? Pensei que a srta. Cullen pudesse ter mencionado o assunto.

Kilpatrick meneou a cabeça.

— Mas pretendo perguntar — ele disse, decidindo fazer algo que prometera não fazer. Jurara que deixaria Becky em paz, mas o fim de semana tinha se arrastado para chegar ao fim e ele sentira falta dela, de seu sorriso, do som de sua voz. Quase ligara para Becky pela manhã, mas conseguiu reunir força de vontade suficiente para conter-se. Agora, parecia que tinha uma boa desculpa para satisfazer sua consciência. Seu humor melhorou por completo.



— Não deixe de verificar debaixo do capô antes de dirigir — Berry aconselhou. — Não queremos que exploda em pedacinhos antes de colocarmos as mãos no culpado pela bomba. Cerro?

— Pode deixar — Kilpatrick tranquilizou-o, prendendo o charuto na boca e sorrindo. — Minha aparência ficaria horrível caso eu fosse reduzido a pedaços, pode apostar.

Berry começou a falar, mas Kilpatrick já estava na porta, dirigindo-se ao escritório de Becky. Que os bons princípios fossem para o inferno, ele disse a si mesmo.

Abriu a porta e entrou, vendo Becky inclinada sobre a máquina de escrever. As outras mulheres pararam de trabalhar para fitá-lo. Ele se sentou sobre a escrivaninha de Becky e esperou até que ela erguesse os olhos, o rosto a princípio surpreso, depois radiante de alegria.

Kilpatrick sorriu.

— Feliz por me ver? Também estou feliz por vê-la. Estarei ocupado a semana toda no tribunal, mas podemos jantar na sexta à noite. Comida chinesa ou grega? Adoro uma boa moussaka com vinho resinado, mas também gosto muito de porco agridoce.

— Nunca experimentei comida grega — ou chinesa — Becky confessou, soando tão confusa quanto se sentia.

— Então escolhemos no dia. Não posso ficar. Tenho que interrogar um homem que ameaçou arrancar meus intestinos e amarrá-los num poste telefônico.

Becky ficou atônita.

— Não se preocupe — ele disse, ficando de pé. — Não acho que ele seja o culpado. Ele não entende nada de eletrônica, e quer muito ficar livre para ter feito uma coisa dessas.

— Você tem verificado o carro...

— Você e Berry — Kilpatrick murmurou, olhando zangado para ela. — Sinceramente, será que vocês pensam que eu não gosto de viver? Claro que verifico meu carro, minha porta e meu banheiro. Até mandei importar um gato que prove minha comida antes de eu comer. Satisfeita?

Becky riu, e notou Maggie se esforçando para não rir também.

— Vivi 36 anos quase que sozinho — ele murmurou. — Pretendo chegar aos quarenta. Ouviu muitas reclamações em casa?

— Sim, mas só até eu dizer a Clay que ele podia ir-se embora para cuidar sozinho da própria vida. Ele ficou zangado pelo resto do fim de semana. Até Mack parecia



carrancudo. Ele conhecia o menininho que morreu — ela comentou com um longo suspiro. — Pobrezinho. Que péssima idade para se morrer.

— Qualquer idade é péssima para se morrer, se a causa da morte é estúpida. — Kilpatrick estudava o rosto dela, vendo a dor que ela sentia. *Ela fica sentida até por estranhos*, ele pensou, imaginando se teria interpretado mal as coisas que ela dissera na noite do encontro. Isso o aborrecia. Estava começando a perceber que queria mais do que a compaixão de Becky

— Preciso ir — ele disse abruptamente. — Nós nos veremos depois.

— Está bem — ela respondeu com os olhos brilhando enquanto Kilpatrick se afastava. Felizmente, ele não olhou para trás. Becky sorriu, depois deu uma risada. Ficara triste durante o fim de semana inteiro, achando que ele tivesse dito um adeus definitivo, mas fora apenas um começo.

— Ora, ora... Uma Cinderela, e aqui no escritório — Maggie riu. — Acho que ele gosta de você.

— Espero que sim — Becky murmurou. — O tempo dirá.

Os dias seguintes voaram. Com o tribunal em sessão, Becky ficou louca com tantos arquivos e documentos para datilografar, assim como Maggie e as outras meninas. Mas isso era bom de certa forma, porque desviava seus pensamentos de Kilpatrick.

Em casa, a situação era outra. Becky estava sempre sonhando acordada. Era inacreditável que o mundo parecesse tão novo e vívido agora que tinha alguém com quem sonhar. O avô e Mack não disseram nada quando ela anunciou que sairia com Kilpatrick na sexta. Nem Clay, embora ele tivesse ficado com o sangue gelado. Não sabia o que aconteceria, mas os encontros do promotor de justiça com sua irmã só lhe causariam ainda mais problemas. Não sabia o que os Harris poderiam fazer quando descobrissem. Se alguém se metesse em confusão com a polícia, ele seria a primeira pessoa da qual suspeitariam.

Kilpatrick tinha quase certeza de que Harvey Blair não queria matá-lo, e teve ainda mais certeza assim que viu o ex-condenado. Blair, um homem grandalhão e desajeitado, com cabelos escuros e olhos claros, não parecia hostil ao atender a porta do apartamento no decadente núcleo habitacional e deparar-se com Kilpatrick.

— Não quero problemas, Kilpatrick — ele disse imediatamente. — Li os jornais. Sei o que aconteceu com você. Mas não fui eu.



— Não achei que fosse — ele respondeu calmamente. — Mas é parte do meu trabalho verificar todas as informações. Como vão as coisas?

Blair ficou de lado para que Kilpatrick, mais alto, entrasse. O apartamento era limpo e arrumado, mas barulhento. Uma mulher magra e três crianças em idade pré-escolar estavam esparramados pelo chão brincando com bloquinhos de construção. Ergueram os olhos e sorriram timidamente antes de concentrarem-se novamente na brincadeira.

— Minha filha e meus netos — Blair disse com um grande sorriso. — deixaram que eu morasse aqui com eles. Meu genro morreu no ano passado, então posso dizer que estou cuidando deles. É impressionante, não é, como a responsabilidade elimina o lado turbulento de uma pessoa? — Ele suspirou e colocou as mãos nos bolsos. — Arrumei emprego como motorista de caminhão na cidade. Paga bem, e não se importam de eu ser ex-condenado. Até tenho direito a seguro e aposentadoria. — Ele sorriu para Kilpatrick. — Não acha bom para quem já pagou seu crime?

Kilpatrick deu uma risada.

— Fico contente de saber que as coisas têm ido bem. De todos os casos que levei a juízo, o seu é o que mais lamento ter vencido.

— Obrigado. Mas eu era mesmo culpado, apesar de ter recebido perdão. Mas agora quero seguir meu caminho — ele disse com seriedade. — Recebi uma segunda chance de ser um cidadão respeitável. Não quero desperdiçá-la.

— Não. Creio que não a desperdiçará. — Kilpatrick estendeu a mão e o outro homem a apertou. Ele deixou o apartamento certo de que Blair não colocara a bomba no carro. O homem tinha muito a perder. Mas isso ainda deixava Clay Cullen como suspeito, e ele não poderia contar a Becky das várias evidências que apontavam para seu envolvimento — mesmo que não fosse direto — com a morte do garoto Dennis. Deus, alguns dias eram bem difíceis!

O resto da semana se passou com ele esgotado no tribunal, ouvindo pessoa atrás de pessoa, até sentir vontade de gritar. O processo exigia que ele questionasse cada jurado com relação à questão a ser julgada. Você tem ligação com o réu, com qualquer uma das testemunhas, ou qualquer um dos advogados? Você está familiarizado com o caso em questão? Você tem parentes que foram envolvidos? As perguntas foram repetidas a cada integrante de cada uma das cinco mesas, compostas por 12 jurados em potencial e mais um substituto, durante quase o dia inteiro.



Kilpatrick precisava se lembrar do nome de cada jurado e anotar rapidamente cada informação que pudesse interferir no caso. Então houve um momento de silêncio enquanto ele e o defensor público avaliavam cada pessoa. Dispensaram aqueles que poderiam ser prejudiciais aos seus casos, até que ambos ficassem satisfeitos quanto à imparcialidade do júri. Um júri imparcial era importante, assim como um juiz imparcial. Teve a sorte de conseguir o juiz Lawrence Kentner, um senhor que conhecia as leis de trás para a frente. Era um mérito à advocacia, e Kilpatrick o respeitava. Se conseguisse a condenação num julgamento presidido por Kentner, havia poucas chances de algum advogado de defesa alegar procedimento inadequado do juiz.

J. Lincoln Davis aparecera no tribunal durante o recesso dos procedimentos para apresentar requerimento de prosseguimento de um de seus casos. Parou junto à cadeira de Kilpatrick, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— Já deve ter ouvido que estou prestes a anunciar candidatura — ele comentou. Kilpatrick sorriu.

— Ouvi. Boa sorte.

— Espero que ao menos me proporcione uma boa briga — Davis murmurou.

— Ora, Jasper. Não é o que eu sempre faço? — ele perguntou inocentemente.

— Não use esse nome — o outro resmungou, olhando rapidamente ao redor para ter certeza de que os oficiais e o advogado júnior que conversavam com o escrevente não tinham ouvido. — Sabe que odeio esse nome.

— Sua mãe gostava dele. Que vergonha ocultá-lo usando uma inicial.

— Espere só até nos enfrentarmos num debate na televisão — Davis disse, sorrindo ao considerar aquela perspectiva. — Minha equipe está pesquisando todos os seus antigos casos.

— Tomara que se divirtam — Kilpatrick disse amavelmente.

— Para um homem atrás da reeleição, você está tratando o assunto com muita casualidade.

Kilpatrick não estava atrás da reeleição, mas por que estragar a diversão de Davis revelando isso? Apenas sorriu.

— Tenha um bom dia.

Davis fez cara feia e saiu, a pasta de couro balançando em uma das mãos enormes. Kilpatrick sentiu-se um tanto culpado por atormentar o homem. Davis era bom sujeito, e um excelentíssimo advogado. Mas podia ser um verdadeiro incômodo às vezes.



Ele juntou sua papelada e deixou o tribunal. Eram cinco horas e ainda precisava enfrentar mais duas horas de trabalho no escritório com questões de rotina antes que pudesse ir para casa. Mas era noite de sexta e Kilpatrick prometera levar Becky para jantar. Resmungou mentalmente. Odiava ter que desapontá-la, mas não havia nada que pudesse fazer. O trabalho vinha primeiro.

Parou no escritório dela a caminho do seu. Todos se preparavam para sair, mas Becky ainda trabalhava na máquina de escrever. Cumprimentou Bob Malcolm, então se sentou à escrivaninha ao lado de Becky.

— Ainda tenho mais duas horas de trabalho no escritório — ele disse irritado. — Foi uma semana infernal.

— E não poderá sair hoje à noite — Becky adivinhou, sorrindo para não demonstrar seu desapontamento. — Tudo bem, eu compreendo.

Kilpatrick suspirou zangado.

— Não, nada disso. Vá para casa e dê jantar à sua família. — Ele lhe observava o rosto triste. — Vai ficar bem tarde — ele disse um tanto hesitante —, mas se você quiser voltar de carro para cá e esperar que eu termine tudo, podemos sair para comer qualquer coisa depois.

O coração de Becky deu um salto, e a tristeza desapareceu de seus olhos.

— Eu adoraria. A não ser que esteja muito cansado...

— Também preciso comer, Becky. E não estou tão cansado. Tranque as portas quando sair. Eu a acompanho no meu carro até em casa quando terminarmos.

— Está bem. Não me demoro.

Kilpatrick levantou-se, rindo da expressão dela. Parecia uma criança no circo.

— Não vá deixar que a tranquem no armário.

— Sem chance — ela disse, e era verdade.

Becky foi para casa preparada para uma briga. Já avisara na noite anterior que sairia para jantar com Kilpatrick. Mas desta vez, quando chegou em casa, o avô passava mal, gemendo e praguejando por tudo que era mais sagrado.

Ela entrou em pânico. Ajudou-o a ir para a cama e então torceu as mãos, pensando no que fazer. O médico viria se chamasse, mas seria desperdício de uma boa parte do orçamento caso o avô só estivesse fingindo. Não sabia dizer ao certo se ele estava mesmo indisposto.



Clay, segundo soube, tinha saído. Não sabiam para onde ele fora. Mack estava vendo televisão e era impossível arrancá-lo da frente da tela. Parecia que Becky não teria um encontro naquela noite.

CAPÍTULO ONZE

Becky sentou-se ao lado da cama do avô com o rosto entre as mãos. Sempre que ele passava mal, ela ficava muito nervosa. Era aterrador ser responsável pela vida de outra pessoa. Se tomasse a atitude errada, ele poderia morrer, e Becky nunca se perdoaria. Por outro lado, não poderia saber se ele não se aproveitaria da saúde frágil para mantê-la longe de Kilpatrick, a quem odiava.

— Está tudo bem, menina — ele disse, fazendo uma careta ao ver a expressão dela.
— Não vou morrer.

Ela meneou a cabeça.

— Eu sei. É só que... — Os ombros magros de Becky se ergueram e se encolheram. Então ela sorriu carinhosamente. — Eu nunca tive namorado, sabe? Ninguém nunca olhou para mim ou gostou de mim o suficiente para me convidar para sair uma segunda vez. Kilpatrick sabe que não sou moderna, mas mesmo assim gosta de mim. — Ela fixou os olhos na coberta. — Sinto-me contente por ele me convidar para sair.

O avô suspirou zangado.

— Você vai se machucar — ele disse sem emoção. — Ele pode estar usando você para pegar Clay. O garoto está aprontando alguma coisa, Becky. Nós dois sabemos, e duvido que Kilpatrick não saiba também. Você seria a melhor maneira, e a mais óbvia, de manter Clay sob controle.

— É o que você vive dizendo. Mas se fosse assim, por que ele nunca me pergunta nada sobre Clay?

— Isso não sei responder. — O avô sentou-se e esfregou a mão nos cabelos brancos. — Estou melhor agora. Vá. Mack pode chamar o médico se eu precisar. Ele é um bom garoto.



— Sim, eu sei.

Becky hesitou, e o avô pareceu se sentir culpado por um momento.

— Já disse que estou bem. Não aprovo que saia com esse homem, mas preciso admitir que é bom vê-la sorrindo para variar. Eu aguento o tranco quando você ficar chorando suas mágoas. Só tome cuidado para que ele não se aproveite de você, de maneira alguma — acrescentou com firmeza.

— Serei cuidadosa. — Becky deu um grande sorriso. Abaixou-se para beijar o avô. — Vou terminar o jantar antes de ir. Não chego tarde em casa.

— Você é uma boa moça — ele disse, franzindo a testa enquanto ela abria a porta. — Acho que tem sido muito difícil para você. Ficamos dependentes de você, Becky. Não deveria ter deixado.

— Alguém precisa cuidar de você e dos meninos — ela disse carinhosamente. — Não me importo. Amo vocês — ela acrescentou com um sorriso.

— Amamos você também — ele disse com voz rouca, desviando o olhar. — Clay também, mas ele ainda precisa aprender o que é amor.

— Espero que não seja uma lição muito dolorosa — Becky respondeu. Então saiu e fechou a porta.

Quando ela terminou de preparar o jantar, percebeu que já estava uma hora atrasada. Kilpatrick desistiria de esperar. E pior: já era muito tarde para comer qualquer coisa que não fosse hambúrguer. Um homem que trabalhava tanto como ele precisava de uma refeição balanceada.

Becky pegou a velha cesta de vime para piquenique e colocou nela alguns biscoitos amanteigados, salada de batata e presunto assado, mais duas fatias da torta de maçã que fizera no começo da semana. Serviu o jantar a Mack e o avô, e ainda colocou uma garrafa térmica com café dentro da cesta antes de sair. Eles foram bem amáveis — especialmente Mack, que não parecia nem um pouco ofendido com ela. O avô estava ligeiramente animado. Becky chegou a imaginar que tinham envenenado a comida reservada para Kilpatrick.

Kilpatrick esperava por ela. Ele olhou intencionalmente para o relógio, porque as duas horas que ele disse que precisaria para terminar o trabalho já tinham passado.

— Desculpe — ela disse encabulada, envolta em seu velho sobretudo. Havia chovido e estava frio lá fora. — Vovô passou mal e eu fiquei com ele até ter certeza de que estava tudo bem.



— E ele está bem? — ele perguntou.

— Sim. Mas lamento o atraso. Você já desistiu do encontro? — ela perguntou, a cesta pendurada ao lado da bolsa.

Kilpatrick levantou-se, sorrindo. Estava sem paletó e as mangas da camisa estavam enroladas até os cotovelos.

— Não, não desisti. Você teria ligado se não pudesse vir.

— Você já me conhece muito bem — ela disse com uma risada.

— Não tanto como eu gostaria. O que vai ser: chinesa ou grega?

— Que tal comida caseira? — ela perguntou com um sorriso, exibindo a cesta. — Achei que seria tarde para comer fora, a não ser que fosse hambúrguer ou algo do gênero. Pensei que gostaria mais de presunto, salada de batata e torta de maçã.

— Você é um anjo! — ele exclamou enquanto Becky colocava a cesta sobre a escrivaninha e a abria. O delicioso aroma tomou o escritório. — Já estava conformado em comer hambúrguer. Isto é um banquete.

— É o que sobrou do jantar — ela o corrigiu enquanto tirava pratos, copos, pires e talheres. Notou que ele estranhou a louça e corou um pouco. Não queria dizer que não podia comprar pratos descartáveis e talheres de plástico.

Contudo, Kilpatrick pareceu perceber o fato por si mesmo. Sorriu gentilmente enquanto abria espaço na mesa para que ela colocasse a comida.

— Isto é delicioso — ele suspirou quando terminaram de comer. Encostou-se na cadeira, bebendo café, enquanto Becky desembulhava a torta de maçã e a servia nos pires. — Becky, você é ótima cozinheira.

— Gosto de cozinhar — ela confessou. — Minha mãe me ensinou. Ela era excelente.

— Deve ter sido um golpe terrível quando ela morreu — ele comentou, observando-a enquanto comia.

— Foi o fim do mundo na época. Mack só tinha dois anos. Clay tinha nove. Papai nunca ficava muito em casa — vivia indo e voltando. Foi o vovô quem manteve as coisas nos eixos. Eu consegui terminar o colegial. A sra. White que mora mais abaixo na estrada cuidava de Mack. Vovô ainda trabalhava na ferrovia na época — Ela sorriu saudosa. — Era divertido cuidar de um bebê. Mack e eu somos muito próximos porque sou mais mãe do que irmã. Mas Clay... bem, sempre estava metido em confusões, mesmo quando novinho. As coisas só pioraram. Ele odeia autoridade.



— Ele não fez críticas por sair comigo? — ele perguntou.

— Claro. Tanto ele quanto vovô. Mack é o único que parece pensar em mim — ela acrescentou enquanto terminava seu café e sua torta..

— Então você andava por aí fazendo coisas de menino? — ele perguntou, imaginando Becky subindo em árvores e jogando beisebol.

Ela riu.

— Sim. Ter dois irmãos predispõe uma pessoa a isso. Também sei juntar feno e dirigir o trator, embora não goste. — O riso desapareceu ao pensar no plantio de primavera. — Será difícil este ano, sem vovô para ajudar com o plantio. Sempre tivemos uma pequena plantação e nossa própria horta, mas este ano não sei. Clay simplesmente não ajuda em nada, e Mack é muito novo.

— Seu pai não contribui em nada para o sustento dos filhos? — ele perguntou.

Ela meneou a cabeça.

— Ele não tem senso de responsabilidade. Sempre quis dinheiro fácil.

Kilpatrick brincava com a caneca branca que segurava.

— Lembro dele, muito pouco. Era bem parecido com Clay.

— Desrespeitoso, arrogante e nada prestativo — ela adivinhou.

Ele explodiu em gargalhadas.

— Sim, para ser sincero.

— Este é o papai. — Ela recolhia os pratos e copos, olhando com ironia para Kilpatrick. — Estou feliz por ter saído à minha mãe. Era uma pessoa extremamente honesta. Mack será assim também. Já é. Estava furioso com a morte de Dennis.

— Como ele e Clay se dão? — ele se perguntou em voz alta.

— Não estão se entendendo bem ultimamente — Becky respondeu enquanto recolocava as coisas na cesta e a fechava. — Mack nem fala mais com ele desde o fim de semana. — Ela franziu a testa. — Ele não quer me dizer por quê.

— Irmãos sempre brigam, é o que dizem — ele comentou, suavizando o assunto. Era cedo demais para começar a investigar.

— Você não tem irmãos ou irmãs, tem? — ela perguntou gentilmente.

Ela meneou a cabeça.

— Não, sempre fui sozinho. Acho que sempre serei. — Levantou-se, alongando-se preguiçosamente, fazendo a camisa branca colar-se à musculatura do peito largo. Ele



tinha pelos ali. Becky podia ver os pelos escuros aparecendo pela abertura da gola. Ficou embaraçada com a visão e desviou o olhar.

— Da próxima vez, sairemos para comer fora — ele disse, sorrindo preguiçosamente. Seu olhar buscou a boca macia e ficou ali enquanto se lembrava da sensação de beijá-la.

— Você poderia vir para o almoço de domingo na fazenda — Becky sugeriu hesitante, ficando ruborizada ao perceber que isso provavelmente soava precipitado. — Bem, só se você quiser. Provavelmente seria como marchar em território inimigo desarmado.

— Nunca estou desarmado — ele retrucou. — Eu gostaria muito. Que horas?

— Que tal à uma?

— Isso lhe dará tempo de preparar o almoço depois de voltar da igreja?

— Se não for suficiente, você pode ficar sentado na cozinha e conversamos enquanto eu trabalho.

— Para me poupar do resto da família, suponho? — ele riu. — Combinado. Eu sobrevivi a dois anos no Vietnã. Acho que posso sobreviver a uma tarde com Clay e seu avô.

— Você serviu no Vietnã?

— Sim. Mas não gosto de falar disso — ele acrescentou educadamente.

Ela sorriu.

— Então não farei perguntas. Você gosta de frango frito?

— Muito. — Kilpatrick aproximou-se dela, a própria lentidão dos passos uma ameaça, considerando-se o sorriso e o calor dos olhos escuros. Ele a segurou pela cintura e a puxou para si, o sorriso enfraquecendo enquanto seu olhar abandonava os olhos esverdeados, passava pelo nariz repleto de sardas, e alcançava a boca macia. — Eu não a assustei na outra noite, assustei?

Ela não fingiu não saber do que ele falava.

— Não — murmurou. Podia sentir o hálito de café na boca de Kilpatrick, quase saboreá-lo, quando um súbito silêncio tomou a sala. As mãos esbeltas acariciavam suas costas, levando seus seios de encontro ao peito largo.

— Eu estava decidido a não vê-la novamente — ele disse, subitamente sério ao olhar nos olhos dela. — Você e eu somos de mundos diferentes, e não falo apenas financeiramente.



— Mas você mudou de ideia — ela sussurrou.

Kilpatrick assentiu. As mãos a apertaram, trazendo-a mais perto, a cabeça dele baixando.

— Porque não importa que seja impossível — ele lhe murmurou de encontro à boca —, eu a quero, Becky!

Ela conteve a respiração quando os lábios dele se uniram aos dela, forçando-os a abrir com hábil pressão. Becky fechou os olhos e deslizou os braços sob os dele e o abraçou. Ele tinha constituição vigorosa. Podia sentir o contorno dos músculos enquanto ele a abraçava, sentir a força dele. Becky flutuava entre o céu e a terra, e seu corpo começou a ficar tenso, de maneira quase dolorosa, algo que nunca vivenciara antes.

Como se percebesse isso, a mão de Kilpatrick deslizou até a base de sua coluna, puxando os quadris dela até que sentisse pela primeira vez na vida a ostensiva realidade da excitação física de um homem.

Becky arfou, e Kilpatrick ergueu o rosto. Os olhos estavam mais escuros que nunca, estreitos, intensos. Ela tentou se afastar, mas a mão aumentou a íntima pressão em seus quadris, detendo-a.

Ele viu o rubor cobrir o rosto dela, observou as sardas ressaltarem-se vividamente. Os olhos permaneceram implacavelmente fixos nos dela até que sentiu Becky estremecer. Então inclinou-se novamente, sua boca provocando, acariciando, afastando-se só quando ela relaxou em seus braços e cedeu completamente. Ela não lutava mais contra seu controle. A boca se abria sob a persuasão de seus lábios e ela lhe sorvia o ar, vivendo atrás dele, num estado de descuidado prazer.

Kilpatrick ergueu a cabeça novamente, as pálpebras praticamente fechadas. Ela o fitava deslumbrada. Os lábios carnudos estavam inchados, o rosto destituído de expressão, os olhos submissos e meigos. As mãos dele tinham se colocado nos quadris dela enquanto a beijava. Kilpatrick sustentou-lhe o olhar e a trouxe deliberadamente mais perto, os olhos escuros estudando sua atitude de abandono.

— Agradeça aos céus por eu ter escrúpulos — ele disse, a voz mais rouca que de costume, mais profunda. — Porque quando se chega a esse ponto, a maioria dos homens inventa qualquer desculpa para chegar ao fim.

— E você acha mesmo que eu poderia detê-lo? — ela sussurrou.

Ele sorriu carinhosamente.



— Você não iria querer me deter — ele corrigiu. — Mas depois... O que viria depois, Becky?

Sua mente confusa agarrou-se àquele pensamento, então Becky compreendeu onde ele tentava chegar. Culpa. Vergonha. Era isso o que viria depois, porque seu próprio código de honra não permitia casos íntimos. Para ela, sexo, casamento e amor estavam entrelaçados, eram indivisíveis. Ela baixou os olhos, e Kilpatrick a soltou, um tanto relutante, e afastou-se para acender um cigarro.

— Sua mãe alguma vez conversou com você sobre os homens? — ele perguntou por fim, olhando pela janela para os postes de luz lá embaixo.

— Eu não tinha namorado na época, então acho que ela não viu necessidade. Vovô sempre me disse para ser boa moça, e tive palestras na escola sobre os perigos da promiscuidade. — Ela encolheu os ombros. — Acho que aprendi mais lendo romances do que com alguém na família. Alguns são *muito* educativos — ela acrescentou com um pequeno sorriso.

Kilpatrick virou-se, rindo da expressão nos olhos dela. Puro feitiço. Estava muito excitado, mas ela tinha o dom de fazê-lo rir.

— Mesmo assim não quis ser moderna e liberada?

Ela meneou a cabeça.

— Quando penso direito no assunto, não. — Ela fazia um rabisco qualquer com a ponta do dedo sobre a saia do vestido. — Não sei muito sobre os homens, ou sobre as coisas necessárias para ser liberada.

— Prevenção, é o que quer dizer — ele disse calmamente, estreitando os olhos.

— Sim.

— Também não quero ter um filho, Becky — ele disse após um momento. — É claro que sabe que os homens podem se prevenir quanto a isso, tanto quanto as mulheres.

Becky sentiu o rosto arder. Era um assunto muito íntimo para se conversar, especialmente com um homem. Sentou-se na cadeira diante da escrivaninha.

— Nada é à prova de falhas, é o que dizem. E ainda existem... outras coisas.

— Doenças.

Ela assentiu. Kilpatrick riu.

— Você é tão cautelosa quanto eu. — Ele ergueu as sobrancelhas ao ver como ela o fitava com atenção. — Acha que os homens não se preocupam com isso? Pense melhor. Não sou promíscuo.



Becky apenas o fitava. Tinha imaginado que ele conquistara sua experiência após muitas mulheres. Com esta idade, era lógico que não era virgem.

— Eu costumava ser — ele continuou, fumando seu charuto enquanto se sentava na beirada da escrivaninha. — Mas um homem fica sensato com a idade. Sexo sem envolvimento é tão satisfatório quanto bolo sem açúcar. Hoje sou mais criterioso, e mais reservado.

— Talvez eu lhe pareça atraente por não ser experiente — ela arriscou, erguendo seus olhos doces e ansiosos.

— Talvez me pareça atraente porque você é você — ele respondeu, a voz profunda e controlada. Deixou os olhos vagarem de maneira ousada por ela, desde os longos cabelos castanho-claros, passando pelos grandes olhos esverdeados, pela boca macia, até a curva dos seios e a cintura estreita. — Acho que você e eu ainda acabaremos dormindo juntos, Becky — ele murmurou. — Mas quer isso aconteça ou não, seremos amigos. Vivo sozinho há muito tempo. Cheguei a uma idade onde não aprecio mais a solidão. Podemos sair juntos, ao menos.

O coração dela cantava.

— Eu adoraria sair com você — ela disse, sorrindo. — Mas quanto ao resto... — Ela franziu a testa, preocupada. — Sou medrosa. Algo pode acontecer, algo pode dar errado, entende? Não sou o tipo de pessoa que faria um aborto. Nem mato as abelhas quando me picam.

Kilpatrick segurou as mãos dela e a puxou para que se levantasse da cadeira, mantendo-a de pé entre suas coxas, os olhos de ambos na mesma altura.

— Também não acredito em aborto — ele murmurou. — Acredito em prevenção. Vamos levar um dia de cada vez, certo?

— Certo.

Ele a envolveu com o braço e a puxou para perto. As bocas se encontraram facilmente num beijo tão suave e carinhoso quanto os outros haviam sido apaixonados e impetuosos. Então ele a soltou, sorrindo, e afastou-se.

— É melhor levá-la para casa — ele disse gentilmente. — Foi um longo dia para nós dois, precisamos descansar.

— Não precisa me acompanhar até a fazenda.

— Eu já disse que a acompanharia de carro até em casa. — Ele retrucou.

Becky ergueu as mãos.



— Não é surpresa que seja um promotor tão bom. Você nunca desiste.

— Pode apostar — ele respondeu, sem sorrir.

Ele a seguiu até a fazenda, observou do carro quando ela abriu a porta, então partiu acenando com a mão.

Becky foi direto para a cama. Felizmente todos pareciam já ter feito o mesmo. No café-da-manhã, Becky anunciou que Rourke estava vindo para o almoço de domingo. Clay não disse nada. Estava com medo depois das ameaças que ela fizera. Apenas deu de ombros. Tinha um encontro com Francine naquela noite e sabia que seria difícil explicar a presença de Kilpatrick aos irmãos Harris. Encontraria uma maneira de convencê-los de que isso seria vantajoso. Afinal, ele saberia o que o promotor estava fazendo através de Becky. Clay ficou entusiasmado. É claro! Os Harris adorariam! Ele relaxou e começou a aproveitar o café-da-manhã.

— Almoço? — o avô murmurou. Então suspirou profundamente. — Bem, acho que posso suportar — ele acrescentou ao ver a expressão de Becky. — Só não espere que fiquemos conversando.

Ela sorriu.

— Tudo bem. Obrigada, vovô.

— Eu poderia mostrar a ele meu trenzinho elétrico — Mack murmurou. Ele tinha muito orgulho do antigo trenzinho Lionel O-scale. Havia pertencido a um amigo do vovô, que inesperadamente o dera de presente para Mack três anos atrás, no Natal. Becky tinha chorado, porque nunca pudera comprá-lo para o irmãozinho, que amava trens quase tanto quanto o avô.

— Tenho certeza de que ele vai gostar, Mack — Becky respondeu. — Ele não é má pessoa — disse para Clay e vovô. — Ele é divertido quando se pode conhecê-lo melhor e, à sua maneira, se preocupa com as pessoas.

— Preciso ir — Clay disse, levantando-se da mesa. — Vou ajudar o pai de Francine com o carro dele.

— Divirta-se — Becky disse. — E o trabalho?

Clay a fitou, os olhos ansiosos, o rosto vulnerável.

— Está indo bem — ele mentiu. Deu uma olhada em Mack e viu o rosto do menino endurecer de descontentamento. Virou as costas. — Até mais tarde.

Becky olhou para Mack, espantada com a expressão dele.

— Você e Clay brigaram?



— Ele queria que eu fizesse uma coisa para ele, mas eu disse que não — Mack foi sucinto. — Ora, ele não é meu chefe — ele acrescentou em tom defensivo. — Quer que eu tire o leite para você? Estive praticando. Sou muito bom nisso, Becky, pergunte ao vovô se é mentira.

— Ele é bom — o avô admitiu, sorrindo para o garoto. — Eu estive ensinando a ele. Achei que poderia lhe ajudar um pouco se ele cuidasse dessa tarefa — ele murmurou, embaraçado.

— E ajuda — ela respondeu. Levantou-se para beijar o rosto do avô. A vida parecia melhorar a cada dia! — Obrigada!

— É bom vê-la tão alegre — ele acrescentou, sorrindo. — Você parece brilhar.

— É verdade — Mack concordou, sorrindo. — Deve ser o amor. — Ele fez uma pose, levando as mãos ao coração. — Oh, Romeu!

— Saia daqui antes que eu jogue o resto dos ovos em você — ela resmungou. — Shakespeare deve estar se revirando no túmulo agora!

— Com ciúmes — Mack gritou enquanto pegava o balde de leite e saía correndo porta afora.

Becky meneou a cabeça e levantou-se para lavar os pratos. O avô, sentado em sua cadeira, parecia mais frágil do que nunca.

— Preocupado? — ela perguntou gentilmente.

Ele ergueu e baixou os ombros magros.

— Com Clay — ele admitiu. — Ele e Mack costumavam ser tão próximos. Agora nem se falam. — Ele ergueu os olhos. — Esse garoto está aprontando alguma coisa, Becky. Fica do mesmo jeito que seu pai costumava ficar quando tinha feito algo realmente grave.

— Talvez ele perceba como está enrascado e largue isso — ela disse esperançosa, mas sem acreditar em si mesma.

O avô meneou a cabeça.

— Não agora que arranjou essa namorada. Ela é má garota — do tipo que usa qualquer forma de persuasão para manter um garoto em suas garras. Escute o que eu digo, Harris a mandou fazer isso. Não sei o que aqueles garotos andam fazendo, mas Clay vai receber toda a culpa por isso mais cedo ou mais tarde. Ele não está vendo o que eles estão tramando. Mas quando perceber, será tarde demais.

— O que podemos fazer?



— Não sei — ele respondeu. Levantou-se lentamente da mesa. — Sou um velho. Estou contente por não ter muito tempo de vida. Este já não é mais um mundo bom, Becky. É muito egoísmo e sordidez para mim. Eu cresci numa época mais gentil, quando as pessoas tinham honra e orgulho, quando o nome da família significava alguma coisa. É a pressão e o ritmo da vida, não vê? Quando as pessoas trabalhavam a terra, dependiam de Deus. Agora trabalham com as máquinas e dependem delas. — Ele encolheu os ombros. — As máquinas param quando a energia acaba. Deus, não. Mas talvez as pessoas tenham que aprender isso sozinhas. Vou me deitar para tirar um cochilo.

— Sente-se bem? — ela perguntou com preocupação.

O avô parou no vão da porta e sorriu.

— Já melhorei, apesar de todos aqueles comprimidos que você e o médico me empurram. Ainda não é minha hora.

— Que bom — ela disse, sorrindo.

Ele assentiu e foi caminhando lentamente até o quarto. Becky cuidou das tarefas de dentro de casa e saiu para dar comida às galinhas. Estava mais quente agora, começo de primavera, então podia andar com os braços expostos. Estava de jeans e regata, com o cabelo preso numa longa trança, e sentia-se muito bem. Apenas por hoje, seus problemas não existiriam. E amanhã, Rourke viria para o almoço!

— Que história é essa de o promotor almoçar na sua casa? — Son perguntou furioso quando encontrou Clay e Francine na oficina.

— Ele gosta da minha irmã — Clay respondeu, tentando soar indiferente. — É ótimo! Becky fala dele o tempo todo. Ele conta para ela o que tem feito, e ela conta para mim. — Fitou Son para ver como a informação estava sendo recebida. — É como ter um informante no gabinete do promotor.

— Não lhe ocorreu que ele pode estar atrás de nós, controlando você através da sua irmã? — Bubba acrescentou, o rosto mais vermelho do que de costume.

— Ela não tem nada para contar — Clay retrucou. — Além disso, ela fica tão boba falando dele que já teria deixado escapar alguma coisa caso ele suspeitasse de nós.

— Escuta, Cullen, você tem sorte por ainda não termos ligado dando uma pista sua quanto ao carro do promotor — Son disse, frio. — Seu irmãozinho não quis ajudar. Se não fosse aquele seu amigo que deu a dica da escola primária, teríamos perdido o território inteiro!



— Um garoto morreu de crack — Clay comentou.

— E daí que um garoto morreu? Usou bagulho demais, acontece o tempo rodo. Não venha com sentimentalismo para o meu lado — Son zombou. — Se não tem coragem de sujar as mãos, então não serve pra nós. E se decidirmos acabar com você, será com estilo, direto nas mãos do namorado da sua irmã; você nunca vai sair da cadeia.

— Pode apostar — Bubba acrescentou.

Francine agarrou o braço de Clay, jogando seu longo cabelo negro para trás.

— Deixem Clay em paz. Ele não é dedo-duro.

— Eu não disse nada a ninguém — Clay confirmou. — Olha, eu gosto de ter dinheiro no bolso e roupas decentes para vestir — murmurou, sentindo-se um tanto culpado por saber o quanto Becky trabalhava por ele e a família.

— Então não dê com a língua nos dentes — Son retrucou. — Aguarde sua chance. Temos um negócio dentro de algumas semanas. Queremos que você vá pegar o bagulho com os traficantes.

— Claro, farei minha parte — Clay concordou. Ele sorriu, mas não foi fácil. Descobrira ser muito mais fácil entrar no crime do que sair. Todas as portas estavam fechadas. Ele envolveu Francine pela cintura e caminhou com ela até o carro.

— Fique calmo — Francine disse carinhosamente quando ele lhe abriu a porta, mas parecia preocupada. — Não vão entregar você.

— Não? — Ele respirou fundo. — Meu Deus, se disserem que coloquei a bomba no carro de Kilpatrick, Becky nunca vai me perdoar. Ela não vai acreditar que não fui eu. Não fui eu, Francine, você sabe que não!

Ela olhou para os primos por cima do ombro. No começo, só queria ajudá-los. Mas agora via Clay de maneira completamente diferente. Ele a tratava como uma dama; ele lhe comprava presentes. Ninguém nunca a tratara desse jeito antes.

— Escute, vou ajudar. Vou ajudar de alguma maneira. Mas Clay, não faça nada idiota, tá! — Os olhos escuros lhe imploravam. — Não perca a cabeça e não diga nada para sua irmã. Se eles suspeitarem de alguma coisa, vão te acusar e te mandar para cumprir pena pelo resto da vida.

— Eles iriam para a cadeia também — ele argumentou.

— Não. Eles sairiam rapidinho. Eles têm dinheiro para comprar as pessoas certas, Clay. Será que não compreende? Eles podem comprar policiais, intendentess municipais,



juizes — não há ninguém que não possam subornar! Mas você não pode botar essa banca. Vai cumprir pena. Por favor, Clay, fique longe de problemas!

Ele sorriu para ela.

— Preocupada comigo?

— Sim, seu idiota — ela respondeu furiosa. — Só Deus para saber o porquê, mas te amo! — Ela o beijou ardentemente, entrou no carro, e partiu antes que Clay tivesse tempo de reagir.

Clay estava nas nuvens. Voltou à oficina para conversar com Son, mas não prestava muita atenção no que ele falava sobre a compra. Foi para casa enlevado. Não tocava em drogas há um bom tempo, a não ser como intermediário. Não precisava disso desde que Francine surgira em sua vida.

Chegou em casa e viu Mack mexendo com seus trenzinhos. Entrou no quarto para olhar, mas Mack simplesmente o ignorou.

— Olha, não pode me perdoar? — ele perguntou ao irmão.

— Você e seus amigos nojentos mataram meu amigo — Mack disse, olhando zangado.

— Não fui eu — Clay murmurou, espiando a porta aberta para ter certeza de que não havia ninguém por perto para escutar. — Escuta, eu me meti numa grande encrenca. Deixei que me convencessem a intermediar uma compra, agora estão ameaçando me mandar para a cadeia. Eu não queria machucar ninguém. Ganhei bastante dinheiro.

— Dinheiro não vai trazer meu amigo de volta — Mack respondeu com frieza. — E se Becky soubesse o que você está fazendo, colocaria você para fora de casa.

— Talvez devesse mesmo — Clay disse, cansado. Sentia-se velho. Um erro, e isso o levava a tantos mais que nem saberia onde tudo ia parar. Enfiou as mãos nos bolsos. — Mack, não vendi crack na sua escola. Você precisa acreditar em mim. Sou imoral, mas não tanto.

Mack pegou sua locomotiva e ficou brincando com ela. Sentia-se triste.

— Você vende drogas. Não quero você no meu quarto.

Clay tentou falar, mas desistiu, e saiu tão quieto quanto havia entrado. Não se lembrava de alguma vez ter se sentido tão sozinho ou envergonhado de si mesmo.



CAPÍTULO DOZE

Becky estava cheia de dedos ao preparar o almoço de domingo. Havia acabado de chegar da igreja, ainda no vestido de jérsei cinza que usara para a celebração, os pés em mules azuis desbotadas, enquanto ela rodopiava pela cozinha tentando organizar a Refeição.

Tinha o pressentimento de que Kilpatrick chegaria cedo, e foi o que aconteceu. Quando ela ouviu o carro, correu para convidá-lo a entrar, ignorando por completo o molho de carne borbulhando no fogão. Mas Mack foi mais rápido que ela para chegar à porta e estava sendo, surpreendentemente, educado.

— Ela está na cozinha, sr. Kilpatrick — Mack dizia.

— Não, ela está bem aqui — Becky disse, agitada. Sorriu para Kilpatrick, aprovando sua aparência na calça marrom, camiseta de malha amarela, e o moderno blazer esporte xadrez.

— Vá cuidar de seu almoço, menina. Mack e eu faremos sala para o sr. Kilpatrick — gritou o avô, de seu assento, mas a expressão em seus olhos dizia bem mais, algo nada lisonjeiro.

— Pode ficar na cozinha comigo — Becky murmurou.

— Besteira. Você vai deixar o molho de carne queimar — o avô zombou. — Sente-se, sr. Kilpatrick. Não é o luxo ao qual está acostumado, mas não vai cair da cadeira ainda.

Kilpatrick encarou o homem com lábios franzidos.

— Você não esconde o que pensa. Ótimo. Nem eu. Posso fumar, ou charutos podem te matar?

O avô ficou atônito. Becky voltou para a cozinha. *Como sou boba*, pensou, *imaginando que vovô conseguiria irritar Rourke.*

Ela preparou o almoço o mais rápido que pôde. Vozes alteradas puderam ser ouvidas brevemente na sala, depois houve silêncio, depois uma calma conversa. Quando ela apareceu para chamá-los à mesa, o avô parecia mal-humorado e Rourke estava calmo e sorridente a fumar seu charuto.



Nem precisava perguntar quem tinha vencido a briga, ela pensou. Becky serviu o almoço, e o avô deu graças. Clay não estava à vista. Provavelmente pensava que seria demais suportar a presença do promotor durante o almoço. O que era até bom, pois já bastava lidar com o avô.

Comeram em silêncio na maior parte do tempo, exceto por algumas palavras gentis de Rourke quanto à comida. Depois, o avô pediu licença e se trancou no quarto. E isso por prometer não fazer cena, Becky pensou triste. Mack foi dar comida às galinhas, deixando ela e Rourke sozinhos na cozinha enquanto ela lavava a louça.

Ela inclinou a cabeça na direção da pia, os cabelos longos escondendo parte de seu rosto.

— Desculpe — disse com um profundo suspiro. — Pensei que fossem se comportar. Acho que foi pedir demais.

— Estão com medo de perdê-la — ele disse, de forma perceptível, olhando para ela enquanto secava os pratos e talheres que já tinham sido enxaguados. — Acho que não posso culpá-los. Estão acostumados com você fazendo todo o trabalho.

Ela ergueu o rosto, os olhos com ar mais eloquente do que ela imaginava.

— Mesmo governantas têm dia de folga — ela retrucou.

Kilpatrick inclinou-se e a beijou gentilmente.

— Você é mais do que uma governanta. Não querem que você caia nas garras de um homem que não tem nada além de sexo em mente.

— E é verdade? — ela perguntou com olhos indagadores.

Aqueles olhos, ele pensou ansioso. *Aqueles olhos doces e sedutores*. Eles causavam caos em seu sistema nervoso.

— Só penso no trabalho na maior parte do tempo — ele murmurou secamente. — O sexo também tem espaço, suponho. Mas já falei que tenho planos diabólicos para você, não foi?

Becky caiu na gargalhada.

— Verdade. Honestidade acima de tudo?

— Isso mesmo. Pretendo atraí-la para meu esconderijo secreto e fazer o que quiser com você.

— Que excitante. Vamos no seu carro ou no meu?

Kilpatrick olhou zangado para da.



— Você não deveria ir por boa vontade. Você é uma moça de altos princípios morais, e eu sou um libertino.

— Ah, desculpe! — Ela baixou o rosto. — Em qual carro prefere me raptar: no meu ou no seu? — ela se corrigiu.

Kilpatrick a golpeou na cabeça com o pano de prato.

— Vá trabalhar, mulher desequilibrada.

Ela deu uma risadinha — algo que não fazia desde quando era menina.

— Acho que isso me coloca em meu lugar.

— Tome cuidado para que eu não a coloque em seu lugar — ele comentou. — Sinceramente, nunca sonhei que você tentaria me seduzir junto a uma pia de louça suja. Não tem sutileza?

— Não. Existe algum lugar melhor?

— Certamente. Explico para você um dia. Você esqueceu um prato.

— É mesmo. — Ela lavava e ele secava a louça, e ficaram num satisfeito silêncio por vários minutos. — Vovô foi muito rabugento? — ela terminou perguntando.

— Sim. Ele não gostou da minha presença aqui. Não posso culpá-lo. Eu perturbei sua vida diversas vezes, mesmo sendo inevitável.

— Você só estava fazendo seu trabalho. Não o culpo — ela disse.

Kilpatrick sorriu.

— Sim, mas seu avô não desfruta dos meus beijos tanto quanto você, por isso tem mais motivos para me culpar.

Ela corou, então lhe deu um tapinha.

— Isso não é justo.

Ele riu.

— Sabia que rio mais quando estou com você do que com qualquer outra pessoa que eu lembre? Pensei que já tivesse esquecido de como se fazia isso. É fácil perder o senso de humor depois de um tempo.

— Eu pensava que você nem tinha um — ela comentou, sorrindo para ele.

— Só porque a atormentava no elevador? — Ele sorriu também. — Puxa, eu estava me divertindo muito com isso. Cheguei a ponto de tentar me encontrar com você. Foi uma agradável mudança.

— Que tipo de mudança?



— Não ter mulheres arrancando suas roupas e atirando-se sobre a minha mesa — ele disse com o rosto sério.

— Posso imaginar!

— Você era um raio de sol, Becky — ele disse então, ainda sério. — A melhor parte do meu dia. Quis convidá-la para sair no dia em que contou a real situação de sua família, mas não queria complicações em minha vida.

— E agora quer?

Kilpatrick encolheu os ombros.

— Não. — Olhou para ela enquanto secava mais um prato e o colocava na pilha. — Mas já não tenho muita escolha. Nem você, imagino. Já chegamos a um ponto em que não há volta. Estamos nos acostumando um ao outro.

— E isso é ruim?

— Sou um alvo — ele lembrou a ela. — Não lhe ocorreu que estar comigo pode torná-la alvo também?

— Não. Mas também não me importa.

— E isso pode trazer outras consequências — ele continuou. — Os irmãos Harris podem pensar que Clay está me repassando informações agora que passo tanto tempo com você.

Ela ficou atônita. Aquela possibilidade não lhe ocorrera.

— Não se preocupe — ele murmurou. — Acho que Clay pode convencê-los do contrário. Mas vejo coisas que você não vê. Além disso, estou criando discórdia entre você e sua família. Seu avô e seus irmãos não me querem por aqui. Isso só vai tornar sua vida mais difícil.

— Tenho o direito de sair com quem eu quiser, e já disse isso a eles — ela afirmou. — A única coisa que você fez foi me mostrar que as pessoas podem tornar as outras escravas, caso estas permitam. Tenho sido uma escrava há muito tempo porque deixei que minha família ficasse totalmente dependente de mim. Agora estou pagando o preço. A culpa não é uma boa arma, mas as pessoas a usam quando tudo mais falha.

— Pode apostar que sim — ele concordou. — O que quer fazer quando terminarmos isso aqui?

— Bem, se sentarmos para ver televisão, vovô vai voltar e resmungar de qualquer coisa que estivermos assistindo. — Becky terminou de lavar o último prato. — Posso lhe



mostrar a fazenda. Não há muito que ver, mas está na nossa família há mais de um século.

Kilpatrick sorriu.

— Isso parece interessante. Gosto do ar livre, mas vivo na cidade há muito tempo. Se não fosse um bairro tranquilo, acho que teria ficado louco. Eu alimento os pássaros, coloco as gaiolas para fora. Quando tenho tempo, cuido das minhas rosas.

— Ah, este é o seu lado irlandês — ela o provocou. — Refiro-me ao amor pela terra e pelas plantas. Minha tataravó era uma O'Hara do condado de Cork, então tive a quem puxar.

— Minhas duas avós eram irlandesas — ele retrucou.

— Uma delas era cherokee, não era? — Becky perguntou.

— Meu avô era irlandês. Ele se casou com uma cherokee, e minha mãe foi o resultado. Mas ela parecia mais cherokee que irlandesa. Mal me lembro dela, ou do meu pai. Tio Sanderson dizia que eles se amavam muito, mas meu pai não era dado ao casamento. — Ele suspirou profundamente. — Hoje, não me importo por ser ilegítimo, mas isso era um inferno quando eu era criança. Não gostaria que o mesmo acontecesse a um filho meu.

— Nem eu — Becky comentou. — Pronto, vou colocar esse pano para secar. Depois podemos andar por aí.

— Não é melhor se trocar primeiro? — ele perguntou, apontando para o bonito vestido de jérsei.

Ela riu.

— E deixá-lo à mercê do vovô? — ela exclamou.

— Não tem problema, Becky. Eu o protejo — Mack ofereceu-se, surgindo pela porta. — Você gosta de trenzinhos elétricos, sr. Kilpatrick? Tenho um autêntico Lionel O-scale que um amigo do vovô me deu.

— Gosto de trens — Rourke disse, notando mais uma vez o quanto Mack era parecido com Becky — É gentileza sua sacrificar-se por minha causa, Mack.

O menino riu.

— Tudo bem. Becky se sacrificou por mim algumas vezes. Vamos.

Becky observou-os se afastarem, contente com a atitude de Mack. Foi para o quarto e colocou jeans e um suéter de tricô amarelo que já vira dias melhores. Contudo, ela não



se importou muito. Kilpatrick parecia não ligar para o que ela vestia, ou quantas vezes já vestira.

Mack ligou o trenzinho, e Rourke sentou-se na cadeira perto da mesa para observá-lo, os olhos brilhando.

— É uma beleza — ele disse ao garoto. — Eu costumava adorar trens quando tinha sua idade, mas meu tio Sanderson era muito severo. Ele achava que meninos não precisavam de coisas que os distraíssem dos estudos, então não tive muitos brinquedos.

— Você não morava com seus pais? — Mack perguntou, curioso.

Kilpatrick meneou a cabeça.

— Morreram quando eu era bem novinho. Tio Sanderson foi o único parente que quis me criar. Era isso ou viver na reserva dos cherokees. Não sei, mas acho que teria sido mais divertido viver com o povo de minha mãe naquela época.

— Você é índio? — Mack exclamou.

— Meio cherokee — ele assentiu. — Por parte de mãe. De resto, sou irlandês.

— Uau! Estamos estudando sobre os cherokees! Eles usavam zarabatana para caçar, e foi Sequoya quem inventou o silabário e a língua escrita deles. — Ele ficou sério. — Foram obrigados a sair da Geórgia em 1838, na Trilha das Lágrimas. Nossa professora disse que foram expulsos porque havia ouro em suas terras e os ambiciosos homens brancos queriam pegá-lo.

— Resumidamente sim, está certo. A Suprema Corte julgou a favor da permanência dos cherokees na Geórgia, mas o presidente Andrew Jackson os obrigou a sair assim mesmo. O chefe de justiça da Suprema Corte, John Marshall, atacou o presidente publicamente por se recusar a obedecer a lei. Foi uma história e tanto.

— E a vida do presidente Jackson foi salva por um índio cherokee chamado Junaluska — Mack acrescentou, surpreendendo Kilpatrick com o conhecimento que tinha do assunto. — Quanta gratidão, hein?

Rourke riu.

— Você é muito inteligente — ele murmurou.

— Não muito — Mack respondeu, curvando os ombros enquanto empurrava distraidamente o trenzinho pelos trilhos. — Sr. Kilpatrick, se você soubesse que alguém está fazendo algo errado, e não contasse nada para ninguém, você seria culpado também?

Rourke observou o menino por um instante antes de responder.



— Se alguém está cometendo um crime, e você sabe, isso o torna cúmplice. Mas lembre-se, Mack, às vezes existem circunstâncias atenuantes. O tribunal sempre leva essas coisas em consideração. Nada é realmente preto no branco.

— Billy Dennis era meu amigo — ele disse, erguendo seus preocupados olhos esverdeados para Kilpatrick. — Eu nunca o vi usar drogas. Ele não parecia ser do tipo.

— Não existe realmente um tipo — Rourke replicou. — Qualquer um que esteja num momento vulnerável pode se apoiar nas drogas ou no álcool.

— Você não, aposto — Mack disse.

— Pois se engana. Sou humano também. Quando meu tio Sanderson morreu, passei a noite num bar no centro da cidade e bebi até cair. Não costumo beber, mas eu gostava daquele velho. Foi ruim perdê-lo. Era a única família que eu tinha na época. Não havia mais nenhum parente da minha mãe vivo, e tio Sanderson era o último da família do meu pai.

— Quer dizer que você é sozinho no mundo? — Mack perguntou, franzindo a testa. — Não tem ninguém?

Rourke levantou-se e enfiou as mãos nos bolsos, olhando distraidamente o trenzinho correr.

— Tinha um cachorro, até a bomba destruir meu carro. Ele era minha família.

— Lamento muito — Mack disse. — Nós ficamos muito tristes quando o carteiro atropelou Blue. Era parte da nossa família.

Rourke assentiu. Queria muito perguntar a Mack o que ele sabia, porque era óbvio que havia algo afligindo o garoto. Mas era muito cedo. Ainda não podia se arriscar.

— Estou pronta — Becky chamou da porta.

Rourke olhou para ela, os olhos escuros sorrindo ao vê-la em roupas casuais, com os cabelos soltos. Parecia jovem e despreocupada, e bonita, mesmo com as sardas.

— O sr. Kilpatrick gosta de trenzinhos — Mack disse.

— Ele gosta mesmo — Rourke concordou. — Talvez ele até compre um.

Mack e Becky riram. Kilpatrick segurou a mão dela e mandou a risada para longe, substituindo-a por uma onda de excitação.

— Vamos dar uma volta pela fazenda — Rourke disse a Mack. — Quer vir?

— Claro. Mas preciso olhar o vovô — Mack respondeu com ares de importância. — Sou o médico quando Becky não está aqui. Sei lhe dar remédio e tudo o mais.



— Aposto que ele fica contente em ter você por perto — Rourke disse. — Obrigado por me mostrar o trenzinho. É muito bonito.

— De nada — Mack respondeu. — Hã, se você comprar um — ele comentou hesitante —, será que eu poderia aparecer na sua casa para vê-lo funcionando?

— Claro — ele respondeu, então sorriu.

— Legal!

— Vamos estar por perto — Becky disse a Mack. — Chame se precisar de mim.

— Certo.

Becky guiou Kilpatrick pelo quintal, onde as galinhas e as duas vacas compartilhavam o celeiro. O feno do ano anterior caía do palheiro no chão do celeiro desmantelado, mas já estava quase no fim. Becky ficou apreensiva, imaginando como conseguiria plantar feno sem a ajuda do avô.

— Vocês ordenham as vacas? — Rourke perguntou.

— Sim. Mack ajuda. Ele é bom nisso. Tiramos a nata e fazemos manteiga e leiteiro.

Ele parou para encarar Becky ainda segurando-lhe a mão macia.

— Por escolha?

Ela sorriu e meneou a cabeça.

— Necessidade. Temos que controlar o orçamento, mesmo tendo a pensão do vovô. Eu costumava fazer a maioria das minhas roupas, mas agora é mais barato comprá-las, pois o material está caro. Faço conservas no verão e as guardo na despensa. Compramos carne para guardar no frigorífico. E eu mesma faço pão. Damos nosso jeito.

— Deve ser uma trabalhadeira separar as roupas que os meninos ainda podem usar para ir à escola — ele disse.

— Separar as de Mack, sim. Clay agora compra as próprias roupas — ela disse com certa amargura. — Roupas de marca. Ele não estava satisfeito com as coisas que eu podia comprar para ele.

— Ele já tem idade para comprar as próprias roupas — Kilpatrick lembrou a ela. — E é um gasto a menos para você.

— Sim, mas...

Ele estreitou os olhos especulativamente.

— Mas, o quê?

Becky ergueu o rosto. Ela queria muito confiar nele, mas não podia revelar suas suspeitas. Apesar de tudo, Clay era seu irmão.



— Ah, não é nada — disse, forçando um sorriso. — O celeiro data do começo de 1900. O celeiro original queimou em 1898. Temos uma fotografia dele, e há outra na sociedade histórica local. Este é uma duplicata do original, mas não é tão antigo quanto o anterior.

Kilpatrick deixou que ela mudasse de assunto sem discutir, sorrindo consigo mesmo enquanto caminhava ao lado dela. Haveria tempo, ele pensou. Por ora, continuaria se divertindo. Costumava passar os domingos sozinho, trabalhando. Era uma mudança agradável.

Ela o guiou através dos campos secos até um bosque de nogueiras e carvalhos que terminava num pequeno riacho. Havia um velho toco de carvalho perto dele, e Becky apontou para ele.

— Este é o canto da zanga do vovô — ela explicou ao se sentar, puxando Rourke para que fizesse o mesmo. Havia bastante espaço, porque fora uma árvore imensa. — Ele cortou a árvore porque queria um lugar onde pudesse sentar para pescar, mas costumava nos dizer que era seu canto da zanga. Ele vinha ficar sentado aqui quando estava irritado com a vovó. Mas acabava ficando com fome e voltava para casa — ela acrescentou com uma risada.

— Como era a sua avó?

— Bem parecida comigo — ela recordou. — Não era bonita, mas tinha grande senso de humor e era uma magnífica cozinheira. Ela gostava de atirar coisas no vovô quando estava zangada com ele. Potes, panelas; uma vez ela atirou uma tigela de farinha de aveia a acertou o vovô. Foi uma tremenda confusão.

Kilpatrick inclinou a cabeça para trás e riu.

— E o que ele fez?

— Tomou banho. Depois, ele e vovó foram para o quarto, e tudo ficou silencioso por um bom tempo. — Ela suspirou. — Eles eram felizes. Acho que o fato de minha mãe e meu pai serem tão infelizes juntos os magoava. Meu pai sempre estava metido em confusão com a polícia, ou devendo dinheiro a alguém, ou envolvido com outras mulheres. Ele largou a mamãe. Foi isso que a matou, eu acho. Um dia ela pegou pneumonia, não se levantou mais da cama, e morreu. O médico veio examiná-la, nós lhe demos os remédios, mas ela não tinha vontade de viver.



— Acho que alguns homens não foram feitos para o casamento — Rourke disse bruscamente. Acendeu um charuto e soprou uma nuvem de fumaça. — É uma pena que ele não tenha percebido isso antes de assumir o compromisso.

— Era o que vovô costumava dizer. — Becky sorriu, pensativa. — Ele ainda é meu pai, não importa o que tenha feito. Mas eu costumava ter medo de que ele aparecesse. Às vezes, ele levava a única comida que tínhamos, mas o vovô nunca negou nada a ele. — Becky fitava seu jeans, sem perceber a expressão assassina de Rourke. — Acho que me sentiria da mesma maneira com meus filhos, então não posso culpar o vovô.

Ele não disse nada. Apenas olhava para Becky tentando imaginar o quanto a vida lhe fora difícil. Ela nunca reclamava de seu fardo, e até defendia um homem como o pai dela. Incrível. Ele não era tão complacente ou compreensivo. Ficaria feliz em colocar aquele homem na cadeia pelo resto da vida.

— Você o culpa, não é? — ela perguntou de repente, vendo a expressão séria no rosto dele, nos olhos escuros. — Você é muito rígido em seus princípios, sr. Promotor.

— Sim, eu sou — ele concordou sem discutir — Inflexível, é o que dizem. Mas alguém tem que se impor aos criminosos sem voltar atrás, Becky. Do contrário, os criminosos governariam o mundo. Esses liberais sentimentistas querem nos fazer acreditar que teríamos um mundo melhor se tudo fosse permitido. Mas viveríamos numa selva. Preciso dizer quem domina qualquer selva?

— O predador mais forte e mais sanguinário — ela disse sem pensar, e estremeceu só de imaginar uma coisa assim. — É difícil para mim imaginar alguém que mate sem remorso, mas acho que você se depara com várias pessoas assim.

Ele assentiu.

— Pais que violentaram as filhas, mulheres que estrangularam os próprios bebês, um homem que atirou e matou outro por ter tomado sua vaga no estacionamento. — Ele sorriu ao lhe ver a expressão espantada. — Chocada? É o que acontece com a maioria das pessoas decentes quando ouvem sobre crimes assim. Na verdade, algumas delas são chamadas para o júri e apresentam veredicto de inocência para casos assim, pois simplesmente não acreditam que um ser humano seja capaz de fazer uma coisa dessas com outro ser humano.

— Posso compreender. — Ela se sentia um pouco triste. — Deve ser difícil para você processar homens assim e depois vê-los soltos.



— Você nem imagina como é. — Os olhos dele se inflamaram com recordações. — O rei Henrique VIII tinha um Tribunal da Estrela, um grupo de homens que eram considerados a lei acima da lei. Tinha poder de vida e morte sobre os criminosos que eram soltos, embora fossem culpados. Não aprovo, mas compreendo o raciocínio por trás desse tribunal. Meu Deus, a corrupção que se vê nos cargos públicos está além do imaginável.

— Por que ninguém faz nada? — Becky perguntou inocentemente.

— É uma boa pergunta. Alguns estão tentando. Mas é difícil quando há poder e riqueza nas mãos de quem se tenta condenar.

— Acho que estou começando a entender.

— Ótimo. Neste caso, vamos falar de algo mais alegre — ele disse, tragando o charuto. — Onde quer comer amanhã?

— Almoço outra vez? — ela perguntou baixinho.

Kilpatrick riu.

— Já cansou de mim?

— Ah, não! — ela exclamou com tanto fervor que ele se sentiu envergonhado por provocá-la. Olhou nos doces olhos dela, e se sentiu atraído para dentro deles. Olhos convidativos. Fogueiras esverdeadas que poderiam queimar um homem até a morte. Não queria mais escapar deles.

Levantou-se lentamente, esmagando o charuto com o sapato. O bosque era tão quieto que só se podia escutar o gorgolejar do córrego, e as batidas do coração de Becky quando ele a puxou para perto. Ela foi com boa vontade, as mãos espalmadas sobre seu peito largo, por baixo do paletó, sentindo o calor dos músculos sobre a camisa de malha. Becky podia sentir as batidas do coração dele, quase tão fortes e rápidas quanto as dela. Ergueu o rosto, sentindo-se fraca diante do furor negro de seus olhos, a rigidez do rosto esbelto que a fitava.

As mãos dele se colocaram em seus quadris, prendendo-a contra ele. Kilpatrick prolongou o olhar até ela se sentir como se tivesse uma bomba nas mãos.

— Não, não desvie o olhar — ele disse bruscamente, quando ela tentou virar o rosto.

— Não posso suportar — ela sussurrou, agitada.

— Sim, você pode. — A respiração dele se tornara audível. — Quase posso ver sua alma.



— Rourke — ela murmurou.

— Morda-me — ele lhe sussurrou contra a boca. Kilpatrick a beijara antes, mas esta vontade era nova. Ele a fazia querer morder e arranhar. Ele incitava algo dentro dela que ele não fora capaz de atingir antes. Becky o obedeceu, mordiscando-lhe o lábio, prendendo-o entre os dentes. Suas unhas o arranharam sob a camiseta, e ele estremeceu.

— Tire isso do caminho — ele disse com voz rouca. — Toque-me...

A boca de Kilpatrick mordeu a dela com uma ferocidade que a teria assustado uma semana antes. Mas ela agora se sentia tão ávida quanto ele — desejosa de conhecê-lo de todas as formas, a começar por aquela. Ela puxou a camiseta dele até a barra sair de dentro da calça. As mãos dela abriram caminho por baixo da camisa até se enroscarem nos pêlos escuros que cobriam o peito firme e cálido. Becky gemeu com a intimidade, sua mente procurando manter a razão enquanto seu corpo lutava contra ela. Aproximou-se ainda mais, sem que as mãos dele a guiassem, as pernas pressionadas às dele, seu ventre registrando a súbita rigidez do corpo dele, a urgência da boca que invadia a dela.

— Becky — de gemeu agoniado. As mãos desceram pelas costas até as coxas e a puxaram, erguendo-a num contato pleno com sua evidente masculinidade.

Ela arfou, mas não protestou. Não conseguiria. Era como se uma energia pura os unisse, arrastando-a num abandono sensual que a fazia tremer nos braços dele. Kilpatrick deixou que ela escorregasse até o chão e afastou-se para apoiar-se no tronco de um grande carvalho. Ainda sentia o perfume dela e estremeceu de frustração. Estava cada vez mais difícil se controlar. Não lembrava de ter sentido isso antes, exceto com sua maldita noiva. Mas Becky não era como ela. Becky se entregaria por completo se ele quisesse — ali, agora, de pé se ele preferisse. Mas ela não era esse tipo de mulher, e Kilpatrick não queria forçá-la a uma situação que a atormentaria depois. Poderia manter a cabeça no lugar, só precisava recitar algumas leis até a dor passar.

Becky sentou-se no tronco, abraçada a si mesma, fitando o chão coberto de folhas. Sabia que estavam rumando para o desastre. Era doloroso para ele conter seu desejo, embora a respeitasse o suficiente para não pedir que o saciasse. Sentia-se culpada. Não era justo com ele manter aquele relacionamento com ela. A amizade não bastaria. Kilpatrick dissera que há muito tempo não tinha uma mulher, e só esse fato atiçaria o fogo até ele não poder mais se controlar.



— Não deveria mais me ver, Rourke — ela disse num tom desprovido de emoção, sem olhar para ele. — Isso não vai funcionar.

Kilpatrick afastou-se da árvore e voltou-se para ela. Estava pálido, mas no controle de si mesmo.

— Mesmo? Pensei que eu tinha acabado de provar que vai.

— Não é justo pedir a um homem que se torture, só por companhia. — Ela mantinha os olhos fixos no chão. — Não posso suportar mais do que já enfrento agora. Vovô, Clay... e Mack. Se fosse apenas eu, apesar dos meus princípios, acho que não teria forças para rejeitá-lo. Mas...

Ele se sentou do lado de Becky e ergueu o rosto dela com delicadeza.

— Não estou pedindo nada, Rebecca — murmurou. — Vamos dar um jeito. — Ele sorriu. — Nunca apreciei tanto alguma coisa quanto sua companhia. Exceto talvez sua comida — ele acrescentou com pesar. — Posso controlar meus hormônios. Se ficar insuportável, eu avisarei.

Ela franziu a testa, sem se convencer.

— Isso está lhe fazendo mal. Acha que não sei? Rourke, sou um dinossauro. Nunca estive preparada para o mundo real, vivi feito uma reclusa durante todos estes anos. Você merece coisa melhor do que eu.

— Mesmo? — Ele segurou o rosto dela entre as mãos e a beijou ardentemente, seu hálito de charuto se misturando ao dela. — Acho que você serve, obrigado. Mas é melhor não ficarmos muito tempo sozinhos de agora em diante.

Os olhos dela vasculhavam os dele, aflitos.

— Rourke, tem certeza? — ela sussurrou.

Ele assentiu, e sua expressão era solene.

— Sim, tenho certeza — ele respondeu com fervor — Agora, por que não deixa de se angustiar por minha causa e pensa em me oferecer mais daquele bolo que serviu no almoço? Estou faminto!

Becky riu. Toda a tensão que sentia se dissipou.

— Está bem.

Eles se deram as mãos e caminharam de volta para casa. Pelo resto da tarde, nenhum dos dois mencionou o que acontecera no bosque. Contudo, Becky sonhou com a cena. Mas em seus sonhos, eles não haviam parado. Rourke a deitou sobre as folhas e a despiu. Ela esperou, ofegante e ansiosa, observando-o tirar as roupas. Esta parte era um



pouco confusa, no entanto, porque nunca tinha visto um homem nu. O que acontecia depois era confuso também. Já tinha visto um filme mais picante com Maggie, mas eram apenas dois corpos sob os lençóis, gemidos e dedos entrelaçados. Tinha a impressão de que era mais do que isso. Mas em meio ao sonho, caiu em sono profundo.

CAPITULO TREZE

Exceto pelo incomum silêncio de Clay quando estava em casa, as semanas seguintes foram as mais felizes da vida de Becky. Almoçava com Rourke sempre que a agenda dele permitia. A parte desagradável foi quando os decoradores terminaram a reforma do gabinete dele no tribunal e ele precisou sair, com sua equipe, do prédio em que Becky trabalhava. Ele havia ficado tão triste quanto ela, e prometeu que teriam tanto tempo juntos quanto antes. Becky não acreditou nele, mas foi verdade. Kilpatrick conseguiu organizar sua agenda de modo a almoçar com ela pelo menos duas vezes por semana. E, como prometera, passavam os fins de semana juntos.

Às vezes ela ficava aborrecida por nunca ser convidada a casa dele. Agora que o conhecia, estava curiosa quanto aos outros aspectos de sua vida. Queria ver onde ele morava, os tipos de livros que lia, as coisas que colecionava, mesmo a mobília que usava. Pareciam passar todo o tempo passeando ou andando de carro. Geralmente ela preparava uma cesta de piquenique, e então seguiam para o lago Lanier, em Gainesville, ou para Helen, cidadezinha em estilo bávaro, em Chatahoochee. Uma vez Kilpatrick a levou ao campo de batalha da Guerra Civil em Kennesaw, no condado de Cobb, perto de Marietta. Foi divertido, e ela ficava cada vez mais apaixonada por ele.

Ficava emocionada por ele nunca dizer nada sobre sua falta de variedade de roupas. Sabia que ela vivia com orçamento limitado. Kilpatrick a levava para lugares que não lhe causassem constrangimento, e procurava nunca ficar sozinho com ela por muito tempo. Depois do dia no bosque, quando a beijou com tanto desejo, houve pouca paixão no relacionamento. Becky sentia falta do prazer de seu toque sensual, mas não queria piorar ainda mais as coisas para ele. Bastava que gostasse da companhia dela. E parecia gostar mesmo, Becky refletiu.

Foram a uma pet shop num dos finais de semana para comprar um novo cachorro para ele. Mas não compraram um bassê, pois não encontraram nenhum. Compraram um



terrier escocês. A bolinha de pêlo preto ondulado era uma gracinha. Até Rourke ria de suas palhaçadas, e deu-lhe logo o nome de MacTavish.

Apesar da agenda apertada nas semanas em que o tribunal estava em sessão, Rourke arranjava tempo para o cachorro e para Becky. Agora quando faziam um piquenique, levavam MacTavish também. Uma vez ou outra, quando Clay estava em casa para cuidar do avô, Mack ia passear com eles. Mack ficava tão animado que contava para todos os coleguinhas da escola.

Ele e Rourke estavam ficando amigos. Mack escutava o que Rourke dizia com lisonjeira atenção. Mack e Clay ainda estavam se estranhando, mas Clay andava tão concentrado em sua própria desgraça que mal prestava atenção nas coisas ao redor, nem na fascinação de Becky pelo promotor. Estava preso numa armadilha, da qual não havia escapatória. E há muito havia cortado seus laços com Becky. Não lhe dizia nada, nem mesmo para onde ia quando saía de casa. Clay a considerava uma estranha.

O advogado J. Lincoln Davis anunciou sua candidatura para promotor do condado com pompa e fanfarra, oferecendo um grande churrasco pela ocasião. Até convidou Kilpatrick, que disse a Becky que não queria se tornar o prato principal, portanto nem passaria por perto do lugar.

De nada adiantou. Imediatamente após o anúncio, Davis começou a cortejar a imprensa. Sua alfinetada inicial foi em Rourke — que estava amolecendo com os traficantes de drogas e que não fizera qualquer progresso nas investigações sobre a morte do menino da escola primária. As drogas se tornaram sua plataforma, e Rourke seu bode expiatório. Rourke ignorava cada crítica e continuava fazendo seu trabalho. Estava frustrado consigo mesmo por não ter feito qualquer progresso no caso Dennis. Nem seus investigadores, nem a polícia, haviam conseguido relacionar os irmãos Harris ao tráfico de drogas na escola.

Há muito ele havia esquecido seu motivo para sair com Becky, que era ficar de olho em Clay. Ficava mais encantado com ela a cada dia, e, embora ela mencionasse o irmão de tempos em tempos, nunca falava nada importante. Mack, contudo, confiara-lhe algo que não havia contado nem à irmã.

Aconteceu num dos fins de semana, enquanto Rourke estava na fazenda. Estava vendo Mack brincar com seus trens enquanto esperava por Becky. Mack levantou-se de



repente, espiou no corredor, e fechou a porta silenciosamente. Então veio se sentar ao lado de Rourke.

— Não posso contar a Becky — ele disse depois de um instante, ajustando um vagão ao outro enquanto falava. — Ela já está preocupada demais. Mas preciso contar para alguém. — Ele ergueu os olhos, o rosto abatido de aflição. — Sr. Kilpatrick, Clay queria que eu falasse quais garotos poderiam comprar drogas na minha escola. Eu não quis falar, então ele ficou muito zangado. — Ele mordeu o lábio, aflito. — Ele é meu irmão. Eu o amo, mesmo sendo desprezível. É que, não quero que outras crianças morram. — Ele largou o brinquedo. — Ele não me conta nada, mas eu o escuto conversando com Son Harris ao telefone. Ele tem que se encontrar com eles no estacionamento do Quick-Shop na sexta à meia-noite. É algo grande, e Clay parecia não querer participar. Ouvi quando ele tentou se recusar. — Lágrimas se formaram nos olhos dele. — Ele é meu irmão! Não quero magoá-lo, mas acho que Son estava fazendo ameaças.

Rourke puxou o garoto e o abraçou forte enquanto ele chorava. Não entendia muito de crianças, mas estava aprendendo rápido. Aquele menino tinha um grande coração e muita coragem. Não queria entregar o irmão, mas temia pela vida dele.

— Farei o que for possível por Clay — disse baixinho a Mack, usando um lenço para secar os olhos do garoto com certa brandura. — E ninguém, especialmente Becky pode saber como consegui essa informação. Combinado?

Mack assentiu.

— Eu fiz a coisa certa? — ele perguntou com tristeza. — Sinto-me um dedo-duro.

— Mack, fazer a coisa certa às vezes exige muita coragem. É difícil escolher entre um integrante da família e os princípios. Mas se esses caras continuarem o que estão fazendo, mais crianças morrerão. Isso é fato. Os Harris são responsáveis pela maioria das drogas que entram nas escolas. Se eu não conseguir prendê-los, muitas vidas inocentes serão perdidas para o vício. Ofereci ao seu irmão a melhor alternativa disponível. Se você tiver razão, e os irmãos Harris tiverem feito ameaças para que Clay continuasse no grupo, talvez eu consiga fazer um acordo em troca do testemunho dele. Veremos. Isso lhe parece justo?

— Acho que sim. Mas ainda me sinto imbecil — ele murmurou.

Rourke suspirou profundamente.



— Como acha que me sinto quando mando alguém para a cadeira elétrica, Mack?
— ele disse calmamente. — Mesmo sendo um tremendo criminoso?

— Você precisa mesmo fazer isso? — o garoto perguntou.

— Aconteceu poucas vezes nos últimos sete anos, mas sim — ele respondeu. — Não é nada fácil. E nem deveria ser. Qualquer um é capaz de cometer um assassinato, se tiver o estímulo certo.

Mack não entendeu direito, mas assentiu. Sentia como se um grande peso tivesse sido tirado dele, mas ficava magoado ao pensar que sua traição poderia colocar seu irmão na prisão.

Rourke abriu novamente a porta da sala antes que Becky reaparecesse, por isso ela não descobriu nada sobre a conversa. Mas Kilpatrick não pensou em mais nada a semana inteira. Sentou-se à escrivaninha com uma pilha de arquivos a sua frente, todos casos que precisavam ser vistos por ele ou seus assistentes. Ele e a secretária ficavam loucos tentando agendar os casos, reunir petições, intimar testemunhas e garantir que elas aparecessem no tribunal. Era um pesadelo de documentos e detalhes meticulosos que às vezes recompensava bem. E às vezes era uma confusão inútil de testemunhas mau-selecionadas, jurados que não chegavam a conclusão nenhuma e advogados de defesa superzelosos.

Kilpatrick estava sentando entre as ruínas de seu almoço, um charuto apoiado num resto de café frio num copo de isopor, com o telefone tocando sem parar e compromissos se sobrepondo. Pensava com malicioso prazer que J. Lincoln Davis bem merecia aquele cargo.

Quando chegou sexta-feira, Rourke já alertara secretamente um contato no departamento de polícia local quanto ao encontro no estacionamento — um homem que ele sabia que não seria comprado. Colocou seu investigador a par do assunto só por precaução, então foi buscar Becky.

Clay estava lá. A família estava terminando de jantar, e Clay parecia nervoso e mais magro do que nunca. Olhou ressabiado para Rourke, seu comportamento completamente hostil e intempestivo.

— Você de novo? — ele desaprovou ao se levantar da mesa, ignorando o olhar furioso de Becky. — Por que não se muda logo para cá?



— Estou considerando a ideia — Rourke respondeu impertubável, fumando seu charuto com casual indiferença ao comportamento de Clay. — Parece-me que Becky teria um pouco mais de ajuda do que costuma ter por aqui.

Clay ficou corado. Encarou Rourke para dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Ergueu as mãos e saiu pela porta dos fundos, batendo-a com força ao passar.

— Você não tem o direito de importunar meu neto — o velho Cullen disse irritado.

— Não? — Rourke respondeu inocentemente. — Já esqueceu quem começou o ataque?

O avô levantou-se da mesa com visível esforço. Não olhou para Rourke.

— Vou para a cama, Becky. Não estou me sentindo bem.

— Quer que eu fique em casa com você? — Becky perguntou preocupada. — Você vai ficar bem?

Pelo amor de Deus, pare com isso, Rourke queria esbravejar. *Não deixe que continuem a usá-la desta maneira!* Mas não podia interferir. Ela tinha todo o direito de se preocupar com a família. Aquela preocupação amorosa era parte dela.

O avô olhou para ela, depois para Rourke. Adoraria dizer que precisava que ela ficasse. Mas a expressão no rosto dela ao se oferecer para ficar o deteve.

— Não, só estou um pouco fraco hoje. Mack e eu vamos jogar damas, não é? — ele perguntou ao garoto.

Mack sorriu debilmente.

— Claro que sim. Divirta-se, Becky.

— Volto cedo para casa — ela prometeu. Pegou um suéter, pois estava frio para um dia de primavera, e o colocou sobre os ombros. Vestia o velho vestido florido com sapatos de salto baixo e um suéter rosa, os cabelos caindo sobre os ombros. Sentia-se muito jovem quando estava com Kilpatrick, apesar do fato de ele ser apenas 12 anos mais velho. Ele parecia preocupado esta noite, e ainda não havia dito aonde iam. Rourke ligara mais cedo para dizer que só poderia ir buscá-la depois do jantar porque tinha um trabalho de última hora para terminar. Quando apareceu, estava trajando jeans, camisa xadrez e botas. Parecia muito mais casual do que ela estava acostumada a vê-lo usar, mesmo quando iam a piqueniques.

— Estava ajudando um amigo com a mudança — ele explicou enquanto a acomodava no Thunderbird branco. — Havia prometido um mês atrás que o ajudaria



quando estivesse para mudar, e ele me ligou hoje. Espero que não esteja desapontada quanto ao jantar.

— Nem um pouco — ela disse gentilmente. — Estou surpresa que ainda não tenha fugido por aí gritando por ter que me ver todos os dias.

Rourke fitou-a com as sobrancelhas erguidas.

— O que há de errado com você?

— Se você não sabe, também não conto — ela riu. — Para onde estamos indo?

— Para minha casa. Pensei que gostaria de ver onde eu moro.

Os olhos dela estavam fixos no rosto dele, e Becky se perguntava se, como ela, Rourke estava sentindo necessidade de um pouco de contato físico. Ela desejava ficar em seus braços e fazer amor com ele — uma franca reação ao estado emocional em que se encontrava. Becky o amava. Era a coisa mais natural do mundo querer ficar íntima dele, mas queria que Rourke assumisse um compromisso, dissesse que se importava com ela, que começasse a falar do futuro, antes de dar um passo tão gigantesco. Ele nunca mencionara nada sobre casamento ou um relacionamento permanente, mas sabia que ele não saía com mais ninguém. E parecia se importar com ela, mesmo que não admitisse.

Rourke pegou uma longa estrada, que levava a uma quieta rua de subúrbio, e daí para uma garagem. A casa era de tijolos, muito elegante, e tinha um jardim nos fundos, completo com uma fonte e bebedouro para passarinhos. Becky imaginava que, à luz do dia, a casa devia parecer deslumbrante com seu gramado aparado e suas altas sebes rodeando a propriedade para protegê-la dos olhares curiosos dos vizinhos dos dois lados. Ele destrancou a porta de dentro da garagem e a guiou por um escritório acarpetado. Mais adiante havia uma sala de estar, uma sala de jantar, e um hall.

— É imensa — ela comentou lentamente.

— Grande demais para mim — ele concordou —, mas é meu lar há muito tempo. Olá, MacTavish! — ele cumprimentou o terrier, que surgiu correndo, latindo entusiasmado ao pular nas pernas dos jeans de Kilpatrick.

Rourke ergueu o cachorro, afagou sua cabeça, e riu ao recolocá-lo no chão.

— Consegui treiná-lo para usar o jornal logo na primeira semana, senão estaríamos com sérios problemas por aqui — ele disse a Becky. — Venha. Vamos deixar esse bobão na cozinha com a comida. Eu geralmente o coloco para dormir bem antes de mim, assim posso me concentrar no trabalho. É uma dor de cabeça quando ele quer atenção. — Ele não contou que já estava apegado demais ao cachorro para lhe recusar atenção.



— Você sempre traz trabalho para casa? — ela perguntou, parando para afagar MacTavish antes que ele fosse trancado na cozinha com comida, água e sua caminha.

— É necessário — ele disse. — Davis quer o cargo, mas ficará chocado quando descobrir o pouco tempo livre que terá para gastar com suas namoradas.

Ele a levou para a sala, com sua mobília antiga e lareira.

— Que bonito! — ela exclamou. — Você usa a lareira no inverno?

— Não. Aquilo na lareira são entradas de gás — ele respondeu, sorrindo para ela. — Não tenho tempo livre para cortar madeira para queimar, por mais mundano que isso soe. Você gostaria de um drinque?

— Qual? — ela perguntou acanhada.

— Scotch com água é tudo que meu bar tem a oferecer — ele riu enquanto apanhava uma garrafa de cristal e dois copos largos e baixos. — Pode deixar que coloco bastante água no seu, pequena pastorinha.

Rourke preparou os drinques e entregou um a Becky, então se sentou ao lado dela no sofá amplo e confortável. Ela tomou um gole da bebida e fez uma careta. Era muito forte, mesmo com água. Ergueu os olhos para Rourke e sorriu.

— Você realmente não entendeu essa ideia de libertino. Você deveria me embebedar e me levar para a cama.

— Mesmo? — Ele fez cara zangada. — Droga! Por que não me avisa dessas coisas?

— Tenho me esforçado — ela garantiu. Becky tirou o suéter e os sapatos, então colocou os pés sobre o sofá e os escondeu sob o vestido com um suspiro. Era tão bom ficar ali com ele — como se o mundo estivesse muito distante. Mas ao fitar Rourke, viu que ele olhava para o nada, carrancudo, as sobrancelhas muito unidas, a bebida esquecida entre os dedos.

— O que houve? — ela perguntou carinhosamente.

— Desculpe — ele murmurou, olhando para ela. — Às vezes odeio meu trabalho, Becky. Hoje gostaria de esquecer que um dia quis este cargo.

— Verdade? — Ela vasculhava os olhos dele, o coração ficando desvairado com a expressão que viu ali. Com agitado intento, deixou seu copo na mesinha. Pegou o copo das mãos dele e o colocou ao lado do outro. Então, com pura bravata, sentou-se no colo dele e lhe cingiu o pescoço com os braços.



Rourke a fitou, ainda carrancudo, o doce e cálido perfume do corpo dela a seduzi-lo. Ele a desejava há muito tempo. Esta noite já estava exigindo demais dele. Clay o perturbava, ela o perturbava, o trabalho o perturbava. Atingira o limite e a desejava o suficiente para arriscar qualquer coisa. Sentia-se impulsivo esta noite. E parecia não ser o único. Os olhos dela estavam ligeiramente apreensivos, mas os lábios já estavam entreabertos, e a expressão do rosto dela era bem eloquente.

— Sentindo-se corajosa, não é? — ele perguntou num rouco e profundo sussurro. — Pois muito bem. Vamos ver o quanto é corajosa.

As mãos procuraram os botões do vestido. Ele abriu o da gola. Depois o seguinte, sobre a leve curvatura dos seios. Então abriu mais um, entre os seios. Nervosa, Becky segurou a mão dele, detendo-o.

— Não é tão corajosa afinal — ele reclamou carinhoso.

— Não... não é isso. — Ela mordeu o lábio e baixou o olhar. — Imagino que deva estar acostumado a mulheres que possam comprar coisas bonitas, com babadinhos, para usar por baixo da roupa. Mas tudo o que eu tenho é velho. E é algodão, nada de seda ou renda. Não queria que você visse.

Rourke conteve o fôlego. Não acreditava no que estava ouvindo. Ergueu o queixo dela, fazendo com que o encarasse.

— Acha mesmo que me importo com isso? — perguntou suavemente. — Ou que eu notaria? Minha doce inocente, eu quero é ver seus belos seios, não seu sutiã. — O rosto dela ardia. Respirava com dificuldade enquanto fitava o rosto sério e reservado de Rourke. Ele parecia tão adulto e masculino, tão no controle da situação. Soube então, sem perguntar, que ele não era nenhum novato. E então a excitação do que ele dissera, do que estavam fazendo, ardeu em seu sangue.

— Está ficando corada — ele murmurou, afastando delicadamente a mão dela para terminar o que tinha começado. Desabotoou o vestido até a cintura, os olhos nos dela enquanto o fazia com lenta sensualidade. — Está chocada, por deixar que eu faça isso?

— Sim — ela sussurrou em resposta, os olhos arregalados de excitação. Aproximou-se, querendo que ele fizesse alguma coisa, qualquer coisa. Mas ele deixou a mão parada em sua cintura, brincando com a casa vazia do botão.

O sangue dele rugia nas veias. Pensava em fazer isso há semanas. Mal conseguia pensar em outra coisa, Becky era virgem. Nunca tivera intimidades com qualquer homem, mas estava ali em seus braços, aguardando por ele, ansiosa por seu toque. Isso lhe



despertava sensações que haviam ficado esquecidas em sua juventude. Entreabriu os lábios para respirar, tentando se conter o máximo que pudesse para saborear cada segundo.

— É difícil respirar? — ele perguntou, a voz aveludada, profunda.

— Sim — ela sussurrou, conseguindo sorrir.

Os dedos de Rourke traçaram um caminho de subida por suas costelas até a base do seio, então desceram, um lento tormento que ele repetiu incessantemente, observando-a com arrogante prazer, até que ela começasse a arquear o corpo, acompanhando-lhe o ritmo. Becky conteve um gemido, mas foi rápida o suficiente. Uma das mãos lhe agarrou os longos cabelos, enquanto a outra continuava com seu lento despertar de sensações. Ela mal sentia a pressão em seus cabelos. Todo seu corpo estava envolvido numa louca arremetida pelo toque dele em seus seios. Becky ofegou e ergueu o corpo mais uma vez, no ritmo daquela mão torturante, estremecendo enquanto mantinha o corpo arqueado.

E então a mão seguiu o resto do caminho, finalmente, moldando seu seio, envolvendo o mamilo saliente. E ela gemeu, choramingando, o corpo se convulsionando com abandono num pequeno clímax.

Rourke estava assombrado. Nunca imaginara que uma virgem pudesse ficar excitada de maneira tão rápida, tão lasciva. Mas reconhecia o que via no rosto dela, e isso o deixou tonto. Com um rude murmúrio, afastou o vestido dela dos ombros e brigou com o fecho do sutiã, sentindo que as mãos dela o ajudavam enquanto ela respirava exaltada.

A boca estava nos seios, nos mamilos. Becky sentiu uma terrível sensação se acumulando em seu ventre — uma sensação que ficava cada vez mais intensa, até se tornar uma tensão dolorosa. Agarrou os cabelos de Rourke e puxou-lhe a cabeça, sentindo os dentes e amando a leve fricção deles em sua pele macia. Ele sugou um dos seios até o próprio calor do gesto fazer seu corpo arquear em outro diminuto clímax.

Rourke estava em chamas. Nunca experimentara nada tão insano e incontrolável em toda sua vida. Despiu Becky sem pensar em mais nada que não fosse ficar sobre ela. As mãos tremiam sobre a pele macia, a boca consumia a dela, saboreando-a. O silêncio da sala só era quebrado pelos leves gemidos de Becky e por sua própria respiração entrecortada.



Seu jeans era muito apertado, e Rourke praguejou enquanto o forçava a descer pelas pernas. Lutou para tirar camisa, cueca, meias e sapatos, e durante todo o tempo, sua boca varria febrilmente o corpo de Becky, mantendo-a cativa até ficar nu.

O contato dos lábios era prazeroso sobre sua pele quente. Becky sentia o ar que deixavam escapar com sensação de gratidão, alívio. Seu corpo ardia, e Rourke estava por toda parte, acariciando-a lenta, impetuosa e habilmente. As mãos alcançavam lugares que outras não haviam tocado, a boca estava entre suas coxas, fazendo-a gritar.

Becky estava de costas sobre o tapete, estremecendo enquanto a boca e o corpo de Rourke começavam a agir novamente. Os lábios viajavam com lenta sensualidade por sua barriga, por seus seios, até lhe encontrarem a boca. A língua avançou com delicadeza, ternura, enquanto o corpo poderoso cobria o dela. Rourke era peludo, e os pelos raspavam sua pele macia, mas isso era excitante, um paraíso. A pele fria cobriu o calor de seu corpo. Sentia Rourke entre suas coxas, avançando. Ela abriu as pernas, pois tinha ido longe demais para rejeitá-lo e ela mesma ardia por conhecê-lo, por ser saciada. A urgência agora era angustiante.

— Olhe para baixo — ele murmurou. — Olhe para nós.

Rourke a convenceu a baixar o olhar, seus próprios olhos acompanhando o movimento. Então a penetrou, com vigor.

O choque de ver isso acontecer, de ver um homem se unindo a uma mulher daquela maneira perturbadora, se sobrepôs à dor da súbita penetração. Becky gemeu, mas quando o som deixou seus lábios, ele já a tinha preenchido por completo numa única e suave investida.

Rourke ficou parado, os cotovelos apoiando seu peso, os olhos fixos nos dela. O susto estava estampado no rosto dela, na súbita palidez, e na tensão do corpo sob o seu.

— Relaxe — ele sussurrou. Com uma das mãos, começou a acariciar-lhe os cabelos, acalmando-a. Podia senti-la contraindo ao seu redor, aumentando seu prazer, mas sabia que isso seria à custa do prazer dela. — Relaxe, Becky. Relaxe por mim. Não quero machucá-la mais.

A voz era suave, mesmo com a tensão que ela sentia nele. Becky engoliu em seco, só então percebendo o que permitira que ele fizesse. Agora era muito, muito tarde para parar.

— Você está... dentro de mim — ela murmurou. — Dentro do meu corpo.



As palavras mexeram com ele. Rourke fechou os olhos e contraiu o queixo enquanto tentava manter o controle, tremendo.

— Sim — ele sussurrou. Então gemeu. — Oh, céus, isso é tão bom!

Então estava se movendo. Não pretendia, não tão cedo, mas a observação dela vencera seus limites. Movia-se num ritmo íntimo e lento que era puro desassossego, os dentes cerrados, sem desviar, nem por um instante, o olhos do olhar espantado de Becky.

— É um delírio. Você me incendeia. Preciso ter você, Becky, preciso... ter você!

Becky sentiu nova investida. Sentiu uma profunda pontada de prazer e arfou.

— Aqui? — ele murmurou, olhando nos olhos dela enquanto repetia o movimento.

— Sim! — Ela arfou outra vez.

— Espere — ele disse com o que lhe restava de fôlego. — Deixe-me levá-la até o céu!

Tudo pareceu ficar rubro, feito fogo. Becky enfim fechou os olhos, a aflição aumentando. De sua garganta escapavam sons que nunca ouvira antes — ruídos estridentes que mais pareciam gritos do que gemidos. Ela ergueu o corpo de encontro ao dele quando o prazer se tornou insuportável. Implorava para que ele colocasse um fim naquilo, depois implorava para que não parasse. Respirava com dificuldade. Ouviu um coração bater tão forte e rápido que foi assustador, era como se os corações deles batessem juntos.

Estava ensopada de suor. Rourke também. Suas mãos estavam nas costas dele, que estavam escorregadias. Sentia o corpo dele entre suas pernas, sentia seu peso indulgente, com uma sensação de fascinação.

— Pode me perdoar? — ele sussurrou cansado.

Becky levou as mãos para os ombros dele, tocando-o. Ele ainda era parte de seu corpo, parte de sua alma.

— Oh, céus! — ela murmurou.

Rourke ouviu o tom maravilhado da voz macia e ergueu a cabeça. Seu cabelo estava tão suado quanto o resto de seu corpo, os olhos cheios de remorso e fadiga. O rosto dela estava vermelho, os lábios inchados da pressão de sua boca. Seu olhar foi descendo, encontrando as leves marcas que seus lábios haviam deixado na pele rosada dos seios. Eram seios lindos. Estivera excitado demais para apreciá-los devidamente, mas agora seus olhos saboreavam seus contornos, os mamilos agora relaxados.



— Eu a queria tanto que não consegui me conter — ele disse. — Eu tentei. Mas já fazia tanto tempo, Becky, tempo demais. Acho que nunca desejei tanto uma coisa quanto desejei você esta noite.

— Eu te desejei também — ela confessou. Não conseguia olhar nos olhos dele. Fitava a extensão de seus corpos, fascinada com aquela intimidade que jamais experimentara antes.

Rourke viu como ela olhava e se ergueu subitamente, oferecendo uma visão que a deixou muda de espanto. Ele riu ao se esparramar de costas ao lado dela, o carpete macio arranhando de leve suas costas suadas.

— Logo vai se acostumar — ele refletiu. — Vai descobrir que sexo é como comer amendoim. Uma vez nunca é o suficiente.

Becky sentou-se, sentindo-se tímida, levemente desconfortável e um pouco embaraçada.

— O banheiro é naquela direção — ele disse, compreendendo a expressão dela.

Becky assentiu, pegando o vestido e suas roupas íntimas sem olhar para ele. Tudo o que pensava sobre sexo agora era passado. Havia adquirido conhecimentos chocantes não só do mecanismo, mas também da ânsia febril e incontrolável que o precedia. Estava tão confiante de que poderia rejeitar sua própria vontade, de que poderia se conter. Agora sabia de sua impotência. Entregara-se a ele sem um único protesto. O que Rourke estaria pensando dela agora?

Ficou ruborizada enquanto largava suas roupas no banheiro e procurava por toalhas. Será que ele se importaria se ela tomasse um banho? Justamente quando encontrou toalhas, Rourke abriu a porta e entrou, sorrindo quando ela recuou timidamente.

— Está tudo bem — ele murmurou. Puxou-a para perto, e Becky ficou novamente excitada ao mero toque. Ela arfou. Não podia acreditar no que estava acontecendo.

Rourke afastou-se um pouco para vê-la, os dedos tocando os mamilos novamente rijos com silenciosa satisfação.

— Quero você de novo também — ele murmurou. — Mas antes vamos tomar banho. Desta vez, vamos fazer amor na cama, e vou me demorar bastante com você. Quero você gritando louca antes de tomá-la pela segunda vez.



Ela estremeceu com o impacto daquelas palavras, e, antes que pudesse dizer qualquer coisa, estava sendo beijada. Gemeu, agarrando-se ao corpo forte, sentindo a excitação dele com um orgulho selvagem de sua própria feminilidade.

Quando ele ligou o chuveiro e a puxou para o banho, Becky não protestou. Lavaram um ao outro calmamente, em silêncio. Rourke desligou o chuveiro e secou a ambos, as mãos se demorando no corpo macio de Becky, murmurando coisas que a faziam estremecer de desejo. Então a ergueu nos braços e a carregou para o quarto, deitando-a com cuidado sobre o macio edredom. Ficou inclinado sobre ela por um bom tempo, admirando-a. E, pela primeira vez, Becky o olhou propriamente. Rourke era moreno por inteiro — o tipo de cor que não se consegue simplesmente tomando sol. Grossos pelos se enroscavam sobre o peito largo e musculoso, descendo pelo abdome achatado até as coxas. Ele era tudo o que um homem deveria ser, ela pensou, encontrando coragem para examiná-lo intimamente, sem desviar o olhar quando o corpo dele reagiu violenta e ostensivamente ao seu fixo olhar.

Rourke, por sua vez, também a examinava, deixando os olhos correrem pelos seios cheios e empinados, descendo pela cintura estreita e pelos quadris arredondados até as pernas longas e esguias. Poderiam enfrentar as consequências amanhã. Esta noite, ele a deixaria feliz por ser mulher. Acomodou-se ao lado dela na cama, inclinando-se sobre ela com propósito.

— As luzes — ela murmurou, olhando para os abajures.

— Fizemos amor com luz acesa da primeira vez — ele lembrou a ela. Deslizou a mão morena pela pele clara, até um local que não tivera tempo ou paciência de explorar antes. Ela arfou e lhe agarrou a mão, mas Rourke meneou a cabeça. — Você se entregou para mim. É tarde demais para impor limites, minha pequena.

— Sim, mas ... oh! — Ela arqueou o corpo, estremeçando, quando ele descobriu a maneira de satisfazê-la.

— Isso mesmo — ele murmurou, os olhos ardentes de prazer por vê-la reagindo ao seu toque, timidamente a princípio, depois com puro abandono, gemendo e contorcendo-se. — Isso mesmo, deixe-me satisfazê-la. Quero que saiba exatamente o que vou lhe oferecer desta vez. Assim. Sim, minha pequena, assim, assim!

Becky gritou e ergueu-se em meio aos espasmos, enquanto Rourke apenas observava, os olhos brilhando de orgulho e excitação, até ela cair exausta e trêmula, os olhos arregalados de espanto buscando os dele.



— Achou que tinha alcançado o climax antes? — ele murmurou. — Agora sabe que não. Mas vai alcançar desta vez. Prometo que vai.

A boca se acomodou sobre os selos, e Rourke começou a beijá-la preguiçosamente, esperando que ela relaxasse novamente e correspondesse ao toque quente de sua boca sobre a pele. Becky começou a ficar tensa. Os mamilos se enrijeceram com os movimentos da língua dele. Ela gemeu extasiada.

Rourke se demorou bastante, arrastando o momento, provocando-lhe o corpo e a boca com lentos movimentos que terminaram por deixá-la atormentada de frustração. Becky choramingou, contorcendo-se sob as mãos torturantes, sussurrando coisas das quais sabia que se envergonharia depois, mas incapaz de conter-se. Ele ria enquanto a excitava, vangloriando-se da reação impetuosa, dos apelos febris.

Quando ela já estava enlouquecendo de aflição, Rourke colocou-se dentro dela num movimento longo e lento, e Becky convulsionou no mesmo instante. Ele nunca vira isso acontecer tão rápido com uma mulher.

Buscou a própria satisfação, confiante de que ela já estava saciada antes de começarem. Mas ele ainda se demorou, e Becky o acompanhou a cada passo do caminho, entregando-se ao êxtase outras vezes antes da última investida que fez com que Rourke erguesse o corpo num espasmo que lhe arrancou um gemido desesperado da garganta. Não lembrava de alguma vez ter gritado, mas desta vez o prazer praticamente o deixara inconsciente.

Caiu sobre ela, trêmulo, extenuado demais para se mexer, quase sem conseguir respirar.

— Querida — ele murmurou rouco, rolando para o lado para poder puxá-la e aninhá-la em seus braços. — Deus, como preciso de você, Becky.

Ela ouviu, mas não disse nada. Rourke imaginava se ela teria compreendido que nunca na vida ele admitira precisar de alguém, que dizer isso tinha as mesmas proporções de uma declaração de amor. De fato, Becky não compreendera. Sorriu cansada e aninhou o rosto em seu pescoço suado, beijando-o ali, provando o sal, a colônia e o homem em si.

— Eu te amo — ela murmurou sonolenta.

Rourke ficou com o ar preso na garganta. Nunca algo lhe soara tão doce, mesmo que ela só estivesse dizendo isso para justificar sua entrega. Seus braços se contraíram. Não conseguia parar de tremer.



— Nunca foi assim tão bom — ele murmurou, quase que para si mesmo. — Foi tão violento que pensei que morreria, fiquei tão sem controle que gritei.

— Você me torturou — Becky murmurou.

— Eu a excitei até a loucura — ele corrigiu, ficando sonolento também. Abraçou-a mais forte. — Por isso foi tão bom para nós dois. Não consegui me demorar com você na primeira vez. Perdi o controle.

— Eu também — ela confessou. — Eu te queria. Ah, como queria! — Becky estremeceu. — E ainda quero, mesmo agora. Rourke! — ela choramingou colando o corpo ao dele com renovado ardor.

— Eu te quero também — ele resmungou. — Mas não podemos. Céus, você ainda não está acostumada com isso para aguentar uma noite inteira. Eu a machucaria, amorzinho.

— Você nunca me chamou de amorzinho antes.

— Nunca tinha feito amor com você antes — Rourke sussurrou-lhe ao ouvido, beijando-lhe ali carinhosamente. Então franziu a testa quando um súbito pensamento o deixou apreensivo. — Becky...

— O quê? — ela murmurou baixinho.

Os lábios deslizaram até o rosto dela.

— Não usamos nada — ele disse junto aos lábios dela.

Três coisas aconteceram ao mesmo tempo. Becky voltou à realidade num pulo, percebendo que nenhum dos dois tinha sido racional o suficiente para tomar precauções. Rourke ergueu a cabeça, ficando completamente desperto ao concluir a mesma coisa. E o telefone tocou, estridente. Ele fitou o rosto chocado de Becky, franziu a testa, e estendeu o braço para pegar o fone.

— Kilpatrick — disse bruscamente. Ouviu por um minuto, durante o qual o rosto dele empalideceu. Olhava para Becky um tanto horrorizado. — Sim. Sim, eu compreendo. É a primeira coisa que farei pela manhã. Está bem. Sim, foi. Boa noite.

— O que foi? — ela perguntou, sentando-se ereta com crescente medo nos olhos. Rourke não sabia como contar, especialmente depois do que acabara de acontecer. Não queria contar. Mas não havia como evitar.

— Acabaram de prender Clay — ele disse — Foi autuado com três acusações por porte de cocaína, uma delas por porte com intenção de distribuição. E também foi acusado de agressão em circunstâncias agravantes.



— Agressão em circunstâncias agravantes? O que é isso?

— Tentativa de homicídio, por exemplo — ele respondeu. — A polícia revistou o carro da namorada dele. Encontraram parte dos explosivos plásticos que foram usados para explodir meu carro — Rourke disse por entre os dentes. — Encontraram uma caixa de ferramentas que ela disse ser de Clay. Acham que ele colocou a bomba debaixo do meu capô.

Becky levantou-se trêmula. Foi buscar as roupas, mas não conseguiu, pois desabou desmaiada aos pés de Rourke.

CAPÍTULO CATORZE

Quando becky recuperou a consciência, Rourke estava vestido e inclinado sobre ela com um copo de scotch, o rosto angustiado de preocupação. Ela afastou o copo e se sentou. As roupas estavam ao lado dela na cama. Corando intensamente, virou-se de costas e começou a se vestir com dedos desajeitados. Quando já estava vestida, levantou-se com pernas cambaleantes, mal compreendendo onde estava. De qualquer forma, não importava muito as condições em que estava. O mundo havia acabado de ruir e desabar em sua cabeça.

— Isso vai matar o vovô — ela murmurou.

— Não vai, não — Rourke replicou. — Ele é mais durão do que você pensa. Venha, Becky. Levo você para casa.

Ela afastou os cabelos despenteados para trás e foi para a sala, corando enquanto calçava os sapatos e apanhava o suéter do chão. Não tinha coragem de olhar o carpete onde haviam feito amor. Becky voltou-se para Rourke com patético tom de orgulho.

— Como pegaram Clay? — ela perguntou, ciente de que ele estava escondendo algo.



Rourke havia prometido não trair a confiança de Mack. Isso só lhe deixava uma alternativa: assumir a culpa.

— Eu contei a eles — respondeu, acrescentando friamente — Clay deixou escapar uma pista quando eu estava em sua casa. Acabei ouvindo. — Era verdade, mesmo que não tivesse sido ele a ouvir a conversa.

Ela fechou os olhos, quase às lágrimas.

— Foi por isso que me convidou para sair, que queria minha companhia?

— Precisa mesmo perguntar isso, depois desta noite? — Rourke perguntou sucintamente, lembrando-se da própria voz sussurrando que a desejava desesperadamente, que precisava dela.

Mas Becky pensava na prisão de Clay, não nos carinhos de Kilpatrick, que provavelmente não haviam significado nada. Tinha lido e ouvido dizer que os homens diziam qualquer coisa quando queriam levar uma mulher para a cama.

— Não — disse sentindo-se derrotada. — Não preciso perguntar.

Ela se virou e foi para a porta. Kilpatrick a seguiu, trancando a casa. A atitude dela o incomodava. Não estava agindo como a Becky que ele conhecia.

— As acusações — ela disse quando já estavam no carro, voltando para a fazenda. — São acusações de crime, não são? E tráfico de drogas dá um mínimo de dez anos mais uma fiança altíssima, não é?

— Não precisa se preocupar com isso esta noite — ele retrucou sucintamente. — Deixe para amanhã de manhã. Clay está passando pelos procedimentos agora, e você só conseguirá um agente de fianças depois que ele for chamado a juízo e uma fiança for estipulada.

— Ele não está no centro de detenção juvenil? — ela perguntou com tom áspero.

— Deus, odeio ter que lhe contar isso — ele respondeu depois de um instante. — Becky, essas acusações são delitos graves. Não tive escolha. Tenho que indiciá-lo como adulto.

— Não! — ela exclamou, as lágrimas rolando pelo rosto pálido, tornando as sardas vividamente notáveis. — Não, você não pode! Rourke, você não pode, ele é só um garoto! Não pode fazer isso com ele!

Ele contraiu o queixo e não voltou a olhar para ela.

— Não posso mudar as regras. Ele descumpriu a lei. Precisa pagar por isso.



— Ele não tentou te matar. Sei que não. Ele não é um monstro. É só um garoto que nunca teve qualquer vantagem, que não teve um pai que o orientasse. Não pode deixá-lo na cadeia pelo resto da vida!

— Isso não sou eu quem decide — Rourke tentava argumentar com ela.

— Você pode dizer que ele não é culpado — ela falava freneticamente. — Pode se recusar a processá-lo!

— Eles têm muitas evidências, droga! O que quer eu faça? Que eu deixe passar? Que eu simplesmente o deixe solto?

O tom mordaz na voz dele reativou a sensatez de Becky. Ela respirou fundo até se recobrar. Olhava pela janela, trêmula.

— Você sabia que o prenderiam hoje, não é, Rourke? Você sabia antes de deixarmos a fazenda.

— Sabia que tentariam. — Rourke sentia-se cansado. Acendeu um charuto e abriu a janela. Nunca pensou que se sentiria assim quando tivesse que prender Clay. Não pensou no quanto seria doloroso Becky pensar primeiro no irmão antes de pensar nele. Clay estava sendo acusado de tentar matá-lo, mas era com Clay que Becky estava preocupada. O fato da bomba quase tê-lo matado não parecia importar.

— Não importa que ele tenha tentado me matar? — Rourke perguntou depois de um instante.

— Sim — ela respondeu com estranha calma, sua própria dor fazendo com que falasse às tontas. — Pena que ele não se esforçou o bastante.

O choque com aquelas palavras foi como um golpe físico. Rourke não disse mais nada. Apenas fumava seu charuto e dirigia.

Quando ele parou diante da porta da casa, Becky saiu correndo na direção do alpendre sem dizer nada. Só quando viu Rourke ao seu lado foi que percebeu que ele havia estacionado e desligado o motor.

— Onde pensa que vai? — ela perguntou com frieza.

— Estou indo com você — Rourke replicou com teimosia, estreitando os olhos. — Pode precisar de ajuda com seu avô.

Isso ocorrera a Becky, mas não queria a ajuda de Rourke, e disse isso a ele.

— Pode me odiar, se isso a faz se sentir melhor — ele retrucou, encarando-a sem titubear. — Mas vou entrar.



Ela lhe deu as costas e destrancou a porta. Não precisou contar a ninguém o ocorrido. O avô estava no chão, gemendo e apertando o peito, e Mack estava inclinado sobre ele com um comprimidinho branco.

— Foi a notícia sobre Clay — Mack disse, lágrimas correndo pelo rosto. Olhava completamente desamparado para Kilpatrick ao invés de se voltar para Becky. — Vovô passou mal e caiu. Não quer tomar o comprimido!

— Oh, não! — Becky choramingou. — Oh, não!

Rourke a amparou nos braços e a conduziu gentilmente até o sofá. Percebia que ela estava no limite de suas forças. Ajoelhou-se ao lado de Mack e tomou o comprimido dele.

— Vamos, sr. Cullen — ele disse, erguendo o idoso e apoiando-o no joelho. — Vamos, precisa tomar seu remédio.

— Deixe-me morrer — ele gemeu.

— Claro que não — Rourke retrucou irritado. — Vamos. Coloque isso debaixo da língua.

O avô abriu os olhos e olhou zangado para Rourke, mesmo com o rosto retorcido de dor.

— Maldito! — murmurou.

— Pode me xingar se quiser, mas tome esse comprimido. Aqui.

Surpreendentemente, o velho obedeceu. Pegou o comprimidinho e o colocou debaixo da língua, o rosto contorcendo-se de dor ao mais leve movimento da mão. Rourke não se afastou imediatamente. Pediu que Mack lhe trouxesse uma almofada, então elevou a cabeça e o peito dele.

— Fique aqui deitado e respire — Kilpatrick disse apenas. — Vou chamar uma ambulância.

— Não preciso disso — ele ofegou. — Vai passar.

— Nós dois sabemos que isso já deveria ter passado — Rourke disse, olhando nos olhos cansados e cheios de dor. — Nitroglicerina age instantaneamente. Meu tio tinha angina pectoris.

— Não vou!

— Diabos, claro que vai — Kilpatrick respondeu com teimosia e foi até o telefone. Becky sentia-se entorpecida — tanto que nem conseguia protestar. Uma ambulância e uma conta de hospital não eram nada. Quanto seria uma fiança por porte de narcóticos — algo em torno de cinquenta mil dólares? Comparado a isso, o hospital e a ambulância



eram moleza. Teria que vender a fazenda, o carro, e embargar seu salário só para poder pagar um advogado para Clay, e isso nem bastaria para a fiança e a conta do médico do avô. Becky começou a rir histericamente.

— Lamento, Becky. — A voz veio de muito longe. Ela sentiu uma mão tocando sua bochecha, depois segurando seu rosto.

Rourke estava ajoelhado diante dela.

— Acalme-se — ele murmurou. — Vai ficar tudo bem. Não se preocupe com nada esta noite. Eu cuido de tudo.

— Eu te odeio — ela murmurou, e no momento era verdade.

— Eu sei — ele respondeu, fazendo-lhe a vontade. — Agora fique sentada aqui e tente não pensar.

Rourke levantou-se, parando para tentar confortar um pouco Mack, e foi se sentar ao lado do velho.

A ambulância pareceu demorar muito. Rourke deixou que os paramédicos entrassem e aguardou enquanto eles faziam o que era necessário antes de carregarem o avô para a ambulância e dispararem para o Hospital Geral de Curry Station.

— Alguém precisa ir com ele — Becky protestou debilmente.

— Você poderá vê-lo pela manhã. Expliquei as circunstâncias aos paramédicos e eles entrarão em contato com o médico da família. Você precisa descansar — disse com firmeza. — Vá para a cama.

— Mack — ela murmurou enquanto Rourke a ajudava a ficar de pé.

— Eu cuido do Mack. Vá dormir.

Ela foi para o quarto e vestiu a camisola, envergonhada demais para olhar para si mesma porque não queria ver as leves marcas deixadas por Rourke. Morreria de vergonha sempre que lembrasse o que permitira que ele fizesse. Mas bem merecia, pensou, zangada consigo mesma. Mulher estúpida. Como não percebeu que ele só estava saindo com ela para pegar Clay? O avô até tinha avisado, mas lhe dera ouvidos? Não! Estava lisonjeada demais com as atenções dele. Tudo o que ele queria era pegar Clay numa armadilha e, boba que era, Becky lhe dera a chance. O irmão ficaria na prisão pelo resto da vida, e seria culpa sua.

Ela chorou até os olhos e o nariz ficarem vermelhos. Então dormiu. Quando Rourke foi vê-la, Becky dormia profundamente, os longos cabelos espalhados pelo travesseiro. Olhou para ela com grande ternura. *Só uma mulher tão doce e gentil para ser tão*



apaixonada e generosa na cama, ele pensou, suspirando. Ela era tudo o que um homem poderia desejar em uma mulher. Mas seria bem trabalhoso convencê-la disso depois desta noite. Meneou a cabeça, prevendo muita angústia pela frente. Fechou a porta do quarto e voltou para colocar Mack para dormir.

— Pare de se preocupar — ele disse ao menino, confortando-o. — Você provavelmente salvou a vida dele, embora eu duvide que você acredite nisso agora. Você e Becky ficarão bem sozinhos? Quero ver como seu avô está. Eu ligo se surgir qualquer complicação.

— Não precisa fazer isso — Mack disse.

Rourke apoiou as mãos nos ombrinhos de Mack, encarando-o com obstinação.

— Mack, Becky é a única família que tenho agora. Ela me odeia, e talvez eu mereça isso, mas não posso deixar que ela enfrente tudo sozinha.

Mack assentiu.

— Está bem. Obrigado.

Rourke deu de ombros.

— Tranque a porta quando eu sair. E vá dormir. Nada de ver filmes. Becky precisará de toda a ajuda possível pela manhã.

— Ajudarei no que puder. Boa noite, sr. Kilpatrick.

— Boa noite.

Rourke foi para o carro e acendeu outro charuto, sentindo-se cansado e magoado. Que inferno de noite, e isso era só o começo. Passou no hospital para ver como o avô estava e falou com o médico da família.

— Não posso dizer se ele vai se recuperar — o médico disse. — Ele já é idoso e não tem muita força de sobra. Se ele resistir às próximas 72 horas, haverá esperanças. Mas preciso fazer alguns exames e mantê-lo internado por alguns dias, o que afetará seriamente o orçamento de Becky. Ele ainda não tem idade para receber a assistência do governo e não tem qualquer seguro de hospitalização.

— Eu pago as despesas — Rourke disse imediatamente. — Ou a maior parte delas — acrescentou com um sorriso. — O suficiente para que Becky pense que está segurando as pontas sozinha.

O médico encarou-o.

— Você não é o promotor de justiça?

Rourke assentiu.



— Eu soube que o irmão de Becky foi preso. Você irá processá-lo, suponho?

— Ainda não sei.

— Que situação difícil para você. Para toda a família. Os Cullen são fortes, e o avô é um homem muito honesto. Becky também. Lamento por eles.

— Eu também — Rourke disse. — Becky virá amanhã para ver o avô. Ela já passou por coisas demais esta noite.

— Posso imaginar. Posso bem imaginar.

E ele nem sabe a metade, Rourke pensou. Voltou para casa com o coração pesado no peito. De todas as coisas mais estúpidas a serem feitas, a maior era ele não tomar nenhuma precaução — nenhuma. Nem Becky. Agora ainda havia a ameaça de uma gravidez para se somar a tudo, pois perdera a cabeça e cedera ao seu desejo por ela. O fato é que Becky cedera também, mas isso não lhe aliviava a consciência. Ela odiaria a ambos quando acordasse. E o odiaria mais ainda porque pensava ter sido usada para que ele colocasse as mãos em Clay. Isso fora verdade no começo, mas não agora. Fizera amor com ela porque a amava, porque queria a união das duas almas. Fora a experiência mais maravilhosa de sua vida, e dissera a Becky que a amava. Ela disse que o amava também, mas talvez só tivesse dito isso para apaziguar sua consciência, aliviar a culpa por ter se entregado ao desejo. Mulheres eram criaturas estranhas — precisavam de desculpas para fazer sexo. Ele nunca precisou de desculpa alguma, mas desta vez tinha uma — estava louco por ela.

Rourke meneou a cabeça. Não sabia o que fazer, nem com Clay nem com Becky. Talvez uma boa noite de sono lhe oferecesse uma perspectiva melhor das coisas. Não ofereceu. Ele abriu o jornal pela manhã e lá, estampado na primeira página, havia um cruel ataque de J. Lincoln Davis, acusando o promotor de justiça de Curry County de tentar encobrir o tráfico de drogas na escola primária para proteger o irmão da namorada! Ele amassou o jornal, furioso. Bem, se Davis queria jogar sujo, assim seria. Entrou em casa e ligou para o *Atlanta Times*.

A edição da tarde apresentava nova manchete, pois Rourke acusara Davis de se aproveitar de uma prisão que fizera um pobre idoso parar no hospital. Antes que o dia terminasse, o telefone de Kilpatrick tocava incessantemente com demonstrações de solidariedade que acusavam Davis de falta de compaixão.



Becky não sabia se ia ao hospital ou à cadeia primeiro. Foi ver o avô, adiando a visita a Clay porque não sabia o que dizer ou fazer. Sentia-se completamente infeliz, recordando a noite anterior.

O avô estava dormindo. Recebera analgésicos, e parecia pálido e fraco. Becky sentou-se ao lado dele no quarto e caiu no choro, grata pela outra cama no quarto estar vazia. Tanta angústia, em tão pouco tempo, havia destruído seu espírito. Nunca recuava de seus deveres e obrigações, mas nunca se sentira tão sobrecarregada antes. Ficou sentada com o avô por vários minutos, e finalmente concluiu que Clay precisava mais dela no momento.

Dirigiu até a cadeia do condado cheia de apreensão. Seria terrível, bem sabia, ter que confrontar o irmão. Clay acusaria ela e Rourke por estar em apuros. Não se sentia preparada para outra briga.

Ficou surpresa por encontrar o irmão totalmente controlado. Ele a abraçou gentilmente, parecendo vencido, abatido, totalmente diferente do Clay dos últimos meses.

— Como você está? — ela perguntou, olhando ao redor da cela completamente vazia, apenas com seu vaso sanitário, seu beliche de aço e suas barras de ferro. Ela estremecia com as vozes dos outros prisioneiros que ecoavam pelo corredor, rudes e cruéis.

— Estou bem — Clay respondeu. Sentou-se no beliche, convidando Becky para se juntar a ele. Vestia o uniforme azul da prisão e parecia fraco e fadigado. — É quase um alívio acabar com isso. Vou para a prisão e os irmãos Harris me deixarão em paz. Ao menos estarei protegido deles.

— Do que está falando?

— Ele entupiram meu bolso de cocaína quando eu estava bêbado e drogado. Você sabe disso. Bem, depois me colocaram numa compra com um dos homens do pai deles, e assim virei intermediário. Nunca cheguei a vender droga. Mas eles ameaçavam dizer que sim caso eu não os ajudasse a encontrar contatos na escola primária.

— Oh, meu Deus! — Becky sussurrou. Enterrou o rosto entre as mãos. — O menino, Dennis.

— Não dei o nome dele, Becky, eu juro — Clay apressou-se em dizer. — Não fui eu. — Ele baixou os olhos. — Você precisa saber de tudo. Eles queriam que eu colocasse Mack na jogada, então o coloquei contra a parede. Ele não cedeu. É por isso que não queria falar comigo. Acha que não passo de escória. Acho que tenho culpa pela morte do



amiguinho. Talvez eu seja mesmo culpado. Mas não coloquei a bomba no carro de Kilpatrick, Becky. Sou um grande idiota, mas não sou assassino. Precisa fazer ele entender isso.

— Não posso fazer nada — ela respondeu, contida. — Ele só estava saindo comigo para pegar você.

Clay praguejou.

— Aquele filho d...!

— Eu me deixei levar. A culpa não é inteiramente sua — ela o interrompeu — Cavamos nossas próprias covas, não foi? — Ela suspirou. — Vovô está no hospital. Acham que foi um ataque cardíaco moderado.

Clay gemeu, o rosto entre as mãos.

— Eu sinto muito! Becky, sinto muito mesmo!

Ela lhe deu uns tapinhas desajeitados no ombro.

— Eu sei.

— As despesas do hospital, ninguém que a ajude com o plantio, e agora eu. — Clay ergueu o rosto, os olhos sentidos. — Deus, lamento tanto! Como você vai dar conta das despesas?

— Da mesma maneira que sempre fiz — ela disse com orgulho. —Trabalhando.

Ele corou.

— Honestamente, é o que quer dizer. — Ele desviou o olhar. — Eu me convenci de que estava fazendo isso para te ajudar, que estava ganhando dinheiro para ajudar nas despesas, mas só estava mentindo para mim mesmo. Quando finalmente larguei as drogas e as bebidas e vi o que eu tinha feito, fiquei horrorizado. Mas não me deixaram sair, Becky. Não deixaram. Todos juram que sou a mente que criou o esquema inteiro: quem deu droga para o Dennis, quem colocou a bomba no carro de Kilpatrick. Eu nem tenho chance.

— Sim, você tem. Falo com o sr. Malcolm e peço que o represente. E arranjo um agente de fianças...

— E pagar por isso também? Não mesmo, Becky — ele disse. — Escuta, mana, consegui um advogado, um defensor público. Ele é jovem, mas é bom. Já está de bom tamanho. Defesa nenhuma no mundo conseguiria que eu não cumprisse pena, Becky. Você precisa encarar este fato. Quanto à fiança, não quero nada disso.

— Isso não é justo! — ela gemeu.



— Não há o que discutir. Descumpri as leis. Agora tenho que pagar por isso. Vá para casa descansar. Já basta ter que se preocupar com o vovô. Estou perfeitamente seguro aqui.

— Oh, Clay! — ela murmurou, quase em lágrimas.

— Ficarei bem. Francine está vindo me ver. Ela está do meu lado, mesmo que isso a deixe encrencada como tio. — Ele sorriu. — Ela é boa pessoa, depois que se tem a chance de conhecê-la melhor. Acho que você nunca a viu como realmente é.

— Eu nunca cheguei a vê-la, de fato — Becky lembrou a ele secamente.

Clay clareou a garganta.

— Bem, terá a chance. Um dia.

Ela assentiu.

— Um dia. — Deu-lhe um beijo de despedida e chamou o guarda para que a deixasse sair da cela. Era uma caminhada longa e lúgubre até a liberdade. O som da porta da cela se fechando ecoou em sua mente durante todo o trajeto até em casa.

CAPÍTULO QUINZE

No domingo de manhã, Becky levantou-se para ir à igreja. Depois de se vestir, contudo, Mack trouxe-lhe o jornal do dia anterior. Quando Becky leu a manchete, sentou-se e começou a chorar.

— Não chore, mana — Mack disse. Ele se sentou ao lado dela e, sem muito jeito, tentou confortá-la. — Não chore.

Ela não conseguia parar. Era terrivelmente embaraçoso ver as acusações de J. Lincoln Davis de que Rourke acobertara o tráfico de drogas na escola para proteger o irmão da namorada. O jornal só faltava declarar Becky amante de Rourke, e ainda dizia que, para proteger Clay, Rourke tinha arrastado as investigações quanto à morte do menino Dennis. Ali, bem estampado, estava seu nome e o de Clay, para que seus vizinhos, amigos e, pior, seus patrões vissem.



— Vou perder o emprego — ela disse, lastimando-se, secando as lágrimas com os dedos. — Meus patrões não vão querer esse tipo de notoriedade. Terão que me dispensar. Ah, Mack, o que faremos? — ela exclamou, consumida pelo pânico pela primeira vez que lembrasse.

— Becky, você só está nervosa — Mack disse, tentado parecer calmo. Ver Becky chorando o apavorava. Ela sempre fora a mais forte de todos. — Esses dois dias foram ruins. Tudo vai melhorar. É o que você sempre diz.

— Nossos nomes na primeira página do jornal — ela gemeu. — Vovô nunca vai superar, isso se ele sobreviver.

— Vai sobreviver — Mack disse. — E Clay ficará bem. Becky, preciso me arrumar. Temos que ir à igreja.

Becky estava admirada com ele. Dez anos de idade e cheio de autoridade. Parecia um cachorro teimoso.

— Vamos — ele disse. — Ninguém ficará apontando ou falando de nós. A igreja é um bom remédio. É o que você sempre diz também — ele acrescentou, sorrindo.

Ela riu apesar da tristeza que sentia.

— Está bem, sr. Cullen. Terei muito orgulho em acompanhá-lo à igreja.

— Esta se parece mais com a minha irmã — ele disse. Piscou o olho e foi vestir suas roupas de domingo.

Então Becky foi à igreja. E, como Mack dissera, ninguém ficou fazendo fofocas. Muitos vieram oferecer ajuda, na verdade, e, quando voltava para casa, estava feliz por Mack tê-la convencido a ir. Encontrou a força que precisava para enfrentar o que estivesse por vir.

Na manhã de segunda, Becky foi trabalhar. Quando entrou no saguão, pressionou o botão do elevador. Pela primeira vez, ficou feliz que Rourke tivesse voltado para seu novo gabinete no tribunal. Isso lhe poupava o constrangimento de ter de falar com ele. Rourke nem telefonara. Ou talvez tivesse telefonado enquanto estavam fora. Ela levava Mack consigo quando foi ao hospital na noite passada.

Afinal, por que ele telefonaria, ela se perguntou com tristeza. Só estava saindo com ela para se aproximar de Clay. Conseguira apanhá-lo e agora o processaria, então por que pensaria em Becky? Se tinha nutrido algum desejo por ela, agora já estava satisfeito e não a procuraria novamente. Gemeu por dentro ao pensar no ocorrido. Entregara-se sem lutar. Na verdade, ela mesma o incentivara. Seus princípios eram como palavras na



areia — só existiam até a primeira onda aparecer. Sentia-se envergonhada. E com a vergonha, outra ideia lhe passava pela cabeça. O que faria se tivesse ficado grávida?

Ignorou aquele pensamento ao entrar no escritório. De nada adiantaria se preocupar com isso. Se os patrões quisessem demiti-la, que assim fosse. Sabia digitação e taquigrafia, conseguiria outro emprego, mesmo que não pagasse bem. Com este pensamento em mente, descobriu a máquina de escrever e entrou na sala do sr. Malcolm para enfrentar seu destino.

— Aí está você — ele disse com um sorriso gentil. — Esperava notícias suas desde sábado. Ficarei mais do que satisfeito em aceitar Clay como cliente, e pode me pagar um dólar por mês se for o caso.

Ela teve que conter as lágrimas. Já tinha chorado demais.

— Oh, sr. Malcolm, você é tão gentil — ela respondeu. — Pensei que fosse me demitir.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você faz 105 palavras por minuto e estava com medo de ser despedida? Meu Deus!

— Os jornais me pintaram como uma prostituta, e acusaram Clay de assassinar criancinhas...

— Esqueça os jornais — ele disse calmamente. — É J. Lincoln Davis tentando conseguir o escalpo de Kilpatrick antes da votação. É óbvio que você não leu a réplica de Kilpatrick. Veja isso — ele acrescentou, empurrando a edição da tarde na direção dela sobre o tampo da escrivaninha.

Ela leu o artigo completamente fascinada. Rourke também sabia dar o bote, ela pensou. Ele colocou as acusações do adversário sob nova perspectiva, acusando-o de aproveitamento político e sensacionalismo. Fez isso de maneira ponderada e concisa, com comentários curtos e polidos que seguramente rebatiam os do sr. J. Davis. Rourke mencionava o ataque cardíaco de seu avô, e acrescentava que era solteiro e livre para sair com quem quisesse. Além disso, disse ao repórter que o entrevistara que a srta. Cullen era uma dama, e que se Davis não se retratasse quanto às insinuações sobre o caráter dela, teria o prazer de citá-lo à corte por difamação de caráter. Ao fim do longo artigo havia uma nota do sr. Davis, acusando o jornal matutino de interpretar mal suas palavras e pedindo desculpas publicamente à srta. Cullen.

— Minha nossa! — ela murmurou.



— Formidável, este é o nosso Kilpatrick — o sr. Malcolm disse com um sorriso. — Mesmo que eu o odeie no tribunal, tenho que lhe dar crédito pela eloquência. Colocou as acusações de nosso estimado sr. Davis por terra.

— Foi gentileza dele me defender — ela disse, pensando que já não se encaixava mais na descrição que Rourke fizera a seu respeito. A insinuação de Davis era mais do que apropriada depois de seu comportamento na sexta à noite.

— Ele gosta de você — Malcolm comentou, espantado com a expressão no rosto dela. — Todos já começaram a pensar em vocês como um casal. São inseparáveis há semanas.

Ela olhou para o jornal sem realmente vê-lo.

— Bem, isso provavelmente acabou — ela replicou vagarosamente. — Não pretendo vê-lo novamente.

— Não precisa fazer este tipo de sacrifício — o patrão disse. — Não para aplacar Davis. Ele vai procurar outra coisa para usar contra Kilpatrick espere e verá. Ficar longe de Kilpatrick só por causa da prisão do seu irmão não afetará suas chances de reeleição, mesmo que seja um gesto nobre — ele acrescentou, sorrindo.

Ele se enganara quanto aos seus motivos, mas antes que pudesse corrigir a história, o telefone começou a tocar e metade dos funcionários surgiu na sala. Becky começou a trabalhar, grata pela distração. Não tinha imaginado que Rourke pudesse sofrer politicamente por causa da associação com sua família. Ele dissera que não queria concorrer novamente, mas havia pessoas tentando convencê-lo a mudar de idéia. Se seu único intuito era manter os olhos em Clay, não sacrificaria suas esperanças de reeleição revelando sua ligação com ela, não é mesmo? Ainda mais se tivesse certeza de que Clay seria preso.

Quanto mais pensava no assunto, mais confusa ficava. Só queria que Rourke ligasse. Lembrava ter dito que o odiava quando a levava de volta para casa. Fez uma careta. Rourke cuidara de todos naquela noite — até fora ao hospital para ver seu avô —, e ela nem agradecera. Apesar do que havia acontecido entre os dois, era doloroso almoçar sozinha. Era como se de repente fosse apenas meia pessoa, ainda mais depois de conhecê-lo intimamente. Podia fechar os olhos e senti-lo, saboreá-lo, experimentá-lo como naquela noite. Sua mente se rebelava contra as memórias, mas seu corpo as queria. Queria Rourke. Mas Becky fora traída, nunca seria capaz de confiar nele



novamente. Clay poderia pegar a cadeira elétrica ou prisão perpétua. Precisava lembrar que Rourke o colocara na prisão e lutaria para mantê-lo lá.

Além disso, pensou amargurada, se ele realmente se importasse comigo, teria dado notícias. Teria me procurado. Ela terminou seu solitário almoço e voltou para o escritório. Ao menos ainda tinha emprego. Era grata por isso.

Maggie ofereceu-lhe mudo apoio durante todo o dia.

— Kilpatrick é o grande vilão, não é, Becky? — ela perguntou ao fim do expediente, os olhos demonstrando simpatia. — Imagino que está convencida de que ele só saia com você para pôr as mãos em seu irmão.

— É verdade — Becky respondeu, abatida. — Ele não me telefona desde aquela noite.

— Talvez esteja se sentindo culpado — a amiga sugeriu. — Pode estar pensando que você não quer saber dele. Quem poderia culpá-lo? Ele prendeu seu irmão e ainda terá que processá-lo. Deve saber o quanto seu avô está furioso com ele, além de estar doente. Talvez tenha se afastado para protegê-la, Becky — ela acrescentou com seriedade. — Os jornais estão em cima dele, graças ao sr. Davis. Os repórteres ficarão feito abutres atrás dele até a poeira baixar. Ele está lhe poupando da notoriedade, querida.

Este era um pensamento que não ocorrera a Becky. Era o mais reconfortante de todos.

Uma semana se passou. Rourke zelava por seus casos no tribunal com rigidez e mal-humor. Davis foi seu adversário em um dos casos, e os dois tornaram a atmosfera do tribunal tão estática que o juiz precisou chamá-los ao seu gabinete durante o recesso para repreendê-los.

Rourke não fugia da imprensa, já que isso era desnecessário. Davis atraía publicidade como se fosse um *showman* nato, manipulando cada confrontação a seu favor, exibindo estatísticas criminais e registros de condenação para toda a mídia de Atlanta. Aparecera no noticiário das seis por duas vezes. Rourke deu um pedaço de hambúrguer a MacTavish e esguichou catchup na tela. Concluiu que uma barba vermelha fazia maravilhas à aparência do estimado advogado.

Mas por baixo de sua aparente calma, ainda estava magoado com as palavras furiosas de Becky. Aparentemente, a família era mais importante para ela do que ele



jamais seria. Não sabia como lidar com o fato de ser o último em sua lista de prioridades. Tinha pensado que estavam tão próximos que o mundo deles se centrava apenas nos dois, mas a prisão de Clay provara o contrário. Ela colocara o bem-estar de Clay imediatamente acima do dele, como se o que aconteceu em sua casa não tivesse qualquer importância.

Tomou um gole de café, olhando zangado pela janela. Ela era virgem, e ele lhe traíra a confiança. Ele permitira que as coisas fossem longe demais, mas ela também não tinha ajudado em nada, droga! Não fizera tudo sozinho!

Levantou-se e se serviu de mais café, distraidamente observando Mac Tavish comer. Passara tanto tempo de sua vida sozinho que era estranho sentir-se desconfortável com isso agora. Ele e Becky tinham feito muitas coisas juntos. Realmente sentia prazer com a companhia dela. E depois da maneira ardente com que correspondera a ele na cama, tinha certeza de que ela o amava. Mas agora, ela só sentia ódio por ele. Provavelmente ainda o acusava de seduzi-la e o culpava pela prisão de Clay.

Queria ligar para ela. Na verdade, tentara algumas vezes no domingo, mas ninguém atendeu. Depois disso, convenceu-se que ela não queria sua atenção. Devia ter lido os jornais, mas se queria acreditar que ele a rejeitara para salvar o próprio cargo, que pensasse assim. Continuaría seguindo sua vida sozinho, como sempre fizera, e ela que... Ele suspirou profundamente, fechando os olhos. O que ela faria? Já estava carregando o mundo inteiro nas costas. Ela mesma lhe dissera isso, muito tempo atrás. Era o único suporte da família, quem despertava os ânimos, quem cuidava das feridas, a governanta que mantinha todos unidos. Não havia mais ninguém que zelasse por Clay, exceto Becky.

Devia estar visitando o avô todos os dias, e ainda trabalhando, cuidado da casa e morrendo de preocupação com o julgamento de Clay. Já tinha visto Becky desabar uma vez. O que aconteceria com ela se o avô moresse, se Clay fosse condenado? Já tinha decidido se desqualificar da acusação assim que o caso de Clay fosse agendado. Mas se passasse o caso para um de seus colegas, levantariam dúvidas quanto ao gabinete inteiro, pois Davis poderia acusá-lo de pressionar seus funcionários a negligenciar o caso por causa de Becky.

Ele estreitou os olhos. Ora, talvez existisse uma saída. Poderia pedir ao governador que indicasse um advogado de acusação especialmente para o caso, e isso deixaria todos satisfeitos. Mais ainda havia a dúvida sobre a inocência de Clay. Mack dissera que



Clay estava sendo ameaçado e coagido. Se isso fosse verdade, e o garoto não fosse realmente o cabeça do grupo, poderia permitir que ele continuasse preso? Era possível que Clay não tivesse colocado a bomba em seu carro, nem vendido drogas a Dennis. Assim sendo, os Harris poderiam ter usado Clay como bode expiatório para ficarem longe da cadeia.

Ficava com raiva por pensar que os Harris conseguiriam se safar. Talvez conseguisse ir um pouco mais fundo. Mesmo assim, o defensor público vivia sobrecarregado e era mal pago. Como Clay teria chances desse jeito? Um bom advogado de defesa podia fazer toda a diferença, mas Becky não podia custear esse tipo de representação. O defensor público era o melhor que os Cullen podiam ter. Sentou-se, passando a mão pelos cabelos. Foi acender um charuto e voltou a se acomodar na cadeira, pensativo. A audiência preliminar de Clay seria em duas semanas. O grande júri já havia reconhecido a procedência da acusação. A fiança fora permitida, mas Clay a dispensou. Aparentemente não queria que Becky arcasse com mais despesas. E estava a salvo dos irmãos Harris agora.

Rourke xingou alto. A vida era tão simples há três meses. Seu mundo estava ficando azedo, e tudo por causa de uma retrógrada mocinha do campo que lhe assava bolos de limão e o fazia rir. Não sabia se algum dia voltaria a rir novamente.

Becky visitava o avô todas as noites, mas ele continuava deitado na cama do hospital sem demonstrar qualquer interesse pela vida. O médico sabia que ela teria problemas para pagar as despesas, mesmo com a promessa de Rourke Kilpatrick de pagar a maior parte. Por fim, ele recomendou a transferência do idoso para uma casa de repouso.

— Seria a melhor coisa, no momento — ele explicou a Becky — Acho que podemos conseguir alguma assistência do governo. Vou investigar. Ele não está reagindo tão rápido quanto gostaríamos, mas acho que você agora não conseguiria ficar com ele em casa.

— Posso tentar — ela disse.

— Becky, Mack está na escola. Clay, na prisão. Você está tentando perder o emprego? E francamente, você não me parece nada bem — ele comentou com um olhar aguçado no rosto atormentado e na complexão abatida.— Quero você no meu consultório para um exame de rotina.



Becky engoliu em seco, tentando ficar calma. Havia várias razões para evitar o exame, a principal delas era o fato de sua menstruação estar duas semanas atrasada e ter vomitado depois do café-da-manhã. Estava vivendo sob muito estresse, o que poderia justificar tais sintomas, mas podia apostar que isso não era resultado apenas de seu estado emocional.

— Não posso arcar com mais despesas no momento, dr. Miller — ela murmurou.

— Isso é por minha conta, Rebecca — ele disse com teimosia. — Não aceito um não como resposta.

— Só estou nervosa e cansada — ela tentou justificar.

— Eu a coloquei no mundo — ele interrompeu. Os sagazes olhos azuis pareciam ver através dela. — Não importa o que eu descubra, só ficará entre eu, você e Ruthie. — Ruthie era sua enfermeira há trinta anos, e mesmo que ela soubesse de muitos segredos, ninguém conseguiria arrancar nada dela.

— Está certo — Becky cedeu, cansada. — Marcarei uma consulta.

— É bom aparecer mesmo — ele murmurou. — Sobre o seu avô, acho que posso colocá-lo na HealthRex, a nova casa de repouso construída pelo condado. É moderna e não é tão cara, e umas semanas lá podem ser exatamente o que ele precisa. Estará cercado de gente da própria idade. Talvez a mudança de ares o anime um pouco.

— E se isso não acontecer? — ela perguntou.

Ele encolheu os ombros.

— Becky, não se pode prescrever vontade de viver. Ele teve uma vida difícil, e o coração não está nada bom. Ele precisa de uma razão para se recuperar. Parece que ele pensa não existir nenhuma.

Becky fez uma careta.

— Eu queria saber o que fazer.

— Não é o que todos querem? Espero que marque consulta na segunda. Conversaremos sobre seu avô assim que eu me informar das possibilidades. Tudo bem?

— Tudo bem. — Ela sorriu. — Obrigada.

— Ainda não fiz nada. Pode me agradecer depois. Tente descansar. Você parece exausta.

— Foram duas semanas bem longas, mas tentarei.

— Como está Clay?

Ela meneou a cabeça.



— Deprimido e sentindo-se derrotado. Conheci o defensor público. — Ela fez uma careta. — Ele é jovem e disposto, mas tem uma quantidade imensa de casos. Não terá tempo de preparar uma defesa adequada, e Clay pagará por isso. Eu queria poder contratar um bom advogado.

— Você não trabalha com alguns?

Ela assentiu.

— Mas não posso deixar que o sr. Malcolm sacrifique seu tempo, já que não posso pagá-lo. — Ela cerrou os punhos. — O mundo gira graças ao dinheiro, não é? — ela perguntou com amargura, olhando para as pessoas no corredor, brancas e negras, hispânicas e orientais, velhos e jovens, pessoas pobres que esperavam pelo atendimento de emergência gratuito. — Olhe para eles. Alguns morrerão porque não podem pagar o remédio, ou o hospital, ou um bom médico. Outros vão se desgastar cuidando dos parentes porque não podem pagar por assistência. A maioria morrerá numa enfermaria de caridade. — Ela franziu as sobrancelhas, angustiada. — É como a prisão. Se você é pobre, cumpre pena. Se é rico, terá um bom advogado e chances de ser solto. Que tipo de mundo é esse?

Ele colocou um braço sobre o ombro dela.

— Fale sobre Mack para me alegrar.

Becky conseguiu sorrir.

— Bem, ele está aprovado em matemática.

— Mack? Impressionante!

— Foi o que eu pensei — ela replicou. Por dentro, suas emoções eram incertas. Becky falava quase que automaticamente, mas seus pensamentos estavam no avô, em Clay, e na inevitável consulta médica que mudaria sua vida. Não sabia como conseguiria suportar tudo isso. Precisaria, de alguma maneira, encontrar forças para seguir em frente nos próximos meses.

Felizmente, quando ligou para o consultório do dr. Miller para marcar consulta, descobriu que só poderia ser atendida dali a um mês. Isso lhe servia muito bem. Era covardia ficar feliz por adiar tanto a consulta, mas até lá poderia fingir que tudo estava bem. Não teria que enfrentar o problema até ouvir o resultado, e um milagre poderia acontecer. Talvez não estivesse grávida. Isso lhe dava uma esperança na qual se apoiar.



Rourke não tinha muita certeza da razão, mas foi ao escritório de Becky na segunda-feira. Bob Malcolm queria vê-lo para tratar de uma barganha. Malcolm geralmente ia até Rourke, não o inverso, mas fazia quase três semanas que não via Becky, e a audiência de Clay seria na sexta. Queria vê-la, descobrir como ela estava.

Quando ela ergueu os olhos da máquina de escrever e o viu, primeiro ficou vermelha, depois fantasmagoricamente branca. Parecia esquelética, ele pensou, como se não estivesse comendo direito. O vestido cinza era familiar — um que ela já usara quando saíam juntos. Os cabelos castanho-claros estavam presos num coque frouxo, e ela usava um mínimo de maquiagem que nem escondia suas sardas. Becky lhe enchia os olhos.

Becky mal conseguia respirar. Não considerara que Rourke pudesse aparecer no escritório. Apenas ficou ali sentada olhando para ele, alheia a tudo ao seu redor. Ele não parecia nem um pouco abatido, ela pensou com tristeza. Não parecia sentir falta dela ou pensar nela. Parecia o mesmo de sempre — moreno, levemente sombrio e ameaçador.

Ele se sentou na escrivaninha dela.

— A audiência preliminar é na sexta — ele disse. — Existem outros defensores públicos.

Ela deixou que os olhos fitassem a boca dele e se encolheu por dentro, lembrando de como tinham se beijado avidamente naquela noite. Becky engoliu a própria amargura.

— Ele é um bom advogado — ela respondeu. — Serve para Clay.

— Mas serve para você? — ele perguntou abruptamente. — A vida de seu irmão está em jogo.

— E isso lhe importa? — ela perguntou irritada, encarando-o com seus olhos zangados e magoados. — É você que está tentando mandar Clay para a prisão! Por que se importa com quem vai defendê-lo?

— Ah, gosto de uma boa briga — ele respondeu. — Odeio ganhar um caso assim tão fácil.

O lábio inferior dela tremia. Ela desviou o olhar.

— Não precisa se preocupar. Clay será mais uma estatística que poderá usar contra o sr. Davis em sua campanha. Ele tentou matá-lo, lembra?

Rourke pegou um clipe de papel e começou a revirá-lo nas mãos, alheio aos olhares curiosos dos colegas de trabalho de Becky.

— Mas você acha que não foi ele.



— Não — ela respondeu simplesmente. — Posso ser cega feito um morcego em certos aspectos, mas conheço meu irmão e sei do que ele é capaz. Ele nunca tiraria a vida de outra pessoa.

Rourke abriu o clipe, entortando-o.

— Como está seu avô?

— Ele foi removido para uma casa de repouso — ela disse melancólica. — Ele desistiu de viver.

Rourke ergueu os olhos e buscou os dela.

— E como você está?

Ela sentiu o rosto arder. Os olhos dele não combinavam com as palavras. Eles exibiam lembranças secretas — lembranças sensuais que provocavam um eco de reação nela —, mas para as quais ela não ousaria ceder.

— Estou bem — respondeu de maneira evasiva.

— Se algo acontecer, espero ser avisado — ele disse com severidade. — Entendeu, Rebecca?

Ela ergueu o queixo.

— Sei cuidar de mim mesma!

Ele suspirou irritado.

— Ah, claro que sabe. Nós dois descobrimos o quanto duas pessoas podem ser cuidadosas, não é?

Ela ficou ruborizada. As mãos se retorciam, mas Becky não ousava olhar para ver se alguém estava escutando.

— Vá embora, por favor — ela sussurrou.

— Eu vim ver seu chefe, na verdade — ele respondeu despreocupadamente, levantando-se. — Ele está?

Ela meneou a cabeça.

— Está no tribunal esta manhã.

— Então ligo para ele antes de dar outra viagem. — Ele colocou as mãos nos bolsos e a fitou com ar pensativo. — Você disse que me odiava. É verdade?

Ela não ergueu o rosto. Os dedos estavam apertados sobre o colo.

— Vai processar meu irmão como adulto?

O rosto dele endureceu.



— Esta é a condição para o cessar-fogo? — ele zombou. — Lamento, Rebecca, não aceito subornos. Sim, eu o processarei como adulto. Sim, eu o considero culpado. Sim, eu acho que ele será condenado.

Os olhos dela brilhavam de desgosto. Odiava aquele sorriso arrogante e zombeteiro. Subestimara Rourke, agora ela e Clay estavam pagando por isso.

— O júri pode discordar de você.

Ele deu de ombros.

— Isso é possível, claro, mas improvável. — Ele contraiu o queixo. — Um garotinho de dez anos morreu por causa da ganância do seu irmão. Nunca me esquecerei disso.

— Clay não fez nada disso — ela retrucou. — Não fez!

— Ele até tentou envolver Mack. Você sabia?

Ela fechou os olhos para não ver a acusação no rosto dele.

— Sim — murmurou. — Clay me contou. — Não perguntou como Rourke sabia disso. A raiva na voz dele a fez mudar de ideia.

— Fique à vontade, crie quantas justificativas quiser para o comportamento dele — Kilpatrick disse depois de um instante. — Mas o fato é que Clay sabia exatamente o que estava fazendo, e quais seriam as consequências caso fosse apanhado. Ele cumprirá pena, e merece cumprir. Não pedirei desculpas por meu envolvimento na prisão. Se as circunstâncias se repetissem, eu faria a mesma coisa novamente — a mesma coisa, Becky.

— Clay não colocou a bomba no seu carro — ela disse exaltada. — Ele não vendeu drogas para Dennis. Ele pode ser culpado pelas outras coisas, mas não é culpado dessas.

— Você não desiste — ele resmungou — Os Harris e duas outras pessoas testemunharam Clay vendendo drogas. Eles juram ter visto. E uma outra testemunha o viu vendendo crack para o Dennis — ele acrescentou rudemente. Odiava dizer isso a ela, mas Dan Berry descobrira a informação depois de interrogar alguns adolescentes na escola secundária.

— É mentira — Becky respondeu. Olhou para ele no mesmo tom. — Não me importa que muita gente jure ter visto. Clay me disse que não fez nada disso. Ele pode mentir para qualquer um, mas eu sempre enxerguei através dele. Ele não está mentindo.

Rourke meneou a cabeça.

— Deus, como é teimosa — ele murmurou. — Pois bem, agarre-se às suas ilusões.



— Agradeço a permissão, sr. Kilpatrick — ela murmurou com candura. — Agora, se me dá licença, preciso trabalhar.

Ela se voltou para a máquina de escrever. Rourke ainda ficou observando-a por alguns segundos. Queria acertar as coisas, mas conseguira piorar tudo. Ela nunca acreditaria que Clay era culpado.

Virou-se e saiu do escritório. Mas enquanto dirigia de volta ao gabinete, as palavras dela o importunavam. Tanto que ele passou direto pelo tribunal e acelerou até a cadeia do condado, onde Clay estava alojado. Não planejava ver o garoto. Becky não sabia que ele tinha se desqualificado como advogado de acusação do caso, a raiva não lhe deu chance de contar. Ainda acreditava que Clay era culpado, mas talvez estivesse se predispondo a isso por causa do desentendimento com o pai deles anos atrás. Talvez a máxima do tal pai, tal filho não se aplicasse ao caso. Ele sempre enxergara as coisas rigidamente, mas agora estava envolvido com a família, querendo ou não. Já que fora o responsável por colocar Clay ali, talvez não fosse tão ruim se assegurar de que sua atitude era justificada.

Clay ficou vermelho de fúria ao vê-lo. Seus olhos raivosos faiscaram contra Rourke, que entrava na cela com um charuto na mão.

— Salve a conquista do nosso herói! — Clay exclamou quando o guarda o deixou sozinho com Rourke. — Espero que esteja satisfeito, agora que estou onde você queria. Ouvi dizer que fui acusado de tudo, menos assassinato. Já sou acusado de ser um notório traficante de drogas. Por que não manda logo um policial com uma arma e poupa um pouco do dinheiro dos contribuintes?

Rourke ignorou a tirada e se sentou no beliche. Estava acostumado a estes rompantes. Passara grande parte dos últimos sete anos lidando com homens furiosos.

— Vamos colocar as coisas em perspectiva — ele disse a Clay. — Eu o considero culpado, ao menos de associação ao tráfico. — Seus olhos escuros trespassavam os de Clay. — Já vi garotos como você entrando e saindo da prisão. Preguiçosos demais para trabalhar pelo que querem, e muito impacientes para esperar. Querem tudo agora, então optam pelo dinheiro fácil. Não importa quantas vidas destruam, quantas pessoas inocentes sofram. Só o que conta são as *suas* necessidades, *seu* conforto, *seu* prazer. — Ele sorriu sem qualquer sinal de humor. — Parabéns. Tirou a sorte grande. Mas este é o preço a pagar.

Clay encostou-se à parede com um suspiro zangado.



— Agradeço o sermão. Já recebi um de Becky, e nosso pastor veio acrescentar mais um prego ao caixão. — Ele desviou o olhar. — Disseram que meu irmãozinho nem quer saber de mim.

— Não é verdade — Rourke comentou lentamente. Ergueu o queixo quando Clay o fitou com indisfarçável esperança. — Mack me contou que os irmãos Harris ameaçaram você a participar dessa última transação. Eu não dei atenção.

— E por que daria? — Clay perguntou, desviando o olhar. Ao menos Mack não o odiava completamente, pois o defendera diante de Rourke. Olhava distraidamente para o chão. — No começo só foi cerveja e um pouco de crack — contou com tristeza. — Nunca tive muita sorte com amigos na escola. Todos sabiam que meu pai se envolvia em problemas com a polícia, e muitos pais não deixavam os filhos falarem comigo. Os irmãos Harris pareciam gostar de mim. Deixavam que eu andasse com eles. Quando eu percebi, já estava bebendo e usando drogas. As coisas eram tão ruins em casa — comentou com rispidez. — Vovô teve um ataque cardíaco e vivia sempre doente. Becky só sabia trabalhar e me importunar por causa da escola, e nunca tínhamos dinheiro para nada; era só trabalho e restrições.

Ergueu o rosto para o teto.

— Deus, odeio ser pobre! E tinha a garota que eu gostava, que nem olhava para mim. Eu queria coisas legais. Queria que as pessoas parassem de me olhar com superioridade porque meu pai era criminoso e minha família não tinha dinheiro.

Rourke franziu a testa.

— Não pensou em Becky?

— Ah, pensei nela quando fui preso — ele riu com amargura. — Pensei no quanto ela trabalhava por nós, nos sacrifícios que fazia. Ela nunca nem teve um namorado até você aparecer, mas até isso estragamos. Ficávamos aborrecendo Becky porque eu tinha certeza de que você estava saindo com ela para me vigiar. — Ele encarou o promotor. — E estava, não?

— No começo, talvez — Rourke concordou. — Depois... — Ele levou o charuto à boca. — Becky não é como a maioria das mulheres. Ela tem um grande coração. É da natureza dela preocupar-se com os outros. Quer ter certeza de que você vai vestir o casaco quando estiver frio, e de que não vai molhar os pés quando estiver chovendo. Vai lhe preparar uma canja quando estiver doente, e arrumar seu cobertor durante a noite. —



Ele desviou o rosto. — Ela me odeia. Talvez você se sinta um pouco recompensado com isso.

Clay não sabia exatamente o que dizer. Tinha visto os olhos de Rourke antes que ele virasse o rosto, e ficou chocado com a profunda emoção que viu neles. Afastou-se da parede.

— Não coloquei a bomba em seu carro — disse um tanto hesitante.

Rourke ergueu o rosto, seu olhar penetrante não deixando escapar nada.

— Você tinha motivos para isso.

— Gosto de cães — Clay murmurou. — Odeio você, mas não explodiria seu cachorro.

O rosto de Rourke exibiu um sorriso relutante.

— Puxa!

— Entendo bastante de eletrônica — ele acrescentou. — Mas explosivos plásticos são complicados, não sei muito sobre eles. — Ele encarou Rourke, querendo que ele acreditasse. — Também não vendi drogas para Dennis. Mack acha que sim — ele disse com honestidade. — Eu não estava raciocinando direito enquanto estava usando drogas, tentei forçar Mack a me arrumar contatos na escola. É verdade, mas eu mesmo não vendi nada. — Ele encolheu os ombros, impotente. — Não queria fazer nada disso, depois daquela primeira vez, quando me colocaram de intermediário na compra. Foi como me apanharam. Disseram que policiais escondidos haviam me visto passando o dinheiro. Então colocaram a bomba no seu carro e disseram que fariam tudo parecer trabalho meu. Disseram que se eu não fizesse Mack ajudar, me entregariam e... Ah, de que adianta? — Ele ergueu as mãos e foi para a janela gradeada. — Ninguém acreditaria em mim. — Os dedos apertaram as frias barras de ferro. — Ninguém acreditaria que eu fui forçado a isso, que sou apenas bode expiatório. Os Harris compraram testemunhas suficientes para me mandar para a cadeia elétrica. Vão me fritar, e você vai se oferecer para pagar a conta da eletricidade, não é?

Rourke fumava seu charuto calmamente, pensativo.

— O que você fez, exatamente?

— Fui intermediário na primeira vez, depois eu só distribuía o bagulho aos traficantes.

— Você chegou a vender alguma coisa? — ele perguntou, encarando Clay.

— Não.



— Distribuiu amostras para viciar clientes em potencial?

— Não.

— Mas usou drogas?

Clay fez uma careta.

— Sim. Um pouco. Costumava beber e fumar maconha. Usei muito pouco crack, não fiquei viciado. Não gostei de ver como eu estava ficando fora de controle, então parei.

— Alguma vez esteve de posse de mais de 28 gramas?

— Só naquela noite em que fui preso. Você lembra. Entupiram meus bolsos com o bagulho.

— Além daquela noite?

Clay meneou a cabeça.

— Nunca tive mais do que desse para uma tragada, jamais. Eu me arrependo até de ter provado.

Kilpatrick fumou um pouco mais, largando outra baforada de fumaça cinzenta, as sobrancelhas muito juntas enquanto se concentrava.

— Você participava das compras com regularidade?

— Foi só uma vez, quando armaram contra mim. Nunca me diziam o que estavam para fazer. Só sabia de uma coisa, e nem disso tinha certeza: diziam que acabariam com você. Mas pensei que era conversa, sabe? Não imaginei que estavam falando sério até Becky chegar em casa e nos contar o que houve. Meu Deus, nunca me senti tão mal ou tão assustado... E naquela noite me disseram que tinham forjado minha ligação com a bomba para o caso de eu não fazer exatamente o que queriam. — Ele encarou Rourke. — Isso me torna cúmplice de tentativa de homicídio, não é?

— Não — Kilpatrick disse lentamente. Andou pelo pequeno espaço por um instante, então parou na porta da cela. — Mas se você não arranjar um advogado muito bom, nada no mundo impedirá que você vá parar em Reidsville, mesmo que desistam de acusá-lo pela morte do Dennis.

— Não posso deixar que Becky faça mais sacrifícios — Clay afirmou.

— Ah, que se dane! — ele murmurou. — Eu cuido do assunto. Mas isso fica entre eu e você. Não quero que Becky se envolva de maneira alguma, está entendendo? — ele avisou. — Ela não pode saber nada dos detalhes.

— E o que você pode fazer? Você é a acusação! — Clay exclamou.

Rourke meneou a cabeça.



— Eu desqualifiquei a mim e todo meu gabinete. O governador apontará outro promotor de justiça para este caso.

— Por quê?

— Se eu perdesse o caso, Davis me acusaria de negligência por causa de Becky — Rourke explicou. — O mesmo se aplicaria se eu deixasse o caso com alguém da minha equipe. Isso colocaria Becky no foco da mídia, e ela já teve notoriedade demais por minha causa.

Clay estreitou os olhos enquanto avaliava o promotor.

— Ela o pegou de jeito, hein? — ele perguntou, perspicaz.

O rosto de Rourke fechou-se.

— Eu a respeito. Ela já tem mais problemas do que é capaz de suportar. Não sei como conseguiu aguentar por tanto tempo.

— Ela é durona — Clay disse. — Foi obrigada a ser assim.

— Ela não é invulnerável — Rourke lembrou a ele. — Se por algum milagre conseguir sair dessa, deveria procurar ajudá-la.

— Queria ter feito isso antes — Clay confessou. — Convenci a mim mesmo de que só estava metido nessa para ajudar Becky, mas era mentira. Só queria me ajudar.

— Ao menos aprendeu alguma coisa. — Rourke chamou o guarda. — Alguém entrará em contato — disse antes de sair. — Não conte a Becky que eu estive aqui, ou que tive qualquer participação nisso. Esta é a condição.

— Certo. Mas, por quê?

— Tenho meus motivos. E pelo amor de Deus, não fale com a imprensa.

— Isso eu posso prometer — Clay respondeu.

Rourke assentiu e deixou a cela. Depois de ele ter ido embora, Clay lembrou que não lhe agradecera. Mal acreditava que Kilpatrick tentaria ajudá-lo. Seria por causa de Becky? Talvez o promotor estivesse mais emocionalmente envolvido do que gostaria.



CAPÍTULO DEZESSEIS

Fora um dia calmo para J. Davis. Estava grato por ter tempo de colocar em dia a leitura de seus periódicos jurídicos. Estava bebericando café e mastigando uma rosquinha, com os pés sobre a escrivaninha, quando a secretária anunciou que Rourke Kilpatrick estava na sala de espera.

Davis levantou-se e foi à porta. Precisava ver isso com os próprios olhos. Por que seu pior inimigo político o procuraria — a não ser que estivesse carregando uma arma? Abriu a porta e olhou para Rourke que o encarou.

— Quero conversar com você — ele disse a Davis.

Davis ergueu as sobrancelhas. Ele parecia mais um pugilista do que um advogado, tanto em tamanho quanto em comportamento.

— Só conversar? — ele indagou, inclinando a cabeça para olhar categoricamente para o paletó de Rourke, que estava aberto. — Nada de facas, pistolas, porretes?

— Sou o promotor de justiça — Rourke disse. — Não tenho permissão para matar colegas de profissão.

— Ah! Neste caso, terá direito a uma xícara de café e uma rosquinha. Certo, srta. Grimes? — ele disse, sorrindo para a secretária.

— Servirei num minuto, sr. Davis — ela respondeu, sorrindo também.

Davis convidou Kilpatrick a se sentar numa cadeira forrada em veludo, colocou-se atrás da escrivaninha e retomou a posição anterior.

— Se não veio aqui me atacar, o que quer?

Rourke pegava um charuto no instante em que a srta. Grimes entrou com o café e a rosquinha. Ele agradeceu e recolocou o charuto no bolso do paletó.

— Não acreditaria no motivo de eu ter vindo aqui — disse depois de uma mordida na rosquinha e um gole de café.

— Veio admitir derrota — Davis disse, sorrindo efusivamente.

Rourke meneou a cabeça.

— Lamento. A corrida ainda está no começo. Tenho uma reputação a zelar.

— Sei...



— Na verdade, quero que defenda Clay Cullen.

Café voou por todo lado, bem como o resto da rosquinha de Davis.

— Temia que esta fosse a sua reação — Rourke disse.

— Você temia... Meu Deus, Rourke, o garoto é mais do que culpado! — Davis exclamou enquanto secava o café na mesa e nos periódicos com um lenço branco. — Nem Clarence Darrow conseguiria salvá-lo agora!

— Provavelmente não. Mas talvez você seja capaz — Rourke replicou. — Ele diz que os irmãos Harris o coagiram a uma compra, e que as outras acusações foram armadas para que ele servisse de bode expiatório.

— Escute, Rourke, todos sabem que você tem saído com a irmã de Cullen — Davis disse com franqueza.

— E por causa disso fui complacente com o irmão dela. Isso foi o que você insinuou nos jornais, seu exibicionista ardiloso — Rourke disse com irritação. — Mas não é verdade. Sou um funcionário da justiça. Não jogo por baixo dos panos e não faço vista grossa para traficantes e assassinos. Caso tenha esquecido, ele está respondendo a uma tentativa de homicídio que se refere a mim.

— Não esqueci, e não sou um exibicionista ardiloso. Só quero o seu cargo — Davis defendeu-se. — Contudo, lamento ter envolvido a srta. Cullen nisso. Não foi minha intenção, honestamente.

— Não achei que fosse — Rourke respondeu, e sorriu ao terminar sua rosquinha. — Para um advogado de defesa, você não é mal sujeito.

— Quanta gentileza — Davis murmurou. — E ainda fica aqui sentado comendo minhas rosquinhas e bebendo meu café.

— Sou corajoso — Rourke disse.

Davis observou Rourke atentamente.

— Às vezes até gosto de você. Mas luto contra isso em meus momentos de sanidade, lógico — acrescentou com maldade.

— Lógico. — Rourke acendeu um charuto, ignorando o olhar zangado de Davis. — Soube que você guarda um cinzeiro com filtro de fumaça na gaveta esquerda da escrivaninha — ele comentou com ar presunçoso.

— Parece que o juiz Morris continua falando demais — Davis suspirou. — Ele fuma daqueles grandes charutos pretos. Aqui, seu pirata. Agora, por que quer que eu represente Cullen?



Rourke ligou o cinzeiro.

— Porque acho que ele está dizendo a verdade quanto aos irmãos Harris. Há anos tento pegá-los. Você sabe tão bem quanto eu que a maior parte do tráfico de drogas nas escolas públicas está ligada a eles. Outros traficantes tentam entrar em cena e são despachados, porque os Harris têm o chefe do sindicato local ao seu lado. É por esta razão que nunca conseguimos levá-los a julgamento. Cullen pode ser um trunfo. Acho que ele aceitaria cooperar. Se ele se tornar testemunha do Estado, vai ser o empurrão que eu preciso para colocar a Família Harris fora de circulação.

— Ninguém lamentaria por eles — Davis concordou. — Mas seria suicídio político aceitar um caso desses.

— Só se você perder. Acho que não perderia. E pense na publicidade — ele acrescentou com um sorriso sagaz. — É um caso que Perry Mason pensaria duas vezes antes de aceitar, mas aqui está você arriscando seu pescoço por acreditar que esse garoto pobre e desprivilegiado, cujo pai já teve problemas com a polícia, é inocente. É o caso com que todos sonham!

— Pois sim! — Davis comentou. — Foi por isso que se desqualificou, para não ter qualquer envolvimento com o assunto.

— Eu sei que você me acusaria de negligência caso eu perdesse. — Rourke deu de ombros. — Isso não seria nada bom para a reputação de Becky.

— Ou para a sua — Davis acrescentou. Pensava cuidadosamente. — É uma batata quente política, é verdade. Mas se, ao mesmo tempo, eu conseguir inocentá-lo e apanhar os Harris por tráfico de drogas, estaríamos limpando as ruas.

— Você seria ovacionado como um verdadeiro cruzado, salvando os inocentes e punindo os culpados. — Rourke riu.

— Por que está me oferecendo o caso? — Davis então perguntou. — Isso só prejudicaria suas chances de eleição.

— Se quer saber a verdade, não sei se quero concorrer ao terceiro mandato — Rourke revelou com seriedade. — Ainda não me decidi.

Davis recostou-se na cadeira.

— Preciso pensar melhor nisso.

— Pense rápido — Rourke avisou. — A audiência é na sexta.

— Muito obrigado — Davis encarou-o, franzindo a testa. — Os Cullen não são gente abastada. Estão com um defensor público.



Rourke assentiu.

— Eu pago seu salário neste caso.

— Nem pensar — Davis respondeu com uma gargalhada. Meneou a cabeça com firmeza. — Todo advogado aceita um *pro bono* de vez em quando. Este será o meu. Ter você como chefe seria um verdadeiro inferno. Prefiro ir à falência.

— Eu também te amo — Rourke disse.

— Céus, que coisa medonha! Por que não vai cuidar do seu trabalho e me deixa fazer o mesmo? Sou um homem ocupado!

— Foi o que notei — Rourke murmurou com indiferença.

— Ler periódicos jurídicos é parte do trabalho.

— Entendo. Mas agora que você mencionou, eu poderia fazer um pouco disso também. De qualquer forma, este é meu último charuto. — Ele apagou o charuto e levantou-se. Estendeu a mão e Davis a apertou. — Obrigado — ele disse com sinceridade. — Eu não acreditava no Cullen no começo, mas agora acredito. Estou feliz que ele ainda tenha uma chance.

— É o que veremos. Falarei com ele hoje à tarde.

— Se precisar de qualquer informação, posso ajudar no que você precisar. Cullen pode lhe informar do resto.

— Já é um começo. — Ele acompanhou Rourke até a porta. — Ouvi dizer que você e a srta. Cullen se separaram. Espero que não tenha sido por causa dos jornais.

— É porque ela acha que eu a usei — ele explicou. — E, a princípio, era verdade.

— Ela vai mudar de ideia quando descobrir o que você fez pelo irmão dela.

— Ela não pode saber — Rourke foi dizendo. — Clay prometeu não contar, e você também não pode. É a minha condição.

— Posso perguntar por quê? — Davis perguntou.

— Porque se ela voltar para mim, não quero que seja por gratidão — Rourke respondeu simplesmente.

— Muito prudente — Davis comentou. — O amor já é difícil quando não há desconfiança. É algo muito trabalhoso.

— Falando por experiência própria, presumo?

Davis fez uma careta.

— Não mesmo. Não tenho muita sorte em manter as mulheres na minha vida. Henry é culpado por eu ser solteiro.



— Henry?

— Meu píton — Davis explicou. — Tem uns quatro metros de comprimento e pesa cerca de quarenta quilos. — Ele meneou a cabeça ao ver como Rourke o olhava. — É impossível convencer as mulheres de que ele é inofensivo. Ele não come gente.

— Um homem com uma cobra gigante em casa dificilmente arranjaria alguma namorada — Rourke murmurou.

— Já notei isso. Estranho, não?

Rourke riu.

— Imagino que ele seja boa companhia, apesar de tudo.

— Ótima. Menos quando preciso de algum conserto. — Ele assobiou. — O técnico da tevê estava fazendo alguns ajustes no áudio quando Henry apareceu na sala para ver o que estava acontecendo. Alguma vez já viu um homem desmaiar?

— Se a notícia se espalha, terá de viver sem energia, telefone e eletrodomésticos.

— Por isso que o técnico e eu fizemos um acordo — Davis falou num sussurro. — Não conto nada se ele não contar nada também.

Rourke ainda ria ao atravessar a porta.

Becky recebeu folga no trabalho para comparecer à audiência de Clay. O sr. Malcolm tinha um caso naquela manhã e precisava conversar com o cliente, então lhe deu uma carona. Ela se sentou no tribunal com as emoções à flor da pele enquanto tentava compreender a confusão daquela cena. Primeiro, não era o defensor público quem estava sentado no lado da defesa — era J. Lincoln Davis. E depois do que ele dissera sobre ela e Clay nos jornais, não conseguia imaginar o porquê. Em segundo lugar, Rourke não estava na mesa de acusação — era um homem de mais idade que Becky nunca vira antes. As pessoas atrás dela haviam notado isso também.

— Onde está o promotor de justiça? — um homem perguntou. — Ele não devia estar tratando deste caso?

— Ele se desqualificou — outro sussurrou. — Este promotor é de fora da cidade. E veja só quem está defendendo o garoto! Não é J. Davis?

— É sim. Ele substituiu o defensor público hoje de manhã.

— Ele não cobra barato. Como será que o garoto vai conseguir pagá-lo?

— Esses traficantes se ajudam mutuamente — o primeiro homem disse com desgosto. Becky estremeceu com o desprezo e a insinuação de que Clay era culpado sem nem mesmo ter sido julgado. — Eles têm muito dinheiro.



— Aí está o juiz — alguém murmurou.

Becky apertou as mãos no colo enquanto o juiz entrava e todos se levantavam. Clay foi trazido. Ele não olhou ao redor. Becky queria ter lhe feito uma visita pela manhã, mas não teve a chance.

Parte dela estivera ansiosa para ver Rourke no tribunal, mas ele não estava lá. Por que não lhe contara que tinha se desqualificado? Será que tinha sido uma decisão de última hora? Estava tão confusa que, quando finalmente conseguiu organizar seus pensamentos, a audiência já tinha terminado. Clay seria levado a julgamento perante a Corte Superior, como ela esperava, e dispensou fiança. Foi escoltado para fora do tribunal. Becky levantou-se, sentindo-se velha e cansada enquanto andava sozinha pelo longo corredor em busca do sr. Malcolm.

O gabinete de Rourke ficava no meio do caminho. Foi inevitável não olhar pela porta aberta ao passar. Rourke a viu, mas fingiu não notar sua presença. Deliberadamente, baixou os olhos para a papelada diante de si.

Becky acelerou os passos, furiosa. Preferia ignorá-la, não é? Então que ficasse sentado esperando que ela fosse falar com ele. Queria saber por que ele tinha recusado o caso. Tivera uma tênue esperança de que fosse porque finalmente acreditava na inocência de Clay. Mas esta não devia ser a razão. O verdadeiro mistério era J. Davis ter aceitado Clay como cliente, e como ele seria pago. Estas eram perguntas para as quais teria respostas antes do fim do dia, de uma maneira ou de outra.

Esperou sair do trabalho para ver Clay. Ele estava mais animado do que nos últimos dias, entusiasmado com o novo advogado.

— Como você chegou até ele? — Becky perguntou, ansiosa.

— Não sei — Clay confessou. — A questão é como ele chegou até mim. Ele simplesmente apareceu aqui de manhã cedo e disse que estava me representando.

— Ele é o melhor que existe, foi o que o sr. Malcolm disse — Becky contou. — Como iremos pagá-lo?

— Não comece a se desesperar com dinheiro — Clay disse. — Ele me disse que só aceita um caso quando acredita na inocência do cliente, e dispensou os honorários. Ele acredita em mim, Becky — murmurou, desviando o olhar. Gostaria de contar a participação de Kilpatrick em tudo aquilo — que ele também acreditava em sua inocência —, mas havia feito uma promessa.

— Também sempre acreditei em você — ela lembrou a ele. — Mack também.



Ele suspirou profundamente.

— Deve estar sendo um inferno para Mack. Todas as crianças da escola em cima dele, por minha causa.

— Só algumas. E as férias começam na próxima semana — Becky lembrou a ele. — Sua professora de inglês me ligou. Ela disse para encorajá-lo a terminar o colegial quando você puder, mesmo que seja por correspondência.

— Terei muito tempo para isso depois — Clay disse. — Agora quero me livrar da prisão. — Sentou-se ao lado dela e lhe segurou as mãos. — Becky querem que eu me torne testemunha de Estado.

Becky ficou paralisada.

— Em outras palavras, que dedure os irmãos Harris.

— Essa é a ideia.

Os olhos de Becky faiscaram.

— Já posso imaginar de quem foi a ideia, mesmo que ele tenha se recusado a processá-lo!

— O sr. Davis disse que existe a possibilidade de redução da pena por porte e tráfico se eu fizer isso.

— Matarão você — ela disse. — Não percebeu? Se fizer isso, matarão você, assim como tentaram matar Rourke!

— Eles falharam, e feio. Eles fizeram tudo por conta própria, o que não agradou muito os grandes da cidade. As coisas ficaram bem feias entre eles.

— Mesmo assim, é muito arriscado.

— Escute, Becky, se eu não fizer isso, posso pegar dez ou 15 anos.

Ela ficou pálida. Já tinha pensando nisso, mas não de maneira tão concreta, numa cela de prisão, cercada por barras.

— Sim, eu sei.

— Eu disse ao sr. Davis que vou pensar no assunto. Se decidir fazer isso, tomarão algumas providências por você, Mack e vovô; para garantir que não tentem ameaçá-los.

Era assustador pensar que os Harris pudessem perseguir a família inteira, mas era melhor do que deixar Clay passar a vida na cadeia por um crime do qual não tinha culpa. Becky ergueu o queixo.

— Os Cullen sobreviveram à Guerra Civil e à Reconstrução — ela disse com orgulho. — Acho que podemos sobreviver aos irmãos Harris.



— Essa se parece mais com a velha Becky — Clay disse, sorrindo. — Você parece fraca ultimamente.

— Estava com muitas coisas na cabeça — Becky respondeu. — Mas agora o pior já está quase no fim. Só quero que você volte para casa. Sentimos sua falta.

— Também sinto falta de todos. Mas se eu sair daqui, não voltarei para casa.

Becky quase se engasgou.

— O quê?

Ele se levantou e encostou-se à parede, aparentando ter mais do que 17 anos.

— Já dei trabalho em casa durante tempo demais. Você ainda cuida de Mack e vovô. Acho que deveria deixar Mack num lar de adoção temporária e colocar o vovô num asilo.

— Clay! — Becky sentiu o rosto empalidecer. — O que está dizendo?

— Você está com 24 — ele lembrou a ela. — Concentrou sua vida inteira em nós. Não percebemos isso até ser tarde demais, mas ainda há tempo. Você precisa começar a pensar numa família que seja só sua, Becky. Talvez, daqui a algum tempo, você e Kilpatrick...

— Não quero mais nada com o sr. Kilpatrick — ela esbravejou. — Nunca mais!

Clay hesitou. Ela parecia furiosa.

— Ele estava fazendo o trabalho dele — Clay murmurou. — Eu não gostava dele. Eu o considerava meu pior inimigo, não o queria por perto. Mas o que importa é o que você sente por ele, Becky. Não pode passar a vida toda servindo de escrava para nós três.

— Mas as coisas não são assim — ela protestou. — Clay, amo todos vocês.

— Claro que sim. Amamos você também. Mas você precisa de algo que não podemos oferecer a você. — Ele sorriu. — Sou louco por Francine, sabia? Ela me ensinou a enxergar melhor minha própria vida. Gosto muito dela, quero me endireitar, e ela vai me ajudar. Ela já se meteu em problemas com o tio e os primos por minha causa, mas já prometeu testemunhar a meu favor.

— Nossa! — Becky exclamou. — É uma bela atitude.

— Ela me ama — ele disse levemente extasiado. — Quero oferecer o mundo inteiro a ela. Mas da próxima vez, farei isso da maneira convencional. Acho que posso me ajeitar na vida, se eu tentar.

— Fico contente que queira tentar — Becky disse, — Também o ajudarei.



— Já ajudou, por acreditar em mim. — Ele cruzou os braços. — E como está o vovô?

— Sem mudanças. Nenhuma mesmo. Ele continua lá deitado. Não diz uma palavra. Ele fez uma careta.

— Que confusão eu fiz.

— Vovô está velho e cansado — ela retrucou. — Mack e eu nos sentimos solitários sem ele, e sem você, mas temos suportado.

— Nada de plantio, imagino — ele adivinhou logo. — Ninguém para ajudá-la a arar, plantar e colher. Ninguém para cuidar das vacas também. Se você falasse com Kilpatrick, ele encontraria alguém.

Ela fechou o rosto.

— Prefiro passar fome a pedir qualquer coisa a de.

— Por quê? — Clay perguntou. — Só porque estava me vigiando e me prendeu?

Becky recusava-se a olhar para ele. Claro que a razão não era esta. A verdadeira razão era ter sido traída e seduzida, para depois ser abandonada quando Rourke já tinha Clay nas mãos. Ele a rejeitara depois de aceitar tudo o que ela tinha a oferecer. Este era o motivo. Além disso, havia a crescente ameaça de gravidez. Mas não pensaria sobre isso, ainda. Becky levantou-se do beliche e alisou a saia de seu vestido xadrez.

— Fico contente que tenha conseguido um bom advogado. Eu ajudarei como puder. Dirá isso a ele?

— Sim, mas ele já sabe disso. — Clay abraçou-a, num impulso, depois se afastou um pouco embaraçado. — Obrigado por me visitar. Lamento ter colocado você nesta situação. Acho que ainda haverá mais publicidade sobre o caso. O sr. Davis está concorrendo ao gabinete, certamente vai usar esse caso a seu favor. Provavelmente foi por isso que quis me defender.

— Sim — Becky concordou. Também tinha chegado a esta conclusão. Olhou fundo nos olhos do irmão. — Cuide-se. Se precisar de alguma coisa, peça que me liguem, viu?

— Certo. Vá descansar, mana — ele acrescentou. — Você... não parece nada bem.

— Só estou cansada — ela disse, forçando um sorriso nos lábios. — Visito o vovô todos os dias, mesmo que ele nem me note. E ainda cuido da comida, da casa.

— Deveriam colocar o papai na cadeia — Clay disse de repente, zangado. — É este o lugar que merece por ter deixado todos nas suas costas.



— Não vamos pensar nisso. Já se passaram muitos anos. De qualquer forma, acho que fiz um bom trabalho com vocês — ela disse com um sorriso. — Até você se endireitou, um pouco.

Clay riu.

— Não tanto quando eu precisava — ele suspirou. — Vai pensar no que eu disse, Becky? A vida está passando.

Isso era o que ele pensava. A vida já tinha lhe passado uma rasteira.

— Pensarei, mas não mandarei Mack para adoção. Já investi muito do meu tempo nele.

Clay meneou a cabeça.

— Homem nenhum aceitaria um fardo desses — ele falava com seriedade. — Seria pedir demais.

Becky sentiu o coração apertar. Já pensara nisso também — com bastante frequência desde que Rourke começara a convidá-la para sair. Ele não gostaria de ser responsável por toda a sua família. Provavelmente esta era a razão para ele não ter voltado, mesmo depois de seduzi-la. Sexo era uma coisa, mas comprometer-se com sua família não seria algo atraente para muitos homens. Já aceitara há muitos anos que cuidaria da família por toda a vida. Era uma pena não ter rejeitado aquele primeiro convite de Rourke para um café, não ter se conformado com seu fardo na vida. Seu desejo por liberdade e amor havia cobrado um preço terrível.

Ela murmurou uma resposta que lhe pareceu apropriada e deu um beijo de despedida em Clay. Ao deixar o tribunal, fez questão de não passar pelo escritório de Rourke novamente. Não deixaria que a desdenhasse outra vez.

CAPÍTULO DEZESSETE

Rourke deixou o restaurante onde almoçara de tão péssimo humor quanto entrara. Depois de ver Becky passando por seu gabinete, de ver como ela estava abatida, magra



e pálida, ficou com a consciência tão pesada que se tornou um verdadeiro tormento para todos durante o resto da manhã. Sentia-se solitário sem ela, e magoado por ela pensar mais em Clay do que nele. Sentia ciúmes da maneira fervorosa com que defendia o irmão, da lealdade pela família. Queria esse tipo de amor incondicional para si, mas arruinara tudo ao cair na armadilha da sedução. Sabia como ela era convencional e antiquada. Se ao menos tivesse controlado seus hormônios naquela noite, as coisas teriam se esclarecido melhor entre eles. Mas ele a desejava tanto! Tinha ficado sem mulher por muito tempo, e a reação de Becky simplesmente vencera sua resistência. Isso não era desculpa, claro, e agora ainda havia dado a Becky a preocupação de uma gravidez indesejada.

Permitira-se pensar em alguns sonhos impossíveis caso isso acontecesse. Rourke sempre fora sozinho no mundo, exceto por tio Sanderson. Muitas vezes pensara em formar uma família, mas nunca havia encontrado a mulher certa para isso. Então Becky surgiu com sua personalidade travessa, o sorriso fácil, o coração generoso, e Rourke se viu pensando em compartilhar coisas. Mesmo na noite em que dormiram juntos, a possibilidade de gravidez lhe pareceu prazerosa. Estava tão entusiasmado que nem pensara muito nas precauções.

Mas não tinha sido justo com Becky. Sendo ignorante quanto aos homens, ela nem saberia como se precaver. Mas ele não era ignorante, e não lhe deixara escolha. Becky não era o tipo de mulher que optaria por um aborto sem arrependimentos, e ter um filho ilegítimo a magoaria profundamente. Não se importaria de casar com ela, concluiu. Não, não se importaria nem um pouco. A questão era como convencê-la a concordar no presente estado de fúria em que se encontrava.

Só havia passado quatro semanas. Não poderiam constatar gravidez, segundo sabia, antes de seis semanas. Teria de esperar e agir estrategicamente. Queria ter falado com ela no tribunal, mas ficara com a consciência dilacerada ao vê-la. Becky erguera um muro entre eles, e seria difícil ultrapassá-lo. Ainda pensava nisso quando voltou para o gabinete, sem prestar muita atenção no que fazia ao abrir a porta.

A sra. Delance ouvira sua aproximação e chamara os outros integrantes da equipe. Todos estavam de prontidão em frente à escrivaninha, acenando com lencinhos brancos. Rourke caiu na gargalhada. Isso não acontecia muito desde que parara de sair com Becky. Ele meneou a cabeça. Não tinha percebido que estava assim tão irritado.



— Seus patetas — ele disse, rindo. — Muito bem, entendi o recado. Mas é melhor voltarem para o trabalho, pois não faço prisioneiros após uma rendição absoluta.

— Sim, senhor — a sra. Delance disse com um sorriso.

Rourke dispensou os outros e sentou-se à escrivaninha. Tinha muito trabalho a fazer, e já passara boa parte do dia pensando no futuro. Já bastava o presente para mantê-lo bastante ocupado durante as semanas de sessão.

Duas semanas depois, Becky voltava do consultório do médico completamente aturdida.

Maggie, que suspeitava do que estava acontecendo, a conduziu gentilmente ao banheiro e fechou a porta.

— O que ele disse?

Becky estava pálida. Tentara convencer a si mesma de que os sintomas eram de fadiga, mas o dr. Miller fora gentil ao lhe destruir as esperanças.

— Fizeram exames, os resultados só ficam prontos amanhã — Becky respondeu distraidamente.

— Mas? — Maggie insistiu.

Ela enfrentou o olhar da amiga.

— Não consegue adivinhar?

Maggie sorriu carinhosamente.

— Vamos chorar ou celebrar?

— Não sei. Simplesmente não sei. Estou tão assustada. — Becky abraçou a si mesma. — Não estou preocupada com o escândalo; mas pensar que serei responsável por um pequeno ser humano. Fui responsável por Mack quando mamãe morreu. Mas agora é diferente. Este bebê é parte de mim.

— E é parte de mais alguém — Maggie disse. — Mesmo que o odeie, ele tem o direito de saber.

O rosto de Becky ficou violentamente vermelho.

— Ele sabia do risco, mas nem ligou, escreveu ou me disse uma palavra desde que veio aqui no escritório. Ele não se importa. Nunca se importou. Só saía comigo por causa do Clay, como cheguei a pensar uma vez.

— Não subestime Kilpatrick — Maggie aconselhou. — Ele não é estúpido. Aposto qualquer coisa que ele sabe a data exata em que você terá certeza da gravidez. Ele vai ligar, ou vai estar sentado à sua porta ao fim do dia.



Becky odiava sentir o coração disparar com essa possibilidade. Não queria que Rourke ligasse ou viesse visitá-la. Não queria, garantiu a si mesma. Era um traidor, e ela estava muito bem sem ele.

Então pensou no bebê, e se perguntou à qual deles a criança puxaria. Seriam os olhos escuros como os dele ou esverdeados como os dela? Obrigou-se a não pensar nisso. Não poderia ter essa criança, decidiu. Então ao pensar na única maneira de conseguir isso, sentiu-se tão enjoada que precisou sentar. Uma mulher que não conseguia matar uma abelha ao ser picada dificilmente se candidataria a uma alternativa tão drástica. Além disso, quando se imaginava segurando aquela coisinha miúda nos braços, sentia-se transbordar de alegria. Ter um bebê só seu, para amar e criar, seria... fascinante.

Rourke pensava a mesma coisa ao sentar no alpendre da casa dos Cullen, divertindo-se com o balanço. Seis semanas desde aquela noite, e agora Becky já teria certeza. Ligara para o consultório do dr. Miller para saber se ela tinha marcado consulta e, como prevera, ela tinha. Fumava seu charuto, sentindo uma agradável expectativa. Ela o odiava, mas este era o menor dos obstáculos. Ele era teimoso. Esperaria o tempo necessário.

O carro dela surgiu diante da casa, e Rourke viu o espanto no rosto dela por encontrá-lo ali. Ela estava sozinha, e ele imaginou por onde andaria Mack.

Becky veio na direção dele, usando um vestido azul, sem mangas, e blusa rosa de manga curta, os cabelos num rabo-de-cavalo. Ela parecia moderna e muito jovem, radiante, apesar do rosto magro.

Ela parou diante do alpendre, a mão agarrada ao corrimão desbotado.

— Deseja alguma coisa, sr. Kilpatrick? — ela perguntou com frieza.

Ele deu uma baforada, os olhos escuros passeando por ela com certo prazer.

— As coisas de sempre — ele disse despreocupadamente. — Uma imensa fortuna, refeições decentes, uma ilha, uns dois Rolls-Royce. — Ele deu de ombros. — No momento me dou por satisfeito com um café e uma conversa.

— Não tenho café e não quero conversar com você — ela esbravejou. — Você me disse coisas horríveis da última vez em que nos falamos. E ainda me esnobou quando passei na frente de seu gabinete no dia da audiência de Clay.

— Você parecia péssima, e eu me senti culpado — ele respondeu. — Ainda me sinto.



— Obrigada, mas não precisa. Clay conseguiu um bom advogado, vovô está numa casa de repouso recebendo tratamento e assistência do governo, e Mack e eu estamos muito bem.

— Onde está Mack? — ele perguntou, olhando para o carro vazio.

— Passando o dia com um amiguinho no lago Lanier. A família tem um barco.

Rourke levantou-se do balanço, o charuto na mão. Era dia de semana, e ele usava um terno marrom-claro com uma bela gravata com estampa marrom. O cabelo estava bem penteado. Ele parecia elegante e perigoso, e quando se aproximou de Becky, cheirava à exuberante colônia. Isso resgatou algumas memórias dolorosas, então evitou olhar para ele.

— Por que veio aqui? — ela perguntou.

Ele ergueu o queixo dela e olhou em seus olhos esverdeados.

— Você se consultou com o dr. Miller hoje. Quero saber o que ele disse.

— Você não parecia muito interessado até agora — ela acusou com amargura.

— Não adiantaria perguntar até agora — ele retrucou. O olhar vagou pelo corpo dela até o ventre achatado, então buscou os olhos dela novamente. Ela se afastou dele, o que já quase servia de resposta.

Ela se virou e abriu a porta, incapaz de impedi-lo de entrar, ligou as luzes, porque já estava anoitecendo, e foi direto para a cozinha fazer café. Mas só porque ela queria tomar café, garantiu a si mesma.

Rourke pegou um cinzeiro antes de puxar uma cadeira e se sentar. Então ficou observando Becky andar pela cozinha, o coração mais leve do que nas últimas semanas em que ficaram separados. Percebeu definitivamente o quanto era solitário sem ela.

— Não me respondeu, Becky — ele disse depois que ela encheu e ligou a cafeteira.

— Fizeram exames — ela disse de maneira concisa. — Ainda não tenho os resultados.

— Meu Deus, que teimosa — ele suspirou, meneando a cabeça. — Nós dois sabemos que os exames agora são mera formalidade. Alguns sintomas são inevitáveis. Quer que eu os liste? Fadiga, náusea, inchaço, dificuldade para ficar acordada durante a noite...

— Quantas vezes já ficou “grávido” na vida? — ela perguntou irritada.

Ele riu, os dentes brancos contrastando com a pele morena.



— É a minha primeira vez — ele murmurou. — Mas comprei um livro sobre gravidez e lá estava descrito os sintomas.

— Se estiver grávida, a criança é minha — ela informou.

— Se estiver grávida, a criança é nossa — ele corrigiu, imperturbável. — Eu ajudei a fazê-la.

Ela corou.

— É possível que eu não esteja — ela murmurou, desviando o olhar. — Há muitas outras coisas com sintomas parecidos, como fadiga, excesso de trabalho e aflição.

— Claro. — Ele levou o charuto aos lábios e sorriu com presunção. — Quando foi sua última menstruação?

— Seu...! — Ela agarrou uma caneca e atirou contra ele, errando por centímetros. A caneca se estilhaçou contra a parede de tábuas, um ruído que ecoou forte pela cozinha.

— Pelo menos seis semanas, a presumir pelas evidências — ele murmurou, estalando a língua ao ver os cacos no chão. — Que sujeira!

— Queria ter quebrado sua cabeça também! — ela esbravejou.

— Isso não é maneira de falar com o pai do seu filho — ele disse. — Quando vamos nos casar?

— Não vou casar com você! — ela rebateu, furiosa por Rourke tratar um assunto tão delicado de maneira tão leviana. Não lhe ocorreu que ele estava lidando com a notícia à sua maneira, tentando não revelar o quanto estava maravilhado e assustado.

— Sim, você vai — ele retrucou. — A ilegitimidade não é coisa fácil. Eu sei. Carreguei isso durante a vida inteira.

— Caso com outra pessoa!

— Verdade? Quem? — ele perguntou. Parecia genuinamente interessado.

Ela foi encher duas canecas de café. Estava tão agitada que quase derrubou as duas ao colocá-las sobre o tampo da mesa.

— Obrigado. Seu café é muito bom.

Becky não respondeu. Tomava seu café, tentando não olhar para ele. Depois de um instante, ergueu os olhos.

— Casar comigo prejudicaria sua carreira — ela disse. — Sem falar que isso nos colocaria nos noticiários novamente. Além disso, preciso pensar em minha família. Tenho que cuidar de Mack e vovô.

Os olhos dele se encheram de raiva.



— Sua família poderia cuidar de si própria se você deixasse. Não permite que sejam independentes. Quer que dependam de você. É mais fácil do que se permitir depender de alguém, só para variar, não é?

— Nunca tive ninguém em quem me apoiar — da retrucou. O rosto ficou vermelho de raiva, as sardas se sobressaindo visivelmente no nariz. — E não há ninguém no mundo em quem eu possa confiar, especialmente você! Confiei em você uma vez, e veja o que aconteceu!

Ele estreitou os olhos.

— Diga que não queria — ele desafiou. — Diga que eu a forcei.

— Você poderia ter tomado precauções! — ela esbravejou.

Ela tinha razão. Ele não podia negar isso.

— Acidentes acontecem — ele se justificou. — Cometemos um erro. Agora temos que conviver com isso.

Não era isso o que ela queria ouvir. Queria que Rourke dissesse que a amava, que queria aquele filho, que estava contente com a notícia. Palavras como *acidente*, *erro* e *conviver com isso* não eram as que ela tinha em mente.

— Não precisa conviver com isso — ela disse com tom orgulhoso. — Posso cuidar de um bebê. Não precisa fazer sacrifícios por minha causa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Ao menos poderia me dar o crédito por estar interessado por meu filho.

Ela baixou o olhar.

— Lamento. Sim, tenho que lhe dar crédito por isso. Imagino que, assim como eu, não queira realmente a criança — ela mentiu.

Rourke ficou pálido. Contraiu o queixo.

— Eu quero a criança. Se você não a quer, eu mesmo cuido dela. Só precisa levar a gravidez até o fim.

Ela se arrependeu das palavras no instante em que as disse. Arrependeu-se ainda mais quando viu a expressão dele.

— Não, eu não...

Ele se levantou, sobrepondo-a em altura.

— Não sou totalmente insensível — ele retrucou. — Sei que você já tem muitas preocupações com seus irmãos e seu avô. Um bebê é a última coisa de que você precisa. — Ele enfiou as mãos nos bolsos, os olhos com uma expressão terrível. Não queria dizer



isso, mas ela tinha direitos também, não podia colocar os seus na frente dos dela. Precisava ser justo, apesar de suas próprias crenças. Ele cerrou os dentes antes de pronunciar as palavras. — Não posso forçá-la a ter a criança, claro. O corpo é seu. Então se considerar que o aborto é a única saída sensata, se for a sua decisão, eu pago as despesas — ele disse por entre os dentes. Dentro dos bolsos, os punhos estavam tão cerrados que os nós dos dedos estavam brancos.

— Oh, meu Deus! — Becky estava aturdida. Respirou fundo e fixou o olhar na mesa. Não pretendia dar aquela impressão. Ele estava tentando ser justo, Becky concluiu, mas a expressão dele ao dizer aquilo tudo havia destruído seu coração.

— Avise-me quando decidir — ele disse, interpretando a atitude de Becky como demonstração de alívio. Seguiu para a porta. — Assumirei a responsabilidade financeira, de qualquer forma. Como você disse, eu não tomei precauções, então a culpa é minha.

Rourke saiu antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, corrigir aquela falsa impressão causada por sua péssima escolha de palavras. Ela colocou o rosto entre as mãos. Tudo saíra errado desde o princípio, mas queria a criança. Queria demais. Se ao menos conseguisse fazer com que ele compreendesse o que estava sentindo. Rourke a fitara com profundo desgosto. Seria ainda mais difícil encará-lo no futuro. Neste meio tempo, teria mais uma responsabilidade para adicionar à sua lista. Os resultados chegaram no dia seguinte, e eram conclusivos. Estava grávida.

As consultas pré-natais eram caras. Assim como as vitaminas que o obstetra prescrevera. Possuía o plano de saúde do trabalho, que não cobria muitas coisas, e gravidez era uma delas. Ela solicitara cancelamento de cobertura por gravidez porque achava que nunca precisaria. Que ironia! O custo mensal era mínimo, mas já não era possível voltar atrás. E agora que Mack estava no período de férias de verão, precisava pagar uma vizinha para cuidar dele enquanto estava trabalhando. O carro precisava de reparos. E, além disso, haveria mais despesas médicas.

Desesperada, Becky começou a entregar jornais pela manhã. Ela precisava se levantar muito antes do sol nascer para dar conta do serviço, mas isso permitia que chegasse ao trabalho na hora. Mack ficou muito contrariado quando descobriu, mas ele não podia fazer nada para impedi-la.

O avô estava perdendo a vontade de viver. Ao menos era o que parecia quando Becky o visitava. Estava morrendo, um pouquinho a cada dia. Clay, por outro lado, estava fornecendo ao sr. Davis informações que ajudariam em sua defesa. Contudo, andava



nervoso com a ideia de tornar-se testemunha de Estado. Ainda não estava inteiramente certo do que fazer. Becky em seu presente estado, ficava ainda mais nervosa com a ideia. Não se importava de colocar a vida em risco, mas não podia arriscar o bebê.

Enquanto os dias passavam, o bebê tornou-se sua razão de viver. Adorava a ideia de ser mãe, sentia-se florescer. Se não fossem os dois empregos e a aflição com Clay e vovô, teria passado muito bem o primeiro trimestre. Mas o esforço estava minando suas forças. Becky começou a perder peso, e ficava muito mais enjoada à noite do que pela manhã.

Rourke surgiu numa noite de sexta-feira, parecendo a primeira nuvem de uma tempestade de verão. Estava desgrehado, vestindo jeans e um casaco branco de malha de algodão cheio de manchas de graxa. Os cabelos caíam nos olhos, estava suado, e parecia irritado e tenso.

Mas quando viu Becky deitada no sofá com o rosto abatido por causa das náuseas, a irritação desapareceu. Colocou as mãos nos quadris e enfrentou o espanto no rosto dela.

— Meu Deus, você está lastimável! Consegue comer uma omelete?

— *Não!* — Ela gemeu, escondendo o rosto na toalha molhada que Mack trouxera.

— Então está sem sorte, porque é a única coisa decente que sei cozinhar. Mack disse que você também não almoçou.

Becky deu uma olhada em Mack, que, encabulado, assistia a um game show na televisão.

— Traidor! — ela acusou.

— Não sei de mais ninguém que se importe com você — Mack respondeu simplesmente.

Becky ficou ruborizada e não ergueu os olhos.

— O que o faz pensar que o sr Promotor de Justiça se importa? — ela resmungou.

— Ora, Becky é o filho dele — Mack respondeu.

Ela se sentou, atônita tamanho era seu espanto.

— *O que você disse?*

— Ah, vi um programa sobre bebês — Mack explicou animado, levantando-se para se juntar a ela e a um atento Rourke. — Falava como as mulheres se comportam quando estão grávidas. Você foi ao médico, e ele mandou você ver um obstetra. E o sr. Kilpatrick



é o único namorado que você teve. — Ele deu de ombros. — Não foi difícil juntar as peças.

Becky escondeu o rosto envergonhado entre as mãos.

— Em que mundo estamos?

— Não sei — Rourke respondeu, olhando zangado para ela. — Mas quando uma mulher não quer se casar com o pai do seu filho, eu diria que é um mundo abominável.

— Becky não quer se casar com você? — Mack exclamou.

— Viu? — ele murmurou para Becky — Deixou seu inocente irmãozinho chocado.

Que mulher leviana!

Ela corou.

— Pare de falar assim perto dele.

— O bebê ficará sem nome. — Mack suspirou.

— Não mesmo — Rourke assegurou, colocando o braço de maneira carinhosa sobre os ombros do menino. — Vamos esperar que ela entre em trabalho de parto para chamar um pastor. — Ele sorriu. — Ela vai casar comigo.

— Nunca! — ela berrou, então ficou verde. — Oh, não!

Rourke colocou os braços sob ela, ergueu-a com cuidado, e a carregou pelo corredor até o banheiro. Becky ficou surpresa ao ver que ele sabia exatamente o que fazer. Ficou com ela até o enjoo passar, depois limpou o suor dela e a ajudou a aliviar o gosto ruim com antisséptico bucal. Então a carregou para o quarto e a deitou com delicadeza sobre o edredom desbotado.

— Precisa descansar — ele disse. — Mack me contou dos jornais. — Ele meneou a cabeça. — Lamento, querida, mas está demitida. Acabei de dizer ao seu patrão que você não podia colocar o bebê em risco.

— Não acredito! — ela exclamou com fraqueza.

— Pois acredite. E estou assumindo as despesas com o obstetra e a farmácia — ele avisou. — Um homem virá plantar feno e cuidar dos animais com certa regularidade. A horta terá que esperar até o outono, mas mandarei deixar a terra revolvida e adubada, já prontinha. — Ele olhou ao redor, ignorando os fracos protestos de Becky. — A casa precisa de alguns reparos também. Acho que posso dar um jeito nisso.

— Rourke, escute o que estou dizendo...

Ele a fitou, sorrindo carinhosamente.

— Que bom que ainda lembra meu nome.



— Não pode fazer nada disso — ela choramingou.

— Sim, posso. — Ele se inclinou e a beijou de leve nos olhos, fechando-os. — Vou dar o jantar do Mack. Tente dormir um pouco. Venho vê-la mais tarde.

— Não pode assumir o controle de tudo — ela reclamou novamente.

— Não? — Ele riu gentilmente. — Boa noite.

Ele desligou a luz e saiu, fechando a porta de mansinho ao passar.

— É só por causa do bebê — ela falou, fechando os olhos. — Não se importa comigo, só com o bebê. Não vai me enganar pela segunda vez.

E dito isso, Becky caiu no sono.

CAPÍTULO DEZOITO

Becky dormiu até de manhã. Acordou ainda com roupas de passeio, mas sob as cobertas. Rourke, sem dúvida, pensou amargurada. Bem, ao menos não a despira enquanto estava dormindo. E por que o faria, perguntou a si mesma, se já tinha visto tudo? Não devia mais ser interessante!

Mack assistia aos desenhos animados das manhãs de sábado quando ela cambaleou em direção à cozinha para fazer torrada e café para si mesma e colocar um pouco de cereal para ele. Quase tropeçou em Rourke, que estava sentado em uma cadeira com as longas pernas estendidas.

— O que está fazendo aqui? — ela arfou. — Não foi para casa na noite passada?

— É óbvio — ele respondeu de maneira relaxada, indicando a calça cinza e a camisa risca-de-giz azul. Estava barbeado, e Becky sentiu uma deliciosa colônia masculina emanar dele ao parar incerta perto da cadeira. — Depois que você comer, vamos todos ver seu avô.

Ela ficou boquiaberta de tão horrorizada.

— Você também vai? Não pode! Ele terá um ataque cardíaco e morrerá ao vê-lo comigo!

— É o que veremos — ele disse.



Rourke parecia resoluto e determinado, e Becky não estava com vontade de brigar. Desistiu — apenas temporariamente, ela prometeu a si mesma. Afastou uma mecha de cabelo do rosto.

— Bem, acho que consigo comer um pouco de torrada com canela — ela murmurou.

— Farei uma.

— Eu já fiz — ele disse. — Tem um prato de torradas sobre o fogão. Mack e eu lhe deixamos algumas. E o café está na cafeteira — ele acrescentou, erguendo uma caneca de café fumegante para provar. — Eu teria muito prazer de servi-la, mas tenho medo de me oferecer — ele disse com um pequeno sorriso. — Não quero outra caneca voando na minha cabeça.

Becky clareou a garganta.

— Não posso ficar estragando louça — ela disse. Ela fechou mais o velho robe azul, seu orgulho um pouco abalado. — Lamento quanto à caneca — ela se desculpou com rigidez. — Minhas emoções estão descontroladas ultimamente.

Rourke assentiu.

— O livro diz que as mulheres ficam com as emoções um pouco exaltadas na gravidez por causa das mudanças metabólicas — ele explicou. — Coma alguma coisa.

Becky ia retrucar, mas Rourke ergueu uma sobrancelha com ar de quem está para fazer algo imprevisível, então ela deu de ombros e foi se servir de torrada e café. Rourke a observou sentar-se do outro lado da mesa, sorrindo de leve por causa da relutante submissão de Becky.

Se ela tivesse coragem, diria algo mordaz em resposta àquele sorriso presunçoso, mas seu estômago estava revirado. Ela olhou para a torrada, mas não teve certeza de que conseguiria comê-la.

Ergueu os olhos para Rourke, e os baixou novamente depois de mais uma mordidinha na torrada e um gole de café. Estava esperando para ter certeza de que tudo ficaria no estômago antes de dar outra mordida. Rourke era o homem mais lindo que já conhecera. Olhar para ele fazia pequenos arrepios percorrerem sua espinha. Poderia pertencer a ela, se concordasse em casar com ele. Era uma tremenda tentação. Mas não tinha certeza dos motivos dele. Talvez só quisesse o bebê, ou se sentisse culpado pela maneira com que a tratara. Talvez ambos, porque ele lhe dissera coisas muito ofensivas, embora tivesse que admitir que fizera o mesmo.

Rourke remexeu-se na cadeira.



— Tudo bem? — ele perguntou, e ela assentiu. — Que bom. — Ele tomou mais café e puxou o inevitável charuto, mas não o acendeu. Deixou o charuto do lado do prato. — Vou deixar para fumar lá fora — ele disse, quando notou o olhar curioso de Becky. — Não quero deixá-la mais nauseada do que já está.

— Que gentil — ela murmurou.

— Já decidiu o que fará a respeito do bebê? — ele perguntou, sem olhar para ela.

O silêncio era mais eloquente do que qualquer expressão que ele pudesse ter feito. Becky fitava o rosto dele, e quase podia sentir a dor que emanava de Rourke. Ele parecia tão auto-suficiente e tão bem adaptado a viver sozinho que ela nunca, nem em sonhos, o imaginaria como pai de família. Mas ultimamente ele dava todos os sinais de um homem que quer um filho. Ela firmou seus dedos frios ao redor da caneca de café.

— Eu me desvio do caminho para não pisar em formigas — ela começou, de maneira hesitante. — Uma vez quis cuidar de uma cobra machucada pela enxada, mesmo morrendo de medo de cobras. — Ela encarou seu reflexo na caneca, sabendo que Rourke a fitava atentamente. — Não suportaria um aborto. Algumas mulheres têm coragem, acho, especialmente quando não querem a criança. Eu quero este bebê, quero muito.

Rourke deixou escapar um ruído — um ruído tão estranho que Becky ergueu o olhar. Mas ele já tinha saído da cadeira e seguia para a sala antes que ela pudesse lhe ver o rosto. Ele não olhou para trás. Becky comeu mais um pouco de torrada e bebeu mais um pouquinho de café. Não queria pensar na reação dele, então abandonou seu parco café-da-manhã e foi se vestir.

Rourke estava sentado no balanço do alpendre, fumando um charuto, quando Mack foi procurá-lo.

— Becky está se vestindo — ele disse. Não sabia o que dizer a Rourke. Ele parecia, de alguma forma, estranho, agitado, pálido. Mack não entendia por que ele estava daquele jeito. — Você está bem? — perguntou de maneira cautelosa.

Rourke deu um trago no charuto.

— Estou bem. Sente-se.

Mack acomodou-se ao lado dele no balanço e se recostou.

— Por que Becky está tão zangada com você?

Ele ergueu e baixou os ombros.

— Espere ter a idade de Clay que eu explico.



— Oh. É por causa do bebê, certo?

— Em grande parte. — Ele suspirou cansado, e passou a mão pelos cabelos escuros e espessos. Olhou para o menino com um sorriso mais carinhoso do que imaginava. — Lembro de quando eu tinha sua idade. Eu gostava de sair para pescar com a família do meu melhor amigo, e me esparramava na cama para ler quadrinhos. Era uma boa época. Descomplicada.

— Sei. — Mack ergueu os pés, protegidos por tênis, e os colocou sobre o balanço, apoiando o rosto nos joelhos. — Mas não é melhor ser grande? Ao menos ninguém lhe dá ordens, nem lhe diz o que fazer.

— Acha mesmo? — Rourke reclinou-se com um longo suspiro e deu outra tragada no charuto. — Mack, meu garoto, eu tenho milhares de chefes. Todos, desde o mais comum dos cidadãos até o juiz que está presidindo o caso, me dizem o que fazer. Quando você tiver um emprego, vai ter um patrão.

Mack pensou nisso.

— Bem, é verdade. — Então sorriu para Rourke. — Mas você pode escolher o emprego.

— Não posso argumentar contra isso — Rourke replicou.

— Becky vai ficar grande, como nos filmes?

Rourke assentiu, sorrindo de uma maneira enigmática que intrigou Mack.

— Grande feito uma abóbora.

— Vai ser menino ou menina?

— Ainda não sabemos — ele respondeu carinhosamente. — Não sei se quero saber — acrescentou sorrindo. — Eu gosto de surpresas. Você não gosta?

— Quando são boas — Mack concordou. — Mas Becky não quer se casar com você, sr. Kilpatrick.

— Ah, mas vai casar — ele murmurou distraidamente, vendo em sua mente imagens dele conduzindo uma Becky muito contida até o dia de seu casamento. — Vai casar pelo bem do bebê, mesmo que não o faça por mim.

— Isso quer dizer que você será da família — o menino disse.

Rourke deu outra tragada no charuto.

— Permanentemente.

Mack olhava distraidamente para os tênis.

— E o Clay, sr. Kilpatrick? Eu o dedurei.



Rourke colocou o braço sobre os ombrinhos do menino.

— Você e eu somos as únicas pessoas no mundo que sabem disso. E da minha parte, ninguém saberá. Entendido?

— Mas...

Rourke virou a cabeça. Os olhos escuros buscaram os do menino.

— Entendido? — perguntou novamente.

— Entendido. Obrigado — Mack acrescentou embaraçado.

— Um homem tem que cuidar de seu cunhado, não tem? — Rourke perguntou com um sorriso. Não parou para pensar no quanto esta promessa poderia perturbar seu relacionamento com Becky, quando finalmente se acertassem.

Dentro da casa, Becky colocava um jeans que agora estava bem apertado e uma colorida blusa listrada de manguinhas bufantes que cobria a cintura da calça. Escovou os cabelos, colocou um mínimo de maquiagem, e foi se juntar a Mack e Rourke no alpendre. Parecia muito natural vê-los sentados juntos ao balanço, Rourke fumando seu eterno charuto e movendo o balanço com uma das pernas enquanto ele e Mack conversavam como se fossem velhos amigos.

— Pronta? — Rourke perguntou, levantando-se com Mack. — Eu dirijo.

— Boa ideia — Mack concordou. — O carro de Becky às vezes pega, às vezes não pega; nunca se sabe ao certo.

— É um bom carro — Becky protestou.

— Mas não é um carro novo — Mack disse, fazendo exclamações entusiasmadas ao se acomodar no banco de trás do carro de Rourke. — Uau! Radical! — ele exclamou, examinando tudo, desde os cinzeiros até os apoios para braço.

— Você não fica entediado na sala de espera? — Rourke perguntou franzindo a testa ao olhar para Mack lá trás, lembrando que o garoto provavelmente não tinha idade para entrar no quarto do avô.

— Ah, ele pode entrar também — Becky disse, rapidamente compreendendo sua linha de pensamento. — Vovô está na casa de repouso HealthRex agora; foi removido. Eu lhe contei, lembra?

— Estava com a cabeça cheia de coisas — ele murmurou. — Tinha esquecido. Ele está melhor?

Becky deu uma espiada em Mack, que olhava pela janela, então fitou Rourke e meneou a cabeça de leve.



Rourke fez uma careta.

— Ele desistiu.

— Isso mesmo. Tento conversar com ele, mas vovô simplesmente fecha os olhos e me ignora. — Ela ergueu a barra da blusa e examinava a costura. Ela mesma a fizera no ano passado, e não tinha ficado nada mal.

— Ele precisa de alguma coisa que o anime — Rourke refletiu.

— Não. Ele precisa repousar.

— Repouso não vai tirá-lo de lá. — Rourke não disse mais nada, deixando que Mack, animado, tagarelasse sem cessar com Becky, que refletia no que Rourke dissera.

— Você não vai deixá-lo agitado, vai? — ela perguntou preocupada enquanto caminhavam pelo longo e imaculado corredor até o quarto que seu avô dividia com outro paciente.

— Claro que não — Rourke respondeu inocentemente.

Becky não acreditou nele nem por um segundo. Os três entraram no quarto. A outra cama estava vazia, mas havia sobras de café-da-manhã numa bandeja, então era de se presumir que alguém estava ocupando o lugar. Becky pegou uma das cadeiras, e Rourke puxou outra. Mack foi até a cama do avô e segurou sua mão.

— Oi, vovô. Como se sente hoje? Sentimos sua falta em casa.

As pálpebras do velho tremeram. Mas ele não as abriu.

— Nos sentimos muito sozinhos — Becky acrescentou. — Tem se sentido melhor? Também não houve qualquer reação.

Rourke olhou para os dois, então se levantou e aproximou-se da cama.

— Perdeu um belo café-da-manhã — ele disse de maneira calculada, levando um dedo aos lábios quando Becky quis reclamar. — Sem falar no café que eu preparei.

Os claríssimos olhos azuis se abriram, e o velho encarou Rourke.

— O que você... estava fazendo na minha casa?

— Estava tentando cuidar de Becky e Mack — ele simplesmente respondeu.

O sr. Cullen tentou sentar-se.

— Ah, não, não se atreva, seu patife rancoroso! — Ele lutava para sair dos lençóis. — Não vai ficar visitando minha neta sem ninguém por companhia. Você já fez muitos estragos na minha família.

— É como se ele tivesse adivinhado, não é? — Rourke perguntou para uma mortificada Becky, enquanto fitava o velho com ar despreocupado.



O velho Cullen se deteve em sua tentativa de ficar de pé.

— O que eu adivinhei?

— Que Becky está esperando um bebê — Rourke respondeu, deixando Becky muda de vergonha.

O velho ficou vermelho. Encarou Rourke com fúria.

— Seu canalha! Se eu estivesse com minha bengala, lhe daria uma surra!

— Precisa começar a comer e recuperar suas forças antes disso — Rourke comentou com aparente indiferença. — E voltar para casa, lógico.

— Pois voltarei para casa mesmo — ele murmurou. Fitou uma Becky, que estava ruborizada. — Como pôde?! Sua avó deve estar se revirando no túmulo!

Becky baixou os olhos, sentindo-se culpada e embaraçada. Agora todos saberiam o que ela e Rourke tinham feito. Ela era a prova viva.

— Não faça isso — Rourke resmungou, olhando feio para ela. — Um bebê não é motivo de vergonha. E você pare com isso também — disse ao velho, focando-se nos olhos dele antes de falar. — Eu e Becky queremos a criança. Foi feita antes da hora, mas nenhum de nós quer se livrar dela.

— Espero que não! — O velho fez uma careta, os claros olhos azuis parecendo cautelosos. — Ela não vai casar com você, vai? — perguntou, começando a sorrir. — Você a fez de boba por causa de Clay. Ela sabe disso.

— Comecei a sair com ela, em parte, porque queria ficar de olho em Clay — ele murmurou, odiando admitir isso.

— Foi o que pensei.

Becky não ousava olhar para ele. Já sabia disso, mas era doloroso ouvir a confirmação.

Rourke viu o olhar magoado no rosto pálido e sardento, e lamentou ter pensado nela daquela maneira no princípio. Seus sentimentos por Becky haviam mudado drasticamente durante as semanas em que ficaram juntos, e agora se arrependia pela maneira com que tudo havia começado. Mas era muito melhor dizer a verdade. Estaria mais propensa a acreditar nele quando soubesse do real motivo para querer casar com ela. Mas Becky não acreditaria em nada no seu presente estado de raiva, então era melhor esperar. Precisaria reconquistar a confiança dela, fazer com que ela percebesse o que ele sentia, antes de fazer qualquer confissão. E havia outras prioridades no momento — vovô e Clay.



O avô, contudo, logo se tornaria um problema a menos — ou um problema a mais, dependendo do ponto de vista.

— Quero sair daqui — o velho esbravejou, lutando para se manter de pé ao lado da cama, ofegando por causa do esforço. Praticamente deixara de comer na esperança de morrer, por isso estava fraco. — Está enganado... se pensa que vai escapar dessa!

— Escapar do quê? — Rourke perguntou educadamente enquanto tinha o cuidado de amparar o velho, tentando não rir daquela demonstração de espírito.

— Comprometeu minha neta! — ele berrou.

— Não a comprometi, eu...

— Não ouse dizer isso! — Becky exclamou quando viu o ar travesso nos olhos escuros de Rourke.

Ele encolheu os ombros.

— Está bem. Eu só pretendia contar a ele que foi você quem me seduziu.

— É mentira!

— Você arruinou minha reputação — Rourke disse com ar de coitadinho, parecendo comicamente magoado, tanto que Mack deu uma risadinha. — Você me sujeitou à vergonha pública. Todos pensam que sou fácil. Logo as mulheres estarão escrevendo meu número de telefone nos banheiros públicos. Você sabia o quanto eu era influenciável!

O avô não sabia exatamente como aceitar a notícia. Na sua época, era uma indecência uma mulher sequer mostrar o tornozelo. E aqui estava Rourke e Becky falando da criança que tinham gerado, e nem mesmo eram casados. O único consolo era saber que ambos queriam o bebê. E havia algo na maneira de Rourke olhar para Becky, quando ela não estava olhando. Deitou-se devagarinho, ainda ressabiado com a ideia de Rourke vivendo em sua casa e controlando tudo. Mas se sentia mais vivo que nunca desde que fora para o hospital naquela terrível noite da prisão de Clay.

— Sente-se bem? — Becky perguntou carinhosamente.

Ele assentiu e respirou fundo.

— Meu coração está bom. Disseram que me recuperei bem. Lamento pelas despesas, Becky — ele acrescentou, um pouco envergonhado agora por ter ficado naquele longo confinamento inutilmente.

Tivera esperanças de morrer, mas Deus parecia ter algo mais reservado para ele.



— Não se preocupe com o dinheiro — Becky respondeu com carinho. — Está tudo resolvido.

— Neste caso, podemos tirá-lo deste lugar na segunda e levá-lo para casa? — Rourke disse, mudando de assunto. Não queria que o avô fizesse mais perguntas quanto às despesas. Becky poderia começar a se indagar sobre aquela inexistente assistência do governo e descobrir que ele estava ajudando a pagar as contas. Não queria que ela soubesse disso, ou do que fizera por Clay. Ainda.

— Quero ir para casa, mas não quero você por lá — o avô afirmou.

— Lamento, mas será preciso — Rourke começou a explicar. — A casa está caindo aos pedaços. Há pintura para ser feita, portas para consertar, telas para serem colocadas... Não posso deixar minha futura esposa morando numa casa em ruínas.

— Não sou sua futura esposa! — Becky esbravejou.

— É a minha casa! — vovô declarou irritado.

— *Como* você suporta? — Rourke perguntou a Mack com um dramático suspiro. — Meu Deus, pobre criança!

Mack riu. Gostava muito de Rourke, e achava que Becky dificilmente sairia dessa sem casar.

A discussão continuou, mas Rourke ignorou todos os comentários até a conversa recair em Clay e seu julgamento. Mack disparara pelo corredor em busca das máquinas de bebida e guloseimas da sala de espera, o bolso cheio com os trocados que Rourke lhe dera.

— Quem é esse Davis que vai defendê-lo? — o velho Cullen queria saber.

— Um advogado negro... — Becky começou a dizer.

— Negro?! — ele exclamou.

— Negro — Rourke disse num tom que desafiava o velho a retrucar. — Não é um palavrão. J. Davis é um dos melhores advogados de defesa do país. Deve faturar meio milhão de dólares por ano, e é muito bom no que faz. Está dispensando os honorários para defender Clay, então é melhor deixar seus preconceitos de lado enquanto durar o processo.

O avô estreitou os olhos.

— Pois discordamos nesta questão de preconceito. Duvido que um de nós vá ceder um centímetro quanto aos pontos de vista. Mas se você diz que este Davis é bom advogado, isso é o que conta. Não quero que Clay vá para a cadeia.



— Ele cumprirá pena — Rourke retrucou calmamente. — Espero que compreenda. Ele descumpriu a lei. Não há como evitar alguma penalidade pelo envolvimento com o tráfico de drogas, não importa quem o defenda. O pior é a acusação de tentativa de assassinato, e há evidências substanciais para conectá-lo ao crime.

— Não ligo para as evidências — Becky disse tensa. — Conheço Clay, e ele não faria uma coisa dessas.

Rourke também achava que não, por causa do que Clay havia lhe dito. Mas ainda não confessaria isso.

— Quanto ao tráfico de drogas, contudo, pode-se negociar uma acusação menor — ele continuou, como se Becky nem tivesse falado. — Considerando-se que é réu primário, talvez não pegue pena tão longa. Consegui uma condenação por tráfico de cocaína alguns anos atrás. O acusado foi sentenciado a dez anos e só cumpriu dez meses. Qualquer coisa é possível.

— Não há chance de você retirar as acusações por tentativa de assassinato, pelo bem de Becky? — o velho perguntou solenemente.

— Não tenho essa opção — Rourke respondeu. — E você sabe disso.

— Entendo. — O avô agarrou distraidamente a franha, franzindo a testa. — Entendo.

— Se ele se tornar testemunha de Estado contra os amigos, será mais leve para ele — ele acrescentou. — E se conseguirmos ligá-los à morte do Dennis, os Harris pegarão uma pena grande.

— E o que acontece com Becky se ele fizer isso? — O avô parecia preocupado. — Pessoas capazes de colocar uma bomba no carro de um homem não se importariam de ferir uma mulher.

— Sei disso — Rourke disse. Os olhos dele nem piscaram. — Precisarão passar por mim para chegar em Becky. Não irão machucá-la. Garanto que não.

Becky corou. Ele soava feroz e protetor, e ela baixou os olhos timidamente quando ele a olhou. O avô também notou aquela atitude. Franziu os lábios e sorriu, mas não deixou que Rourke notasse.

— E Clay já se decidiu? — o velho Cullen perguntou.

— Ainda não — Becky disse.

— Tem visto Clay ultimamente?



Ela não queria ter que responder a pergunta, mas não tinha escolha. Eles estavam olhando para ela.

— Colocaram um homem na cela com Clay — ela disse lentamente. — Foi preso por tentativa de estupro. Ele... bem, ele não falou nada, mas me olhava de uma maneira que me deu arrepios. Eu não voltei. Sei que Clay entendeu o porquê. Ele também não gostou.

— Por que não me disse? — Rourke perguntou. O sangue correu quente pelas veias, imaginando Becky naquele tipo de situação. Este era um problema que poderia resolver, e rápido, com um telefonema.

— Como poderia ter dito? — Becky perguntou irritada. — Não nos falamos há semanas!

— Estamos nos falando há dois dias — Rourke lembrou, tão irritado quanto ela.

— Você não perguntou — ela respondeu orgulhosa.

Ele a encarou zangado.

— Bem, isso não acontecerá novamente. Vou pedir que o removam da cela de Clay, então nós dois poderemos visitá-lo.

— Clay não vai gostar.

— Por quê?

— Ele não gosta de você — ela disse, franzindo a testa. — Será que não sabe disso? Você o delatou, afinal!

Mack ficou pálido e começou a falar, mas Rourke o silenciou com um olhar.

— Talvez esteja certa. Melhor ir sozinha. — Ele sabia que Clay estava fazendo o que lhe pedira, impedindo que Becky soubesse que já tinham se visto e que ele conseguira Davis para representá-lo. Estava guardando segredo, mas preferia que ela ignorasse tudo até ter certeza dos sentimentos dela. Gratidão era um péssimo substituto para o amor. Esta era uma cruz que teria de carregar para sempre, porque não poderia contar que Mack tinha entregado o irmão. Não deixaria que Mack sofresse com isso.

— Eu não sabia do companheiro de cela — Rourke continuou. — Devem estar mesmo precisando de espaço. Está havendo um dilúvio de prisões relacionadas ao tráfico ultimamente. As cadeias do centro e da área metropolitana estão cheias. Em um dos condados, estão até liberando alguns criminosos mais insignificantes para que os piores fiquem presos. Talvez tenhamos que fazer o mesmo no futuro. A superlotação é perigosa.

— Por que há tanta gente na cadeia? O crime está aumentando?



— Não. Na verdade, alguns crimes até diminuíram, inclusive assassinato e estupro. Mas os tribunais estão sobrecarregados. Muitas das pessoas presas estão esperando julgamento, como Clay. Às vezes os casos são chamados, mas uma das testemunhas-chave não é encontrada, ou se esquece da data, ou está doente. O acusado volta para a cadeia e o caso tem de ser agendado novamente. Vocês ficariam impressionados em ver quantos casos precisam solicitar prosseguimento ou revisão porque o advogado de defesa, ou o defensor público, teve algum imprevisto e não pôde comparecer — Ele encolheu os ombros. — O problema está por toda parte. Ninguém encontra solução, exceto construir mais presídios.

— E isso custa dinheiro — o velho Cullen interrompeu, deixando-os saber que estava prestando atenção. — O que atinge o contribuinte direto no bolso.

— É verdade — Rourke concordou. — Mas se você quer um lugar para manter os criminosos, precisa pagar para mantê-los lá. Você paga pela permanência deles. E eu também. A alternativa seria deixar todos soltos e contratar alguém que proteja sua vida e sua propriedade. Não é uma perspectiva muito atraente, é?

O avô meneou a cabeça.

— Deveria haver execuções públicas. Se alguém aparece e executa metade dessa gente, todos ficam com pena do pobre criminoso. E a pobre da vítima?

— Bem — Rourke disse —, o sistema de justiça criminal neste país não é perfeito, mas é o melhor do mundo. Além de culparmos os liberais, também devíamos culpar alguns grupos com interesses especiais, que intercedem a favor de leis como o Estatuto Rico, que nos permite confiscar o dinheiro conseguido com as drogas ou outros ganhos ilícitos.

— Concordo — vovô disse com sinceridade. — Hoje parece que a política corrupta é regra, não exceção. Todos os dias se escuta falar de políticos que fizeram coisas antiéticas. Ninguém se importa com a honra nos dias de hoje.

— Alguns sim — Rourke argumentou. — Mas se sentem muito apáticos quanto à política. Do contrário, por que só um terço da população votaria?

— Nem diga — o avô comentou. — Eu sempre votei. Becky também.

Becky estava contente. O avô era quase o mesmo de antigamente. Rourke conseguira animá-lo a lutar pela vida.



A enfermeira apareceu para verificar os sinais vitais do velho e ficou visivelmente espantada ao vê-lo sentado na cama, com as bochechas coradas. Ela não fez perguntas, mas sorria ao sair do quarto.

Rourke conduziu Mack e Becky para fora do quarto alguns minutos depois, prometendo ao vovô que viria com Becky para levá-lo para casa na segunda pela manhã.

— Como faremos isso? — Becky queria saber. — Preciso trabalhar.

— Eu também — ele disse sem parecer preocupado, vasculhando o bolso à procura da chave do carro. — Tiro uma hora de folga. E você faz o mesmo.

— Mas não haverá ninguém que cuide dele em casa — ela gemeu.

— Claro que sim. — Mack sorriu. — Posso dar os remédios e conversar com ele. Assim não preciso ficar com a sra. Addington. Ela é muito boa, mas vovô é meu amigo.

Ela hesitou.

— Não sei...

— Mack já tem quase 11 anos — Rourke comentou quando já estavam no carro, voltando para a fazenda. — É esperto e tem a cabeça no lugar. Ele tem o número de telefone do seu trabalho. Ele pode ficar com o meu também. Seu avô ficará bem, então pare de se preocupar. Tudo bem?

Becky cedeu. Andava trabalhando demais, e se sentia extremamente cansada. Ela recostou a cabeça no banco e fechou os olhos.

— Certo — ela murmurou, sonolenta.

Ela dormia quando chegaram em casa. Rourke levou o dedo aos lábios, entregou a Mack a chave da porta, depois de encontrá-la na bolsa de Becky, e então a ergueu gentilmente do carro.

Becky acordou exatamente quando Rourke lhe tirava os sapatos, já no quarto dela.

— Eu dormi — ela murmurou sonolenta.

— Teve um dia longo — ele disse. — E agora se cansa fácil. Fique descansando, pequena.

— E Mack?

— Foi visitar seu amigo John. Eu disse que não tinha problema. Tinha? — ele perguntou.

— Não. A mãe de John disse que ele pode aparecer quando quiser.

— Você só está exausta por trabalhar em excesso. Entregar jornais... — ele murmurou, olhando feio para ela.



— Ora, era a única coisa que não atrapalhava meu horário do trabalho — ela respondeu na defensiva.

Os olhos escuros foram do rosto sardento até o corpo esbelto e voltaram, vendo a magreza em seu rosto, os círculos escuros sob os olhos.

— Não deveria ter me afastado por tanto tempo — Rourke disse, a voz profunda soando de maneira agradável no silêncio do quarto. — Mas tenho dificuldades com relacionamentos, mesmo nos momentos bons. Passei a maior parte da minha vida adulta sozinho. Fiquei zangado porque você se preocupou mais com Clay do que comigo, especialmente porque ele foi acusado de tentar me matar. — Ele colocou as mãos nos bolsos. — Talvez colocar a família em primeiro lugar seja natural para você. Não tenho família, então não sei. Mas não deveria ter deixado que meu ressentimento me afastasse de você quando mais precisava de alguém.

— Também não ajudei muito ao dizer que lamentava que não tivesse sido morto pela bomba — ela disse baixinho, olhando no rosto dele. — Não era minha intenção. Eu me magoei ao saber que você estava espionando Clay para prendê-lo. Acho que isso foi o pior de tudo.

Ele cerrou os dentes. Este seria o maior impedimento para que tivessem um futuro juntos, e não podia fazer nada a respeito — não sem incriminar Mack. Rourke desviou o olhar.

— Não sou perfeito, querida — ele disse, tenso. — Nunca disse que era.

Becky assentiu. Recostou-se nos travesseiros com um suspiro cansado.

— Obrigado pelo que fez por vovô — ela murmurou. — Mas podemos seguir sozinhos daqui para a frente.

— Fico feliz de ouvir isso. Mas não vão ficar sem mim — Rourke disse de maneira obstinada. Aproximou-se da cama e a encarou. — Você não me quer por perto. Compreendo isso. Mas precisa de alguém e, a menos que consiga tirar um homem de dentro de sua fronha, está presa a mim. Não pode conduzir tudo sozinha.

— Tenho feito isso sozinha há anos — ela protestou irritada.

— Você não está grávida há anos — ele rebateu.

— Rourke! — ela resmungou zangada.

Ele se sentou na cama e inclinou-se sobre ela, os olhos escuros vencendo a hostilidade dos dela.



— Nunca conheci alguém tão teimosa quanto você — disse baixinho. Os olhos buscaram a boca macia. — Ou tão doce. Estou tão sozinho, Becky, tão sozinho.

Ele sabia como atingir o ponto certo, Becky lamentou quando sentiu o hálito dele se misturar ao dela. Rourke afastou as longas mechas do cabelo bagunçado de seu rosto e inclinou-se para beijar suas pálpebras. As batidas de seu coração começaram a acelerar, e a respiração a se alterar de súbito, quando os lábios mudaram dos olhos para as bochechas e então, inevitavelmente, desceram para sua boca.

— Lembra de como foi aquela noite? — Rourke sussurrava-lhe junto aos lábios, ouvindo a leve queixa quando ele sussurrou aquelas palavras explícitas e excitantes. — Sim, você lembra, não é? Lembra de como nos agarramos um ao outro no chão, ardendo tão febris que nem nos importamos com o desconforto, cegos e surdos para tudo que não fosse o doce e intenso prazer de nossos corpos se unindo naquela cadência desesperada.

As mãos deslizaram pelo pescoço dela e encontraram os seios, apertados contra a blusa. Becky ficou tensa quando os dedos dele os circundaram, incendiando-se com a paixão que Rourke evocava.

— Você me mordeu — ele murmurou, erguendo a cabeça à procura de seus olhos enevoados. — Também me lembro de ter ficado contente que minhas janelas estivessem fechadas, então os vizinhos não puderam ouvi-la quando começou a gritar debaixo de mim.

— Pare — ela murmurou rouca. — Não se atreva!

Ele colocou os lábios nos dela. As mãos se enfiaram sob a blusa para abrir o sutiã. Ele afastou a peça, e então Becky sentiu os dedos frios em sua pele quente, amenizando a ânsia que ele suscitara.

— Oh, por favor — ela disse num rouco murmúrio. Suas mãos o ajudaram, puxando a blusa até o pescoço enquanto arqueava o corpo, para permitir que ele a olhasse, para lhe convidar a boca. — Por favor, Rourke, isso não é justo!

Ele moldou o seio carinhosamente, tocando o bico rosado com o nariz, então com os lábios, para finalmente tomá-lo na boca com um lento e doce movimento de sucção que fez o corpo dela se contrair de prazer. Becky parou de protestar e fechou os olhos. A outra mão de Rourke escorregou até o jeans e descobriu a cintura aberta. Ele sorriu de encontro ao seio enquanto abria o zíper, para que seus dedos pudessem acariciar de maneira possessiva o leve contorno de seu filho.



— Já sente o bebê? — ele murmurou, aproximando os lábios dos dela novamente.

— Ainda não — ela respondeu embaraçada. — Ainda é muito cedo para que se mexa.

— Ele é pequenino — ele disse, olhando nos olhos dela. — Vi uma imagem em um dos livros. Aos dois meses, caberia na minha mão, mas já estaria perfeitamente formado.

O sangue dela ferveu com a expressão no rosto dele, as palavras profundas e suaves.

— Você já teve outras mulheres — ela murmurou.

— Algumas — ele respondeu. — Mas nenhuma outra como você, naquela noite. Mal consegui tirar as roupas a tempo. É por isso que está grávida. Perdi o controle por completo.

— Eu também. Foi tão doce quando você começou a me tocar. Nenhum homem tinha me tocado, não daquela maneira. Minha pele estava tão quente que ardia, queria sentir o contato da sua.

A boca de Rourke esmagou a dela outra vez, enquanto tentava se livrar da camisa com a mão. Ele a ergueu num leve arco para que os seios se encontrassem com sua pele fria e peluda. Becky estremeceu. Seu corpo quis o dele imediatamente. Era assim simples, intenso.

— E se Mack chegar? — ela ofegou quando Rourke afastou a cabeça novamente.

Rourke via o desejo nos olhos dela, a ansiedade. Seu próprio desejo era feroz.

— Eu tranco a porta, para o caso de ele voltar. — Rourke trancou, e voltou para ela, livrando-se da camisa no meio do caminho. Todas as outras peças de roupa tiveram o mesmo destino, até ele se mostrar nu e visivelmente excitado.

Becky não teve vontade de protestar. Seu corpo já estava tenso de desejo. Conhecia o de Rourke intimamente e queria, exigia por ele. Já fazia tanto tempo. Ele era o pai de seu filho, e ela o amava. Ficou muito quieta enquanto as mãos dele a despiam. Mas quando a boca faminta buscou seu ventre, ela gritou.

O corpo dele se estendeu ao lado dela sobre o cobertor, a pele morena contra sua pele clara. Os olhos dele brilhavam e Rourke sorria de sua indisfarçável ansiedade.

— Deus, fico louco só de lembrar — ele suspirou. Olhou os seios, tocando-os com reverência enquanto Becky observava-lhe a mão, ofegando com a visão erótica. Rourke inclinou-se e beijou os seios com vagar, deliciando-se com a maciez. Baixou o



corpo, sua rigidez contra as coxas dela, as pernas se acomodando entre as dela num ritmo preguiçoso que camuflavam o leve tremor de seu corpo.

Becky sentia que Rourke a tocava intimamente, sondando e recuando ambas as mãos postas ao lado de sua cabeça na coberta, enquanto a estimulava devagarinho com o corpo, rindo profundamente da maneira com que ela reagia.

Ele a provocava com o corpo, enquanto a boca brincava e atormentava a dela no tórrido silêncio do quarto. E enquanto isso, Becky o observava com o coração agitando seus seios, o corpo estremecendo com um desejo que estava beirando a urgência.

— Você me quer? — Rourke murmurou malicioso, avançando e recuando com os quadris, observando o corpo dela se arquear num movimento desesperado.

— Sim — ela gemeu, ofegante. — Por favor, Rourke, por favor!

— Ainda não — ele suspirou, roçando os lábios nos dela. — Ainda não quer o bastante.

— Sim... eu quero!

Ele mordeu o lábio dela, seus movimentos se tornando mais sensuais, mais provocantes. A rítmica sondagem fez Becky estremecer em seus braços.

— Não, não quer — ele murmurou. Ele a beijou selvagememente e, de súbito, deitou de costas. Sua ereção era tão ostensiva que Becky não conseguia desviar o olhar. — Se me quiser, tem que vir buscar — Rourke a provocou, os olhos tão escuros e sensuais que a deixavam toda arrepiada. Becky não sabia o que fazer, mas seu corpo estava em chamas. Precisava dele desesperadamente. Com mais entusiasmo que habilidade, sentou-se sobre os quadris dele e, vermelha, tentou unir seus corpos. Rourke sorriu com pura arrogância das tentativas dela e, por fim, se apiedou.

— Assim, minha pequena — ele murmurou, erguendo-a e guiando-a. Becky ofegou quando ele a invadiu sem qualquer resistência. Rourke sorriu malicioso. — Agora — ele sussurrou, o rosto se contorcendo ao sentir uma onda de prazer. — Mova-se, assim.

Ele a ensinou, segurando-a com dedos de aço nas coxas, admirando-a com violenta sensação de posse. Nunca gostara desta posição com outras mulheres, mas era incrivelmente excitante com Becky. Gostava da tímida fascinação nos olhos dela, a maneira como ficava ruborizada quando ele a erguia e a fazia observar. Acima de tudo, gostava dos gemidinhos excitados que ela deixava escapar quando o prazer começava a dominá-la.



— Você não tem muita força para isso — ele murmurou quando os músculos dela fraquejaram. Puxou-a para o colchão para que ficasse deitada de lado, uma das mãos segurando-lhe os quadris para que pudesse controlar os movimentos. — Agora, olhe para mim — ele murmurou.

Becky olhava fundo nos olhos de Rourke, que se movia contra ela, dentro dela, num ritmo lento e compassado que era audível quando os corpos úmidos se tocavam.

— Sinta-me.

— Oh! — ela gritou, estremecendo, ao sentir a primeira pontada de prazer.

A mão desceu mais, puxando bruscamente os quadris dela.

— Mais forte — ele murmurou rouco. — Quero você tão perto que será impossível nos separarmos. Assim! Isso! — Ele cerrou os dentes. A outra mão também procurou a coxa dela, os dedos se afundando na pele macia enquanto Rourke se movia numa cadência cada vez mais rápida, os olhos ainda fixos nos dela, a respiração fluindo com dificuldade.

Becky ouvia o ruído das molas da cama, as batidas atormentadas e a respiração de Rourke, mas sua atenção estava concentrada na ardente tensão que começava a se irradiar por seu corpo numa fantástica progressão. Agarrou-se aos braços musculosos, movendo-se com ele enquanto o prazer aumentava, choramingando com a intensidade.

— Olhe para mim — ele falou rudemente. — Quero ver seus olhos quando você sentir o êxtase.

Ela tentou, mas os espasmos surgiram de súbito. Depois de um gemido espantado, Becky fechou os olhos, entregando-se ao tórrido encantamento de sua vontade saciada.

— Becky. — Rourke gemia. Ele prendeu a respiração e então gritou, as mãos apertando as coxas dela enquanto estremecia num violento êxtase. Pareceu se passar muito tempo antes que ele a soltasse, mas não a deixou se afastar. Os braços a envolveram carinhosamente e a acalentaram, o corpo ainda intimamente unido ao dela, enquanto ambos lutavam para respirar.

— Nós... não deveríamos — ela murmurou lamuriosa, um pouco envergonhada de sua fraqueza.

— Fizemos um bebê juntos — Rourke disse. A boca acariciava o rosto dela, o pescoço. — Você me pertence.

— Rourke...



Ele a deitou de costas, seu corpo forte entre as pernas dela, os braços sustentando seu peso. Olhou nos olhos dela e começou a se mover, bem devagar. A excitação dela foi instantânea e ardente, e Becky entregou-se sem um protesto. Desta vez foi mais lento e suave, e os arroubos foram tão ternos quanto os beijos que trocavam. A boca de Rourke a manteve cativa enquanto as ondas de prazer dominavam seus corpos simultaneamente, levando-os à plenitude.

— Tão delicado — ele murmurou contra os lábios dela. — Você e eu nunca fazemos isso da mesma maneira. Cada encontro é novo, belo e muito mais satisfatório.

Becky escondeu o rosto no ombro dele, agarrada a Rourke. Seu corpo pesava, cansado do prazer.

— Você me seduziu.

— Sedução é um ato egoísta. Conosco não foi assim. Minhas intenções são perfeitamente honestas. Fiz tudo que pude imaginar para que casasse comigo, para dar um nome ao meu filho, mas você não quer. Eu a desejo. E você também me desejou.

Becky não podia negar aquilo, mas mesmo assim não se sentia melhor quanto à sua fácil capitulação.

Tentou empurrá-lo pelos ombros, então Rourke ergueu a cabeça.

— Está tudo bem — murmurou. — Não poderá ficar grávida novamente.

Ela socou o peito dele.

— Seu animal!

— Não sou um animal. Sou um homem normal com apetites normais, não posso viver como eunuco. Meu Deus, tem ideia do quanto fica linda quando seu corpo atinge satisfação? — ele perguntou, notando o ar chocado nos olhos dela. — Sua pele brilha. Seus olhos ficam praticamente negros, só sobra uma diminuta borda esverdeada. Seus lábios incham e se abrem, e você fica parecida com uma sereia. Perco o controle quando a vejo — ele murmurou. — Olhar para você me coloca no limite.

Becky virou o rosto, as faces vermelhas.

— Você não me olha, não é? — ele murmurou. — É embaraçoso olhar para mim quando estou totalmente à mercê do meu corpo?

— Sim — ela confessou.

— Vai se acostumar comigo. Isso é algo muito íntimo, Becky. Não há regras, ou requisitos, só prazer. Compartilhar é o mais importante.

— É apenas... sexo — ela choramingou.



Rourke ergueu o rosto dela.

— Nunca diga isso outra vez. Sexo é uma trivialidade. Nós não fizemos sexo, fizemos amor. Não banalize o que fizemos com rótulos insensíveis só porque acha constrangedor ir para a cama comigo.

— Não gosto de interlúdios casuais!

— Isso não é um interlúdio, e não é casual. Você está esperando um filho meu. Cedo ou tarde, terá que casar comigo.

— Não, não casarei! — ela gritou. — Você não me ama! É só desejo.

Rourke encarou-a furioso. Becky era cega feito um morcego, inocente como uma criança. Será que não conseguia perceber a diferença?

— Pense o que quiser — ele respondeu. Então se levantou, divertindo-se com a cara que ela fez ao se ver separada dele, a maneira com que desviou o olhar.

Ambos cuidaram de se vestir, Becky sempre evitando olhar para ele. Rourke a puxou da cama e segurou o rosto dela entre as mãos, o corpo forte e quente contra o dela enquanto a fitava com seriedade.

— Você me pertence de todas as maneiras — ele disse. — Não pretendo me afastar, e não vou desistir de você. Pode ir se acostumando a me ter por perto. Mack e vovô precisam de mim, e você também.

— Eles não gostam de você — ela murmurou.

— Mack gosta. Vovô se acostuma. — As mãos se moveram para os quadris dela. — Becky, você está com um filho meu no ventre — ele murmurou, abalando-a. — Se puder ao menos confiar um pouco em mim, poderemos ter uma boa vida juntos.

Ela firmou o olhar no peito dele.

— Confiei em você uma vez — lamentou. — Você traiu a todos nós.

Rourke não podia rebater aquilo, então empertigou o corpo.

— Fiz meu trabalho — ele retrucou. — E meu trabalho não tem nada a ver comigo, você e o bebê.

Ela mordeu o lábio.

— Certo. Pensarei no que você disse. Mas não quero que isso aconteça novamente, por favor — ela murmurou, os olhos fitando a cama de relance.

Rourke ergueu o queixo dela, fitando aqueles olhos rebeldes.

— Não posso prometer isso. Eu a quero demais. O que fizemos naquela cama é tão natural quanto respirar. Desejo não é uma praga. Nós seremos íntimos por muito, muito



tempo, e temos uma criança para criar. Estou oferecendo um compromisso, para toda a vida. Se não gosta de fazer amor fora do casamento, então se case comigo.

— Minha família...

— Precisa decidir o que vem primeiro: eu ou eles — ele afirmou. — Avise-me quando descobrir. Eu preciso ir para casa. Vai ficar bem sozinha?

Becky assentiu.

— Mack não deve demorar.

Ele a fitou em silêncio.

— Acha que estou sendo cruel, obrigando você a escolher, mas existe uma razão para isso. Você compreenderá um dia.

Becky não respondeu. Os olhos dele buscaram seu ventre, então ele se virou e deixou o quarto.

Ela não o acompanhou até a porta. Tinha muito no que pensar. Rourke queria que ela escolhesse entre ele e a família, mas não sabia como seria capaz de fazer isso — especialmente depois do que acontecera hoje.

Seu domingo consistiu em ir à igreja, visitar vovô, e preocupar-se. Na manhã seguinte, estava uma pilha de nervos.

CAPÍTULO DEZENOVE

Rourke levantou cedo da cama na segunda de manhã, e quando lembrou tudo o que precisava fazer, quase voltou para lá. Seu consolo era que vovô ficaria melhor a partir de agora, o que seria menos um fardo nos ombros de Becky. Era bom ter alguém por quem cuidar, pensou distraidamente. Tio Sanderson fora auto-suficiente e independente até o súbito ataque cardíaco que o matara instantaneamente. Rourke nunca fora responsável por ninguém, exceto por si mesmo. Agora tinha que pensar em Becky e na criança. E por causa deles, ele tinha Clay, vovô e Mack também.

Sorriu ao lembrar das travessuras de Mack no carro, da súbita demonstração de zanga do velho Cullen e do tardio entendimento com Clay. Não era tão ruim ter uma



família, mesmo que inesperadamente se tornasse o chefe da casa e metade deles o odiasse.

Então pensou no que ele e Becky haviam feito na cama no sábado, e seu corpo logo esquentou por completo. Era sempre mágico com ela. Rourke a queria por inteiro, ardorosamente. Se ao menos conseguisse fazer com que Becky entendesse que tinha direito a uma vida — que não era errado colocar sua própria felicidade em primeiro lugar. Se obrigá-la a escolher entre ele e a família era a única maneira de fazer com que abrisse os olhos, que assim fosse. Becky já estava sofrendo muita pressão, mas o bebê crescia mais a cada dia. Precisava colocá-la diante de um pastor, e logo.

Executou as tarefas mais importantes logo de manhã cedo no trabalho e conseguiu para Clay um novo companheiro de cela. Interferir na maneira como o xerife do condado dirigia a prisão não era algo que costumasse fazer, mas as circunstâncias eram especiais. Explicou o caso ao xerife, um conhecido de longa data, que imediatamente solucionou o problema.

— Como se sente a respeito de pessoas que passam cheques falsos? — perguntou a Becky quando seguiam para a casa de repouso para buscar o avô dela. Rourke fora pegá-la no escritório, e sorriu quando Maggie deu-lhe uma olhada curiosa, mas contente.

— Bem, acho que nunca conheci alguém que tenha passado cheques falsos. — Ela usava um vestido com estampa verde que fazia com que parecesse mais jovem, e mesmo a magreza do rosto já parecia menos evidente esta manhã. — Mas as pessoas devem fazer isso por desespero, não é?

Rourke riu e levou o charuto aos lábios.

— Fazem por ganância — disse. Deu uma olhada nela. — Mas é melhor um companheiro de cela assim do que um estuprador. Agora é um falsário quem está dividindo espaço com seu irmão na cela. Pode ir visitá-lo quando quiser.

— O falsário, ou o meu irmão? — Becky perguntou com o primeiro toque de humor que ele percebia nela naqueles últimos dias.

— Qualquer um, ou ambos — ele respondeu. Olhou para ela e sorriu. — Sentindo-se melhor?

— Sim — ela confessou. Deixou que os olhos encontrassem os dele timidamente, então se voltou para a janela, pois vívidas lembranças de dois dias atrás surgiram em sua mente. O ardor dele parecia se intensificar, e ela não conseguia rejeitá-lo. Esperava que Rourke não a diminuísse por ser incapaz de lhe dizer não, mas se sentia insegura para



perguntar. — Você deu uma razão de viver para meu avô. Acho que ele queria ficar deitado lá até morrer.

— Também foi o que pensei. Agora ele terá muito mais diversão me atacando, assim que estiver mais forte. — Rourke olhou para Becky e sorriu. — Agora ele tem uma missão na vida: salvá-la das minhas garras cruéis.

— Ele está um pouco atrasado, não? — ela murmurou. — Especialmente depois de sábado.

— Sábado foi mágico — Rourke murmurou, as mãos apertando o volante. — Sonhei com isso a noite inteira.

— Você não me deu chance de dizer não — Becky retrucou, sem olhar para ele.

— Não foi deliberado, Becky — ele respondeu calmamente. — Quando comecei, não consegui parar.

O lábio dela tremia. Acontecera o mesmo com ela, mas não admitiria isso. Parecia indecente desejar alguém tanto assim, ainda mais na sua condição.

— Bem, ao menos poderia ter esperado que eu concordasse em me casar com você — Becky murmurou.

— Até lá já estarei velho. — Rourke ergueu uma sobrancelha. — Vá em frente. Atormente minha consciência. Todos perseguem o pobre promotor.

— Mas eu tenho motivos! — ela exclamou. — Você me deixou em má situação!

— Eu a deixei grávida, algo completamente diferente. E considerando que consegui isso logo na primeira vez, sinto-me muito orgulhoso.

Becky sentiu as bochechas arderem. Nunca na vida discutira essas coisas com ninguém. Estava grávida fora do casamento, isso sem mencionar que se entregara com uma facilidade vergonhosa, o que a deixava ainda mais constrangida. E ali estava o causador de tudo, gabando-se de seu feito!

— Eu nunca fiz...!

— Ah, já sim, você fez — ele murmurou. — Quatro vezes, na verdade.

Becky ficou muito vermelha e desistiu daquela luta verbal. Não era surpresa que fosse tão bom promotor de justiça. Segurou seu livro de bolso com força e cerrou os dentes. Discutir com ele não a levaria a lugar algum. Tentaria ignorá-lo para ver como isso funcionaria.

Não adiantou. Ele ligou o rádio e começou a cantarolar uma famosa música country.



— Já pensou nos nomes? — ele perguntou de repente, quando entravam no estacionamento da casa de repouso. — Gosto de Todd, se for menino, e Gwen, se for menina.

— O bebê é meu — Becky disse com teimosia. — Eu escolho o nome.

— Só metade é seu — Rourke respondeu ao estacionar numa vaga e desligar o motor. — Tem direito a metade do nome.

— Rourke!

Ele colocou o dedo na boca de Becky calando as palavras. Os olhos escuros olharam diretamente nos dela na abrigada proximidade do carro, suscitando as mais doces lembranças da sensação de beijá-lo.

— De todas as coisas que duas pessoas fazem juntas, acho que ter um filho é a mais contundente — ele murmurou. — Quero compartilhar cada etapa com você, dos enjoos matinais ao trabalho de parto. — A mão dele deslizou por seu rosto numa leve carícia, sem desviar os olhos dos dela. — Nunca tive ninguém para chamar de meu — ele disse lentamente. — Não me afaste, Becky.

Ela queria ceder. Queria se atirar sobre Rourke e dizer que faria qualquer coisa que ele quisesse, mas já sofrera demais com as mentiras. Não confiava nele. Rourke queria o bebê, mas isso não significava que a amava. Não podia permitir que ele assumisse sua família só porque queria ser pai. Ele estava envolvido com a ideia da paternidade, mas isso poderia esmorecer. Pior, havia sempre o perigo de um aborto espontâneo no começo da gravidez. Não podia deixar que ele se aproximasse tanto, não enquanto não tivesse certeza de seus motivos. E amor era uma palavra que Rourke nunca pronunciara, nem mesmo durante a maior das intimidades, como no sábado. Homens podiam sentir desejo sem amar, não podiam?

Ela mirava a gravata dele.

— Certo, não o afastarei. Mas também não quero que me controle, Rourke.

— Justo — ele disse em tom solene. — Agora vamos buscar seu avô. Espero que tenha trazido a corda e as correntes — ele disse em tom brincalhão enquanto a ajudava a sair do carro. — Não apostaria nem cinco centavos nas minhas chances de trazê-lo para o carro sem estar amarrado.

— Não? Eu apostaria — Becky murmurou, caminhando ao lado dele até a entrada da casa de repouso. — Ele respeita as pessoas que não consegue ameaçar.



Rourke fitou-a com carinho, gostando da maneira dela de andar ao lado dele. Sentiu um arrepio de pura posse. Ela era sua mulher, com seu filho crescendo dentro dela. Era o suficiente para fazer um homem exultar.

Becky notava a maneira como o olhar das mulheres se dirigia a Rourke ao passarem pelo imaculado corredor em direção ao quarto do avô. Ele era um homem bonito — toda sensualidade e malícia. E a ultrapassava em altura, fazendo com que se sentisse pequena e feminina. Gostava da maneira como o terno cinza abraçava as linhas poderosas de seu corpo, enfatizando sua selvagem masculinidade. Era um homem forte, não apenas fisicamente. Por um doce segundo, imaginou se seu filho seria menino, se seria parecido com o pai.

O avô esperava impacientemente em sua cadeira. O dr. Miller já lhe dera alta. Assim que Becky assinasse os papéis, poderia sair dali e endireitar a confusão que Rourke Kilpatrick causara em sua família.

— Já não era sem tempo — ele resmungou com Becky, então enxergou Kilpatrick.

— Você outra vez?

— É um prazer vê-lo também — Rourke disse, imperturbável. Ele sorriu. — Becky já assinou tudo ao entrarmos. Se já estiver pronto, a enfermeira trará a cadeira de rodas.

— Odeio ter que agradecer a você — o velho Cullen resmungava minutos depois, sentado muito rígido no carro de Rourke, enquanto Becky e Mack — que foram buscar na casa da sra. Addington a caminho de casa — estavam confortavelmente instalados no banco de trás.

— Ah, posso imaginar — Rourke disse com uma presença de espírito que fez Becky querer rir.

— E odeio esse maldito charuto que você fuma — ele acrescentou.

— Eu também — Rourke disse, dando outra tragada enquanto atravessava o campo aberto e descia a estrada que levava à fazenda.

O avô encarou-o. Tentava pensar em algo para reclamar, mas estava ficando difícil ter ideias. Suspirou e olhou pela janela.

— Belo carro — murmurou.

— Gosto dele — Rourke comentou. — Tem mais vantagens que a Mercedes-Benz porque é novo. Mas sinto falta do meu cachorro.

— Que coisa malvada e covarde, matar o cachorro de alguém — o velho disse com relutância.



— Sim.

— Como vai MacTavish? — Becky perguntou gentilmente.

Rourke olhou para trás.

— Está bem. Sente falta dos piqueniques e de passear nos parques, mas está se acostumando.

Ela fixou o olhar na fazenda à distância.

— Precisam tomar providências quanto ao telhado — Rourke comentou ao parar diante da casa. — As telhas sobre o alpendre cairão na primeira ventania.

— Não posso subir lá — o velho disse com orgulho ferido.

— Eu posso — Rourke disse. — Eu conserto isso. Não podemos deixar que Becky, no estado em que está, seja atingida por uma telha.

O avô segurava a maçaneta do carro, parecendo embaraçado.

— Vergonhoso deixá-la nesta condição sem estar casada — ele resmungou baixinho.

— Concordo. Poderia usar sua influência para convencê-la de que eu seria excelente marido e pai — ele retrucou, e Mack deu uma risadinha desta vez.

— Deveria casar com ele, se ele está disposto — o avô disse quando todos estavam fora do carro. — Ter um bebê sem marido é um escândalo.

— Além disso, ele gosta de trens e basquete — Mack comentou.

Becky olhou zangada para a família.

— Vocês o odiavam ainda no mês passado — lembrou a eles.

— Não disse que gostava dele, disse? — o velho perguntou impaciente. — Só disse que deveria se casar com ele.

— Eu gosto dele. — Mack encolheu os ombros.

— Obrigado, Mack — Rourke disse, colocando a mão no ombro do garoto. — É bom ter amigos.

Pouco depois, Rourke sentia que precisaria de mais de um. Becky foi educada e estava agradecida pelo que ele fizera, mas parecia mais distante que a lua em outros aspectos. Talvez tivesse passado dos limites, concluiu. Seduzi-la parecia tê-los afastado mais do que antes. Devia ter se lembrado do quanto Becky era orgulhosa. Provavelmente destroçara o orgulho dela ao fazê-la sucumbir tão fácil. Aparentemente sentia-se ainda mais culpada por ser incapaz de dizer não a ele. Tinha quase certeza de que Becky o



amava, mas até ela admitir isso e compreender o que ele sentia, estavam num beco sem saída.

Rourke foi visitar Clay, mais para ver quem era seu companheiro de cela. O falsário dos cheques era pouco mais velho que Clay, e não aparentava ser hostil ou rude. Becky não se sentiria desconfortável com ele, concluiu.

— Como está indo? — ele perguntou, depois de conseguir levar Clay para uma sala de interrogatório para que tivessem um pouco de privacidade.

— Devagar — Clay disse. — É sempre assim tão devagar?

Rourke acendeu o charuto e assentiu.

— Bem-vindo ao sistema de justiça criminal.

— Queria ter tido o bom senso de ficar longe de problemas — Clay murmurou. — Isto aqui é uma droga. Como está Becky? Ela não voltou, então imaginei que fosse por causa do cara que colocaram comigo na cela. Mas o removeram hoje de manhã e mandaram esse outro. Ela está bem? E vovô? Mack?

Rourke inclinou precariamente a cadeira e colocou as longas pernas sobre a mesa.

— Está sem saber de nada, não é? — murmurou. Deu uma baforada de fumaça. — Vovô está em casa. Ele teve um ataque quando descobriu que Becky estava grávida, então desistiu de morrer porque ela não quer casar comigo. Ele acha que bebês devem nascer dentro do casamento.

Clay encarava Rourke pasmo.

— Vovô voltou para casa porque Becky está grávida?

Rourke deitou a cinza num sujo cinzeiro de vidro.

— Isso mesmo.

— Minha irmã está esperando um bebê?! — ele disse, olhos arregalados.

— Sim — Rourke disse, então franziu a testa pensativamente. — Talvez mais de um. Acho que havia gêmeos na minha família algumas gerações atrás. Tenho que perguntar a Becky se ela conhece algum caso na dela.

As sobrancelhas de Clay se ergueram.

— O filho é seu?

Ele fez cara feia para Clay.

— Que tipo de mulher pensa que sua irmã é? Claro que o filho é meu.

— Mas Becky não faz esse tipo de coisa — Clay disse, tentando fazer com que Rourke compreendesse que era impossível ela estar esperando um filho. — Ela nunca



nem teve namorados, e frequenta a igreja aos domingos, e fica toda histérica quando as pessoas falam em aborto ou em morar juntas.

— Sim, eu sei — Rourke comentou.

— Ela nunca ficaria grávida sem estar casada! — Clay exclamou.

Rourke sorriu e prendeu o charuto entre os dentes.

— Mas ficou.

— E o que você pretende fazer a respeito disso? — ele perguntou.

— Estive pensando no assunto — Rourke disse. — E considerando o quanto ela é teimosa, concluí que a única maneira de colocá-la diante do pasror é preparar o casamento, chamar os convidados e arrastá-la pela igreja. Não será fácil. As algemas devem facilitar um pouco, mas acho que as pessoas notariam se ela estivesse amordaçada — ele acrescentou, pensativo.

O rosto de Clay abriu-se num sorriso. Ainda não conseguia acreditar. Ele ia ser tio!

— Como vovô recebeu a notícia? — ele perguntou.

— Levantou-se da cama e exigiu ser levado para casa para que pudesse salvar Becky de mim. Então, quando descobriu que ela estava grávida, exigiu ser levado para casa para que pudesse fazê-la se casar comigo.

— Ela não quer?

Rourke meneou a cabeça.

— Não a culpo. Ela acha que eu só queria espioná-lo. É verdade, mas comecei a gostar dela. — Ele sorriu com pesar. — O bebê foi uma bela notícia. Quando eu soube da confirmação, foi como um dia de Natal.

Clay suspirou. Nunca imaginaria Kilpatrick como o tipo paternal, mas ninguém poderia acusá-lo de sedutor. Se tivesse se envolvido com Becky só por casualidade, não estaria tão entusiasmado com a gravidez ou disposto a casar. Observou Kilpatrick por um instante, enquanto outra preocupação começava a invadir sua mente.

— O sr. Davis falou sobre me tornar testemunha do Estado — contou a Rourke. — Para mim não seria problema. Mas como ficariam Beck, vovô e Mack?

— Seu avô perguntou a mesma coisa — Rourke disse. Ele estreitou os olhos, pensativo. — Não farei promessas, mas pode haver outra maneira. Falarei com Davis. O fato de você estar disposto já é boa coisa. Se conseguíssemos fazer seus amigos confessarem que o forçaram a tudo, podemos lhe conseguir uma condicional.



— Isso é mais do que eu mereço — Clay disse. Tivera bastante tempo para pensar friamente, e os últimos meses agora lhe pareciam um pesadelo distante. Ainda não acreditava como pôde agir de maneira tão insensata e cruel. — Se eu tiver que cumprir pena, não há problema, sr. Kilpatrick — disse num tom vencido. — Acho que aceitar as consequências faz parte de ser homem, não é?

Rourke sorriu.

— Sim. Faz parte de ser homem.

Rourke não contou a Becky a conversa com Clay, ou o que estava planejando fazer quanto aos irmãos Harris. Quanto menos ela soubesse, mais segura estaria. Os Harris provavelmente já estavam convencidos de que Clay ia dar com a língua nos dentes, por isso tinham se oferecido como testemunhas. Rourke tinha um ás na manga, e se valeria dele.

O avô levou boa parte da semana para recuperar as forças, mas comia bastante e xingava Rourke por esporte. Rourke aparecia sempre que tinha tempo livre, ignorando a fria cortesia de Becky e o contido antagonismo do velho Cullen. Remendou o telhado no sábado à tarde. Apareceu num jeans velho e desbotado, casaco de algodão branco manchado e tênis, carregando uma caixa de ferramentas. Mack ficou ao pé da escada para pegar e carregar o que era necessário, conversando animadamente sobre basquete, paixão que compartilhava com Rourke.

Becky tentava não notar que ele estava ali, apesar das batidas frenéticas do coração e da grande excitação que a presença dele produzia. Ela tinha feito tranças no cabelo, querendo parecer menos desmazelada na comprida saia estampada, desabotoada na cintura, e na larga camiseta com o desenho da USS *Enterprise* e a frase “Teletransporte-me, Scotty” na frente. Estava descalça também, como era de hábito quando estava em casa.

Rourke desceu uma hora depois, quando as batidas, as marteladas e os xingamentos cessaram. Estava com um corte em um dos punhos, que ele estendeu para Becky com a mesma naturalidade de quem estava casado há vinte anos e estivesse acostumado a ver seus cortes tratados por ela.

— Tenho antisséptico e band-aids na cozinha — ela disse com gentileza.

— Lembre-se de dar um beijinho para melhorar, Becky! — Mack gritou enquanto se sentava com vovô para ver um velho filme de faroeste na televisão.



Becky foi buscar os objetos de primeiros socorros no armário. Rourke trancou disfarçadamente a porta da cozinha antes de se juntar a Becky na pia.

— Mack fez uma boa sugestão — ele murmurou enquanto Becky limpava o corte e aplicava uma pomada antibiótica na pele morena.

— Você não precisa de beijinho para melhorar — ela murmurou. — Está ardendo?

— Não. Promotores de justiça são durões. Predadores, sabia? — Rourke inclinou-se. — Sabe por que tubarões não comem advogados?

Ela ergueu os olhos com cautela.

— Não. Por quê?

— Cortesia profissional.

Becky riu, e seu rosto se iluminou. As sardas se sobressaíram no nariz, os olhos esverdeados doces e radiantes.

Ele lhe segurou o rosto entre as mãos e se inclinou, pressionando seus lábios abertos sobre os dela num arremedo de beijo que a excitou imediatamente. Becky arfou, chocada com a força do que sentia por causa de uma leve carícia. Rourke procurou seu olhar. Os olhos dele estavam escuros ao buscarem os lábios entreabertos. Ele a beijou de novo, de novo, e de novo, sentindo o corpo dela se agitar quando ele a puxou de encontro ao seu pelos quadris. Rourke deixou um gemido escapar, e em seguida a boca se ajustava à dela com ímpeto insistente.

Ela nem podia fingir que procurava conter suas emoções. Seus sonhos tinham sido ardentes e explícitos justo na noite passada, e a lembrança da maneira doce com que tinham se amado estava muito fresca em sua mente. Seu corpo conhecia o prazer que ele poderia oferecer. Isto a impedia de lutar. O sabor do charuto na boca dele era um paraíso, a feroz possessividade de seus braços um êxtase.

Rourke empurrou Becky até as costas dela se encontrarem com a aspereza da parede fria, então se apoiou com as mãos à altura da cabeça dela, seu corpo se nivelando ao dela com grande intimidade.

Becky ofegou, o que apenas serviu para que ele tivesse maior acesso à sua boca. A língua a invadia, fundo e firme, e as unhas dela se cravavam nas costas dele enquanto um incêndio tomava conta de seu corpo. Só abriu os olhos quando sentiu as mãos dele sob sua saia. Os olhos dele estavam quase negros, o rosto rígido, a ereção plena e exigente contra seu ventre.

— Aqui? — ela arfou baixinho.



Os olhos dele brilharam.

— Aqui. Agora. — Sem desviar os olhos dos dela, Rourke puxou a calcinha pelas pernas dela, os lábios acompanhando o caminho da calcinha numa carícia tão sensual que Becky ofegava.

Ele fez o caminho de volta pelas pernas, sem qualquer constrangimento, erguendo a saia e a blusa para que a boca tivesse livre acesso à pele ardente. Tomou os mamilos entre os lábios e os provocou, o braço mal sustentando o peso de Becky. Ouviu-se um ruído metálico. A boca dele se afastou para posicionar Becky com cuidado, equilibrando o próprio peso para que as pernas ficassem entre as dela. Não desviou o olhar dos olhos espantados de Becky e, num movimento, a penetrou.

— Rourke! — ela gemeu ansiosa, trêmula.

— Calma — ele sussurrou rouco, recolocando as mãos na parede enquanto começava a se mover. — Vai ser quente e rápido, e você vai querer gritar. Mas não pode. Vão escutar você.

A boca procurou a dela. Rourke ignorou o protesto incrédulo. Claro que era loucura, mas já sentia seu corpo doer, e Becky estava realmente muito acolhedora.

— Não podemos — ela murmurou quando ele iniciou um ritmo intenso contra ela. Mas mesmo dizendo isso, os quadris dela se arquearam para ajudá-lo. Becky abriu a boca num grito mudo. Viu o rosto dele enrijecer, sentiu que ele se tornava parte de seu corpo, sentiu o ritmo se tornar um prazeroso tormento. Rourke cerrou os dentes.

— Deus — ele respirou fundo. — Deus, Becky, não posso parar! — O rosto dele se contorcia. Ele gemeu inutilmente, o corpo fora de controle, erguendo-se contra o dela, os olhos se fechando enquanto ele lutava para conseguir levar ar aos pulmões.

— Vê como é para mim? — ele gemeu, parando por um instante, completamente dentro dela, os olhos atormentados. — Faça isso parar de me afligir, Becky — murmurou de encontro aos lábios dela. — Satisfaça-me.

Becky observava-o, chocada com o que acontecia, deliciada com o selvagem prazer que Rourke sentia, seu corpo querendo desesperadamente satisfazê-lo por inteiro.

— Isso é bom? — ela murmurou rouca.

— Êxtase — ele conseguiu dizer. Rourke abriu os olhos. Ele tremia.

— Toque-me — ele murmurou baixinho.



Becky ficou impressionada por ser capaz de tocá-lo, tão esfomeada, cedendo às exigências dele com frenética ansiedade. Rourke prendeu o fôlego ao sentir as mãos tímidas. Segurou as mãos dela, ensinando-a como acariciá-lo.

O prazer crescia dentro dela de maneira pungente. Becky sentia-se tão desenfreada quanto Rourke. A respiração dele era audível, transtornada. Ele investia contra ela rude e apaixonadamente, sem jamais desviar os olhos dos dela.

— Observe — ele conseguiu dizer quando sentiu o primeiro espasmo.

Desta vez, Becky não deixou de olhar. Ele assimilou o prazer que o olhar enlevado de Becky lhe provocava, os olhos sempre fixos nos dela. Começou a tremer, e Becky, vendo o rosto dele se contorcer, sentiu um espasmo no ventre quando o prazer ecoou em seu corpo.

A respiração dele era audível, tal qual os batimentos do coração. Rourke pressionou-se contra ela de súbito, e um gemido rouco lhe escapou da boca enquanto ele jogava a cabeça para trás e cerrava os dentes em sofrida entrega. Por incrível que fosse, observá-lo precipitou a chegada do clímax em Becky, então o mesmo prazer selvagem a varreu feito fogo, enquanto Rourke se convulsionava totalmente entregue ao êxtase. Segundos depois, o corpo dele desabava e esmagava o dela contra a parede. Becky abriu os olhos, fitando Rourke pasma.

As batidas do próprio coração sacudiam seu corpo. Ela engoliu em seco, impressionada com o que tinham feito, e onde tinham feito. Fitava Rourke com olhos arregalados, com completo espanto.

Nenhum dos dois respirava normal ou regularmente. Becky podia ouvir e sentir as batidas do coração dele contra os seios nus. Olhava atordoada para os suados cabelos negros.

— Agora você sabe — Rourke disse com certo humor. — É possível fazer de pé quando se está desesperado demais para arranjar um lugar onde se possa fazer deitado.

— Não faça piada — ela resmungou, sentindo-se incomodada com sua pronta aceitação.

Ele acariciou o rosto dela.

— Não foi piada. Eu a quero tanto que não importa onde ou quando. É por isso que não pude prometer o que você pediu. Assim como eu, você não consegue evitar que isso aconteça — ele acrescentou. — É uma febre que arde tão forte que gelo nenhum poderia amenizar.



— É errado — ela murmurou.

— Por quê? Por que não somos casados? — Rourke beijou de mansinho as pálpebras dela. — Isso não é minha culpa. Quero me casar com você. É você quem não quer cooperar.

— Vai dizer que o seduzi? — ela perguntou irritada.

Ele ergueu uma sobrancelha e olhou para baixo. Ela ficou vividamente ruborizada. Rourke afastou-se, o que a deixou ainda mais constrangida, rapidamente endireitando as roupas enquanto ele fazia o mesmo.

— Que benção que você já está grávida— Rourke murmurou, observando-lhe os movimentos apressados, deliciando-se com o brilho no rosto dela. — Não temos que ficar nos preocupando com isso.

Becky dirigiu-lhe um olhar assassino.

— Precisa parar com isso!

— Estou me esforçando — ele disse. — É culpa minha você ser tão sexy que torne impossível me aproximar sem que eu fique excitado?

Essa era uma pergunta difícil de responder. Em seu estado, não era exatamente um insulto ser considerada sexy. E Becky precisava admitir que ele tentava convencê-la a casar constantemente. As razões dele é que a afligiam. Rourke não lhe revelava seus verdadeiros sentimentos, e não poderia casar-se sem saber quais eram. *Homens*, pensou furiosa.

— Que cara feia! — ele murmurou, sorrindo com agradável fadiga ao puxar a camisa para baixo e lhe dar um beijinho no nariz.

— Na cozinha, de pé, com a porta destrancada — ela começou a falar, a voz estridente.

— Eles estavam tão atentos ao filme que nem perceberam o que estava acontecendo aqui — ele murmurou. — Mas para que fique mais calma...

Ele se afastou dela e levou um dedo à boca enquanto virava a chave para destrancar a porta.

— Você trancou! — ela exclamou, quase caindo no chão de tanto alívio.

— Claro que tranquei — Rourke disse, aproximando-se dela novamente. Acariciava-lhe os lábios inchados com a ponta do dedo. — Não sou pervertido. Não tanto, ao menos — acrescentou baixinho. — Machuquei você?

— Não. Mas não deveria...



— Se não gosta de fazer amor em lugares incomuns, case-se comigo e faremos como todos os casais normais, à noite na cama. — Ele recuou. — Desejo você. Não posso simplesmente ligar e desligar.

— Não passa de sexo! — ela exclamou.

Rourke meneou a cabeça, lentamente.

— É mais profundo, intenso e duradouro. Odeio ficar longe, especialmente agora que está com um filho meu dentro de você.

Ele era capaz de dizer coisas que faziam seus pés derreterem. Becky fitava-o impotente.

— Não posso simplesmente abandonar vovô e Mack, mesmo que deixasse Clay entregue ao próprio destino. Não entende? Vovô cuidou de todos nós depois que mamãe morreu e papai partiu. Mack é mais filho do que irmão. Sempre cuidei deles, sempre os amei. São minha família.

Rourke aproximou-se, e segurou o rosto dela entre as mãos cálidas.

— E eu também — ele murmurou. — O bebê e eu somos sua família também.

Os olhos dele pareciam magoados. Rourke a colocava numa posição impossível. Será que não percebia?

— Não posso escolher — ela murmurou. Estava com os olhos fixos no peito dele. — Queria que entendesse que não é questão de escolha. Não se pode abandonar as pessoas quando elas ficam no caminho das coisas que se quer. Não é este o problema da sociedade de hoje? Todos pensam no próprio prazer primeiro, e tudo que está no caminho é descartável. Não sei ser assim.

Rourke franziu a testa enquanto observava o rosto dela.

— Está dizendo que sou descartável, Becky?

— Rourke, se eu colocar vovô num asilo e Mack num lar de adoção, como acha que conseguirei viver com essa culpa? — Ela baixou os olhos. — Sendo assim, não precisa se sentir na obrigação de fazer coisas por nós.

Ele deixou os olhos passearem pelo corpo dela. Mesmo estando satisfeito, a visão dela ainda o excitava. Não gostava de se sentir fora de controle, mas vivia assim ultimamente. Fazer amor com Becky só aumentava a sensação de culpa dela e fortalecia a suspeita de que ele só estava interessado em sexo. Se ao menos soubesse o que ela sentia.

As dúvidas o deixaram irritado.



— Você está carregando meu filho. Tenho responsabilidades com ele, ao menos, já que a engravidei. Farei o que puder para deixar a casa em condições mais habitáveis — ele disse, os olhos observando as paredes com grande desgosto. — Devo isso ao meu filho.

— Becky! E o almoço?! — o velho Cullen de repente gritou da sala.

Becky sentiu-se completamente aflita.

— Preciso fazer algo para comer — ela murmurou.

— Becky! E o almoço? — ele gritou novamente.

— O que tem o almoço? — Becky gritou, irritada com suas próprias emoções.

— O que vocês estão fazendo aí?! — o velho resmungou.

Becky afastou-se de Rourke, recusando-se a olhar para ele. Os homens não prestavam, e agora tinha certeza de que não o amava mais.

— Estou despindo o sr. Kilpatrick para levá-lo ao forno! — ela gritou. — O que acha que estou fazendo?

— Não quero promotor assado para o almoço — Mack interrompeu, dando uma espiada na cozinha. — Não pode ser cachorro-quente?

Becky ergueu as mãos.

— Sim, pode ser cachorro-quente.

Rourke notou-lhe a postura rígida com leve remorso. Então percebeu que nem tinha tomado o café-da-manhã. Talvez Becky aceitasse suspender as hostilidades por tempo suficiente para que se alimentasse.

— Posso comer um cachorro-quente também? — ele perguntou.

Ela lhe dirigiu um olhar assassino.

— Pois eu vou dizer o que você pode fazer com o seu cachorro quente — ela retrucou.

Rourke fingiu não ouvir. Sentou-se à mesa e acendeu um charuto.

— Gosto do meu levemente fervido. E com muita mostarda, carchup e molho. E chili ou salada de repolho para acompanhar.

— Não tenho chili, e não farei salada de repolho — ela disse, atirando uma panela sob a torneira para enchê-la de água.

— Tem chili que sobrou do jantar de ontem na geladeira — Mack comentou.

Becky não disse nada. Preparou os cachorros-quentes e esquentou o chili, ainda irritada com Rourke. Sua reação intempestiva era seu pior problema. E lá estava Rourke



sentado com aquele ar arrogante nos olhos, recordando tudo. Estava quase ronronando de satisfação.

Pois bem, não desistiria de Mack e vovô, então ele que guardasse aquela arrogância para si mesmo. De qualquer maneira, vivia muito melhor sem ele, ela disse para si mesma. Se não estivesse trabalhando para a firma de advocacia, talvez nem tivessem se conhecido!

— O que estavam fazendo aqui? — o avô perguntou quando Becky o chamou para a mesa.

— Adivinhe — Rourke murmurou, fitando Becky de maneira sensual.

Ela ficou muito vermelha e não conseguiu olhar para ninguém. Como ousava embarçá-la daquela maneira? Só mais tarde percebeu que ninguém acreditaria no que tinham feito. Ele só dera a impressão de que estavam se beijando.

Rourke insistiu em ajudar com a louça. Depois exibiu duas entradas para um jogo de exibição do Atlanta Hawks naquela noite.

— A força aérea de Atlanta! — Mack exclamou, usando o apelido que o Hawks recebera em seus comerciais promocionais na tevê. Ele entrou em delírio. — Precisa me deixar ir! — ele disse a Becky, agarrando os braços dela. — Precisa deixar! Morro se não me deixar ir!

— Quer ficar com a morte do seu irmão pesando na consciência? — Rourke perguntou a ela.

Becky meneou a cabeça.

— Deus me livre! Tudo bem, pode ir.

— Eu não disse que podia — o avô murmurou amuado.

Mack foi até o avô e o agarrou pelos braços.

— Precisa me deixar ir! — ele repetiu. — Morro se não me deixar ir! — Ele encarou Rourke sem nenhum traço de remorso. — Basquete é a minha vida — ele explicou.

— Vá, vá! — o avô cedeu tão rápido quanto Becky.

— Preciso ir em casa me trocar. Volto para buscá-lo por volta das seis — Rourke disse a Mack.

— Estarei pronto! — Mack respondeu com entusiasmo.

— Obrigado por consertar o telhado — o velho disse sem olhar para Rourke.

— De nada. Obrigado pelo cachorro-quente — ele disse a Becky. — Será uma boa esposa para algum homem de sorte.



— Que não será você, claro — ela respondeu, ainda chateada com a discussão e a recusa de Rourke em compreender o quanto precisavam dela.

Rourke ergueu as sobrancelhas.

— Não disse que seria boa esposa para mim — ele lembrou a ela. — Sei que não quer se casar comigo. Não se preocupe, nunca a pedirei em casamento novamente.

Becky baixou os olhos, vagamente ciente do olhar zangado do vovô.

— É seu filho — o avô retrucou. — ficará sem nome.

— Becky sabe disso — Rourke disse. — Se é isso o que ela quer, quem sou eu para discutir? A pobre criança será tão importunada na escola quanto eu.

— Por quê? — o velho perguntou.

— Sou ilegítimo — ele disse, sem qualquer emoção no rosto. — Meu pai, segundo me disseram, não acreditava em casamento.

— Idiota — o avô disse, olhando para Rourke, depois baixando a cabeça. — Uma criança deve ter um nome.

Becky sentia-se embaraçada. Estavam fazendo com que se sentisse péssima! Mas a culpa era de Rourke, droga! Ele a estava obrigando a fazer escolhas impossíveis. Simplesmente virou de costas.

— Vou ver se Mack tem algo para vestir.

Rourke observou-a partir com ar calmo e especulativo. Queria não ter colocado Becky naquele dilema em particular. Só piorara as coisas.

Ele não via problemas em cuidar da família dela, mas não dissera isso a ela. Deixou que ela pensasse que a tomaria deles e os deixaria completamente sozinhos. Não percebera como isso soaria para Becky quando colocado em palavras. Só queria dizer que desejava ser amado. Queria que ela zelasse por ele a ponto de que todos os outros no mundo ficassem em segundo lugar em sua afeição. Mas Becky não tinha compreendido, e agora ele criara um problema ainda pior.

Além disso, fazer com que ela lhe cedesse fisicamente estava aumentando as complicações. Perdera a cabeça ao dizer a ela que seu interesse era meramente sexual, então seduzi-la não ajudaria na questão. Precisava colocar seu corpo sob controle, assim como sua língua, senão nunca ficariam juntos.

Rourke guardou suas coisas na caixa de ferramentas e foi embora para se aprontar para o jogo. Não lhe passou despercebido que Becky não veio se despedir, ou que o evitou pelo resto da noite. Ele e Mack chegaram tarde em casa, e soube por vovô que ela



tinha ido para a cama com dor de cabeça. Rourke também arranjava uma para si, uma que ele mesmo criara. Não podia culpar Becky ou sua família.

CAPÍTULO VINTE

Becky fingia estar trabalhando, mas seu coração não estava ali. Era como se tivesse dado o passo errado em algum ponto do caminho, e que tudo tinha mudado por causa disso.

Rourke ainda estava por perto. Combinara com um senhor aposentado que viesse cuidar dos animais e do arado. O mesmo homem, que tinha fala mansa e que sentia falta do campo por viver num apartamento, viria fazer e cuidar da horta de inverno. Rourke enviara um carpinteiro para consertar o alpendre e colocar as telas no lugar, e insistira em comprar uma cesta de basquete com rede para Mack. Ele a prendera na desmantelada garagem, e agora Mack não fazia mais nada além de jogar basquete e enaltecer Kilpatrick.

O avô ficava mais ativo a cada dia. Andava de lá para cá, como se houvesse molas em seus pés. Acompanhara Becky numa visita a Clay, que ainda aguardava julgamento. Seu caso havia sido chamado duas semanas atrás, mas J. Davis estava fora da cidade cuidando de uma emergência e o caso agora aguardava prosseguimento.

Isso foi muito bom para Kilpatrick. Usou o tempo extra ao seu favor. Foi procurar Frank Kilmer, um velho amigo do seu tio e antigo defensor público que tinha os contatos mais estranhos que um funcionário do tribunal poderia ter. Havia rumores — não comprovados, claro — de que seu jardineiro já fora assassino de aluguel para os chefões da região norte.

— Que bom ter aparecido, rapaz — ele riu, caminhando por sua propriedade com Rourke. — Mas a julgar por sua expressão, acho que não é uma visita meramente social. Não costuma parecer tão preocupado quando vem me visitar.

Rourke voltou-se para ele, o vento levantando mechas de seu cabelo.

— Preciso dos seus conselhos.



— Não é para fazer nada ilícito, é? — O curvado cavalheiro de cabelos brancos tinha uma expressão horrorizada.

— Deus me livre!

Kilmer sorriu.

— Então o que é?

— Quero que o crime organizado da cidade perca dois de seus colegas mais supérfluos. Armaram para um amigo meu. A menos que confessem, ele ficará muito tempo na cadeia.

Kilmer assentiu, franzindo a testa.

— O garoto Cullen.

Rourke ergueu as sobrancelhas.

— Estou usando algum cartaz?

— Eu sempre sei o que está acontecendo. — Olhou de soslaio para Rourke e sorriu de maneira travessa. — Sei da mocinha também, mas fingirei que não para não deixá-lo constrangido.

— Meu Deus!

— O que você quer não é tão difícil. Só o que precisa fazer é encontrar um político que tenha ligação com eles e colocá-lo em situação comprometedora.

— Sou funcionário do tribunal — ele lembrou ao velho.

— Não disse que você tinha que criar a situação comprometedora. Além disso — Kilmer acrescentou com uma sonora gargalhada —, conheço o político certo para você. É jogador compulsivo. Sempre joga aos sábados à noite, e está concorrendo à reeleição. E tem ligação com os cavalheiros aos quais os irmãos Harris devem suas almas. — Ele fitou o promotor — Será que isso serve?

— Isso — Rourke respondeu com um sorriso — serve brilhantemente. Obrigado.

— Agradecimentos são desnecessários. Pode me convidar para o batizado. Sempre tive vontade de ser padrinho.

— Com seu caráter duvidoso? A criança ficaria aos cuidados de assassinos de aluguel e brincaria de pega-pega com gângsteres.

— Claro que não — Kilmer respondeu, ofendido. — Ora, nunca tive um contato sequer entre os gângsteres.



Becky convidou Maggie para jantar na fazenda numa noite de sexta, grata pelo apoio moral da amiga durante aquela longa provação. Maggie aceitou, e não esboçou qualquer reação de crítica à casa ao chegar.

O avô nem abriu a boca quando descobriu que a Maggie de quem sua neta tanto falava era negra. Sorriu naturalmente e comportou-se feito um perfeito cavalheiro. Becky esperava que seu próprio espanto não estivesse aparente.

— Vai se casar antes do bebê nascer ou não? — Maggie perguntou mais tarde, quando estavam sentadas no balanço do alpendre.

— Rourke quer que eu escolha entre ele e minha família — Becky disse com tristeza. — Como eu poderia?

Maggie assobiou.

— É uma escolha difícil.

— Sim. Impossível. Não posso entregar Mack para adoção.

A amiga segurou a corrente do balanço com seus dedos longos e elegantes.

— Ele não gosta de Mack? — perguntou.

— Claro que gosta. Ele o levou para um jogo de exibição do Hawks, e sempre está trazendo peças novas para o trenzinho de Mack. — Becky calou-se de súbito. De fato, Rourke adorava o menino. Até simpatizava com vovô. Fora ele quem fizera o velho querer viver.

— Acho que você só percebeu um lado da história, minha amiga — Maggie disse com carinho. — Querer estar em primeiro lugar não é o mesmo que expulsar sua família de casa. Kilpatrick não tem ninguém. Deve ser difícil para ele compreender sua lealdade com a família. Talvez ele não saiba que se pode amar várias pessoas sem que o amor termine, pois quanto mais se distribui amor, mais ele aumenta.

— Ah, não — Becky murmurou. — Não deve ser assim tão simples. Ele disse que não havia futuro para nós enquanto eu colocasse minha família antes dele.

— Ele está certo. Escute, querida, eu não tinha família quando me casei com Jack. Sentia ciúmes de cada segundo que ele passava ao lado dos pais, da irmã e do irmão. Fazia de tudo para mantê-lo longe deles. Isso terminou por destruir meu casamento, porque o coloquei diante de uma escolha difícil. Não faça o mesmo com Kilpatrick. Torne-o parte da sua família. Faça com que ele compreenda que você pode amá-lo e ainda assim reservar espaço para os outros.

— Se já não for tarde demais — Becky lamentou. — Oh, Maggie, eu arruinei tudo!



— Não arruinou, não. Um homem precisaria se importar muito com você para aceitar assumir um fardo como o seu.

— Foi o que Clay me disse — ela recordou.

— E não lhe parece que Kilpatrick fez exatamente isso? — Maggie acrescentou, sorrindo. — Olhe ao redor. Ele consertou a casa, assumiu responsabilidade pelas contas, arranjou aquele advogado elegante para Clay...

— O quê?

Maggie ergueu as sobrancelhas sob a luz vinda da janela.

— Você não sabia? Almocei com uma das meninas que trabalha meio-expediente no gabinete do promotor de justiça. Ela me contou que era só o que se falava no tribunal na época.

— Ele convenceu o sr. Davis a representar Clay? — Becky estava pasma.

— Sim. Um grande truque, considerando-se que Lincoln Davis estava usando Clay e seu envolvimento com Kilpatrick para se eleger. Mas Kilpatrick o convenceu. E pagou as despesas hospitalares do seu avô, ainda por cima. Não lhe parece que é um homem que se importa com você?

— Mas ele nunca me contou! — ela choramingou. — Nunca me disse uma palavra!

— O homem quer amor, não gratidão. Será que é cega?

— Pensei que ele só queria sexo.

Maggie riu.

— Todos eles querem sexo, querida — ela murmurou. — Mas se ele só queria isso, por que continuaria por perto depois de saber que você estava grávida?

— Eu não sei. — Becky escondeu o rosto entre as mãos. — Não sei de mais nada.

— Não há pior cego do que aquele que... Ora, o que é isto? Algum amigo que eu não conheço? — Maggie murmurou, observando um Lincoln Continental preto parar em frente a casa.

Becky franziu a testa.

— Não conheço ninguém desse nível.

A porta do carro abriu, e um homem alto e bem-vestido surgiu. Ele parecia um pugilista, com espesso cabelo encaracolado e rosto largo. Ele subiu os degraus, deu uma olhada rápida, mas apreciativa, em Maggie, e se voltou para Becky.

— Srta. Cullen? — ele perguntou educadamente. — Sou J. Lincoln Davis, advogado do seu irmão.



— Sr. Davis! — Becky levantou-se e o abraçou.

Ele riu ligeiramente, e sua pele negra parecia um pouco corada.

— Não tinha certeza se seria bem-vindo...

— Mas que tolice — Becky disse. — Depois de tudo que tem feito por Clay. Não há nada que não fizéssemos por você, e é claro que é bem-vindo. — Ela lhe segurou a mão e o puxou. — Entre e conheça o resto da família. Você vem, Maggie?

— Estou bem atrás de você — Maggie murmurou. Ela se levantou, notando sem presunção que Lincoln Davis parecia considerá-la tão interessante quando ela o considerava.

O avô desviou o olhar da televisão e ergueu as sobrancelhas. Seu visitante era um negro. Vestia um caro terno marrom-claro, gravata de seda e sapatos de couro. Estava impressionado. Só conseguiu pensar num único homem negro que poderia aparecer sem convite e, lembrando-se das palavras de Rourke, decidiu que um pouco de hospitalidade não faria mal, apesar de seus velhos preconceitos.

Ele se levantou.

— Sr. Davis, não é? — perguntou formalmente, estendendo a mão.

Davis apertou a mão do velho.

— Sr. Cullen — ele respondeu. — É um prazer conhecê-lo. Clay sempre louva sua honra e integridade.

Granger Cullen corou.

— Por que não se senta, sr. Davis? — ele convidou. — Fique com a minha cadeira.

Davis sentou-se, cruzando as pernas longas.

— Perdoem-me por aparecer numa hora dessas, mas eu estava fora da cidade. Há novidades quanto ao caso de Clay, então pensei em discuti-las com vocês enquanto disponho de alguns minutos.

— É melhor deixá-los à vontade — Maggie disse.

— Não precisa — Becky retrucou. Ela olhou para Davis. — Maggie é minha amiga. Não me importo que ouça o que você tem a dizer. Posso lhe dizer o quanto estou orgulhosa por estar representando Clay?

— É bondade sua — ele murmurou. — Senti que era meu dever depois das coisas que eu disse terem sido mal-interpretadas pelos jornais. — Davis observou-a com atenção, notando o leve volume sob o vestido. — Permite-me perguntar quando é que o maldito do Kilpatrick pretende casar com você?



Granger Cullen riu alto.

— Ele está tentando — informou. — Mas Becky não quer aceitar.

— Por que não? — Lincoln perguntou. — Ele é louco por você!

— Não foi o que ele disse — Becky retrucou. Então cruzou as mãos sobre o colo. — E Clay? — ela perguntou de maneira evasiva.

— Ah! Clay. Bem, o julgamento será daqui a duas semanas. Como você sabe, estamos alegando inocência da acusação de posse de substância controlada de escala II: cocaína; da acusação de posse com propósito de revenda; e da acusação de posse com propósito de distribuição. Cada uma dessas acusações prevê pena mínima de dez anos, com ou sem multa adicional. Depois temos a acusação de agressão em circunstâncias agravantes: o atentado contra a vida de Kilpatrick. Se condenado, pode pegar dez anos por esta acusação também.

— Agressão em circunstâncias agravantes é crime capital? — Becky perguntou com tristeza.

— Não. Só homicídio. Clay está sendo acusado de tentativa. Se ele fosse acusado de um crime capital, as leis da Geórgia não teriam permitido fiança.

— Entendo — Becky disse com tristeza e tentou não chorar. — Ninguém me disse qual seria a pena caso ele fosse condenado. Pensei que seriam poucos anos.

— Céus, lamento! — Davis disse consternado. — Pensei que soubesse disso!

— Clay não me contou — Becky disse séria. — Nem Rourke.

— Creio que estavam tentando poupá-la — Davis disse—, mas foi noticiado em todos os jornais e na televisão.

— Evitamos ler ou ouvir sobre o assunto — Becky explicou. — Achamos que seria melhor para Mack não ser exposto a essa má publicidade, então o protegemos disso. Eu não fazia ideia.

— É melhor encarar a verdade — o avô disse, a voz calma ecoando no silêncio da sala. — Quais são as chances de Clay?

— Requisitamos supressão de certas evidências, e tentarei algumas outras manobras legais caso esta não funcione. O caso não é tão incontestável quanto nos fazem pensar, e temos Francine Harris. É prima de Son e Bubba, e está disposta a testemunhar por Clay.

— Os parentes dela deixarão? — Becky perguntou.



— Boa pergunta. Não sabemos. Na verdade, faz uma semana que ela não aparece para ver Clay e ninguém a viu pela cidade — Davis respondeu. Ele se inclinou para a frente. — Quero colocá-la no banco das testemunhas — ele disse a Becky. — Seu caráter e sua reputação de honestidade são bem conhecidos. Clay terá mais chances se mostrarmos ao júri que a família não está ligada a esse tipo de coisa.

— Talvez não funcione — o avô disse. — Meu filho esteve envolvido com negócios duvidosos antes de ir viver no Alabama. Se descobrirem isso, será prejudicial para o caso de Clay.

— Tem notícias do seu filho? — Davis perguntou, franzindo a testa.

— Não nos últimos dois anos — o velho disse com pesar. — Não queremos nada com ele.

— Ele alguma vez cumpriu pena? — Davis perguntou.

— Não. Não havia evidência suficiente para condenação.

— Então não há problema — Davis respondeu. Ele se inclinou com as mãos apoiadas sobre os joelhos. — Escutem, temos um ás na manga. Não tenho a liberdade de revelar o que é, mas passei informações à polícia de algo que pode nos dar chances de luta no tribunal. — Davis não ousou mencionar o nome de Kilpatrick. Sua participação no desmantelamento do grupo dos Harris poderia ter sérias repercussões. Não seria exatamente antiético ou ilegal, mas a imprensa poderia suscitar coisas sórdidas. — O problema é se isso funcionar. Um animal encurralado é perigoso, e os Harris têm muito mais a perder do que Clay. Quero que Kilpatrick lhe contrate um guarda-costas.

— Um guarda-costas! — Becky ficou assustada.

Davis assentiu.

— Eu e ele achamos necessário. Já temos o homem certo. Ele trabalha para um velho amigo do tio de Kilpatrick. Parece que é... jardineiro — Davis hesitou ao falar. Olhou para as pessoas à sua volta. Não. Não poderia mencionar aqueles rumores ridículos. — Mas ele é apto e robusto, e não deixará que nada lhe aconteça. Você aceita?

— Posso pagar o homem — Becky disse com teimosia.

— Deixe Kilpatrick pagar o homem. Foi ideia dele — Davis disse.

— Ora, Becky — Maggie disse gentilmente. — Sempre há o momento de ceder, e este momento é agora.

— Bom conselho — Davis disse, sorrindo para Maggie.

Ela sorriu de volta.



— Obrigada.

— Você trabalha na mesma firma de Becky, não é? — Davis perguntou, à guisa de conversa.

Maggie assentiu.

— Estou lá há muitos anos.

— Bem que achei que a conhecia. Você se casou com Jack Barnes.

— Divorciei-me de Jack Barnes anos atrás — ela murmurou.

Os olhos de Davis brilharam.

— Divorciou-se? — Ele se inclinou para a frente. — Qual sua opinião quanto aos répteis?

Oh, Maggie, Becky rezava em silêncio, não fale de sua cobra de estimação. Odiava ver a amiga sozinha por causa de seu bichinho. Mas Maggie não podia ler mentes. Ela fitava Davis.

— Bem — hesitou —, não gosto muito de lagartos, mas sou louca por cobras. Tenho um bebê píton...

— Quer jantar comigo amanhã à noite?! — Davis perguntou com evidente alegria.

— Eu disse que gosto de cobras — Maggie enfatizou. — Eu crio uma, no meu apartamento.

— Cria mesmo — Becky disse, estremecendo. — Nem gosto de entrar lá.

— Tenho um píton de quatro metros chamado Henry — Davis disse. — Eu o tenho desde bebê. Podemos conversar sobre herpetologia.

Maggie sorriu.

— Podemos?!

— Claro que podemos. Está pronta para ir? Posso deixá-la em casa.

— Vim no meu próprio carro — Maggie respondeu com certa hesitação.

— Mando buscarem seu carro. — Davis levantou-se. — Entro em contato assim que tiver novidades quanto aos Harris. Turk estará aqui logo de manhã cedo. É bom sujeito. Se lhe der uns sanduíches de vez em quando, ele será capaz de morrer por você. Combinado?

— Combinado — Becky disse com certa relutância. — Rourke virá com ele? — ela não conseguiu evitar a pergunta.

Davis estudou-lhe o rosto e sorriu para si mesmo.



— É possível. Cuide-se. Lamento roubar sua convidada, mas uma mulher que goste de cobras é algo muito raro para se deixar passar.

— Posso compreender — Becky riu. Apertou a mão de Davis. — Obrigada, sr. Davis.

— Foi um prazer.

Granger Cullen levantou-se e estendeu a mão.

— Alguma vez lutou boxe? — perguntou. — Não há dúvida de que tem porte para isso.

— Jogava futebol americano na Universidade da Geórgia — Davis sorriu. — Mas já faz alguns anos. A advocacia é menos cansativa e mais divertida.

— Agradeço pelo que tem feito por meu neto — o velho disse.

Davis olhou naqueles olhos enrugados, e ficou sério.

— Meu avô foi para a prisão por um crime que não cometeu. Ele cumpriu trinta anos até descobrirem o engano — tudo porque não podia pagar um bom advogado. É por causa dele que escolhi Direito. Ganho bastante dinheiro, mas nunca esqueço minha motivação. Os pobres merecem as mesmas chances que os ricos têm. Clay é uma grande vítima nisso tudo, apesar dos motivos que o levaram a fazer o que fez. Acho que é inocente das acusações, e pretendo provar isso.

— Se algum dia precisar de ajuda, pode contar comigo — o velho Cullen disse, e estava sendo sincero.

Davis apertou a mão do velho com firmeza.

— Isso vale para nós dois.

Davis sorriu para Becky e tomou o braço de Maggie.

— Agora, sobre as cobras...

— Obrigada pelo jantar, querida — Maggie disse a Becky enquanto era conduzida à porta. — Vejo você no trabalho!

— Sim. Adeusinho! — Becky riu.

Mack apareceu na sala, depois de passar meia hora no telefone com seu amigo John.

— Quem era esse naquele Lincoln? — perguntou com interesse.

— O advogado de Clay — Becky respondeu.

Mack ficou pensativo.



— Talvez eu arranje emprego como advogado — ele disse. — Quando minha carreira como jogador de basquete terminar, claro.

Becky sorriu e o abraçou. Apesar das preocupações, as coisas pareciam estar um pouquinho melhores.

Rourke apareceu de manhã com um homem robusto cujo rosto lembrava o de um cão bassê. Possuía papada e olhos com pálpebras pesadas, que não revelavam qualquer emoção. Era um homem forte e um tanto apático, e Becky imaginava como ele conseguiria proteger sua família, mas sorriu e lhe deu as boas-vindas.

— Este é Turk — Rourke disse, apresentando-o. — Trabalha para um amigo meu, e será útil para ajudar com as coisas da casa. É um dos melhores guarda-costas do ramo.

— Prazer em conhecê-la, madame — o homenzarrão disse amavelmente. Sorriu, mas de maneira insípida.

— Agradecemos sua ajuda, Turk — Becky disse. — Já almoçou?

— O sr. Kilpatrick me pagou um hambúrguer — ele respondeu. — Gosto de hambúrgueres. Você tem uma horta?

— Sim, é pequena. Está muito maltratada. É lá atrás.

— Tem um arado?

— Não, lamento — ela se desculpou.

— Uma enxada?

— Sim, no celeiro.

— Obrigada, madame.

Ele saiu pela porta dos fundos enquanto Becky o acompanhava com os olhos. Depois ela se voltou para Rourke.

— Tem certeza de que ele é guarda-costas?

— Absoluta. — Rourke observava-a com calma. — Davis esteve aqui?

— Ontem à noite. O que está acontecendo? Você sabe?

— Não faço ideia — ele mentiu com descaramento. — Como está vovô?

— Está bem. Está tirando um cochilo. Mack está na casa de John. Será que há problema nisso, com tudo o que está acontecendo?

— Desde que Turk o traga de volta para casa. É melhor avisá-lo.

— Está bem. — Ela falou com Turk, e Rourke sentou-se na poltrona com seu charuto e um cinzeiro. Parecia cansado, Becky pensou, e fios brancos eram aparentes



entre seus cabelos escuros. Imaginava que estivesse preocupado com ela. Afinal, estava esperando um filho dele.

Ela desligou o telefone depois que Mack concordou em esperar o guarda-costas, e foi se sentar no sofá diante Rourke.

— Quer que eu lhe faça um café? — perguntou gentilmente.

Rourke meneou a cabeça.

— Preciso estar no tribunal em uma hora. Por que não está no trabalho?

Becky olhava para a saia desbotada.

— Estava muito enjoada de manhã — respondeu. — Não acontece sempre.

Ele se inclinou para a frente.

— Se casasse comigo, poderia ficar em casa.

— Sei quais são suas condições de casamento e não posso atendê-las — respondeu com rigidez. — De qualquer forma, agradeço.

Rourke ficou zangado, então se lembrou do que havia lhe dito, para que desistisse da família. Pensou em conversar, mas aquele não era o momento. Encolheu os ombros e levantou-se.

— Preciso voltar.

Becky levantou-se também. Os olhos esverdeados buscaram os dele.

— Rourke, por que não me contou que tinha convencido o sr. Davis a defender Clay? Ou que tinha ajudado a pagar as despesas hospitalares do vovô?

Ele fechou a cara.

— Quem contou isso?

Becky meneou a cabeça.

— Não digo, mas não foi o sr. Davis. Por quê? — ela perguntou baixinho.

Rourke deu um trago no charuto e virou a cabeça para uma baforada.

— Digamos que eu tinha direitos adquiridos sob Clay, já que inadvertidamente o mandei para a cadeia. Talvez me sinta culpado — acrescentou com um sorriso zombeteiro. — Vamos deixar como está.

O coração dela afundou. Esperava que Rourke admitisse que se importava um pouco com ela. Isso já era uma esperança perdida.

— Bem... mesmo assim, obrigada — ela respondeu formalmente.

Rourke pôs a mão sobre o queixo de Becky e lhe ergueu o rosto.

— Não quero sua gratidão.



— O que você quer? — ela perguntou com uma risada grosseira. — Meu corpo? Isso você já teve.

O polegar acariciava a boca macia.

— Era tudo o que eu queria? Tem certeza?

Ela suspirou de tristeza.

— Você quer o bebê — ela acrescentou, baixando os olhos.

— Ao menos me dê crédito por isso. Sim, quero o bebê.

— Mas não me quer — Becky acrescentou cheia de medo.

— Só se me amasse — Rourke respondeu. — E isso não vai acontecer, não é? — ele perguntou com amargura na voz. — Por que sou o homem que entregou seu irmão para a polícia.

Becky não podia negar isso. Mas, mesmo que estivesse fazendo seu trabalho, não era do feitio de Rourke usar informações obtidas por meio de subterfúgios. Outros homens, talvez. Rourke não. Só conseguia imaginá-lo fazendo coisas assim.

Ela buscou os olhos dele.

— Parece idiota, imagino — ela murmurou hesitante. — Mas não é o tipo de coisa que você faria, é?

A rigidez desapareceu do rosto dele. Rourke olhou para ela com desejo.

— Não é, pequena? — perguntou com ternura, e sorriu.

Becky deu um longo suspiro e levou as mãos ao rosto dele.

— Às vezes penso que não sei nada sobre você. Ah, venha aqui! — ela sussurrou, puxando-o.

Rourke deixou o rosto se aproximar do dela, e faíscas de prazer percorreram todo seu corpo quando ela o beijou com genuíno ardor.

— Becky! — ele gemeu. Os braços a rodearam e ele a ergueu, saboreando o beijo impetuoso até seu corpo protestar que não poderia suportar por mais tempo sem pagar por isso.

Deixou que ela deslizesse para o chão, rindo rouco da expressão dela ao sentir a força de sua ereção.

— Diga que se casa comigo, ou irei atirá-la no chão e faremos amor bem aqui— Rourke ameaçou com tom rude.

— Que pervertido, sr. Promotor de Justiça — Becky murmurou. Encostou a cabeça no peito dele e fechou os olhos, saboreando a proximidade. Era tão bom se apoiar nele, e



ela o amava tanto. Todas as brigas e discussões pareciam não importar em momentos assim. — Sim, aceito me casar com você, se não me obrigar a desistir inteiramente da minha família. Posso arranjar uma enfermeira para vovô. Mas Mack... — O rosto dela se contorceu ao pensar em colocar o irmão num lar de adoção temporária.

Rourke abraçou-a ansioso ao perceber o que ela estava disposta a fazer.

— Meu Deus... Não quis dizer que deveria expulsá-los da fazenda! Se seu avô puder viver sozinho, encontraremos alguém que cuide dele. Mas Mack vai morar conosco. Sua bobinha, só queria saber que você me amava! — A boca encontrou a dela, impedindo mais palavras.

Becky pendurou-se nele, as lágrimas que corriam de seus olhos se mesclando ao beijo.

— Amá-lo? — ela soluçou contra os lábios dele. — Eu morreria por você!

A boca de Rourke tornou-se mais firme. Ele a ergueu nos braços e ficou a segurá-la no meio da sala, o charuto esquecido entre os dedos, a boca devorando a dela.

— Becky? — o avô chamou da porta, os olhos arregalados ao vê-los.

Ela voltou o rosto para o avô, os olhos deslumbrados.

— Vamos nos casar — ela murmurou.

O velho Cullen sorriu com ar divertido.

— Já não era sem tempo — murmurou, rindo. — Odeio interromper, mas poderia me fazer um sanduíche? Já faz tempo que tomei café-da-manhã.

— Sim, faço o sanduíche — ela disse, erguendo o rosto radiante para Rourke. — Quer um?

— Comi um hambúrguer com Turk — lembrou a ela. Beijou-a mais uma vez e a colocou no chão, afastando-se com seu charuto, embora os olhos continuassem a devorá-la. — Haverá uma festa em honra ao juiz Kilmer na sexta. Pode vestir aquele seu atraente vestido preto. E na sexta-feira seguinte, nos casaremos.

— Como quiser, sr. Kilpatrick — Becky murmurou. — Mas... como fica Clay?

Rourke sorriu com ar astuto.

— Espere e verá.



CAPÍTULO VINTE E UM

Davis nunca teve certeza exata de como Rourke e seus colaboradores na polícia tinham conseguido. Mas foi chamado tarde da noite numa quinta-feira a comparecer no gabinete de Rourke. Lá estavam sentados os irmãos Harris, o pai deles, o sr. James Garraway, promotor de justiça que estava atuando no caso Cullen, dois policiais uniformizados, e Rourke.

— Creio que não conhece Jim, não é, Davis? — Rourke disse, apresentando o outro promotor, que tinha bem mais idade.

— A reputação lhe precede, sr. Davis — Garraway sorriu. — É um prazer conhecê-lo. Estes são os irmãos Harris e o pai deles — ele disse, indicando-os com a cabeça. — Acabaram de confessar que tramaram contra seu cliente a acusação de agressão em circunstâncias agravantes, além das violações do Ato de Substâncias Controladas.

— Em outras palavras — Rourke disse em meio a uma nuvem de fumaça de charuto —, Clay está livre de todas as quatro acusações. Assim que terminarmos com a papelada, poderá ir para casa.

— A confissão está gravada em vídeo — Garraway disse. — A solicitação de abstenção de acusação estará na mesa do juiz Kilmer logo pela manhã. — Ele fitou os irmãos Harris com descontentamento quase indisfarçável. — Contudo, será um prazer me apresentar como testemunha do processo.

— Não nos deterá por muito tempo — o velho Harris disse sucintamente. — Estaremos fora daqui pela manhã.

— Sob fiança, sem dúvida — Rourke concordou. — Mas vocês andaram cometendo erros estúpidos e não serão perdoados por eles. Assim que estiverem nas ruas novamente, estarão por sua conta. — Ele se inclinou para a frente. — Melhor lembrar do que conversamos mais cedo — acrescentou, observando os rostos deles ficarem rígidos e pálidos. — Vocês colocaram seus camaradas numa situação difícil, e eles não são pessoas generosas. Ficar do lado de fora dará a eles a chance de ficarem quites.

— Podemos dispensar a fiança — Son disse com desânimo. — Droga, Kilpatrick, você não tinha o direito de nos colocar nesta situação!



— Vocês não tinham o direito de explodir meu cachorro — ele retrucou, com gelo na voz. — Terão anos para lamentar por isso.

— Você nos prometeu um acordo — ele disse, voltando-se para Garraway.

— E o terço — Garraway respondeu. — Em troca do testemunho. Se quiser se tornar testemunha do Estado contra seus fornecedores, acho que posso conseguir um mandato de proteção com os federais. Sua rede é uma das maiores do estado. Adorariamos fechar o negócio.

— Mandato de proteção? — o velho Harris perguntou contido.

— Isso, e uma nova identidade, um novo começo, para vocês três — Rourke disse. — Pensem nisso. Talvez não tenham chance melhor.

Rourke chamou Davis para o corredor, deixando os outros para trás.

— Não pergunte — disse, assim que Davis abriu a boca. — Já basta que tenha funcionado. Vamos chamar isso de risco calculado. Acho que Turk já pode voltar para casa agora.

— Vai deixar Becky desprotegida? — Davis perguntou, pasmo.

— Não exatamente — ele murmurou. — Na verdade, nos casamos amanhã à tarde. Depois do banquete de amanhã à noite, pegaremos um avião para uma lua-de-mel de dois dias em Nassau. Uma enfermeira e uma governanta ficarão com vovô e Mack — e com Clay, ao que parece.

— Ora, ora. Becky é um bebê. — Davis meneou a cabeça. — Você é mais sortudo do que merece, Rourke. Vai concorrer à reeleição? — acrescentou com olhar atento.

— Espere até amanhã à noite para descobrir — ele disse. Então se afastou, sorrindo.

A festa para o juiz Kilmer já estava bem adiantada quando Rourke, sentado ao lado de Becky, radiante no vestido preto novo, mais largo que aquele primeiro, e exibindo sua recém-adquirida aliança, foi convidado ao tablado.

Estava elegante em seu smoking com gravata preta, a pele morena contrastante com a camisa branca.

— Suponho que todos estejam aguardando um anúncio meu — ele disse depois de alguns comentários elogiosos ao juiz Kilmer e algumas piadas sobre seus próprios fracassos nas sessões presididas pelo juiz. — É o que farei agora. Mas não é o anúncio que alguns esperavam. Tenho apreciado meu cargo, e espero ter feito um bom trabalho.



Mas aprendi algumas duras lições nos últimos meses quanto à situação das pessoas que são atiradas no sistema judicial e precisam vencer a falta de suporte financeiro.

Rourke enfiou a mãos nos bolsos.

— A justiça só é íntegra quando oferece oportunidades iguais de representação a ricos e pobres. A justiça que favorece os ricos, ou que restringe os direitos dos pobres, não é justiça. Estou no time vencedor há sete anos. Agora quero ver o tribunal por outro ponto de vista. Estou abandonando a promotoria de justiça para me dedicar à carreira liberal, onde espero me especializar em Direito Penal Juvenil.

Houve murmúrios e alguns protestos, mas nenhum deles veio do sorridente J. Lincoln Davis, numa das mesas da frente.

Rourke riu.

— Fico lisonjeado com o desagrado. Mas deixem-me acrescentar que agora tenho uma esposa e um filho a caminho — disse, sorrindo para Becky. — Minhas prioridades são diferentes, e tenho bons motivos para passar minhas noites em casa, e não no gabinete.

Houve risadas e aplausos. Rourke piscou para Becky, que parecia muito elegante naquele vestido preto, com os longos cabelos castanho- claros sobre os ombros e o rosto corado.

— Não digo que tenha sido uma decisão fácil de ser tomada. Apreciei muito minha vida no gabinete. Tenho uma bela equipe e um bom pessoal de apoio. Mas — ele acrescentou, olhando sério para Becky — minha esposa é meu mundo. Não há outra pessoa na face da terra que eu ame tanto. Serei pai de família de agora em diante. — Rourke deixou de olhar Becky que o fitava enlevada e espantada, para se voltar à audiência. — Sendo assim, espero que não se importem se eu oferecer meu apoio a J. Lincoln Davis, que está sentado logo ali na primeira fila tentando não parecer alguém que tirou a sorte grande!

Todos riram, inclusive Davis. Estava acompanhado de Maggie, que estava muito bonita e o olhava como se ele fosse a própria lua.

— Também gostaria de agradecer publicamente a J. Lincoln Davis — ele acrescentou — por representar meu cunhado tão exemplarmente. E digo com propriedade que ele não será chamado a fazer isso novamente.

Davis ergueu o polegar e assentiu. Rourke continuou falando por mais alguns minutos, mas Becky não ouvia o que ele dizia. Ainda estava se deliciando com o fato de



ele ter declarado publicamente seu amor por ela — algo que nunca fizera nem nos momentos mais íntimos. Becky teve que lutar contra as lágrimas. Não havia mais barreiras. Mesmo a única que Rourke imaginava existir fora removida na noite anterior, quando Mack tinha confessado aos prantos que ele dera a Rourke a informação que colocara Clay na prisão. Precisava contar a Rourke que já sabia a verdade, mas não agora. Tinham outras coisas a conversar.

Clay chegara em casa no começo da tarde, parecendo derrotado, mas feliz. Francine o acompanhava, e Becky considerou que acabaria aprendendo a gostar da moça. Clay falava sobre arranjar um emprego, ajudar em casa, e estava sendo sincero. Becky mal conseguia controlar a própria alegria. Depois de tanto sofrimento, isto! Tocou o leve volume da barriga e olhou para Rourke, o amor tornando-a mais bonita. Ele a fitou e sorriu. Becky precisou se agarrar à mesa para não sair flutuando até o teto. A vida, pensou, era cheia de surpresas. Tudo o que se precisa fazer é atravessar as tempestades. A luz do sol sempre estaria aguardando do outro lado.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Becky sempre considerou que a parte mais chata em qualquer julgamento eram as instruções do juiz ao júri. Eram incompreensíveis, duravam uma eternidade, e quando se está com um bebê impaciente no colo, tornavam-se irritantes.

Virou-se para o lado para ver Todd, que agora tinha oito anos e estava muito bem-comportado. Observava o pai com respeito, porque era a primeira vez que recebia permissão para vir ao tribunal. Na verdade, Becky pensou, era a primeira vez que ele estava maduro o suficiente para ficar sentando durante uma sessão inteira. Um menino brilhante, possuía a natureza impulsiva e impaciente que Becky e Rourke compartilhavam. Não era de surpreender que Todd tivesse herdado esses traços. A pequena Teresa, contorcendo-se no colo da mãe, parecia pender para o mesmo caminho.

Ao lado de Todd, Clay e Francine estavam sentados juntinhos. Ainda não tinham filhos. Só estavam casados há dois anos. Clay estava perto de receber uma promoção no



mercado onde trabalhava como assistente de gerente, e Francine estava terminando seu curso de esteticista.

Mack, sentando perto de Clay, estava mais alto que o irmão. Cursava seu primeiro ano na faculdade de Direito da Universidade da Geórgia, seguindo os passos de seu adorado cunhado. Becky estava tão orgulhosa dele que poderia explodir. Mack e Rourke eram muito próximos, o que tornava as coisas muito mais fáceis em casa.

Vovô morava num asilo. Às vezes estava lúcido, mas às vezes mal os reconhecia. Todos o visitavam com frequência, o que tornava a dor da separação suportável. Estava muito fraco para ficar em casa sem cuidado constante, e a ideia de ir para o asilo partia dele mesmo. Dois de seus companheiros de guerra estavam lá e, até o ano passado, o velho Cullen aproveitara bem a vida. Agora, a situação era diferente. As velhas sementes voltavam à terra para abrir caminho para as novas, o inverno removia as velhas reminiscências para ceder espaço para os jovens brotos. Em outras palavras, isto era a vida em toda sua beleza inclemente e rotina imutável. Todas as coisas terminavam por voltar à terra. Este era o modo de ser da vida.

Rourke tinha explicado isso a Todd na noite anterior.

— Viemos de uma semente — ele dissera ao filho, sorrindo. — Crescemos, desabrochamos, e produzimos frutos. Um dia o fruto seca, e cai no solo para dar origem a uma nova semente. A antiga planta não morre por completo, pois ela se entrega ao solo para nutrir a nova planta. E como a energia não se cria nem se destrói, só se transforma, morrer é apenas a outra face da moeda da vida. Não é algo a se temer, meu filho. Todos passam deste plano para o outro. É inevitável, como o arco-íris após a tempestade.

— Isso parece bom — Todd dissera. — O vovô vai se transformar num arco-íris?

— É o que espero — Rourke respondera solenemente. — E ele será o mais esplêndido arco-íris de todos.

Olhando para Todd, Becky estava grata pelo jeito que seu marido tinha com as palavras. O rosto do menino estava livre do pesar que sentia desde que soubera que o vovô não viveria por muito tempo. Becky sorriu. Isso tornava as coisas mais fáceis para ela também. Rourke provavelmente sabia disso. Era um homem muito sensível — ele quase parecia ler sua mente às vezes.

O júri finalmente foi encaminhado à sala secreta, e a sessão ficaria suspensa enquanto não se chegasse a um veredicto. Rourke pegou sua pasta, apertou a mão de um sorridente J. Lincoln Davis, e juntou-se à família.



— O padrinho das crianças nos convidou para jantar hoje — ele disse ao beijar Becky bem de leve. — Ele e Maggie têm um anúncio a fazer.

— Ela está grávida — Becky sussurrou no ouvido dele. Ela riu da cara que Rourke fez. — Inacreditável, não é! Maggie está chocada, contente e completamente apavorada. Mas os dois querem muito a criança.

— Ela vai ficar bem. Davis vai garantir isso — ele riu. — Muito bem, pessoal, quem quer hambúrguer? — ele perguntou à família.

— Cheesebúrguer para mim — Mack disse, quase atropelando o irmão ao sair. — Veja, por que não protestou quando o sr. Davis apresentou aquele antigo contrato? Tenho certeza de que você poderia ter dito que...

— Deus nos poupe dos estudantes de direito — Rourke murmurou com um olhar severo. — Dois meses na faculdade, e você é o próprio F. Lee Bailey!

— Três meses — Mack corrigiu. — E tenho um professor muito bom. Agora, quanto ao contrato...

— Francine e eu precisamos voltar correndo para o mercado — Clay disse, apressado. Ele apertou a mão de Francine. — Não é, querida?

— Ah, sim, claro — Francine gaguejou. — Ligo para você depois, Becky! — ela acrescentou enquanto era arrastada para fora.

— Grandes covardes — Mack murmurou, acompanhando-os com o olhar. — Não têm estômago para um debate, hein!

— Meu estômago prefere debater o que me aguarda depois do churrasco — Clay falou alto, a mão em concha sobre a boca. — Torta de maçã!

— Crê nisso? — Mack ergueu as mãos, enquanto eles desapareciam no meio da multidão. — Meu próprio irmão me trocando por um pedaço de torta!

— Nem todos têm o seu fervor pelo Direito, meu filho — J. Davis riu ao se juntar a eles. Deu um tapinha nas costas de Mack. — Como está indo?

— Esplêndido! Até agora só tirei A!

— E é bom mesmo, depois de todo o tempo que Rourke e eu temos investido em você — ele retrucou. — Quero conversar com você sobre o caso Lindsey — Davis se voltou para Rourke, sério. — Talvez possamos chegar a um acordo.

— Não durante o almoço — Becky lamuriou, mudando Teresa de lado, enquanto Todd brincava de lutar com Mack.



Davis viu a menininha se contorcendo e riu. Estendeu os braços, e Teresa se jogou risonha na direção dele.

— Está mimando a menina — Becky acusou quando Davis exibiu um pirulito.

— Fique quieta — Rourke disse carrancudo. — Não o ofenda *antes* que eu consiga minha barganha.

— Oh! — Becky tapou a boca com a mão. — Sinto muito.

— Então, vamos comer? — Mack resmungou. — Estou faminto!

— Quando não está faminto? — Rourke riu. — Vamos. Todd, pare de praticar chutes de karatê no seu tio.

— Aprendi este vendo *Karatê Kid* — Todd anunciou, demonstrando um chute alto.

— É demais!

— Por que não assiste *Batman*? — Mack aconselhou. — Talvez aprenda a voar.

— Pode me dar uma bat-capa e eu tento — Todd prometeu. — Mãe, posso pedir milk-shake no almoço? Por que não vamos a um restaurante? Estou cansado de hambúrgueres. Olhem, aquele não é Bib Bob Houser, o campeão de boxe? — Ele apontou para um homenzarrão mais adiante.

Todd e Mack estavam discutindo a identidade do homem, e J. Lincoln Davis falava numa linguagem estranha com a pequena Teresa, enquanto a multidão se fechava ao redor deles a caminho do corredor.

Becky aproximou-se de Rourke e se pressionou ao ombro do marido. Ele olhou para ela, os olhos possessivos e cheios de doces memórias. Fitava a boca de Becky.

— Não se atreva — ela sussurrou, rindo.

— Ah, eu me atrevo — ele sussurrou também, baixando a cabeça.

E a beijou.

FIM

